



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO**

**FÁTIMA DE ARAÚJO GÓES SANTIAGO**

**A EDUCAÇÃO INTELECTUAL, MORAL E FÍSICA NO  
JORNAL ESCOLAR *O APRENDIZ* – Escola Técnica de  
Salvador (1944-1947)**

**Salvador  
2017**

**FÁTIMA DE ARAÚJO GÓES SANTIAGO**

**A EDUCAÇÃO INTELECTUAL, MORAL E FÍSICA NO  
JORNAL ESCOLAR *O APRENDIZ* - Escola Técnica de  
Salvador (1944-1947)**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Paula Silva

Salvador-Bahia

2017

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santiago, Fátima de Araújo Góes.

A educação intelectual, moral e física no jornal escolar O Aprendiz: Escola Técnica de Salvador (1944-1947) / Santiago, Fátima de Araújo Góes. – 2017. 277 f. : il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília de Paula Silva.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2017.

1. Educação humanística. 2. Educação moral. 3. Educação escolar. 4. Ensino técnico. 5. Jornais e periódicos estudantis. I Silva, Maria Cecília de Paula. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 370.112 23. ed.

**FÁTIMA DE ARAÚJO GÓES SANTIAGO**

**A EDUCAÇÃO INTELECTUAL, MORAL E FÍSICA NO JORNAL  
ESCOLAR *O APRENDIZ* – Escola Técnica de Salvador (1944-1947)**

Tese apresentada, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 10 de maio de 2017.

**BANCA EXAMINADORA:**

Profª Drª Maria Cecília de Paula Silva (Orientadora) \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação Física pela Universidade Gama e Filho (UGF-RJ)  
Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Gonzalo Navaza Blanco \_\_\_\_\_  
Doutor em Filologia pela Universidade de Santiago de Compostela  
Professor Titular da Universidade de Vigo

Profª Drª Jerusa Pires Ferreira \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciências Sociais (Sociologia da Literatura) pela Universidade de São Paulo (USP)  
Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profª Drª Maria Andréia de Paula Silva \_\_\_\_\_  
Doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas \_\_\_\_\_  
Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid (UCM)  
Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profª Drª Rosicler Terezinha Sauer \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia

Às professoras e aos professores que acreditam na educação dialógica e emancipatória, em especial àquelas(es) que fizeram e fazem parte de minha vida: Dona Jane Ribeiro, que sabe fazer sonhar e de quem virei amiga e fã durante a pesquisa; Minha mãe, exemplo de trabalho, dignidade e amor; Tia Zilu, *in memoriam*, professora primária nos confins de Santa Rita de Cássia; Maria del Rosário Suárez Albán, orientadora no mestrado e amiga querida que me iniciou na pesquisa; Luciana Castro, amiga e companheira de trabalho no IFBA, que me convidou a fazer jornal escolar; Minha filha, Pamela Santiago Campos, que me ensina diariamente a arte de ouvir e, de vez em quando, uns passinhos de dança.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Maria Cecília de Paula Silva, pelo acolhimento, amizade e prazer na convivência e troca de saberes.

Ao Professor Miguel Bordas, que, no momento mais preciso, me estimulou a continuar, pela colaboração e participação na banca.

À professora Jerusa Pires Ferreira, pesquisadora e intelectual brilhante, pelo estímulo ao meu trabalho e participação na banca.

Ao professor Gonzalo Navaza, pesquisador incansável das palavras e das coisas, que veio do outro lado do Atlântico, pela colaboração e participação na banca.

Às professoras Maria Andreia de Paula Silva, que veio direto de Minas para participar da banca; e Rosicler Sauer, que mandou seu parecer escrito.

Ao professor Leonardo Rangel, colega do doutorado e do IFBA pela colaboração.

À professora Anna Nolasco, que me ensinou a não desistir!

À colega e amiga Joana Barral Vieira, pelo apoio em todos os momentos.

A Márcio Lima, pela realização primorosa da fotografia d' *O Aprendiz*.

À colega Tatiana Badaró, que chegou no HCEL colaborando.

Às colegas e aos colegas do Grupo de Pesquisa HCEL, pelas aventuras e viagens nos campos do saber.

Aos colegas do Departamento de Ciências Humanas e Linguagens, Reitoria, Direção e Diretoria de Ensino do IFBA, pelo apoio.

Ao setor de memória do IFBA, pela disponibilização do acervo institucional.

À professora Maria Helena Bonilla, pela condução humana na coordenação do Programa de Pós-Graduação da FACED – PPGE.

Aos funcionários do PPGE, pela gentileza no trato e pelo atendimento eficaz.

Aos familiares, amigos e amigas que sempre estiveram juntos.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.

- Eu sempre reunia. Mesmo com quase... Eu predominando no começo... que eles não tinham hábito, né?
- Mas eu fazia pra educar democraticamente.
- Eu não resolvia as coisas.
- Eu fazia uma reunião com os redatores... Os que mais escreviam... Fazia uma reuniãozinha nesse horário alternativo, e aí dizia:
- Vamos ver... O calendário desse mês...
- Quais são as coisas que a gente vai comemorar esse mês?
- Aí eles já vinham... mais ou menos... com as idéias: *tal, tal, tal, tal... assim... isso assim....*
- Então vamos ver quais são as mais chegadas ao ensino proletário, à indústria, né? O que interessa mais à gente porque não é um jornal literário, é um jornal de indústria, de escola técnica.
- Aí eles mesmos levantavam, aí a gente fazia, mais ou menos, a relação das redações... o que que devia fazer.

Jane Ribeiro

A análise semiológica só pode avançar por diferença, isto é, por comparação entre objetos textuais. Um texto não tem propriedades ‘em si’: caracteriza-se só por aquilo que o diferencia de outro texto. É justamente a diferença que pede uma explicação, possível de ser encontrada somente no nível da posição social dos produtores. Eis porque a noção de intertextualidade não é apenas a verificação de um dos aspectos mais importantes do processo de produção dos discursos mas também, e ao mesmo tempo, a expressão de uma regra de base do método.

Eliseo Véron

## RESUMO

SANTIAGO, Fátima de Araújo Góes. *A educação intelectual, moral e física no jornal escolar O Aprendiz*: Escola Técnica de Salvador (1944-1947). 275 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

Esta tese investiga a “educação intelectual, moral e física dos estudantes”, elaborada e difundida nas páginas do Jornal *O Aprendiz* da Escola Técnica de Salvador, entre 1944 a 1947, em suas 26 edições. Justifica-se pela repercussão do Jornal *O Aprendiz* na vida cotidiana dos estudantes nesse período histórico e é considerada relevante por contribuir para a história da escola nas questões relativas ao corpo, cultura e educação no ensino público, a partir da análise da relação entre os discursos que constituem a cultura escolar e as práticas educacionais, corporais e culturais enunciadas e visibilizadas neste periódico. Foi analisada a rede de significados que se tece em torno dessas temáticas, por meio dos documentos e de entrevistas. A pesquisa histórica utilizou fontes escritas e orais, mostrando que o uso do jornal nessa instituição foi fundamental como dispositivo pedagógico de comunicação, para desenvolver as dimensões da cidadania e da expressão. Foi constatado que o jornal escolar se constituiu em um *meio de expressão* para o exercício da cidadania, um modo de passar aprendizagens e a formação pretendida na época (Estado Novo), tendo sido, portanto, utilizado como um dos inúmeros instrumentos ideológicos do Estado brasileiro. A pesquisa constatou, igualmente, que, a despeito do uso ideológico dessa mídia, o Jornal foi utilizado em situação de aprendizagem, o que possibilitou a socialização de estudantes que o leram e participaram de sua elaboração e divulgação.

Palavras-chave: Educação intelectual, moral e física. Escola Técnica de Salvador. Histórias e memórias. *O Aprendiz*. Comunicação. Periódico escolar.



## RESÚMEN

SANTIAGO, Fátima de Araújo Góes. *La educación intelectual, moral y física en el periódico escolar O Aprendiz*: Escola Técnica de Salvador (1944-1947). 275 p. Tesis (Doctorado en Educación)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

La presente tesis investiga la “educación intelectual, moral y física de los estudiantes” elaborada y difundida en las páginas del periódico *O Aprendiz* de la “Escola Técnica de Salvador”, entre 1944 y 1947, en 26 números. Se justifica por la repercusión que tuvo el periódico en la vida cotidiana de los estudiantes y por su relevancia para el conocimiento de la historia de la “Escola Técnica de Salvador” en las cuestiones relativas al cuerpo, la cultura y la educación en la enseñanza pública, a partir del análisis de la relación entre los discursos que constituyen la cultura escolar y las prácticas educativas, corporales y culturales enunciadas y visibilizadas en ese periódico. Se analizó la red de significados tejida alrededor de esas temáticas mediante documentos y entrevistas. La pesquisa histórica, que se sirvió de fuentes escritas y orales, muestra que el uso del periódico en esa institución fue fundamental como dispositivo pedagógico de comunicación para el desarrollo de las dimensiones de ciudadanía y de la expresión. Se ha constatado que el periódico se constituyó en un *medio de expresión* para el ejercicio de la ciudadanía, vehículo del aprendizaje y la formación que se pretendía en la época (“Estado Novo”), y por lo tanto utilizado como uno de los numerosos instrumentos ideológicos del estado brasileño. La investigación constató, igualmente, el uso del periódico en situación de aprendizaje y en qué medida posibilitó la socialización de los estudiantes que participaron en él.

Palabras clave: educación intelectual, moral y física; “Escola Técnica de Salvador”; historias y memorias; *O Aprendiz*; comunicación; periódico escolar.

## ABSTRACT

SANTIAGO, Fátima de Araújo Góes. *The intellectual, moral and physical education in the school newspaper O Aprendiz: Escola Técnica de Salvador (1944-1947)*. 275 p. PhD Dissertation in Education. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

This thesis investigates the "intellectual, moral and physical education of the students" produced and published on the newspaper *O Aprendiz* ('the apprentice' in loose translation) of the "Escola Técnica de Salvador" (Technical School of Salvador) from 1944 to 1947, 26 issues in total. It is justified by the repercussion that the newspaper had on the students daily life and its relevance for the understanding of the history of the Technical School of Salvador in the questions related to the body, culture and education in public education. The network of meanings constructed with these themes was analyzed through documents and interviews. Historical research, using written and oral sources, shows that the use of the newspaper in this institution was fundamental as a pedagogical device of communication for the development of the dimensions of citizenship and expression. We find that the newspaper was a means of expression for the exercise of citizenship, a tool of the educational model intended at the time (Estado Novo), and therefore used as one of the many ideological instruments of the Brazilian state. We also observed the use of the newspaper in learning situation and how it influenced the socialization of students.

Keywords: Intellectual, moral and physical education. "Escola Técnica de Salvador" (Technical School of Salvador). Histories and memories. *O Aprendiz*. Communication. School newspaper.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro Logotipo dp Jornal <i>O Aprendiz</i> .....	51
Figura 2 – Cabeçalho da edição de junho de 1944 .....	52
Figura 3 – Segundo Logotipo d’ <i>O Aprendiz</i> .....	53
Figura 4 – Ilustração do texto “O Trabalho” .....	54
Figura 5 – Foto realizada durante a visita do Ministro da Educação à ETS.....	54
Figura 6 – Capa da edição de setembro de 1944 .....	57
Figura 7 – Capa da edição de setembro de 1945.....	58
Figura 8 – Lista de livros adquiridos pela biblioteca .....	74
Figura 9 – Relação do movimento médico-dentário.....	75
Figura 10 – Seção dos Charadistas.....	77
Figura 11 – Seção dos Charadistas.....	77
Figura 12 – Seção de Piadas .....	78
Figura 13 – Seção de Piadas .....	78
Figura 14 – Anedota .....	80
Figura 15 – D. Jane Ribeiro .....	85
Figura 16 – D. Jane Ribeiro, aos 90 anos .....	85
Figura 17 – Fachada do prédio da Escola Técnica de Salvador .....	90
Figura 18 – Ata de fundação do Círculo de Estudos da ETS .....	111
Figura 19 – Estudantes na Oficina da ETS durante a visita do Ministro da Educação ...	128
Figura 20 – Grupo de Estudantes diplomados e o Diretor da Escola.....	128
Figura 21 – Aluna lendo trabalho em sessão do Círculo de Estudos da ETS .....	129
Figura 22 – Retrato de Luiz Tarquinio .....	134
Figura 23 – Capa de Edição de <i>O Aprendiz</i> .....	136

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação das edições .....	56
Quadro 2 – Fases do segundo ciclo d' <i>O Aprendiz</i> .....	59
Quadro 3 – Palavras e número de ocorrências - 1 .....	62
Quadro 4 – Palavras e número de ocorrências - 2 .....	62

## **LISTA DE SIGLAS**

ET – Escola(s) Técnica(s)

ETS – Escola Técnica de Salvador

CEETS – Centro de Estudos da Escola Técnica de Salvador

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia

EAA – Escola de Aprendizes e Artífices

EI – Escola Industrial

EIA – Escola Industrial da Bahia

ETF – Escola Técnica Federal da Bahia

FACED – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

IF – Instituto(s) Federal(is)

IFBA – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia

POE – Primeiro Projeto de Orientação Educacional da Bahia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
1.1 O PASSADO TINHA UM FUTURO	15
1.2 A ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA	20
<b>2 MÍDIA, EDUCAÇÃO E SEUS REFLEXOS NO JORNAL ESCOLAR O APRENDIZ</b>	<b>30</b>
2.1 MÍDIA E EDUCAÇÃO	32
2.2 EDUCAÇÃO E JORNAL ESCOLAR	37
2.3 NARRADORES E EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA	46
<b>3 O APRENDIZ : UM JORNAL NACIONALISTA EM DEFESA DO ENSINO TÉCNICO</b>	<b>51</b>
3.1 A MISSÃO D'O APRENDIZ	63
3.2 CATALOGAÇÃO DO JORNAL: AS SEÇÕES E AS COLUNAS	68
3.2.1 As seções	69
3.2.2 As colunas	78
<b>4 JORNAL ESCOLAR O APRENDIZ, O PRIMEIRO PROJETO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DA BAHIA E DONA JANE</b>	<b>84</b>
4.1 A ESCOLA TÉCNICA DE SALVADOR E O ENSINO INDUSTRIAL	86
4.2 MEMÓRIA, EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA E AS NARRATIVAS DE DONA JANE SOBRE A ESCOLA TÉCNICA DE SALVADOR	89
4.2.1 Professora Jane: dados biográficos, trajetória intelectual e docente	91
4.2.2 A formação intelectual e política	93
4.2.3 Educação formal e trabalho em educação	96
4.3 O PRIMEIRO PROJETO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DA BAHIA	105
<b>5 CORPO CULTURA E EDUCAÇÃO:A PRODUÇÃO DE SENTIDO N' O APRENDIZ</b>	<b>113</b>
5.1 A EDUCAÇÃO DO CORPO PARA O TRABALHO	114
5.2 A PÁTRIA, OS SÍMBOLOS E OS RITUAIS NAS SOLENIDADES	125
5.3 A EDUCAÇÃO PELO EXEMPLO: OS HERÓIS NACIONAIS E AS PERSONALIDADES DAS CIÊNCIAS E DAS LETRAS	129
5.4 A DEFESA DO LÉXICO INDÍGENA	139

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>144</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>148</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>156</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As penas, sejam elas quais forem, tornam-se suportáveis, se as narrarmos ou fizermos delas uma *história*. (Isak Dinesen).

### 1.1 O PASSADO TINHA UM FUTURO

Esta tese emergiu de nossa prática de ensino no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, onde ministramos aulas como professora de língua portuguesa desde a década de 90 do século XX. Nesse período, descobrimos os livros de Maria Alice Faria sobre o uso pedagógico do jornal na escola. Assim, começamos a utilizar a mídia impressa como uma ferramenta importante para o desenvolvimento do ensino de leitura e produção de texto em sala de aula. Posteriormente, passamos a coordenar o jornal escolar *Lente Azul*, órgão de comunicação dos alunos do Ensino Médio, que foi editado de 2004 a 2010, como atividade extraclasse, e teve grande repercussão no âmbito do então Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET-BA/IFBA). A última edição desse jornal (mar. 2010), inclusive, suscitou muita polêmica, ao trazer na capa o texto intitulado “Poluição visual e auditiva: eleições poluem os corredores do IFBA”, ilustrado com fotos de cartazes pregados nas dependências da escola. A matéria remetia às eleições para reitor (pela primeira vez na história da instituição, que passou à estrutura de uma universidade tecnológica) e diretor geral da instituição, e infelizmente culminou com o encerramento do jornal por forças repressoras. Decidimos pessoalmente, depois desse evento traumático, ao menos assim por nós considerado, que um dia contaríamos essa história.

Porém...

Em 2009, quando a instituição completou 100 anos, várias atividades tinham sido programadas para registrar a data, entre as quais se destacavam o lançamento das publicações *História e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009)* e o número da *Revista E.T.C.* em que se ressalta a produção científica da instituição e os “100 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica”. Aconteciam, também, nessa época, a criação da Associação dos Ex-alunos e, com colaboração da comunidade na doação de objetos e documentos, a constituição de um Memorial. Em uma solenidade de comemoração, descobri que a prática do jornalismo escolar no IFBA remontava à década de 40 do século passado.

Na ocasião, a professora Joana Angélica Vieira Franco Ribeiro, primeira auxiliar de



biblioteca da então Escola Técnica de Salvador – ETS, doava a coleção de *O Aprendiz* ao IFBA, encadernada em dois tomos. Ao ter acesso a esse material, descobrimos que o Jornal foi criado provavelmente em 1935, na antiga Escola de Aprendizes Artífices da Bahia (EAA), deixou de circular depois de cinco anos na ativa, sendo retomado em 1944 pela referida professora, dentro de um projeto mais amplo de reestruturação das atividades pedagógicas na instituição que há pouco tempo se havia tornado Escola Técnica de Salvador – ETS (pelo Decreto Lei n. 6.029, de 1942). Fruto de encontro casual com uma amiga cineasta (Mônica Simões) que, na ocasião, estava produzindo e dirigindo um vídeo para registro da história do instituto, a seu convite, fomos até o Auditório a fim de assistir a uma homenagem que seria prestada a uma sua amiga.

Sentada na grande mesa retangular, ladeada pela Diretora Geral e pelo Diretor de Ensino, uma senhora de cabelos brancos, curtos e anelados, óculos de aros transparentes, falava – com a calma e a satisfação de um dever cumprido – sobre o tempo em que, bibliotecária da instituição, desenvolveu trabalho de coordenação de um jornal. Tratava-se da professora Joana Angélica Vieira Franco Ribeiro, carinhosamente conhecida por Dona Jane. Estava ali para mais um trabalho de doação. Naquele momento, oferecia para a instituição a coleção d’*O Aprendiz*, jornal escolar coordenado por ela na década de 40 do século XX. Nas palavras da professora Jane, que se encontram manuscritas na primeira página do Tomo II, esta coleção “foi guardada carinhosamente, na estante de livros de nossa casa, durante mais de 60 anos como lembrança de um árduo trabalho realizado durante o tempo em que trabalhei na Escola Técnica”. Seu “árduo trabalho” foi o de elaboração e desenvolvimento do primeiro “Projeto de Orientação Educacional” (POE) implementado na Bahia, “como trabalho voluntário e de colaboração com o diretor da escola”.

Naquele instante, percebemos que “o passado tinha um futuro”. Na imagem daquela educadora, encontramos uma revelação: tinha um significado histórico, além de educativo, o trabalho do jornal escolar *Lente Azul*, que, ao lado do professor Deraldo Araújo, vínhamos desenvolvendo junto aos alunos do IFBA, desde o ano de 2004 até aquela data.

A prática do jornalismo escolar naquela escola surgiu da iniciativa de pessoas, como Dona Jane, comprometidas com a educação. Assim como os temas que se movem de uma narrativa a outra, de uma cultura a outra, na tradição oral e escrita, a criação de jornal como um veículo de comunicação dos estudantes vinha de longe. Compreendemos, então, que os professores, funcionários e/ou estudantes que se propuseram a produzir jornais no instituto tinham experiências, sonhos, objetivos e desejo de comunicá-los.

Daí as primeiras perguntas que impulsionaram o surgimento desta pesquisa: Como surgiu *O Aprendiz*? Existem outros jornais produzidos no IFBA? Quem foram as pessoas que se dedicaram a essa atividade? Quais os significados de produzir um jornal?

A possibilidade de a palavra criar mundos de significados e de instaurar a relação dialógica na qual e a partir da qual nos vamos constituindo enquanto sujeitos da história, talvez seja o fator mais importante que conduza à criação de jornais.

Dentro ou fora de sala de aula, produzir e coordenar um jornal escolar não é apenas permitir o protagonismo dos estudantes ou criar um meio de incentivo à produção e à leitura de textos na escola. É, sobretudo, empreender uma energia que o contato humano exige, isto é, estar em presença. É a possibilidade de interação, cara a cara, olho no olho, voz em presença, presença do corpo na escuta. É a possibilidade de aprender a *viver-com*. Para que a interação aconteça e nos sintamos estimulados a realizar uma atividade fora de sala de aula, por iniciativa própria, é preciso contar com a presença de pessoas, pois sozinhos não existimos nem realizamos trabalho colaborativo. É esse contato que nos estimula a criar, ainda mais quando ele se dá com jovens, que estão descobrindo as suas potencialidades, desejosos de viver experiências e ser algo que ainda não são, mas que se vai constituindo por meio da expressão e do viver em presença.

É esse clima ameno e instigante – o contato humano – que nos estimula a continuar.

Saber usar a comunicação dialógica no processo de ensino-aprendizagem é essencial. O trabalho de coordenação de *O Aprendiz* talvez tenha sido “árduo”, como afirmou Dona Jane, não apenas porque em sua época – anos 40 – produzir jornal era uma tarefa bastante difícil, uma vez que o jornal era impresso por meio de tipos de metal, num trabalho artesanal. Era árduo também porque exigia e exige, ainda hoje, uma organização racional, um *continuum* nas suas várias etapas de elaboração: reuniões, definição de pauta, distribuição de tarefas, registro dos fatos, redação e revisão de textos, diagramação, etc. Na atualidade, normalmente são realizados quatro encontros mensais, no mínimo, para que o processo de produção de uma edição mensal ocorra, indo da redação da pauta até a distribuição do jornal. Isso porque, contemporaneamente, vivemos a era da tecnologia digital!!!

Para desenvolver um jornal na escola, precisa-se, também, de conhecimento prático sobre os processos de produção desse meio, unido a uma perspectiva analítica específica sobre a sua linguagem. No entanto, o mais necessário é a predisposição para o trabalho, a vontade firme, a persistência em querer realizá-lo e, sobretudo, o interesse pela escuta. É necessário desenvolver a arte da conversação, o “processo de acordo”, saber se colocar

no lugar do outro.

O entendimento é parte do diálogo e do dialógico em sua essência como mostra Gadamer (2011, p. 501). Mas, mesmo com as melhores intenções, muitas vezes, corremos o risco de ser invasivos ou de não respeitar a opinião do outro. Assim, produzir jornais é um meio também de o professor e o aluno irem constituindo-se enquanto sujeitos no mundo, quer dizer, cada um conhecendo a si mesmo no espelho que é o outro. É saber que o poder de usar a palavra não lhe é dado, mas conquistado, e lidar com essa realidade de forma pacífica.

Na fase exploratória para a escrita do projeto de tese, conversamos com Dona Jane e realizamos pesquisa no Memorial comemorativo do IFBA que, depois das comemorações do centenário, foi desfeito e cujo material escrito se encontrava guardado aleatoriamente, em caixas de papel, na Reitoria do Instituto. Ali encontramos três jornais, um deles produzido por alunos – o *Juventec* – e outros dois, *ET* e *Folhetim* – ambos de cunho informativo – editados por professores, mas voltados para o público estudantil.

Em conversa informal com um colega da Instituição, descobrimos a existência de mais um periódico – a *Tribuna Técnica*. Havia também uma edição – única – do jornal *Boca de Inferno*, jornal do Ensino Médio que deu surgimento ao *Lente Azul*. Levantamos, assim, uma coleção de sete jornais, produzidos na escola, no período que vai de 1944 a 2010.

Com o encerramento do *Lente Azul*, em 2011, surgiu o desejo de voltar a fazer pesquisa, da qual nos havíamos desligado após o término do Mestrado em Literatura e Cultura na UFBA, em 2000. Assim, cursamos, como aluna especial, no Instituto de Letras dessa universidade, a disciplina História da Leitura e da Escrita no Brasil e nos empolgamos com esse novo campo da história cultural. Por meio da pesquisa monográfica: *A educação moral em uma coleção de cadernos da década de 30 em Salvador*, descobrimos o tema de um possível doutorado. Iríamos estudar a educação infantil da década de 30 à de 60 em Salvador, tendo como fonte de pesquisa coleções de cadernos de gerações distintas. Assim, ao nos darmos conta da importância dos cadernos e de outras fontes da escrita ordinária para a história da educação e os estudos culturais, constituímos uma pequena “bibliografia material” (HEBRARD, 2001) composta de cadernos escolares produzidos nesse período.

Com base na história da leitura e da escrita e na filosofia da linguagem, especificamente no conceito de dialogismo presente em Bakhtin (2010), mostramos que, nos textos inscritos nos cadernos, surgem diversas vozes que dialogam entre si, constituindo a ideologia com

base nos diversos discursos presentes no contexto familiar, escolar e social. Embora a análise se pautasse no conteúdo dos cadernos, foi levada em conta a sua materialidade (cultura material), sendo observado não apenas “o que” se diz, mas o “como” se diz. Percebemos que os gêneros textuais e as atividades propostas neles apontam para o tipo de alfabetização que a sociedade demandava então. Portanto, o que eles podiam ainda dizer sobre os objetivos da alfabetização e da educação fundamental na primeira metade do século XX na Bahia foi a questão a que me propus responder.

Em 2012, surgiu a oportunidade de cursar doutorado em Educação por meio do convênio IFBA/FACED. Resolvemos, então, mudar de objeto de pesquisa com o objetivo de deixar uma contribuição à história da instituição que nos acolheu desde 1994. O estudo dos cadernos escolares ficaria para outra oportunidade. Na ocasião, apresentamos uma proposta de pesquisa baseada no acervo dos impressos escolares produzidos e editados no IFBA. Entretanto, esse acervo era muito numeroso, o que necessitou de um ajuste no tema, direcionamento da investigação e mesmo no objeto a ser investigado.

Com a aprovação para cursar o doutorado, partimos em busca da coleção d’*O Aprendiz* doada por Dona Jane. A direção do IFBA, *Campus* Salvador, não sabia informar onde se encontrava a coleção do Jornal. Então, começou a nossa peregrinação. Procuramos a Reitora do IFBA, a professora Aurina Santana, uma vez que ela, quando ocupava o cargo de Diretora, fora a pessoa que recebera os jornais das mãos de Dona Jane. Ela não nos deu certeza de onde se encontrava depositada a coleção d’*O Aprendiz*, mas afirmou que sua ex-chefe de gabinete poderia saber. A partir dessa pista, começamos a viagem em busca de aprender com *O Aprendiz*. A dificuldade em encontrar a coleção foi um desafio. Intuímos, a partir desse fato, que aquela fonte era mesmo preciosa. Após vários contatos e pistas falsas, conseguimos localizar no Gabinete da Reitora a “tão inspiradora” coleção do jornal *O Aprendiz*, da qual havíamos assistido a entrega à instituição e que nos havia motivado a realizar este estudo.

Demoramos a nos convencer de que a pesquisa inicial que nos propúnhamos a desenvolver era muito ampla. Como lembra a professora e pesquisadora Jerusa Pires Ferreira (2011), em aula gravada: “a arte mais difícil da ciência e da cultura é a da escolha. É saber o que você guarda e o que você descarta porque não dá pra ficar com tudo [...]”.

Entre idas e vindas, no percurso da investigação doutoral, o Jornal *O Aprendiz* passou a figurar como o foco da pesquisa. Trabalhar com o jornal escolar é tarefa difícil, principalmente por não encontrarmos a coleção completa. A aproximação de *O Aprendiz* foi

iniciada com o levantamento dos números desse periódico no acervo de documentos do IFBA, que se encontra na Reitoria desse instituto. Apesar de este periódico escolar ter sido produzido na então Escola Técnica de Salvador, hoje IFBA, nem todas as suas edições foram devidamente conservadas.

O Jornal teve dois ciclos de vida: o primeiro deles, no ano de 1935 a 1939, e o segundo, de março de 1944 a março de 1947. O interesse era trabalhar com a vida completa do Jornal. Entretanto, não encontramos nenhum exemplar do seu primeiro ciclo de vida. Diante dessa dificuldade, a pesquisa se restringiu ao segundo ciclo do jornal. Neste ciclo de vida, março de 1944 a março de 1947, houve publicação mensal e os textos, impressos por meio de tipos, tiveram raríssimos erros gráficos e de impressão.

Na fase inicial da pesquisa com *O Aprendiz*, nosso entendimento era de que o jornal, como um “Órgão dos estudantes da ETS”, teve uma grande participação da classe estudantil porque permitiu a comunicação de experiências, vista aqui no sentido filosófico do termo, como “a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque” (LAROSSA BONDÍA, 2002, p.24). E isso se deu por causa da forma como Dona Jane soube articular o trabalho de coordenadora do periódico. Essa visão foi logo questionada pela orientadora da pesquisa, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília de Paula Silva, pois o Jornal teve colaboração significativa de professores e técnicos administrativos, embora fosse um jornal considerado “Órgão dos Estudantes da ETS”. A participação no grupo de pesquisa HCEL e as orientações com a professora me fizeram ampliar o olhar para aspectos que não havia pensado sobre o jornal como um dispositivo pedagógico de comunicação de uma ideologia que se constitui na linguagem e pela linguagem, nas relações de poder que se materializam no discurso e nas páginas do jornal.

## 1.2 A ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

A tese se constitui em um estudo inaugural sobre a imprensa estudantil do IFBA, no seu segundo momento de transformação do currículo escolar, visando à formação de técnicos qualificados. De natureza historiográfica e cultural, aborda a história da educação no IFBA por meio da mídia impressa – a imprensa periódica de educação e ensino, como se deu a educação do aprendiz-artífice no e por meio do jornal escolar *O Aprendiz*. Uma educação cujas modalidades são apresentadas logo na primeira edição do periódico.

A escola é a casa de ensino. É o lugar abençoado onde se prepara o espírito e o caráter de cada cidadão. Ministra-se a educação de três modos:

1º – a educação intelectual. Auxilia o homem a ter conhecimentos que o fazem compreender a vida, a senti-la melhor no que ela tem de belo, enfim, habilita-o ao trabalho.

2º – a educação moral. Tem por finalidade formar e aperfeiçoar o caráter.

3º – a educação física. É atualmente tão importante quanto às duas primeiras e é por meio dela que ajudamos a manter a saúde do corpo e também a saúde da alma. Além disso, na escola iniciamos a estabelecer as relações e deveres que regulam a vida social. (O APRENDIZ, n. 1/45, p. 4).

A observação dos aspectos discursivos d’*O Aprendiz* nos atraiu para as representações do corpo no Jornal. Perceber a educação do corpo, por meio dos textos verbais e visuais foi o objetivo inicial. Porém, ao iniciar a catalogação das seções, verificamos que havia artigos de opinião, quase doutrinários, sobre a educação do aprendiz, recheados de lições de moral na defesa do ensino para formação de uma *mentalidade operária*. Observamos ainda que os aspectos relacionados à educação do corpo e à educação física, que nesse momento se restringia à prática de esportes, têm como objetivo a “higiene física, mental e moral” (O APRENDIZ, n. 4/44, p. 2 e 7) do operário para o trabalho na indústria, tendo em vista o seu comportamento ético e os aspectos de sociabilidade.

Além disso, por possuímos formação em Letras e nas poéticas da voz, este fato naturalmente nos levou a querer ouvir os sujeitos que teceram a educação na ETS. Por meio das entrevistas realizadas com Dona Jane, vieram à tona as memórias sobre o tempo em que ela trabalhou na ETS e onde desenvolveu o POE, articulando as práticas da leitura e da fala. À diversidade de vozes que compõem a cultura escolar da época na ETS, e que perpassam o jornal, juntou-se a memória dos fatos.

Perceber esses aspectos, para além dos aspectos iconográficos relacionados ao corpo, por meio de artigos biográficos e de opinião, cartas, charadas, piadas, crônicas esportivas, máximas, provérbios e outros gêneros textuais, trouxe, em 2014, depois da qualificação, uma questão norteadora na forma de pensar os estudos para a elaboração da tese de doutorado: como se constituiu a educação dos aprendizes e artífices veiculada no *corpo* d’*O Aprendiz* na década de 40, na ETS?

Compreendendo que o Jornal foi utilizado como um dispositivo pedagógico de comunicação da educação voltada para os jovens e de que seu processo de produção e circulação se relacionava aos aspectos materiais, sociais, históricos, linguísticos e discursivos,

direcionamos nosso olhar para o perfil do operário que se pretendia formar por meio do discurso pedagógico veiculado em suas páginas. Assim, investigamos a *educação intelectual, moral e física* voltada para os(as) jovens aprendizes da ETS, no período de março de 1944 a março de 1947, elaborada e difundida nas páginas do Jornal *O Aprendiz*, pelos alunos, funcionários da administração e professores, com a finalidade de educar e preparar os jovens para o trabalho nas indústrias.

Pensar a *educação intelectual, moral e física* do aprendiz surge como possibilidade de descrever, analisar e revelar formas específicas e características de educação na ETS e das escolas técnicas e ginasiais da época, meios diversificados de socialização dos sujeitos, num tempo que ficou conhecido como a Era Vargas.

A utilização de práticas educativas de longa duração, socialmente aceitas e desejadas, constituindo o que se pode nomear de *educação intelectual, moral e física*, incidindo sobre as mentes e os corpos dos aprendizes, atraíram o nosso olhar para os dispositivos pedagógicos de comunicação que possibilitam a aquisição de cultura por meio da prática da escrita e da comunicação – a construção de saberes.

O estudo, porém, não se restringe à investigação da *educação, intelectual, moral e física*, construída e comunicada no grande texto cultural que é *O Aprendiz*, mas busca também averiguar como os(as) aprendizes pensavam a sua educação e incorporaram os discursos instituídos pela escola nas relações travadas em seu âmbito e nas relações de poder. Investigamos a educação voltada para a formação do operário, mas consideramos também as individualidades dos sujeitos. Seus sonhos, desejos, o que os *toca*, a dimensão da experiência (LAROSSA BONDÍA, 2002), pois há os que se sujeitam e há também os que subvertem a ordem estabelecida nas relações, que não aceitam que os outros narrem suas experiências no lugar deles (BENJAMIN, 1984). Querem comunicar seus sonhos, anseios e desejos de mudanças individuais e coletivas.

Nossa intenção foi ainda analisar o Jornal *O Aprendiz* como um objeto global de comunicação, descrevendo seus aspectos materiais, seu ciclo de vida, as suas seções e sua repercussão na comunidade de então. Portanto, essa fonte histórica foi também objeto de pesquisa.

Nesse sentido levantamos a bibliografia sobre a educação na ETS e a sua mídia impressa. Encontramos poucos trabalhos que se dedicaram a estudar a educação nesse período (anos 40). A maioria deles apresenta apenas dados sobre os objetivos da mudança de Escola Industrial da Bahia – EI para ETS, o contexto sócio-histórico e as políticas públicas para a

educação: as disciplinas que foram acrescentadas ao currículo nessa fase e os cursos que eram ministrados.

Em relação à mídia não encontramos quaisquer estudos que usem os impressos como objeto de análise. Há apenas dois trabalhos nos quais encontramos referências a jornais escolares. O primeiro diz respeito a um artigo sobre o perfil do estudante nos 100 anos do IFBA, no qual há uma nota técnica do Diretor Ericsson, que consta na edição de n. 1/46, p. 10, d'*O Aprendiz*, ilustrando o tema do artigo (OLIVEIRA; SANTOS, 2012). Na sua dissertação de Mestrado, Naiaranize Silva (2009) utiliza alguns jornais produzidos pelo grêmio estudantil da Escola Técnica Federal da Bahia (ETF-BA) na análise do movimento estudantil, no período de 1979 a 1989.

Dos estudos sobre a educação no IFBA-Campus Salvador, destacamos a tese de doutorado de Venturini, *Educação profissional e currículo em Educação Física: memórias de uma instituição centenária* (2013), que se centrou na história do currículo dessa disciplina no IFBA em *cinco marcadores temporais* a partir de documentos oficiais e da escuta de estudantes. O segundo momento, passagem da Escola Industrial – EI para ETS, segundo a autora, foi marcado por práticas corporais irregulares, aulas geralmente aos sábados, ministradas por um sargento do Exército, conforme depoimento de um aluno que estudou de 1939 a 1947 na Instituição. Ela constata que, nesse período, a educação física esteve a serviço do desenvolvimento de uma “postura a serviço da ordem e da disciplina, ocupada com a adequação do sujeito aluno aos moldes de convivência na sociedade” (VENTURINI, 2013, p. 86-87). A educação do corpo se estendeu para além da escola por meio dos cuidados higiênicos com o corpo e o seu fortalecimento motor para o trabalho. Refere-se ainda ao adestramento do corpo por meio da postura a ser mantida nos desfiles e outras comemorações cívicas e desportivas em que se usava uma farda no estilo militar (com boné e botões dourados).

Oliveira e Santos (2012), no artigo citado anteriormente, atestam que houve uma mudança no perfil dos estudantes do IFBA em seu percurso histórico, relacionada a acontecimentos políticos e socioculturais do cenário brasileiro. Citando Cunha (2000), as autoras afirmam que, nesse segundo momento de transição, os alunos passam a ter destaque, pois os que cursavam o Ensino Médio, quando saíam da ETS, iam desenvolver atividades intelectuais nas empresas, ao passo que os alunos do primeiro ciclo de estudos não tinham condições de ascender além do plano de artífices.

Há outros estudos de doutorado que abordam o ensino da educação física no IFBA



como Rosicler Santos (2016) e o perfil dos estudantes (SILVA, N., 2016). Porém ambos centram-se em períodos mais recentes da história da educação dessa instituição.

Encontramos alguns estudos na área de história da educação que apontam uma ligação estreita entre o Governo Vargas (1930-1945) e as práticas escolares. José Silveira Baia Horta, em *O hino, o sermão e a ordem do dia, regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)*, partindo da análise de documentos da época, mostra que o Estado Novo trata a educação física nas escolas como meio de *fortalecimento da raça*. Enfatiza ainda a educação moral, inicialmente, com a introdução do ensino religioso nas escolas, mais tarde com ideias de civismo e patriotismo que servirão de pretexto para a defesa da reintrodução do ensino de educação moral e cívica nos currículos escolares e a proposta de criação de uma organização nacional da juventude. (HORTA, 2012, p. 177-178)<sup>1</sup>.

Alcir Lenharo, em *Sacralização da Política* (1986), tece considerações sobre a educação do corpo durante a Era Vargas. Nos anos 30, “toda uma pedagogia do corpo foi sendo detalhada, de modo a colonizá-lo para a produtividade do trabalho” (LENHARO, 1986, p. 18). A sacralização do *corpo que trabalha* se manifesta por meio de uma crescente instrumentalização do corpo militarizado e cada vez mais apto para o trabalho, o *corpo máquina*. É nesse momento, portanto, que as ideias eugênicas de purificação da raça, advindas do final do século XIX, se manifestam no Brasil com toda força por meio do discurso médico e publicitário, pois o corpo militarizado e higienizado era percebido como um instrumento de transformação do *corpo social*.

A Escola se tornou um *aparelho* do Estado, na concepção empregada por Morin, isto é,

[...] dispositivo de comando e de controle que capitaliza a informação, estabelece programas e, através disso, gere a energia material e humana; um aparelho introduz a sua determinação num meio amorfo ou heterogêneo (assim o aparelho do estado pode controlar populações muito diversas). (MORIN, 2012, p. 178).

O discurso pedagógico que perpassa *O Aprendiz* é de que a ET deve formar operários qualificados para contribuir com o progresso da nação brasileira, desenvolvendo a indústria nacional. Há claramente uma interferência do Estado na educação que é materializada no jornal. Seu poder na educação pública nesse tempo, no entanto, não foi apenas de

---

<sup>1</sup> A instrução pré-militar era ministrada na ETS, na década de 40 do séc. XX. E ficava a cargo do Diretor Ericsson Cavalcanti. Embora não tenha sido incluída no currículo, assim como a disciplina Educação Moral e Cívica, o discurso cívico n’*O Aprendiz* está atrelado à busca de uma identidade nacional e ao disciplinamento do corpo para o trabalho.

dominação e repressão, mas também de conhecimento e de decisão. As medidas propostas são implementadas na ETS, porém surgem discursos que se contrapõem a essa perspectiva, há aqueles que consideram a possibilidade de os alunos se tornarem engenheiros e também operários como há estudantes que sonham em ser engenheiros. E até mesmo artistas: pintor, cantor, etc. Até que ponto, portanto, aos filhos do operariado caberia apenas a formação para a mão de obra?

Esse contraponto de vozes assinala o embate entre os intelectuais da época. Portanto, há de se pensar nos dilemas, nas hesitações, na luta que se deu entre os intelectuais durante o Estado Novo, através do discurso de incentivo e glorificação do trabalho, característicos dos governos totalitários, contrapondo-se ao discurso do lazer, do riso e da malandragem (SCHWARCZ, 1998) e, ainda, na defesa dos novos rumos da educação, criticando a cultura literária, defendendo o ensino de cunho científico como proposto no “Manifesto dos Novos da Educação”.

Portanto, enfatizamos neste estudo a importância da imprensa pedagógica e de ensino como meio de apreensão das práticas educativas e das ideias pedagógicas voltadas para a formação intelectual, moral e física dos aprendizes assim como dos embates, os contrapontos de vozes que se aproximam ou se distanciam formando a cultura escolar da época.

Salienta Nóvoa (2002, p. 13) que a natureza dos impressos escolares possibilita “o registro de reflexões próximas do acontecido”. Assim, a utilização dos impressos como fonte de pesquisa é um fato recorrente na área de História da Educação. Eles revelam a multiplicidade de facetas dos processos educativos tanto internamente (curso, programas, currículos, etc.) quanto externamente, isto é, “no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens” (NÓVOA, 1993, p. XXXII).

A análise de *O Aprendiz* permite um conhecimento mais próximo do que foi de fato ou poderia ter sido o ensino na antiga ETS, com a difusão dos valores sociais compartilhados, das ideias e saberes da época e os meios e práticas pedagógicas então utilizados. O Jornal registra em suas páginas não apenas os fatos ligados à época, uma narrativa dos acontecimentos, mas também uma metanarrativa: os anseios e os sonhos dos sujeitos que se constituem, na e por meio da linguagem dos diversos textos verbais e não verbais que compõem as suas páginas.

Tomamos, portanto, o jornal escolar como um espelho das práticas educativas do

contexto em que foram produzidas. Ele se tornou um “lugar de memória”, na medida em que é objeto e fonte da pesquisa. Convém ressaltar, no entanto, que os impressos não são retratos fidedignos da realidade. Como assinala Werle (2013, p. 4), eles “são práticas de representação e assumem a perspectiva dos sujeitos que as produzem e que, por outro lado, nelas se produzem”.

Delimitamos o período a ser pesquisado entre março de 1944 e março de 1947, tendo como justificativa para a data inicial a publicação do primeiro número d’*O Aprendiz* e, para a data final, o encerramento do jornal.

Para a realização do estudo, fizemos a análise global da coleção d’*O Aprendiz*, encadernada em dois tomos, composta por 26 edições. Tivemos acesso inicialmente aos textos originais, que se encontram arquivados na Reitoria do IFBA e foram fotografados, para fins deste estudo, pelo fotógrafo pernambucano Márcio Lima, radicado em Salvador.

Fizemos a catalogação das seções, das colunas e dos temas do Jornal, constituindo um índice temático de ambos os tomos com base no índice temático do repertório português de *A imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico: séculos XIX-XX* (NÓVOA, 1993). A elaboração do índice temático teve motivação historiográfica: “a vontade de produzir instrumentos de acesso a uma fonte de grande riqueza, a afirmação da imprensa como objeto de estudo autônomo e o desejo de contribuir para a renovação conceptual e metodológica da História da Educação” (NÓVOA, 1997, p.14).

O índice temático do Jornal apresenta as produções realizadas pelos(as) alunos(as), professores(as) e funcionários(as) e a redação. No Apêndice A, foram elencados os textos produzidos pelos(as) estudantes, sendo constituído pelos seguintes dados: autor do texto com entrada numérica por ordem de aparecimento no Jornal, série/curso, localização (edição e página) título, tema e gênero de cada texto. Quando o tema não se encontra no modelo do repertório analítico português, vem escrito em itálico (Exemplo: *História da Bahia*). No Apêndice B, estão registrados os textos produzidos pelos professores e funcionários, organizados da seguinte forma: nome, título e tema do texto e localização. O Apêndice C corresponde aos textos da Redação, é composto pelo nome da coluna, o título e tema do jornal e localização. No Apêndice D, expomos os textos transcritos de outras publicações, é composto pelo nome da publicação/autor, a coluna e o título do texto, o tema e a localização. O Apêndice E assinala o registro da correspondência e publicações enviadas e recebidas pel’*O Aprendiz*, e está constituído pelos elementos: edições, leitores do jornal, agradecimentos dos leitores e publicações recebidas. O Apêndice F refere-se a dois tipos de

seções: a do Movimento Médico dentário, a da Biblioteca e outras seções, tais como: o Aprendiz Social, Curiosidades, Sobre livros, Charadista, Correio Escolar e a transcrição de todas as piadas que foram publicadas, com a sua localização.

Por fim, o Apêndice G traz a transcrição de duas das entrevistas realizadas com a professora Jane Ribeiro.

A metodologia da pesquisa histórica e de memória foi baseada na análise documental do referido periódico, apesar de nos valermos também de fontes orais. A pesquisa de campo fundamenta-se em pressupostos da História Oral e no conceito de narradores de Walter Benjamin (1975). Contou com entrevistas de Dona Jane, que se encontram gravadas e foram transcritas, tendo como objetivos não apenas compreender o significado do jornal *O Aprendiz* para o ensino-aprendizagem e para a história do jornalismo impresso no IFBA, assim como para os seus principais atores, como igualmente situar o contexto sócio-histórico em que o Jornal foi produzido.

Benjamin (1975) comenta que há dois tipos de narrador, o forasteiro, que narra as viagens, e o de dentro, que é da terra e que conta o que conhece sobre a terra e os conterrâneos, o que tem nele sobre o passado. Bosi (2003 a, p.31), ao comentar sobre a memória, afirma que ela opera de forma livre, “escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

Nossa intenção foi explicar os significados coletivos da educação técnica-industrial da ETS à época, especificamente da educação intelectual, moral e física, por meio das memórias e do Jornal *O Aprendiz*. Desejávamos, portanto, compreender sentidos produzidos nesse periódico que, de certa forma, identificam o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) até hoje. Os registros ganham uma dimensão histórica importante para as memórias do IFBA, principalmente quando considerados no âmbito dos sentidos e significados históricos que perpassaram a educação do trabalhador na ETS.

A proposta de uma incursão memorialística, para além do texto documental, ocorreu, sobretudo, por acreditarmos que a narração se constitui em uma necessidade imprescindível à ressignificação do acontecido, uma forma de retorno do vivido, da sensibilidade e do subjetivo a uma historiografia que, muitas vezes, parecia se esquecer do homem: “As penas, sejam elas quais forem, tornam-se suportáveis se as narrarmos ou fizermos delas uma história” (RICOEUR, 2003, p. 7).

Daí a importância de saber ouvir os sujeitos que viveram experiências a serem

narradas, observando não apenas os aspectos técnicos de realização da escuta, mas também os interacionais. A pesquisa de campo se realizou em seis momentos. A primeira entrevista foi de sondagem para a escrita do projeto de pesquisa (APÊNDICE G – Entrevista 1). Entramos em contato por telefone com Dona Jane, e ela se prontificou de primeira em nos receber em sua casa. Nela, a professora falou com entusiasmo do seu trabalho na ETS e também sobre sua formação escolar e educação familiar. Trouxe reminiscências de sua vida na infância, tempo em que já se havia manifestado a sua vocação de professora.

Realizamos a segunda entrevista em outubro de 2014 (APÊNDICE G – Entrevista 2), depois que escolhemos *O Aprendiz* como objeto e fonte de estudo. Nela, a professora retomou diversos tópicos da entrevista anterior. No terceiro encontro, levamos a coleção original doada por Dona Jane ao IFBA, e ela foi narrando os fatos enquanto folheava as páginas do Jornal.

Depois da realização das entrevistas, voltamos à casa de Dona Jane para registro de suas narrativas por meio de câmera fotográfica. Realizamos um pequeno vídeo no quarto que usava como escritório, onde fica a sua biblioteca e a mesa com computador e muitas fotografias dos filhos e netos. E, logo em seguida, foi realizado outro vídeo, dando continuidade ao primeiro, agora em seu quarto, por solicitação da professora. Depois retornamos à casa de Dona Jane, para uma entrevista na qual esclarecemos alguns pontos das entrevistas anteriores.

A tese se estrutura em seis capítulos que, em seu conjunto, buscam investigar as ideias e práticas educativas relacionadas à “educação intelectual, moral e física” expressas no Jornal *O Aprendiz*. Investiga ainda o uso dessa mídia como dispositivo pedagógico de comunicação da educação voltada para os aprendizes da ETS. Iniciamos o Capítulo 1, isto é, a Introdução, apresentando o percurso traçado até a descoberta e definição do tema da pesquisa e sua estruturação: a questão, o objeto, os objetivos e os aspectos teórico-metodológicos que fundamentam o estudo. Assim, são postas em destaque as mudanças na escolha do tema e a necessidade de recorrer a um quadro teórico multirreferencial para abarcar o objeto da pesquisa.

O Capítulo 2 – Mídia, educação e seus reflexos no jornal escolar *O Aprendiz* – traz uma discussão teórica sobre mídia-educação, abordando a relação comunicação e educação, historiando os estudos sobre o jornal escolar a partir da análise das propostas educacionais de teóricos diversos como Celestin Freinet, Janus Korczak, Guerindo Casasanta, Jorge K. Ijuim, entre outros. Por fim, justifica a necessidade da inserção da “memória dos velhos” neste estudo, as

narrativas de Dona Jane, como fonte da pesquisa, fundamentada pelo conceito de narrador e experiência comunicativa.

O Capítulo 3 – *O Aprendiz* – um jornal nacionalista em defesa do ensino técnico – é estruturado com o objetivo de analisar a missão proposta por esse periódico, isto é, sua utilização na defesa dos valores nacionalistas do período do Estado Novo, bem como o segundo ciclo de vida do Jornal, dividindo-o em duas fases. Assim, as transformações que ocorrem ao longo de sua editoração são destacadas, buscando mostrar a maior participação dos professores e funcionários administrativos na primeira fase de sua produção (mar.1944 a out./nov.1945). Para isso, a análise dá ênfase à materialidade do Jornal, à catalogação dos seus temas, das seções e colunas, com o intuito de facilitar a compreensão da produção de sentidos pelos professores, funcionários e estudantes.

No Capítulo 4, intitulado O jornal escolar *O Aprendiz*, o primeiro projeto de orientação educacional da Bahia e Dona Jane, buscamos historiar o surgimento da Escola Técnica de Salvador e os objetivos da educação técnica no segundo momento de transição do ensino profissional nessa instituição, a partir das narrativas de Dona Jane, dando destaque ao Projeto de Orientação Educacional desenvolvido por ela e assinalando a maior autonomia dos estudantes na produção e editoração dos textos. Buscamos ainda traçar o seu perfil biográfico, sua formação intelectual, política e educacional, relacionando o seu percurso formativo com o trabalho educacional que desenvolveu na ETS como doação.

O Capítulo 5 – Corpo, cultura e educação: a produção de sentido n' *O Aprendiz* – busca analisar como os sentidos são construídos pelos professores e técnicos e incorporados pelos estudantes na produção de seus artigos. Para a estruturação desse capítulo, analisamos os artigos, relacionando a representação do corpo e da cultura com a educação dos aprendizes.

Consideramos que a trajetória que percorremos para a escrita deste trabalho foi reveladora, pois conhecemos a importância do uso da mídia impressa – o jornal escolar, para o desenvolvimento da escrita e da leitura dos jovens assim como sua socialização em um meio cultural diversificado. Além disso, pudemos constatar o pioneirismo do POE, trabalho pedagógico desenvolvido por Dona Jane na ETS, quando na Bahia ainda não se falava de orientação educacional. E, assim, inauguramos o estudo/pesquisa sobre a imprensa periódica e de ensino no IFBA, *Campus Salvador*.

## 2 MÍDIA, EDUCAÇÃO E SEUS REFLEXOS NO JORNAL ESCOLAR *O APRENDIZ*

Deixar os que se educam dizer a palavra (a palavra da ciência, do ético, do estético, da dor, da poesia) é radicalizar a ideia de que o homem possui linguagem. A abertura de horizontes que o diálogo possibilita permite à educação fazer valer a polissemia dos discursos e criar um espaço de compreensão mútua entre os envolvidos. (HERMAN, 1992, p.95)

Comunicação e Educação, além de campos abrangentes, uma vez que incluem aspectos materiais e psíquicos, são interdisciplinares por natureza e difíceis de definir, pois são vocábulos comuns que remetem a experiências e conhecimentos inesgotáveis. Para iniciar esta análise da inter-relação entre mídia e educação, convém, portanto, definir ambos os termos, assinalando quais sentidos atribuímos a eles.

Na origem da palavra comunicação, encontra-se o sentido de relação em presença, ligado a uma prática religiosa surgida nos mosteiros medievais: *communicatio* é o ato de ‘tomar a refeição da noite em comum’. Isso significa fazê-lo ‘juntamente com outros’, deixando de estar sozinho, rompendo o isolamento.

Como mostra Martino (2012, p.13), três sentidos importantes advêm desse sentido original da palavra, pois o termo refere-se ao tipo de relação onde há elementos que se destacam: “de um fundo de isolamento”; “a intenção de romper o isolamento” e “a idéia de uma realização em comum”. Esses traços caracterizam a comunicação como um “tipo de relação intencional exercida sobre outrem.”. Se pensarmos ainda o sentido da palavra a partir da composição do termo comum + ação, isto é, ação em comum, entenderíamos objeto em comum não como algo papável, uma vez que [...] “em sua acepção mais fundamental o termo comunicação refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências”. (MARTINO, 2012, p. 14-15).

A complexidade na definição do “objeto” da comunicação transparece na existência de vários outros significados utilizados no cotidiano e presentes no dicionário. Na acepção que nos interessa, inicialmente, ou seja, enquanto “disciplina, saber, ciência, ou grupo de ciências”, a comunicação tem como objeto de estudo os meios de comunicação (MARTINO, 2012, p.15). Esse sentido só veio à tona na modernidade, com o surgimento das técnicas de impressão que originaram a imprensa de Gutemberg. Se pensarmos a comunicação antes desse evento, como “um processo social básico de produção e partilhamento do sentido

através da materialização de formas simbólicas” (MARTINO, 2012, p. 41), não podemos situar a sua origem, pois ela faz parte da história do homem. Está inscrita, no texto bíblico, a origem mítica da palavra: “No princípio era o verbo, e o verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Portanto, a palavra mídia tem origem no latim *medium*, que significa meio, centro, intermediário. O plural de *medium* é *media*. Na Europa, segundo Gonnet (2004, p. 16), os anglo-saxões acrescentaram à palavra *media*, o termo *mass*, que passou, então, a abranger todos os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornal, etc.). No Brasil, usa-se o termo mídia, no sentido derivado dos anglo-saxões. Esse conceito mostra que, para além das instituições, gêneros e técnicas, a mídia pressupõe como finalidade a comunicação.

Gonnet (2004, p.16-19) distingue três grandes períodos que se sucederam na história da reflexão sobre as mídias:

Passamos assim da crença no grande poder do rádio e do cinema, à quase certeza da manipulação das massas, desde o fim da Primeira Guerra Mundial (o indivíduo reagindo ao condicionamento, aos estímulos, como o cachorro de Pavlov), a uma posição menos segura, onde sociólogos como Lazarsfeld relativizaram, a partir dos anos 1940, os resultados anteriores, mostrando que os receptores das mensagens adotam um comportamento muito mais ativo, por exemplo, no quadro das campanhas eleitorais.

Esse modo de ver a mídia como um perigo em potencial vem de longe, remete ao nascimento da escrita como *pharmakon* (mito de Fedro), um remédio perigoso, uma vez que ele provocaria o esquecimento naqueles que a utilizassem, prejudicando a memória. A História mostra que o surgimento de uma mídia sempre causa reação nos usuários da mídia anterior. Assim aconteceu também com o surgimento do livro e da cultura do impresso, que foram rejeitados, inicialmente, pelos adeptos do manuscrito, mas que, posteriormente, foram meios de incentivo à aprendizagem dos educandos.

Já a palavra educação tem origem no latim *educare*, ligada ao verbo *educere*, formada pelo prefixo *ex* [fora] + *ducere*, que significa *conduzir, levar*. Como sugere essa raiz, a educação pressupõe um guia, alguém a quem a educação é confiada, o educador, que guia o educando na apreensão do conhecimento. Daí advém a problemática da formação do educador. Ela atende à demanda da sociedade por um tipo específico de educação? O que se deve ensinar?

Gonnet (2004) propõe a abordagem da Educação a partir de três questões: a) quais os valores e costumes que uma sociedade específica busca desenvolver; b) quais os conteúdos



que serão privilegiados na “transmissão dos conhecimentos”; e c) quais meios serão utilizados para tal fim.

A Escola Nova, com a pedagogia do texto livre, proposta por Célestin Freinet, no princípio do século XX, concebia um saber descoberto pela criança que, com o *companheirismo* do professor, estruturaria seu conhecimento. Assim, o professor-mediador tem o papel de despertar o interesse dos educandos pela aprendizagem, criando ambientes propícios ao seu desenvolvimento. Daí a importância da discussão sobre a relação entre comunicação e educação e o uso que se faz da mídia no ensino-aprendizagem.

## 2.1 MÍDIA E EDUCAÇÃO

Paulo Freire, na década de 70, com o livro *Extensão ou Comunicação?* (1977) inicia no Brasil o debate sobre a relação entre Educação e Comunicação, aproximando esses campos. Ele defende um modelo de educação libertadora, baseada no diálogo e na participação, em que os sujeitos se relacionam de forma horizontal, o que deve permitir um campo propício à construção do conhecimento. O professor, nesse modelo de educação, ocupa o papel de mediador na produção de sentidos, e a comunicação é entendida como um componente do processo educativo.

Outros estudiosos têm apontado a dificuldade em se instituir uma relação produtiva entre comunicação e educação nos espaços institucionalizados (PRETTO, 2009; BELLONI 2012). Mesmo com a presença de diferentes mídias nos espaços sociais, a escola ainda deixa a desejar quanto à utilização da comunicação como processo educativo e da educação como processo de comunicação. Vê-se, ainda, em centros educacionais de todos os níveis, a presença de conflitos existenciais advindos do mau uso da comunicação como meio de desenvolvimento da aprendizagem do aluno. A dificuldade do diálogo, existente na sociedade, também está presente na escola, refletindo marcas do universo social no qual estamos inseridos.

Martin-Barbero (2004), por sua vez, ao analisar a contribuição de Paulo Freire para os estudos da comunicação na América Latina, vê nessa dificuldade e nessa cultura a permanência de uma “incomunicação” como uma herança cultural que permeia a sociedade até o nosso tempo, e que encontra na escola um campo para sua disseminação. Segundo o pesquisador, ela se origina no processo de “aculturação” por meio do qual a cultura de uma minoria se impõe à da grande maioria, instituindo o que Freire chama de “cultura do

silêncio”, isto é, um conjunto de ações e formas de pensamentos que, segundo Martín-Barbero (2004, p. 22) “conformaram a mentalidade e o comportamento dos latino-americanos desde a conquista”. Mas, ao mesmo tempo, ele assinala que a “alienação nunca é total”:

[...] se foi na ‘educação’ onde lentamente a situação de força se transformou em situação de fato, legítima e legitimada pelos mesmos oprimidos, será em ‘outra educação’ a possibilidade de fazer eclodir a situação e subverter os códigos da submissão e da humilhação. (MARTÍN-BARBERO 2004, p. 23).

Essa perspectiva surge a partir dos estudos de recepção, na América Latina, desenvolvidos por autores como Orozco, Barbero e Canclini na década de 80. Porém, o âmbito da mídia-educação, que surge da intersecção entre os campos da comunicação e da educação, é relativamente novo, como mostram Belloni e Bérvoti (2009) e o Grupo de pesquisadores da ECA-USP<sup>2</sup> (SOARES, I., 2011 a e b).

Rivoltella (2012), ao analisar o passado da mídia-educação na perspectiva teórica, apresenta quatro linhas conceituais e metodológicas no desenvolvimento das pesquisas nessa área. Inicialmente, tem-se o *Paradigma inoculatório*, segundo o qual a comunicação produz efeitos para além do papel que o receptor pode ter. Assim, cabe à mídia-educação proteger a criança, vista como um ser “frágil”. Essa abordagem levou a interpretações dos efeitos negativos da mídia.

Tem-se, em seguida, o paradigma denominado *Images and consciousness*, no qual a “teoria dos efeitos fortes” é tomada pela “teoria crítica dos frankfurtianos”. Aqui a educação é vista como um “dispositivo de ideologização”, portanto, cabe à mídia-educação desconstruir e “desarrumar”, para ver o que está por trás, a imagem que a imprensa passa do que seja a realidade.

Outro é o paradigma da *Educação Popular*, influenciado pela pedagogia ativa, bastante em voga nos anos 60 e 70, por meio dos estudos de Célestin Freinet (na França) e Paulo Freire (no Brasil), que pensam a mídia-educação como espaço de democratização da escola e da sociedade.

Por fim, temos o paradigma do *Pensamento Crítico*, a partir das primeiras teorias semióticas na França e na Inglaterra, nos estudos de autores como Raymond Williamns, Stuart Hall e Roger Silvestone. Esse modelo teórico concebe a mídia-educação como um instrumento para o desenvolvimento da consciência e da autonomia crítica dos sujeitos, surgiu

<sup>2</sup> Esses estudiosos chamam o novo campo de Educomunicação. Usaremos o termo mídia-educação por achá-lo mais abrangente e por ele colocar no mesmo nível de importância mídia e a educação.

nos anos 50 e é até hoje muito usado.

Interessa, especialmente, para esta pesquisa estudar o *Paradigma da Educação Popular*, que traz em sua defesa a democratização da escola. O reflexo do seu uso no jornal escolar permite a utilização do jornal como ferramenta de desenvolvimento do espírito crítico dos educandos.

Como mostra Barreto (2012), o interesse pela relação entre mídia e educação não é recente. Desde os anos 30 do século XX, encontram-se estudos e pesquisas voltados para essa inter-relação. De uma perspectiva em que se pensava o receptor como sujeito passivo, passa-se a vê-lo como receptor-autor.

Assim, observamos quem são os jovens que editaram os jornais, quais suas experiências culturais e quais as imagens da mídia que eles incorporam à sua vivência de mundo, como eles produziram sentidos a partir da experiência consigo e com o outro e como eles interagiram em torno da prática jornalística amadora.

Autores como Tufte e Christensen (2009) sinalizam o aparecimento de uma nova mídia-educação a partir do uso que fazem as crianças de diferentes meios de comunicação social. Enquanto entre as crianças e os jovens a convergência das mídias é algo natural, na casa e na escola, os pais e professores se esforçam para acompanhar o surgimento, a cada dia, de novos dispositivos de interação. Isso pode levar a uma barreira entre gerações.

Quanto ao uso da mídia-educação na escola, Tufte e Christensen (2009) afirmam a necessidade de o professor unir duas perspectivas ao trabalhar com mídias. Propõem um método de ensino de mídias que combine sua produção e análise:

Em termos do conteúdo da mídia-educação enquanto campo educacional é comum a distinção entre um ensino das mídias e um ensino que usa as mídias como recurso. Quando os professores ensinam usando as mídias, eles precisam de certo conhecimento prático, combinado com a perspectiva analítica e o conhecimento sobre as linguagens específicas dos meios. (TUFTE; CHRISTENSEN, 2009, p. 101).

Rivoltella (2012, p. 26), por sua vez, defende o ponto de vista de que a nova mídia-educação deve atentar para dois aspectos: a) a educação para a cidadania, uma vez que, na sociedade atual, a utilização da mídia-educação é fundamental para a “cidadania ativa”, isto é, o exercício da liberdade e da autonomia; e b) a “integração da mídia-educação nas ‘outras’ educações”, desenvolvendo várias competências para os meios, como as *literacies* do gênero, das diversidades culturais, etc.

Atualmente, experiências fora de sala de aula e em sintonia com a comunidade têm

mostrado o interesse crescente de crianças e jovens pela apropriação das mídias impressas e eletrônicas (DELIBERADOR, 2012). A forma como se promove a interação entre os jovens, os professores e a comunidade, por meio da leitura crítica das mídias e da produção midiática, leva à socialização e à formação cidadã.

Essas duas dimensões da mídia-educação predominam nos estudos atuais. O conceito de mediações, sobretudo, possibilitou esse olhar. Os receptores dos textos passam a ser autores. Essa participação do leitor-autor acontece em *O Aprendiz*. Em um dos textos, ouvimos a voz do aluno reivindicar que o “jornal deve ser escrito pelos estudantes”. Além disso, na seção *Correio Estudantil*, os alunos escrevem dirigindo-se aos estudantes de Escolas Técnicas de outros Estados, solicitando que também falem de suas vivências. Essas experiências nos conduzem à visão de Arendt (2002, p. 11):

Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz o homem um ser político. Mas, a seguirmos o conselho, que ouvimos com tanta freqüência, de ajustar nossas atitudes culturais ao estado atual de realização científica, adotaríamos sem dúvida um modo de vida no qual o discurso não teria sentido. [...] Habitamos um mundo no qual as palavras perderam o poder.

No entanto, o uso da palavra como forma de poder possibilita aos jovens o exercício da voz, como defende Paro (2008), na sua proposta de “Educação como exercício de poder”. Constata-se que “tudo o que os homens fazem, sabem ou experimentam só tem sentido na medida em que [isso] pode ser discutido” (ARENDRT, 2002, p. 12). Só podemos experimentar o significado das coisas por ser intrínseca ao ser humano a capacidade de comunicar experiências entre si e consigo mesmo, a capacidade de falar e ser inteligível.

Ao conceber formação como *autoformação*, isto é, “objeto e instrumento daquilo que nos constitui e que somos”, Fantin (2012, p. 49) acrescenta à visão de formação, que é algo externo ao sujeito, a dimensão interna: aspectos da vivência e da experiência de cada pessoa que precisam ser elaborados na sua relação com o conhecimento.

Essa autora propõe três dimensões para pensar a intenção formativa da educação e as concepções do sujeito a ser formado. São elas:

[...] a dimensão do conhecimento como substrato para o pensar e o sentir; a dimensão da experiência/autoria como condição de aprendizagem e formação; e a dimensão da sedução como meio ou etapa intermediária para articular os propósitos da educação e os problemas suscitados pelas práticas educativas e culturais. (FANTIN 2012, p.58).

Todas as três dimensões são imprescindíveis para a formação das crianças e dos jovens e existem em forma potencial em todo sujeito. A escola precisa criar os ambientes apropriados para que se desenvolvam os chamados *ecossistemas comunicativos* (SOARES, 2011a), ambientes que favoreçam, por meio da interação dialógica e de conhecimentos, o estímulo para o desenvolvimento do pensamento. A escola deve abarcar, assim, a dimensão do “conhecimento como substrato” para o *pensar* e o *sentir*, o que inclui usufruir da alegria e da vontade de comunicar experiências. Como afirma Fantin (2012, p.58):

Se as teorias nascem da nossa relação com o objeto de nosso pensar, esse processo não exclui o sentir nem elimina as sensações que sempre estarão presentes nos deslocamentos do pensar. Esse sentir também serve de estímulo ao pensamento, pois o desejo e o prazer movem o conhecimento, tal como Eros, deus do amor, se move amorosamente em busca do conhecimento.

É, sobretudo, a dimensão da *experiência/autoria* como condição de aprendizagem e formação que interessa para o desenvolvimento da pesquisa. Acreditamos que a produção de jornal no âmbito da escola, fora de sala de aula, editado por equipe de alunos de diversas séries e idades, quando permite a comunicação de experiência, contribui para o desenvolvimento da autonomia dos jovens e, conseqüentemente, para a democratização do espaço escolar. Isso porque, como afirma Fantin (2012), numa sociedade em que a presença da tecnologia e da cultura digital modifica a forma de aprender e interagir, deve-se pensar a formação das crianças e dos jovens não apenas na perspectiva da recepção crítica, mas também na perspectiva da criação. Como sugere, a autoria pode ser pensada como criação, isto é:

[...] reconhecer-se e compreender-se sujeito de seu próprio processo de formação. Autoria que produz e se expressa nas mais diversas linguagens, construindo entendimentos que podem ser compartilhados. Autoria que deixa marcas, que fala de si e de outro, que registra, dá visibilidade e reescreve a história. (FANTIN, 2012, p. 59).

A dimensão da sedução também interessa para esta pesquisa na medida em que está presente na relação pedagógica entre professor e aluno “como meio que remete à ideia de persuasão e resistência” (FANTIN, 2012, p. 59). Tudo leva a crer que o exercício dessa prática jornalística amadora, ao possibilitar aos jovens se tornarem autores, autoria vista aqui como autoridade e expressão do saber, seduz na medida da possibilidade do desejo de se tornarem aquilo que não eram. Possibilita ainda o “encantamento da realidade e da

verdade” (FANTINI, 2012, p. 59). A verdade constitui-se, como ocorre na perspectiva hermenêutica, em retórica, no sentido de que o uso da palavra constitui argumento.

Fruto desse embate, ocorre a resistência, e é daí que surge o desafio de construir o ser enquanto sujeito. A sedução está ligada ainda, como mostra Fantin (2012, p. 59), ao “poder de encantamento e/ou resistência que certos meios oferecem, por vezes como fetiche, e que obviamente precisam diferentes formas de mediação”. Quer dizer, ainda segundo a mesma autora, que a dimensão da formação como sedução diz respeito “tanto ao sentido do encanto e da lucidez quanto da incompreensão que faz parte da relação e do ato de ensinar-aprender” (FANTINI, 2012, P. 59).

Vivemos a era tecnológica, do mundo virtual, da globalização, em que a circulação da informação é um dos pilares da sociedade, em que se desenvolvem novas formas de interação por meio de imagens, sons e textos. Formas que mobilizam muito mais a mente em detrimento do corpo e fazem surgir, da interação entre as crianças e as novas interfaces digitais, “novas formas de perceber e apreender as informações visuais, sonoras, semânticas, de interpretá-las, classificá-las e utilizá-las em outras situações” (BELLONI, 2012, p. 51). São novas formas de aprender fora da escola e à revelia dela com as tics, mas que ainda não foram incorporadas a ela devido a diversos fatores. Assim, as definições/reflexões atuais sobre a mídia-educação se referem, segundo Belloni (2012, p. 52), às seguintes facetas: a) inclusão digital, formas de operar as “máquinas maravilhosas” que dão acesso ao mundo da rede de computadores e permite a todos serem produtores de mensagens; b) dimensão objeto de estudo, a leitura ‘crítica de mensagens’; c) dimensão meio de expressão, fundamental para o exercício da cidadania e d) dimensão ferramenta pedagógica, uso das tics em situação de aprendizagem.

## 2.2 EDUCAÇÃO E JORNAL ESCOLAR

O uso da mídia impressa na escola como dispositivo pedagógico de comunicação não é uma característica só da atualidade. Remonta à metade do século XVII com a didática de Comenius (2001), quando o pedagogo tcheco descobre o aluno como um sujeito ativo, capaz de criar. Como assinala Gonnet (2004), Comenius pressente que a escola tem um papel em revelar os “talentos que a criança traz em si”, indo de encontro ao ensino de então, baseado “na repetição enfadonha de textos antigos, sem grande interesse para a criança”. Assim, ele incentiva o uso da tipografia para “aprender a ler e a escrever” (GONNET, 2004, p. 72-73)

Posteriormente, Charles Roullin, Reitor da Universidade de Paris, eleito em 1696, ressalta que a produção de textos por meio da tipografia (que ainda não era chamada de mídia) permite a aprendizagem simultânea da leitura, assegurando o uso eficaz da ortografia e o “prazer em aprender” (GONNET, 2004, p. 72).

Já a criação de jornais na escola remonta à primeira metade do século XIX na Itália, na *Scuola di Amicis* (CASASANTA, 1939). Na segunda metade desse século, entre nós, há registros da produção de jornal pelas crianças, na Cidade de São Paulo (ARROYO, 1968), e, nas primeiras décadas do século XX, Casasanta (1939) registra a existência de 500 jornais escolares editados em escolas de Minas Gerais.

A utilização pedagógica do jornal na escola é consequência da ação de um grupo de pedagogos e médicos que, no final do século XIX, passou a refletir sobre a relação do adulto com a criança: Maria Montessori, na Itália, Paul Robin, na França, John Dewey, nos Estados Unidos, Ovide Delacroly, na Bélgica, Janusz Korczak, na Polônia, e Célestin Freinet, na França. A questão que aproxima esses pensadores é a motivação das crianças no ato de aprender. Entre eles, daremos destaque ao trabalho de Célestin Freinet (1896-1966) e Janusz Korczak, uma vez que este usou o jornal na escola como um meio para o registro da história e aquele usou a tipografia como peça básica de sua pedagogia. Juntaremos a essas vozes, a dos educadores brasileiros e portugueses que também defenderam o uso do jornal na escola, a exemplo de Guerino Casasanta (1939), com o seu livro *Jornais Escolares*, publicado em 1939.

Observe-se que esse autor fora responsável por um inquérito sobre jornais escolares no Estado de Minas Gerais, realizado em 1933, época em que ocupava o cargo de inspetor de ensino do Estado. Em seu livro, Casasanta propõe orientações para o desenvolvimento do jornal com base na experiência, nos pressupostos da “Escola Nova”. Para ele, o texto deveria ser de cunho infantil, mas orientado pelo professor. O jornal escolar é caracterizado como um jogo, um brinquedo que prepara a criança para a vida futura. O jornal é visto, ainda, como uma atividade extracurricular, que foi introduzida nas escolas juntamente com outras atividades de mesmo cunho: os clubes de leitura, bibliotecas, clubes de ciências, de geografia, centros literários, etc. O autor destaca ainda os valores genéricos dos jornais escolares, isto é, preparar o indivíduo para viver numa democracia, torná-lo autônomo, ensinar o valor da cooperação, despertar o interesse pelo estudo e pela escola, despertar nos jovens os sentimentos de ordem e legalidade.

Essa proposta de jornal escolar de Casasanta circulou no momento em que *O Aprendiz*

foi recriado por Dona Jane (1944)<sup>3</sup>, no contexto da Nova República, onde se buscava uma identidade cultural para a nação brasileira com base nos valores patrióticos, positivistas e nacionalistas difundidos pelo Estado Novo. Dona Jane afirma que leu esse livro e que, na sua época, só existia esse livro sobre o assunto. Assim, Casasanta (1939, p.32) supõe que, embora o jornal seja tão antigo, a escola ainda não se havia aproveitado de todos os seus valores como instrumento pedagógico, ou seja, “agir com força útil, auxiliar da educação, instrumento de progresso e crescimento”. Ele defende a ideia de que, se o jornal não tiver a participação ativa dos alunos, está sendo desvirtuado. O estudante deve participar de sua organização e da vida do jornal, o qual não deve desprezar nem contrariar as aspirações dos discentes, pois como ele afirma: “O que devemos esperar do jornal é que seja educativo. É meio ótimo para que a personalidade da criança se patenteie, indicando os seus anseios, as suas tendências, as suas aptidões”. Como veremos, *O Aprendiz* aproxima-se do modelo de jornal proposto por Casasanta em vários aspectos.

Estudar o uso pedagógico do jornal na escola significa, portanto, observar o que é necessário para que se torne uma atividade atraente para o jovem, isto é, o que ele pode aprender no processo de criação dessa mídia. Acreditamos que o trabalho com o jornal na escola deve ser um convite à experiência. Experiência vista aqui como “aquilo que nos acontece, nos toca” (LAROSSA BONDÍA, 2002, p.21). Assim, essa prática despertará o interesse dos jovens pela linguagem enquanto forma de estar e ser no mundo.

Entendemos que a ideia de jornal escolar como instrumento pedagógico para desenvolver a leitura e a produção de gêneros textuais ou como um mero instrumento de comunicação, restringe o seu campo de ação, leva ao esvaziamento de seu conceito. Pois, se a experiência é algo vivenciado dentro de nós, relaciona-se ao que nos acontece e nos move, a produção de jornais deve considerar as experiências dos sujeitos. O jornal não se constitui em apenas um instrumento de comunicação produzido pelos alunos com ou sem a coordenação de um professor. Mas deve ser pensado como uma forma de ser-no-mundo por meio da linguagem, de como os jovens vivem o tempo, interagem em diferentes espaços, comunicam o que lhes toca.

Para entender o jornal como experiência, retomamos aqui a concepção de Larossa Bondía (2002) sobre esse vocábulo. Ao pensar a educação do ponto de vista da relação entre

---

<sup>3</sup> Provavelmente, esse foi o livro que a professora Jane Ribeiro afirmou ter lido: “Eu tinha o livro *Jornais Escolares*, emprestei a uma pessoa que nunca me devolveu.” (Entrevista 1). É amplamente reconhecida a grande circulação dos livros da série *Atualidades Pedagógicas*, principalmente nas seguintes capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre.



Experiência e Sentido, o autor inicia afirmando o poder da palavra de nos instituir enquanto sujeitos, pois as palavras determinam o que pensamos, dão sentido ao que nos acontece, ao que somos, ao como nos apresentamos para o outro e para nós mesmos. As palavras produzem sentidos, subjetivação.

Depois de apresentar o significado da palavra “experiência” em várias línguas, ele sintetiza o seu significado, afirmando que experiência “é aquilo que nos acontece, nos toca”. Relacionando o significado do prefixo que forma a palavra – “ex” – com a ideia de travessia, percurso, passagem, pode-se entender experiência também como “território de passagem”, “lugar de chegada” e “espaço do acontecer” nos quais o sujeito da experiência se define por sua abertura e disponibilidade, uma vez que a experiência é “um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LAROSSA BONDÍA, 2002, p. 25). Em Heidegger, o autor encontra outra característica fundamental da experiência: “a capacidade de formação e transformação”, dando ênfase ao quanto podemos ser transformados pelas experiências.

O interesse e a expressão de experiências pela criança foi de onde partiu, inclusive, a proposta de jornal escolar de Célestin Freinet (1974), da qual Casasanta (1939) tinha conhecimento<sup>4</sup>. O pedagogo francês, ao observar que a criança se interessava muito mais pelo seu cotidiano, pelo mundo à sua volta, do que pelos textos do manual escolar, distantes de sua realidade, descobre que a vida da sala de aula é artificial. Propõe então, como forma de aprendizagem, a observação do entorno. Assim, cria a aula-passeio, a partir da qual trabalha o texto livre e a imprensa escolar como forma de transformar a sala de aula em um espaço significativo e prazeroso para a criança. Na escola de Freinet, a criança se torna autora e revisora do seu próprio texto. Segundo Barreto (2012, p. 23), havia, nesse caso, confiança depositada na criança que, “assim como é livre para expressar seus sentimentos, também assume responsabilidades pela gestão da imprensa, do trabalho coletivo”. Havia, portanto, um espírito de colaboração na escola de Freinet.

A proposta de Célestin Freinet (1974) valorizava ainda a prática do jornal escolar enquanto instrumento pedagógico de inserção das crianças e dos jovens na escola do trabalho, onde eles aprendiam, desde tenra infância, todo o processo de elaboração de um meio de comunicação, concretizado, ao término de certo tempo, na criação de um jornal. Essa prática dá sentido ao trabalho desenvolvido na sala de aula.

Como salienta Élise Freinet (1979), o autor, acima referido, ao criar a sua pedagogia,

---

<sup>4</sup> Casasanta cita, em sua obra, o livro de Herminio Almendros *La imprenta en la escuela, la técnica Freinet*, publicado em Madrid em 1932.

partiu de uma crítica à aula tradicional, onde o aluno era um observador passivo. Na escola de Freinet, os jovens aprendiam fazendo – “escola do trabalho”. Os alunos participavam de todos os processos de criação dos textos, ilustrações, fase de impressão, comercialização e envio dos jornais para outras escolas. O ‘*texto livre*’ tornou-se, efetiva e eficazmente, um forte mecanismo de aprendizagem e convivência dos grupos que, afinal, se influenciavam e relacionavam. Além disso, Célestin Freinet (1974, p. 21) concebia a expressão livre como um importante substituto da redação tradicional: “[...] nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes”.

Dessa maneira, os jovens escreviam para exprimir o que sentiam necessidade de dizer e não apenas para atender às orientações do professor, partindo de temas impostos por este. E ademais, escreviam para serem lidos, construindo assim o conhecimento por meio do convívio social e da palavra. Convém destacar, no entanto, que, embora fossem livres para se expressar, as crianças não podiam expressar qualquer coisa, mas, como salienta Célestin Freinet, exprimem-se inseridas em um contexto o mais educativo possível.

Os textos deveriam ter qualidade, pois os melhores, obedecendo à regra do jornalismo, seriam publicados. Interessa observar para o nosso estudo em que aspectos a proposta de jornal escolar, implementada pela professora Jane Ribeiro, idealizadora de *O Aprendiz*, aproxima-se e se distancia do modelo de jornal criado por Freinet, uma vez que objetivamos investigar o uso do jornal como um dispositivo pedagógico de comunicação de saberes produzidos em um contexto em que a escola tinha como objetivo formar operários qualificados para o trabalho na indústria.

Interessa ainda, para esta pesquisa, a referência de Freinet aos jornais feitos pelos alunos, sem a orientação do professor. Célestin Freinet (1974, p.18) reconhece a existência de jornais escolares antes mesmo da criação de sua imprensa escolar, mas ele os considerava *clandestinos*. Afirmava que eles eram, na verdade, *antiescolares* porque não se enquadravam num método pedagógico. Eram jornais de grêmios estudantis e existiam independentemente da vontade ou coordenação de algum educador, da atividade de alguma disciplina.

Esse contexto de produção de jornais na França, sinalizado por Freinet, é descrito também por Gonçalves (2008, p. 89) em relação a Portugal:

Desde o início do séc. XX os jornais escolares ocuparam, gradualmente, uma parte importante do quotidiano escolar, sob as mais diversas formas e orientações: desde o jornal repositório de trabalhos dos alunos, até ao jornal institucional com colaboração de alunos, passando pelos jornais

integralmente produzidos e editados por estes, longe da supervisão de professores ou dos órgãos diretivos das escolas.

Gonçalves (2008, p. 90-91) afirma ainda que, a partir da década de 60, mas, sobretudo, no princípio da década de 70, em Portugal, “expandiram-se ou surgiram os jornais de turma, os jornais das associações de estudantes, os jornais de disciplina e, naturalmente, muitos jornais de escola, de todos os níveis de ensino”.

Nesse trecho, o autor apresenta várias tipologias do jornal. E a designação “jornais de escola” aproxima-se da definição de “jornal do colégio”, usada por Casasanta (1939). Segundo esse autor, o “jornal do colégio” não tem valor pedagógico algum, serve apenas para veicular notícia da Administração.

Vemos, assim, o quanto é indefinida a tipologia dos impressos escolares. Gonçalves (2008), por exemplo, classifica o jornal em três categorias: o jornal de escola ou de agrupamento, que é institucional e de iniciativa da direção, com a coordenação dos professores; o jornal de turma ou clube, que surge no âmbito de um projeto, disciplina ou clube de jornalismo e que também é coordenado por um professor; e o jornal de alunos, pensado, produzido e coordenado por eles.

Cabe ainda empreender um estudo tipológico dos periódicos escolares, o que faz Nóvoa (1993), em parte, ao constituir seu repertório da imprensa de educação e ensino em Portugal. Os periódicos foram classificados por Nóvoa (1993, p.xliv-xlvi) “numa categoria, correspondente ao tema principal para que a publicação remete”: sistema educativo e instituições escolares, professores, tipos particulares de ensino e educação, modalidades de apoio e integração socioeducativa, educação não formal e ciências da educação. Cada uma das categorias foi dividida em subcategorias, a exemplo da categoria ‘sistema educativo e instituições escolares’, dividida em: publicações oficiais (âmbito nacional); publicações de iniciativa local ou regional; liceus/ensino liceal e escolas técnicas/ensino profissional. *O Aprendiz* se insere nessa última categoria, pois, segundo Dona Jane, é um jornal de escola técnica (APÊNDICE G – Entrevista 2). Uso o termo jornal escolar, por essa designação ser mais conhecida no ambiente da ETS. Tanto Dona Jane quanto os estudantes se referem a *O Aprendiz* como “jornal” ou “jornalzinho escolar”.

Mollo (1986), em sua Dissertação de Mestrado, depois de fazer um diagnóstico dos problemas existentes na escola brasileira na década de 80 do século passado, lança uma “nova proposta” na qual defende o jornal escolar como uma forma de interação entre professor e aluno em que ambos aprendessem juntos, promovendo mudanças no tipo de relações

autoritárias que poderiam acontecer entre esses sujeitos. A autora defende ainda o ponto de vista de que o jornal deve possibilitar a discussão de temas de interesse dos alunos, o que, frequentemente, não ocorria naquela época. Ela sugere, com base na “metodologia do jornal de Freinet”, que os jornais deveriam expressar os anseios e sugestões dos alunos. Vale ressaltar ainda a defesa que Mollo faz do jornal escolar como instrumento de democratização da escola.

É necessário compreender a relação que se instaura entre o professor e os alunos no cotidiano do trabalho com o jornal escolar. O trabalho de Freinet com o jornal escolar e, ao que tudo indica, o de Dona Jane, com *O Aprendiz*, se constituíram em uma transformação da relação tradicional, hierárquica, de distanciamento, para uma relação de aproximação, instituindo-se através da comunicação dialógica. Como afirmou Dona Jane, no trecho da entrevista transcrita (ANEXO G – Entrevista 2), ela buscava escutar os estudantes, definindo as ações em grupo, propondo assim o exercício da democracia.

A escuta do outro constitui a essência do diálogo hermenêutico na perspectiva de Gadamer (2011), que vê a conversação como um “processo de acordo”, ou seja, saber colocar-se no lugar do outro.

O acordo na conversação implica que os interlocutores estejam dispostos a isso, abrindo espaço para acolher o estranho e o adverso. Quando isso ocorre de ambas as partes e cada interlocutor sopesa os contra-argumentos, ao mesmo tempo em que mantém suas próprias razões, pode-se por uma recíproca, imperceptível e involuntária transferência dos pontos de vista (o que chamamos de intercâmbio de opinião) chegar finalmente a uma linguagem e uma decisão comum. (GADAMER, 2011, p.96).

Para Gadamer (2011), o diálogo é acolhimento do Outro e dele pode surgir, e, segundo Lawn (2011, p.96):

Isso é o que ele quis dizer com o termo ‘fusão dos horizontes’; o ponto não é obscurecer e abolir o horizonte do passado (concebido como o outro), mas mostrar como aquele horizonte foi adotado e expandido no presente [...], o presente é somente o passado em outro formato.

Essa concepção de diálogo nos remete à relação pedagógica como essencialmente dialógica. Afirma Gadamer (2011, v. 1, 248) que só podemos aprender pelo diálogo.

Seguindo a escola socrática, o diálogo hermenêutico se constitui na abertura para o outro. Portanto, a aprendizagem não vem do exterior, ela se constitui numa experiência de verdade na medida em que possibilita aos sujeitos descobrirem algo novo e incorporá-lo à sua

vivência. Como refere Alves (2011, p.25), ao falar da experiência educativa:

[...] Gadamer [...] afirma que ‘educar é educar-se’. Isso implica apreciar a posição do outro (aluno) como alguém que necessita ter suas capacidades e limites respeitados. Só nesse espaço de abertura pode se dar o convencimento necessário a respeito dos conteúdos da aprendizagem, e o aluno pode realizar sua própria experiência. A experiência educativa, enquanto educar é educar-se, pressupõe reconhecer que o processo de educação é vulnerável e que se educar é uma exposição ao risco.

O respeito ao tempo de aprendizagem de cada um, a abertura para o outro e a coragem de ex-por-se remete à obra de outro precursor do trabalho com o jornal na escola, Janus Korczak que, assim como Freinet, usou a imprensa escolar como meio de expressão dos jovens, partindo de seus interesses.

Como Freinet, o médico polonês, insatisfeito com o sistema escolar de seu país e acreditando que os estudantes deveriam aprender a expressar suas ideias, a ter mais liberdade, viu no jornal um meio para o exercício da cidadania. Assim, a proposta de Janusz Korczak (1997) reconheceu o jornal como um meio de comunicação capaz de proporcionar o registro histórico da realidade. Por isso, os periódicos seriam o melhor suporte para a descrição de todas as suas experiências pedagógicas inovadoras. E foi isso o que aconteceu quando ele criou o Lar das Crianças, em 1912, para abrigar as crianças pobres da periferia de Varsóvia.

Foi nesse lugar que Korczak colocou em prática seus ideais de educação. O ambiente era o de uma república na qual ele usava um método de ensino que deveria agradar às crianças, unindo princípios de justiça, fraternidade e igualdade de direitos, além das obrigações de cada estudante. O jornal ali era um importante instrumento para se alcançar esses objetivos, além de ser o órgão de informação do lugar, no qual educadores e educandos trabalhavam conjuntamente. Além disso, o jornal funcionava como o documento histórico encarregado de registrar todas as decisões tomadas por essas instâncias – mesmo quando o alvo era o próprio Korczak.

Outro pesquisador brasileiro que tem empreendido estudos, desde os anos 80, sobre o jornal na escola, Ijuim (1989; 1995), iniciou pesquisando o uso do jornal como meio de integração disciplinar. Nos seus estudos, ele constatou tanto a possibilidade do trabalho interdisciplinar quanto outras características desejáveis ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem por meio do jornal: o maior engajamento e o comprometimento com a atividade, proporcionando mais ação que passividade por parte dos alunos, mais atividades lúdicas, o desenvolvimento de atividades em grupo; mudança na postura dos professores na

relação professor-aluno, nas formas de avaliação e no tratamento mais atrativo dos conteúdos a serem trabalhados.

Dessas propostas iniciais de Ijuim (2001, p.33-38) para o uso do jornal na escola como instrumento didático, o autor, com base na “teoria histórico-crítica”, evoluiu para a percepção do jornal como um “instrumento complexo” cujo uso deve possibilitar não apenas a aprendizagem cognitiva de conteúdos, mas também contribuir para o processo de humanização da educação. Ele defende e constata, com base na teoria da complexidade de Morin, e por meio de pesquisa-ação, o fato de que o jornal, como instrumento complexo, estimula valores como “a cooperação mais que a competição, a solidariedade mais que o individualismo, a busca de relatos verazes mais que as reportagens formatadas no autoritarismo da certeza.” (IJUIM, 2005, p.50).

Logo em seguida, afirma que a produção de jornal na escola tem como desafio conseguir que “os hábitos de observação, reflexão e expressão do momento histórico sejam vivenciados com mais sensibilidade, emoção e intuição pelos participantes para que, assim, possam saber mais a fim de viverem melhor na mesma teia universal.” (IJUIM, 2005, p.50)

A tese de Ijuim (2005) é um avanço na concepção de jornal escolar e de ensino-aprendizagem e vai ao encontro de propostas atuais de trabalho com mídia-educação direcionado para o desenvolvimento da cidadania.

Ismar Soares (2011a, p.18), ao refletir sobre a inserção da mídia-educação nas escolas brasileiras ressalta que, em relação às tecnologias, “o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem oferecer para ampliar os diálogos sociais e educativos”.

Kaplun (2011), ao criticar o modelo de educação à distância que se vem praticando na atualidade, vai enfatizar a ausência do diálogo e de espaços para a expressão dos alunos e não o domínio dessa tecnologia. O filósofo, citando Vygotsky, mostra que o desenvolvimento do pensamento se dá por meio da palavra. Expressando-se, aprende-se, e o crescimento intelectual depende do uso da palavra. Ademais, a linguagem é adquirida na comunicação: conversando e escutando com outros sujeitos, lendo e escrevendo, expressando-se, afinal. O autor defende em relação ao ensino/aprendizagem:

Para cumprir seus objetivos, todo processo de ensino/aprendizagem deve, então, dar lugar à manifestação pessoal dos sujeitos educandos, desenvolver sua competência lingüística, propiciar o exercício social através do qual se apropriarão dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceitual. Em lugar de confiná-los a um mero papel de receptores, é preciso criar as

condições para que eles mesmos gerem mensagens próprias, pertinentes ao tema que estão aprendendo. (KAPLUN, 2011, p.182).

Portanto, o conhecimento se forma a partir de sua expressão. Uma coisa não acontece primeiro que a outra. Elas são o resultado de uma interação: “alcança-se a organização e a clareza desse conhecimento ao convertê-lo em um produto comunicável e efetivamente comunicado” (KAPLUN 2011, p. 183). Para que isso aconteça, é necessário interlocutores, saber que vai escrever para ser lido, preparar suas falas na certeza de que vai ser ouvido. Deduzimos, então, a importância do jornal escolar como meio de interação, humanização e produção de sentidos pelos estudantes.

No entanto, ao apresentar o seu conceito de educação, Kaplun (2011, p.182) assinala a importância de colocar à disposição dos educandos formas diversificadas de interação: “Educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo quando mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e pôr à disposição dos educandos”.

Barreto (2012) narra uma experiência de formação de leitores-autores na qual convergiram três meios impressos: um jornal mural, um informe/jornal escolar e um espaço conquistado no Jornal *O Progresso*. A partir da leitura de jornais na escola, os jovens se tornaram autores, produzindo matérias sobre os problemas da comunidade. Passaram a reivindicar seus direitos e mudanças para a cidade, exercitando a cidadania e a leitura de mundo. Ela constatou ainda que a experiência, que partiu de um projeto do professor de português em parceria com a coordenação e a direção da escola, possibilitou aos jovens a “ressignificação de seu papel enquanto sujeito naquela comunidade” e “uma aprendizagem para além de cognitiva, que faz referência aos quatro pilares da educação de Jacques Delors (2006): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser” (BARRETO, 2013, p.70). Porém, por falta de uma maior abertura na relação professor-estudante alguns temas de interesse dos jovens como sexo, *bullyng*, moda, etc., não foram abordados nos jornais.

### 2.3 NARRADORES E EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA

No texto “O Narrador”, Walter Benjamin (1975, p.63) nos alerta sobre a extinção da narrativa por meio da perda da “capacidade de trocarmos pela palavra experiências vividas”. E é, justamente, essa troca de experiências, que na tradição oral se transmite de boca a

ouvido, a fonte de todos os narradores.

Por sua vez, a narração traz para a história a possibilidade de reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época, segundo Ecléa Bosi (2003 b). Isso não seria possível se nos tivéssemos apenas às fontes oficiais. Elas, muitas vezes, são generalizantes, distanciando-se da realidade. Além disso, não possibilitam o contraponto de vozes na criação do imaginário, no modo de ver e sentir de gerações distintas da nossa.

A importância da *memória dos velhos* para a história do presente está na possibilidade de constituição do cotidiano e das “paixões individuais, que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003 b, p. 15 ). A autora defende ainda a ideia de que essa memória pode ser trabalhada como um mediador entre o presente – a nossa geração – e as testemunhas do passado, possibilitando o olhar sobre a realidade do tempo em que se vive ou tenha vivido.

Benjamin (1975, p.65), a partir da análise dos contos do escritor Nicolau Lescov, afirma que as melhores histórias escritas são aquelas que mais se aproximam das narrativas orais, pois

[...] o narrador é uma espécie de conselheiro de seu ouvinte. E, se hoje, esta expressão ‘conselheiro’ tem um sabor antiquado, mesmo neste sentido, então é porque diminuiu muito a habilidade de transmitir oralmente ou por escrito, alguma experiência. Por isso mesmo não temos conselhos a dar nem a nós mesmos, nem aos outros.

O conselho, para ele, se constitui em sabedoria, vivenciada no correr do tempo e do espaço da existência. A arte de narrar está em extinção justamente porque o lado épico da verdade, a sabedoria, está em extinção.

Para Benjamin, principalmente a quantidade excessiva de informação veiculada pela imprensa seria uma das causas das “vias de extinção” da narrativa. Larossa Bondía (2002) elenca, igualmente, o excesso de informação como um dos inimigos da experiência. E vai além e inclui também o excesso de imagens, de trabalho e de opinião.

Esse autor distingue experiência de informação e trabalho, caracterizando o sujeito moderno como um ser insaciável de notícias, novidades e informações. A velocidade com que os acontecimentos ocorrem impede, a esse sujeito, a vivência do silêncio e enfraquece a memória, fazendo com que esse “sujeito da informação, da opinião e do trabalho” não seja um “sujeito do saber, do fazer, do poder ou do querer”. Já ‘O sujeito da experiência’ é aquele que é afetado pelos acontecimentos (LAROSSA BONDÍA, 2002, p.24).



Caracteriza-se pela passividade, pela abertura para viver a paixão (padecimento), por ter a disponibilidade para o ser ou tornar-se realidade, como resultado de uma ação, ou parte de um processo em que ele se envolve e, ainda, a capacidade do sujeito de ex-por-se e ter abertura para o outro.

É nessa possibilidade de experiência como transformação e exposição do ser que a produção de jornais nas escolas pelos alunos pode constituir-se em momentos significativos de formação dos sujeitos-autores, que expõem suas experiências por meio da linguagem.

Apresentamos Benjamin, Bosi e Larossa Bondía como parte do nosso embasamento teórico-metodológico porque nosso estudo de campo se ampara na escuta da professora idealizadora do jornal escolar *O Aprendiz*, Dona Jane Ribeiro, hoje com 93 anos.

Lendo e interpretando suas narrativas sobre a experiência que vivenciou na Escola Técnica de Salvador durante o período em que ali atuou, percebemos como ela soube compreender e expressar os problemas vivenciados na produção, circulação e recepção do Jornal, bem como atribuiu, em sua narrativa, significados a essa experiência. Fez isso de forma lúdica, prazerosa, comprometida com a ‘verdade’ dos fatos. Trouxe para o presente a memória biográfica, como também a memória política, social, cultural, educacional e coletiva, ao historiar a sua relação com a educação. Mostrou ainda os preconceitos, o ambiente da época, a memória do trabalho – os ofícios e os mestres, os conteúdos de ensino e a didática empregada, o caráter e o comportamento dos professores, as transformações que imprimiu à educação na ETS com o POE durante o governo de Getúlio Vargas, ‘o chão da escola’, parafraseando a expressão, ‘o chão da fábrica’.

O que mais nos chamou a atenção na narrativa de Dona Jane foi perceber as transformações pelas quais passou a escola, desde a derrubada da fachada do prédio belíssimo, construído em pedra lavrada, até a mudança nos cursos. A escola deixou de ensinar os ofícios tradicionais, a exemplo da tipografia e da gravura, o que mostra a transformação rápida da sociedade industrial para a sociedade tecnológica na Bahia. A partir do testemunho da professora Jane, buscamos perceber nas narrativas impressas no corpo d’*O Aprendiz*: as experiências dos atores, os sonhos e os anseios, a imagem que tinham da mídia, da escola, da cidade, do estudo e do trabalho.

Interessante perceber que, ainda quando jovem, em coletânea de textos (1913-1932) publicadas antes de “O Narrador”, cuja primeira edição é de 1936, Benjamin (1984, p.23-25) já alertava para o fato de que alguém, no lugar de adulto, do professor, do pai, narra a experiência vivida, passando a ideia de que as singularidades possíveis de serem

vivenciadas pelo jovem já não são possíveis. Portanto, entender o jornal escolar como uma experiência comunicativa pressupõe, também, uma “convocação à experiência”.

Para Larossa Bondía (2002), a educação deve possibilitar a aprendizagem do saber da experiência. Esse saber funda um conhecimento e uma práxis, porém diferentes do saber científico e da informação e de uma práxis distinta da técnica e do trabalho. Ele acontece entre o conhecimento e a vida humana. A experiência é uma espécie de mediação entre ambos. Ele permite nos apropriarmos de nossa própria vida. Portanto, é um saber particular, individual, vivido por cada um de forma única. O saber da experiência relaciona-se com a existência, com a vida de cada pessoa concreta, é, pois, singular.

Larossa Bondía (2002) critica a ciência moderna, que desconfia da experiência, a partir de Descartes e de seu método científico de comprovação do experimento, que passou a ocupar o lugar da experiência. Enquanto a lógica do experimento exige a conformação, a da experiência produz pluralidade, diferença e heterogeneidade. A experiência é irrepitível e exige uma abertura para o desconhecido e para o novo.

Assim também é o momento da transmissão oral, irrepitível e único, no qual a interação entre narrador e pesquisador faz surgir uma profusão de sentidos, marcados por hesitações, certezas, incertezas, visões, opiniões e ideologias. A memória oral, como afirma Bosi (2003 b, p.18), também tem “seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade.” E nela, o esquecimento tem a função de recriar o acontecido, daí a fonte oral sugerir mais que afirmar, caminhar em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa.

Segundo Bosi, o que chama atenção e é enriquecedor para a pesquisa é perceber o “desnível assustador de experiência vivida nos seres que compartilharam a mesma época”. O que importa, portanto, é colher das narrativas uma ‘visão do mundo’, pois

Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados. (BOSI, 2003 b, p. 19-20).

Portanto, justificamos aqui a inserção das histórias como testemunhos para o desenvolvimento da pesquisa e a escrita deste texto, pois acreditamos que uma história se compõe de atores que a encenam, cada um tendo um papel na dinâmica da vida. Por trás de uma prática, existem sujeitos, pessoas que a tornaram possível. Pessoas que tiveram a iniciativa de fazer algo diferente. Ainda nos causa estranhamento encontrar trabalhos de comunicação com viés historiográfico nos quais as instituições surgem destituídas de

sujeitos e de seus corpos. E, por que não ir até às pessoas, presencialmente, se estão acessíveis, enquanto têm histórias para contar?

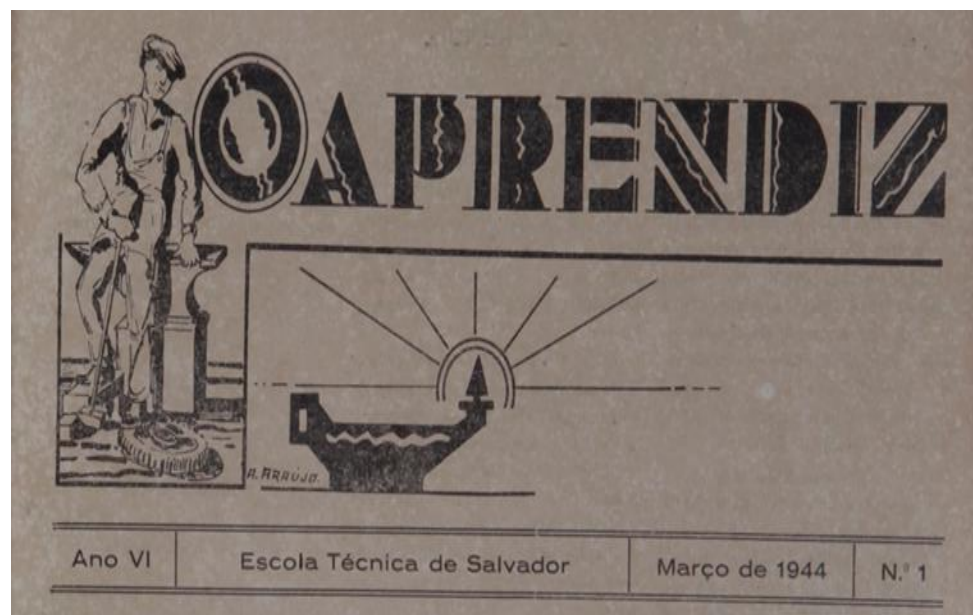
Como afirma Bosi (2003 b, p.17): “Quando se trata de história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!”. As narrativas possibilitam a compreensão do passado e foi de fato uma alegria encontrar Dona Jane, em seis ocasiões, para um bate-papo. Pensamos que, nesses encontros, logramos criar um clima de amizade e de interesse pelo que foi narrado, estar com a atenção centrada na narradora e em sua narrativa, pois estivemos atentas não apenas aos aspectos técnicos do registro, como também àqueles interacionais, para favorecer a ‘performance’ da entrevistada e ter sucesso na realização da pesquisa oral, como propõe Bosi (2003 b, p.59-67), em “Sugestões para um jovem pesquisador”.

### 3 O APRENDIZ: UM JORNAL NACIONALISTA EM DEFESA DO ENSINO TÉCNICO

Um dos objetivos a que nos propusemos, conforme a Introdução deste trabalho, foi abordar o Jornal *O Aprendiz* como um objeto global de comunicação. Para isso, descrevemos os aspectos ligados a sua elaboração, circulação, edição, ciclo de vida e catalogação de seus temas e seções. A nossa intenção foi conhecer o jornal de forma ampla, para mostrar o seu uso como um dispositivo pedagógico de comunicação e um texto produtor de sentidos.

Há indícios de que *O Aprendiz* tenha iniciado seu ciclo de vida em 1935, alicerçado nos princípios do *civismo, trabalho e perseverança*, na Escola de Aprendizes e Artífices da Bahia, daí advém seu nome. E de que circulou durante cinco anos, encerrando suas atividades depois desse período. Uma prova concreta que restou desse primeiro ciclo foi relatada por Dona Jane em conversa preliminar, gravada em dezembro de 2011 (APÊNDICE G — Entrevista 1), em que ela afirma o encontro do cabeçalho do jornal *O Aprendiz* na oficina de impressão e tipografia, cabeçalho este que foi reaplicado na retomada de circulação do jornal, com a simples mudança do ano de circulação (ANO VI), mês e ano a que se refere a edição. Foi publicado em março de 1944, na primeira edição do segundo ciclo de vida.

Figura 1 – Primeiro Logotipo do Jornal *O Aprendiz*



Fonte: *O Aprendiz* (mar. 1944).

Trata-se de um desenho de A. Araújo, pleno de simbolismos. Apresenta um farol irradiando luz, que se expande para as letras que imprimem o nome do jornal, localizado acima dele. Do lado esquerdo, a imagem de um aprendiz sorridente, com boné e avental, segurando na mão direita uma marreta, que representa o seu trabalho. Ele está pisando uma roldana. Abaixo da imagem, encontram-se informações sobre o ano de publicação, o nome da instituição, mês, ano e número da edição. Essa edição, cujo editorial de capa traz uma matéria sobre a obra de Castro Alves, está impressa em branco e preto.

O jornal, composto por quatro páginas em suas três primeiras edições, passa a encabeçar, a partir da quarta edição (junho de 1944), à direita e abaixo do título *O Aprendiz*, o subtítulo, em caixa-alta e letras de tipos e tamanhos diferentes: *Órgão dos alunos da Escola Técnica de Salvador*. Nessa edição, o número de páginas aumenta de quatro para seis. Ao contrário das edições anteriores, a capa traz apenas o texto visual – um desenho do professor Eduardo Lemos do Curso de Pintura – com a representação do São João na roça, em vez de texto verbal ilustrado sobre o assunto central do mês. O editorial (“Junho”), de autoria da Prof<sup>a</sup> Mariêta Lobão Gumes, vem na página 2. A página 3 é dedicada aos textos assinados pelos alunos – artigos pequenos sobre o mesmo tema do editorial – os festejos de São João.

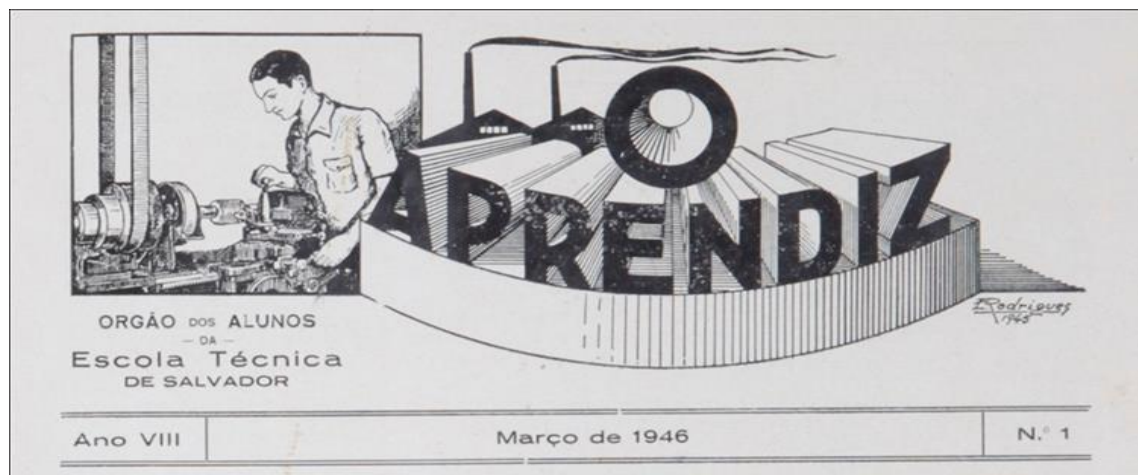
Figura 2 – Cabeçalho da edição de junho de 1944



Fonte: *O Aprendiz* (n.4, jun. 1944).

Em março de 1945, *O Aprendiz* traz um novo cabeçalho, fabricado em estilo cliché, que será publicado sem alterações, a não ser na cor, de preto para azul, até a sua penúltima edição, referente aos meses de out./nov. de 1946. Ele é apresentado numa pequena notícia – “O novo cabeçalho d’O APRENDIZ” –, por meio da qual ficamos sabendo que foi criado pelo Prof. Eduardo L. Rodrigues do Curso de Desenho e Pintura e confeccionado pelo Prof. Assir Rodrigues, a pedido da Redação, e escolhido por meio de votação dos funcionários e alunos (*O Aprendiz*, n.1/45, p. 2). Como podemos ver, na Figura 3 a seguir, saiu a informação do local de publicação (Escola Técnica de Salvador), pois ela já estava contida no subtítulo do jornal. Nesse novo cabeçalho, a representação d’*O Aprendiz* é mais sóbria e mostra uma concepção distinta de homem e de trabalho.

Figura 3 – Segundo Logotipo d’ *O Aprendiz*



Fonte: *O Aprendiz* (n.1, mar. 1946).

Enquanto, no primeiro cabeçalho, registra-se um corpo sentado, numa posição descontraída, olhando para frente, embora portando ferramenta de trabalho, no segundo, a figura representada está em pé, executando uma tarefa, e direciona o olhar atento para a máquina. Essa figuração presente no cabeçalho remete para as transformações que a escola estava sofrendo.

Na década de 40 do século XX, a ETS buscou desconstruir a visão assistencialista, que advinha de sua origem na Escola de Aprendizes Artífices em 1910, criada para abrigar as classes desfavorecidas e com a função de controle social, voltada para *tirar o pobre da ociosidade*, estigma que carregou por muito tempo, um período em que, objetivamente falando, a Escola Técnica ficou conhecida como a “Escola do Mingau”. Assim, a ETS buscou desenvolver o ensino com vistas à formação do operário.

Em ambas as representações do aprendiz, o modelo é o hegemônico, jovem de cor branca, traços finos e cabelo liso. Em algumas fotografias, vemos que os estudantes têm um perfil afrodescendente, porém todas as representações do aprendiz e do trabalho trazem o modelo mais aceito pela sociedade, a exemplo dessa outra ilustração de autoria do mesmo criador do novo cabeçalho em que, na representação imagética do trabalho, o corpo do aprendiz vem acoplado à máquina.

Figura 4 – Ilustração do texto “O Trabalho”



Fonte: Capa: *O Aprendiz* (n. 3, 1944).

Figura 5 – Foto realizada durante a visita do Ministro da Educação à ETS



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n.5, 1946).

A coleção do jornal está organizada em dois tomos. Foi encadernada na ETS, a pedido da professora Jane, depois que *O Aprendiz* deixou de ser editado. Nesse segundo ciclo de vida, *O Aprendiz* foi impresso em papel jornal, em formato 21.5 x 31.5, a capa do Tomo I encadernada tem 0,2 cm a mais de largura e comprimento, a lombada em vermelho (5 cm), frente e verso, e o restante da capa em verde escuro. A contracapa verde tem o mesmo tom da capa com *chuviscos* brancos. Apresenta, no canto esquerdo acima, a marca da Tipografia e Encadernação da Escola Técnica de Salvador. A página 1 é da mesma cor da contracapa. Essa tipografia ficou muito conhecida na época, pois encadernava volumes para o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e outras instituições de Salvador. A página 3 traz texto manuscrito com dedicatória assinada e datada (Salvador, 23/09/2009).

A capa do Tomo II tem praticamente a mesma dimensão daquela do Tomo I, com a lombada vermelha e o restante em marrom frisado para diferenciar do outro volume e tem a contracapa em marrom mais claro como contraste. A página 3 traz a dedicatória desse volume no mesmo estilo da anterior. As folhas de ambos os tomos encontram-se amareladas pela ação do tempo, mas ainda em bom estado de conservação. As páginas de algumas edições impressas em papel cuchê estão em melhor estado de conservação e mantêm o branco original.

*O Aprendiz* foi publicado mensalmente, sempre a partir do mês de março, início do ano letivo, até novembro, último mês de aulas regulares. O mês de dezembro era reservado para exames, colação de grau dos artífices de cada ano e início das férias. Porém, em dois anos consecutivos (1945 e 1946), a última edição do ano abarcou os meses de outubro e novembro. Tivemos acesso à coleção original no início da consulta às fontes. Mas utilizamos, nesta pesquisa, a coleção fotografada por Márcio Lima, fotógrafo pernambucano residente em Salvador.

O Tomo I contém as edições referentes aos dois primeiros anos de publicação (1944 – 1945), com 17 números; o Tomo II, compõe-se de 9 números. A coleção completa em dois tomos possui 26 edições. No Quadro 1 a seguir, podemos visualizar os números publicados, seus respectivos meses, quantidade de páginas por edição, número total de páginas por edições mensais e número de edições mensais.



Quadro 1 – Relação das edições

Ed.	1944	Nº pp.	1945	Nº pp.	1946	Nº pp.	1947	Nº pp.	Total pp. das edições	Nº de edições mensais
n. 1	Mar.	4	Mar.	8	Mar.	12	Mar.	12	36	4
n. 2	Abr.	4	Abr.	10	Abr.	10			27	3
n. 3	Mai	4	Mai	16 <sup>5</sup>	Mai	16			43	3
n. 4	Jun.	6	Jun.	8	Jun.	8			25	3
n. 5	Jul.	12	Jul.	10	Jul.	16			38	3
n.6	Ago.	6	Ago.	6	Ago.	12			27	3
n. 7	Set.	14 <sup>6</sup>	Set.	16	Set.	14			44	3
n. 8	Out.	12	Out./Nov.	12	Out./No	12			36	3
n. 9	Nov.	8							8	1

Fonte: Elaboração própria (2016).

Em março de 1947, o jornal fecha seu ciclo de vida, quando Dona Jane deixa a coordenação. Durante os quatro anos de seu funcionamento, *O Aprendiz* era lido pela comunidade interna e externa. Parte da edição mensal, impressa em papel cuchê, era encaminhada às autoridades ligadas ao ensino e à indústria e, ainda, às ET do Brasil e aos colégios ginasiais de Salvador. Ver a correspondência recebida pelo jornal na qual os leitores agradecem o envio das edições, dentre eles se destacam figuras como o Dr. Abgar Renault – Diretor do Departamento Nacional de Educação e Gustavo Capanema - Ministro da Educação (Apêndice E).

O conteúdo dos textos verbais e visuais era definido a partir do tempo histórico do calendário cívico e escolar, e distribuído em três colunas por página, porém essa distribuição varia, às vezes, quando um texto ocupa a página inteira, como nas capas. Outras vezes, a página é dividida horizontalmente em duas partes. Os aspectos visuais são riquíssimos, constituindo um trabalho de arte gráfica exemplar para a época.

Vultos da história e datas festivas apareciam todo ano, no mês específico de cada comemoração: Castro Alves, 19 de Abril – aniversário do Presidente Getúlio Vargas, Dia

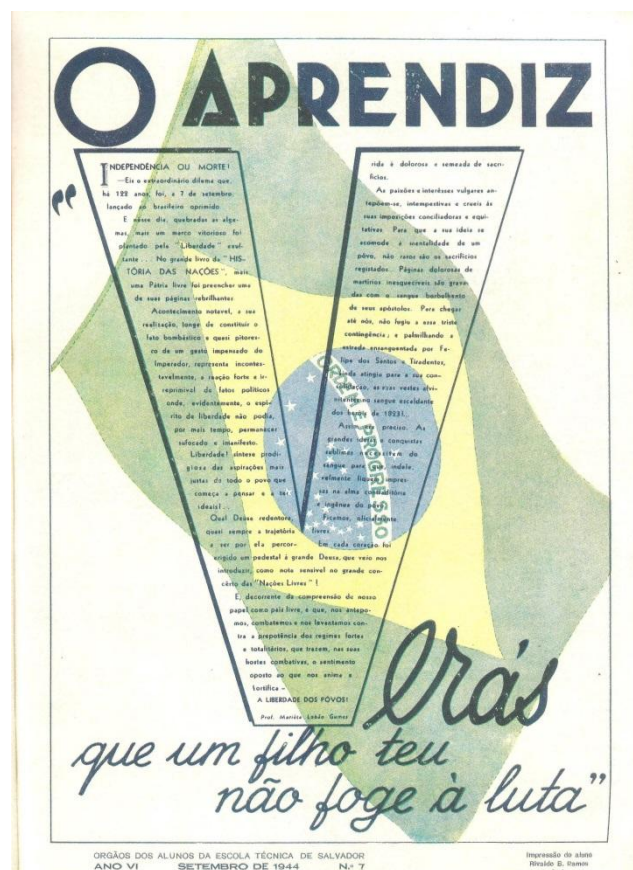
<sup>5</sup> Edição especial, as 10 primeiras páginas são dedicadas à HOMENAGEM D'O APRENDIZ À VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS. A capa com logotipo aparece sem numeração, mas corresponde à p. 11.

<sup>6</sup> Essa edição apresenta erro de numeração, uma página ficou sem numeração e outra repete o mesmo número (10). São computadas 12 páginas, mas encontramos 14.

do Trabalho, São João, 2 de Julho, Dia do Soldado/Duque de Caxias, a Independência, a Aviação Brasileira, a República, etc. O assunto mais importante do mês era abordado no Editorial, publicado na capa ou na página 2, sempre de autoria dos professores, funcionários ou da Redação, nos dois primeiros anos de circulação do jornal.

No Quadro 1, podemos conferir a importância que cada tema tem a partir do número de páginas por edição como também no somatório total, ocupando o primeiro lugar, como setembro, mês dedicado à Semana da Pátria e também à Primavera. Os textos verbais e visuais são de cunho nacionalista. A primeira das capas sobre a Semana da Pátria (n.7/44), pensada por D. Jane e executada pelo professor de desenho Eduardo Lemos, traz o texto da Prof.<sup>a</sup> Mariêta Lobão Gumês impresso na letra ‘V’, sobreposta à bandeira nacional, iniciando o título *Verás que um filho teu não foge à luta*, um dos versos da letra do Hino Nacional.

Figura 6 – Capa da edição de setembro de 1944



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n.7, 1944).

Já a capa da edição do ano seguinte (n. 7/45) traz representação iconográfica e verbal do Grito do Ipiranga: *Independência ou morte!*

Figura 7 – Capa da edição de setembro de 1945



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n.7, 1945)

As edições de julho, mês dedicado à Independência da Bahia, ficam em terceiro lugar nesse critério por causa da edição de maio de 45, que traz dez páginas (p.1-10) em “Homenagem à vitória das Nações Unidas”, na Segunda Guerra. Assim, o Jornal também incorpora esse contexto histórico como temática. No entanto, a história da Bahia é o segundo tema em ordem de importância. *O Aprendiz* é um jornal de opinião, assim como outros jornais da época, que divulga o discurso nacionalista, cívico, presente na sociedade de então. Embora saibamos que diversas Escolas Técnicas e Industriais, nos anos 30/40 do século XX (APÊNDICE E), tenham editado periódicos escolares, tivemos acesso ao conteúdo de apenas um deles e de forma indireta, por meio da dissertação de uma colega do Instituto Federal de Sergipe (ALMEIDA, 2009). Trata-se da *Revista Sergipe Artífice*, Órgão Oficial da Escola Industrial de Aracaju, do qual a Redação de *O Aprendiz* recebeu o n. 13 (O APRENDIZ, n. 7/44, p. 12).

Essa circularidade encontra-se ainda na coluna “O Aprendiz Social”, onde os ritos sociais emergem: aniversariantes de cada mês, nascimentos, casamentos, falecimentos,

missas, afastamentos, viagens, agradecimentos, publicações recebidas e adquiridas e visitas de autoridades à instituição. O periódico registra também as festas escolares, as atividades extraclasse, as mudanças promovidas no ensino, o movimento mensal do Gabinete Médico-odontológico e da Biblioteca, impressões dos leitores, os campeonatos de basquetebol e futebol, as reuniões do Círculo de Estudos, os ofícios, as invenções e seus inventores, as riquezas naturais do Brasil, entre outros (V. APÊNDICES).

Embora não conhecesse o trabalho precursor de Celéstin Freinet com a imprensa escolar, Dona Jane, em colaboração com professores, funcionários da administração e alunos, assim como o pedagogo francês, usou a mídia impressa como dispositivo de socialização e inserção dos jovens na escola do trabalho, onde eles aprendiam todo o processo de elaboração de um meio de comunicação, concretizado, ao término de certo tempo, na criação de um jornal. “O Aprendiz foi executado pelos alunos do Curso de Tipografia, Encadernação e Gravura”: essa informação surge impressa a partir da sua 2ª edição (abr. 1944), no pé de página, e, nas seguintes, geralmente na página 3; em algumas edições, ela não é publicada. A composição era feita com tipos de metal, num trabalho artesanal quase perfeito. Encontramos pouquíssimos erros de impressão nas 26 edições que compõem a coleção. A Redação ficou a cargo da Biblioteca, local onde Dona Jane trabalhava.

A divisão do segundo ciclo de vida do jornal em duas fases auxilia no entendimento desse aspecto que se relaciona ao próprio desenvolvimento de publicação das edições, em paralelo com o funcionamento do Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador – CETS, criado em 1946.

Por meio dessas fases, podemos observar os efeitos da aplicação do Projeto de Orientação Educacional (POE), no que diz respeito a uma maior autonomia na participação dos estudantes em relação ao desenvolvimento da escrita dos textos publicados e à produção do jornal. Usaremos a seguinte divisão em fases, quando ela ajude no processo de descrição:

Quadro 2 – Fases do segundo ciclo do Jornal *O Aprendiz*

<b>Fases</b>	<b>Tomos</b>	<b>Período de publicação</b>
1ª	I	mar.1944 – nov.1944 a mar.1945 – out./nov.1945
2ª	II	mar.1946 – out./nov.1946 a mar.1947

Fonte: Elaboração própria (2016).

Na primeira fase, *O Aprendiz* assume um caráter mais doutrinário, sendo utilizado para a defesa dos valores morais, o patriotismo, o trabalho, o estudo e a obediência ao Estado, o elogio a Getúlio Vargas e seu governo, etc. Nas páginas do jornal, são divulgados os feitos históricos nacionais, as riquezas naturais do Brasil, os exemplos de personagens da história, sobretudo brasileira e baiana, inventores, homens que contribuíram para o crescimento da Nação. O jornal, nesta fase, parece cumprir sua função maior de dispositivo pedagógico de comunicação dos valores intelectuais e morais a serem introjetados pelos aprendizes (Ver Cap. 5).

Nesse período, surge a preocupação com a formação e a afirmação de uma identidade nacional. A defesa do léxico indígena, por exemplo, encontra-se num artigo da edição n. 7/44, como uma das facetas do nacionalismo que perpassava a sociedade e se disseminava no jornal. A divulgação do ideário do Estado Novo, isto é, o discurso político de defesa do trabalho como meio de contribuição patriótica para o progresso da Nação, embora presente em ambas as fases, predomina nesta primeira.

Marcou ainda essa fase a colaboração da secretária da Escola, a professora Mariêta Lobão Gumês, que publicou artigos em todas as edições de 1944 e 1945 (APÊNDICE B). Muitos deles debatem as ideias pedagógicas escola-novistas vogentes na época. Como afirmou a Prof.<sup>a</sup> Jane, ela fazia correções estilísticas nos textos da professora, visando a compreensão do significado pelos alunos, já que ela escrevia, embora o fizesse muito bem, num estilo um pouco antigo para a linguagem do público-alvo.

Na primeira fase, 94 aprendizes (em 1944, 69; e em 1945, 25, entre estes, apenas 2 do Curso Técnico), alunos da 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série do curso ginasial/industrial, publicaram textos escritos por eles e corrigidos por Dona Jane e/ou pelos professores das disciplinas gerais (Apêndice A). Eram filhos do proletariado baiano, moradores do bairro da Liberdade e do Subúrbio Ferroviário de Salvador, afrodescendentes pobres, de faixa etária entre 10 e 14 anos. Em 1945, 48 alunos publicaram textos: 25 que ainda não haviam publicado na fase 1 e 23 que continuaram a participar do jornal. Eles se exprimiam inseridos em um contexto o mais educativo possível. É claro que não podiam falar de tudo nesse periódico, editado num *Estado de exceção*, expressão usada aqui como um “patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo” (AGAMBEN, 2009, p.13).

Temas como sexualidade e repressão não eram abordados explicitamente, muito menos críticas ao governo de Getúlio Vargas, pois, como afirmou Dona Jane, seu trabalho era inspecionado por funcionário do Ministério da Educação e Saúde, e, caso isso

acontecesse, provavelmente o jornal seria vetado.

Nesta primeira fase, a participação dos professores também foi significativa, sendo 11 da ETS e um visitante (APÊNDICE B). Os editoriais foram todos escritos por professores colaboradores e pela Redação (APÊNDICE C) e eram publicados na capa ou na segunda página do jornal. Abordavam o assunto mais importante do mês segundo o calendário escolar. Dona Jane afirma que a seleção dos temas do editorial se pautava também na importância/significado para o objetivo da escola: a formação de operários qualificados. No entanto, apenas os editoriais de maio de 1944 e de 1945 e um de setembro de 1945 (“O trabalho” e “1º de Maio”, e o editorial sobre “Nilo Peçanha”) tratam de temas diretamente ligados ao ensino técnico. E, mesmo assim, estão relacionados aos calendários cívico e escolar: Dia do Trabalho e comemoração do 37º Aniversário de criação das EAA.

O jornal contou ainda com a colaboração de técnicos, entre eles, o diretor, dois médicos, o secretário, auxiliares de ensino, um auxiliar de biblioteca e outro de almoxarifado (APÊNDICE B). Na parte iconográfica e de impressão, teve como colaboradores assíduos o “PROF. LUIZ SANTOS, com a sua grande capacidade em Artes Gráficas”, que também publicou artigos sobre as técnicas de tipografia, e o Prof. Eduardo Lemos Brito “na confecção de desenhos para os nossos clichês”, executados pelos alunos do Curso de Gravura. Nessa tarefa, os alunos eram orientados pelo Prof. Assir Rodrigues (O APRENDIZ, n. 7/44, p. 9).

Os textos verbais publicados n’*O Aprendiz* também remetem ao contexto do período que ficou conhecido no Brasil como a Era Vargas (1930-1945). O editorial de relançamento do jornal apresenta o seguinte objetivo do seu programa:

Apresentamos, mais uma vez, aos olhos benévolos dos leitores, O APRENDIZ, que, seguindo a força imperiosa do seu destino, deixou de circular durante quatro anos, para com imensa alegria, reiniciar sua jornada, de ânimo firme e sobranceiro, sem olhar o caminho percorrido para não desanimar e ensaiando os primeiros passos na estrada espinhosa que tem a percorrer.

Voaram-se os anos, sucederam-se rápidos e agora, O APRENDIZ vem novamente a lume, com as suas colunas ilustradas com a valiosa colaboração dos alunos e todos que, neste Estabelecimento, trabalham pelo ideal de Educar.

Educar! Para DEUS, para a PATRIA, para a HUMANIDADE. fazendo de “cada dia o resumo da vida inteira, e para isso é mistér enchê-lo com a ORAÇÃO, o TRABALHO, a CARIDADE.” Elizabeth Leseur

O Aprendiz não pretende filigranar em suas colunas jóias literárias; quer apenas, prosseguir inabalável, nos seus alicerces de civismo, trabalho e perseverança, para atingir à finalidade do seu programa, que, dadas as

nossas possibilidades, terá de limitar-se a estímulo do estudo, do trabalho e do fiel cumprimento do dever. (O APRENDIZ, n.1/44, p. 2)

Por meio da ferramenta *find* do programa *Adobe Acrobat Reader DC*, fizemos o levantamento das palavras que expressam os *alicerces* do jornal como também a sua plataforma, observando o número de ocorrências e o contexto linguístico de cada uma.

Quadro 3 – Ocorrências de palavras -1

Palavras	Número de Ocorrências
civismo / cívico	20
trabalho (s) / trabalhar	355
Perseverança	16
estudo (s)/estudar	161
dever (es)/deveria(mos)	94

Fonte: Elaboração própria (2016).

Quando observamos o vocábulo *trabalho(s)*, vemos que ocorre no singular e no plural e na forma verbal e sobressai em quantidade. Entre as palavras com as quais aparece relacionada nas tríades *civismo/trabalho/perseverança* e *estudo/trabalho/dever*, predomina *estudo*. Nas distintas análises que surgem nas colunas do jornal, a educação técnica tem como objetivo o estudo e a preparação para o trabalho. Por sua vez, o trabalho tem diversas finalidades, sobressaindo-se, dentre elas, o *progresso da Pátria*. Buscamos ainda, como espelha o Quadro 4 abaixo, computar o número de palavras que correspondem ao ideal de educação também apresentado no editorial de abertura do jornal: “Educar! Para DEUS, para a PÁTRIA, para a HUMANIDADE” (O APRENDIZ, n. 1/44, p. 2).

Quadro 4 – Ocorrências de palavras - 2

Palavra	Número de Ocorrências
Educar + Educação	8 + 46 = 54
Deus	44
Pátria, pátria	194
Humanidade	43
Nação + nacional	39 + 180 = 219

Fonte: Elaboração própria (2016).

Vemos, a partir dessas ocorrências, que o alicerce do civismo também foi retomado no

segundo ciclo d’*O Aprendiz*. A partir da ocorrência significativa da palavra *Pátria*, escrita na maioria das vezes com inicial maiúscula. Podemos afirmar que *O Aprendiz*, como um jornal de opinião, se tornou um dispositivo pedagógico de comunicação na disseminação do ideário republicano nacionalista, em que aos direitos do cidadão se sobrepõem os deveres (*o cumprimento do dever*).

### 3.1 A MISSÃO D’O APRENDIZ

Em sua tese de doutorado, Cleber S. Vieira (2008, p.62), ao historiar o significado da palavra civismo, mostra que o primeiro significado para cívico é cidadão: “[...] foi no período do Estado Novo sob o comando de Getúlio Vargas que se operou a conversão de civismo em um tipo de patriotismo desprovido de conteúdo político”. A ideia de cidadania, que antes desse período estava ligada à palavra civismo, se ausenta dos livros didáticos. A *sacralização da política* (LENHARO, 1986) atingiu esse gênero textual e outros tipos de impressos, a exemplo dos impressos escolares. A ideia de civismo passou à de patriotismo, amor e dever para com a pátria. O vocábulo *cidadão*, sempre no masculino, e algumas vezes no plural, ocorre apenas 10 vezes no corpo d’*O Aprendiz*, ligado, na maioria das vezes, à noção de dever, de servir à pátria.

Utilizamos aqui a categoria *representação* como *o mundo construído pela linguagem*. Por isso nos detivemos sobre os aspectos verbais do texto como uma trama de traços verbais e não verbais. Na perspectiva da teoria do discurso como produção de sentido o que caracteriza um texto é aquilo que o diferencia de outros textos, uma vez que “um texto não tem propriedades em si” (VÉRON, 1980, p. 82). Fazemos aqui a análise dos sentidos produzidos n’*O Aprendiz* a partir da comparação entre objetos textuais distintos, uma vez que o sentido se constrói socialmente.

Vamos nos ater, inicialmente, às tríades que se constituem no lema e nos alicerces do jornal, respectivamente, “Educar! Para DEUS, para a PATRIA, para a HUMANIDADE” e “Civismo, Trabalho e Perseverança”. Esses enunciados podem ser concebidos como uma formação discursiva porque dialogam com outros enunciados e partem de uma escolha temática: Educar para Deus remete à educação jesuítica, uma educação que tem como fundamento a evangelização dos seus fiéis, a educação moral, a humanização do ensino.

Os colégios dos jesuítas como locais de formação religiosa, intelectual e moral das crianças e dos jovens propuseram sempre uma rígida disciplina, mesmo quando se tratava de



externato. O olhar dos mestres seguia os alunos. As férias eram curtas para não permitir que o contato com a família modificasse comportamentos adquiridos. Para contrabalançar a disciplina, os jesuítas estimulavam as atividades recreativas, por proporcionarem ambiente mais alegre e vida mais saudável.

Além disso, os jesuítas também estimulava a competição entre os indivíduos e a montagem de peças de teatro, com textos selecionados, desde simples diálogos até comédias e tragédias clássicas. Os melhores estudantes expunham sua produção intelectual nas academias. Nas colunas d'*O Aprendiz*, a educação religiosa permanece sendo veiculada, assim como as atividades referidas acima foram também práticas desenvolvidas pelo CETS. A formação pedagógica de Dona Jane, inclusive, relaciona-se à educação jesuítica<sup>7</sup>.

*Deus, Pátria, Humanidade* remete ainda ao discurso integralista que circulou na década de 30 no Brasil. A Ação Integralista Brasileira – AIB, movimento social e político chefiado pelo romancista Plínio Salgado, tinha como lema a tríade Deus, Pátria e Família e o objetivo de educar, disciplinar e preparar seus membros, tornando-os “soldados obstinados a defender a nação” (SIMÕES, 2009, p. 8). Para isso, era cultuado o sentimento de civismo traduzido por *amor à pátria*. Em *O Aprendiz*, a *família*, portanto, passa a ser a *humanidade*, isto é, remete a uma educação que se preocupa, sobretudo, com a formação humana integral, que incluía a caridade. Por essa tradição, a virtude cívica dos cidadãos realiza-se pelo uso da palavra, pela ação e pelo discurso no âmbito coletivo.

Já o enunciado *Civismo, Trabalho e Perseverança* apresenta a divulgação do ideário republicano no contexto escolar: a) o amor pátrio: b) a valorização do trabalho e a perseverança como objetivos a serem estimulados. Tal discurso moralizante surge no Brasil no período colonial e se estende até a República e a instauração do Estado Novo. Pode-se conceber *O Aprendiz* como o suporte de uma prática de longa duração, que se perpetua no ambiente escolar. A propaganda do Estado Novo se apossou desse ideário como se fosse algo novo. Para reforçar o sentimento nacionalista, o governo de Getúlio Vargas procurava imprimir, em todo brasileiro, a ideia de que todos eram iguais, ficando abaixo somente do “chefe da nação”, o Presidente. Assim, o novo regime, no final da década de 40, cria novas datas cívicas, a exemplo do Dia do Trabalho, o aniversário de Getúlio Vargas, do Estado Novo e o Dia da Raça, com o objetivo de exaltar a tolerância da sociedade brasileira.

Várias atividades relacionadas aos afrodescendentes deixam de ser proibidas e

---

<sup>7</sup> Por isso, em uma das edições do Jornal, é anunciado que a Redação iria publicar a relação dos alunos que apresentassem o melhor desempenho nas atividades letivas. Entretanto, isso jamais ocorreu.

perseguidas pelo estado, a exemplo do toque dos atabaques da religião de origem africana, o candomblé, a capoeira e o samba. O futebol passa a ser exaltado como uma atividade esportiva relacionada aos negros. Surge, então, ligado às rodas de samba, a figura do malandro brasileiro, acentuado assim aspectos coerentes com as ideias de cordialidade do povo brasileiro defendidas por Gilberto Freire.

Como mostra Schwarcz (1998, p. 198), o malandro brasileiro “representa a recusa de trabalhos regulares e a prática de expedientes temporários para a garantia da boa sobrevivência”. E o cinema e a música popular passam a exaltar o “mulato isonéiro”.

A partir daí, há um contraponto de vozes, alguns sambistas passam a exaltar o trabalho como o aspecto que dignifica o homem, se constroendo a sambas que fazem o elogio do malandro. Portanto, as ideias nacionalistas de exaltação do Brasil e de Getúlio Vargas influenciaram a cultura escolar e as publicações jornalísticas, a literatura de cordel, as revistas da época, a música popular, entre outras. E isso foi feito com muita competência.

A figura de Getúlio Vargas marcou tanto o imaginário popular, que Orígenes Lessa (1982) dedicou um ensaio a essa temática, *Getúlio Vargas na Literatura de cordel*, no qual apresenta uma “Pequena antologia do ciclo getuliano” com uma coleção de cordéis em que o “Pai dos pobres” é quase sempre louvado como um herói nacional. Como mostra o autor, Getúlio é tão admirado pelos poetas populares que, mesmo no contexto de repressão e censura do Estado Novo, não surgem críticas ao seu governo nesses cordéis, pois possivelmente eles seriam proibidos de circular naqueles anos. Vargas surge no imaginário popular da literatura de cordel como “Amigo dos pobres e Salvador da nação” brasileira. Daí a sua morte ter causado tanta comoção a esses poetas. Até mesmo o baiano Cuíca de Santo Amaro, conhecido como “O Boca de Inferno do cordel”, por documentar e criticar a política local, regional e até nacional, da Segunda Guerra Mundial até 1964 (ano de sua morte), louvou o Presidente Getúlio em seu cordel “O testamento de Getúlio”.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado por Vargas em 1939, fez um esforço deliberado para construir uma imagem positiva de Getúlio Vargas. A fotografia oficial do político foi distribuída às repartições públicas, escolas e estações ferroviárias.

A data de seu aniversário –19 de abril – passou a fazer parte do calendário festivo do regime, que incluía o Primeiro de Maio, a implantação do Estado Novo, a Independência, o Natal e o Ano Novo. O Dia do Trabalho, por sua vez, era festejado com grandes multidões em espaços públicos. Além disso, o presidente dificultava a ação dos jornais que fossem contrários à ideologia do Estado Novo e facilitava a ação daqueles que propagavam o seu

ideário, para estes deixando de cobrar impostos sobre o papel de impressão que era importado do exterior.

Como vimos anteriormente, o *tempo histórico do calendário* determinava a seleção das matérias de *O Aprendiz*. Daí, a sua circularidade estruturante. Dona Jane usava o calendário cívico e o calendário escolar para a definição da pauta em conjunto com os alunos. Uma vez que a data de nascimento de Getúlio, a data da Independência do Brasil, assim como outras festividades faziam parte do programa cultural do Governo, foram introduzidas no calendário cívico. O aniversário de Getúlio Vargas era festejado na ETS.

Na Era Vargas, diferentes instrumentos de educação coletiva foram utilizados pelo Estado Novo para educar o povo e promover o ensino de bons hábitos, entre eles, o rádio, o cinema educativo, a música popular, o esporte, que serviram de *instâncias de socialização* e foram usados para integrar os indivíduos a esse novo Estado Nacional.

A implementação das ações culturais tinha como pressuposto a ação do Estado como *salvador do povo*, dos artistas e do patrimônio nacional e contou com o trabalho de Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde de Getúlio Vargas. Esse ministro, a quem *O Aprendiz* encaminhava suas edições e presta homenagem (*O Aprendiz*, n. 6/44, p.3), era amigo pessoal do escritor modernista Mário de Andrade, que participou do movimento nacionalista e foi um dos principais organizadores da Semana de Arte Moderna em São Paulo (1922). O Movimento defendia a incorporação à literatura e às artes, de uma forma geral, da cultura nacional – a *língua brasileira*, os mitos e as lendas da tradição oral. Por meio de Mário de Andrade, Gustavo Capanema conhece Heitor Villa-Lobos, que também participou do movimento nacionalista brasileiro. O envolvimento do regente com o Estado Novo fez com que ele participasse da educação musical do Brasil de então.

Daí advém a inclusão do ensino obrigatório de Canto Orfeônico nas escolas e a valorização da cultura musical popular.

Essa proposta consta na Lei Orgânica (BRASIL, 1942 a), que preconiza a inclusão, no currículo, de “toda formação profissional de práticas educativas, que concorram para acentuar e elevar o valor humano do trabalhador e a garantia do direito de ingressar nos cursos industriais é igual para homens e mulheres”. Nessa ocasião, não havia vaga, na Escola Técnica de Salvador, para a função de Orientador Educacional, embora o Art. 49º da Lei Orgânica, de 1942, instituisse essa função que deveria ser assumida pelos professores, e cuja formação e qualificação para tal seria realizada em cursos nessa área. Ao orientador educacional caberia, além de habilitar os alunos para “a solução dos próprios

problemas”, a criação de instituições escolares:

Art. 50º – Incumbe também à orientação educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover, com o auxílio da direção escolar, a organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de instituições escolares, tais como as cooperativas, **as revistas e jornais, os clubes ou grêmios** [grifos nossos], criando, na vida dessas instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares. (BRASIL, 1942 a, p.20-21).

Vemos, nessa passagem, que o governo propõe a promoção pela gestão escolar de práticas culturais e comunicativas, que fossem desenvolvidas de forma autônoma pelos estudantes.

Neste instante, vale transcrever o capítulo V das disciplinas da referida Lei:

Art. 24º – Os cursos industriais, os cursos de mestría e os cursos técnicos serão constituídos por duas ordens de disciplinas:

- a) disciplinas de cultura geral;
- b) disciplinas de cultura técnica

Art. 25º – Os cursos pedagógicos constituir-se-ão de disciplinas de cultura pedagógica.

Art. 26º – Os alunos regulares dos diversos cursos mantidos no primeiro ciclo do ensino industrial serão obrigados às práticas educativas seguintes:

- a) educação física; obrigatória até a idade de vinte e um anos, ministrada de acordo com as condições de idade, sexo e trabalho de cada aluno;
- b) educação musical; obrigatória até a idade de dezoito anos, ensinada por meios de aulas e exercícios de canto orfeônico.

Parágrafo único – Às mulheres será também lecionada educação doméstica, essencialmente sobre o ensino dos misteres de administração do lar.

Art. 27º – São isentos das obrigações referidas no artigo anterior os alunos que façam cursos de mestría sob o regime de habilitação parcelada.

Chama atenção, nessa passagem, a questão de gênero. A garantia de ingresso das mulheres no ensino técnico mostra que na época elas não eram tratadas de forma igual. A proposta de “educação doméstica” nas escolas técnicas, que consta no parágrafo único, confirma isso: à mulher ainda cabia ser preparada para o casamento, a gerência do lar. Não sabemos se, no período de 1944 a 1947, essa disciplina foi lecionada na ETS devido ao número ainda muito baixo de mulheres matriculadas, duas apenas escreveram no Jornal *O Aprendiz*: eram alunas do curso técnico.

Nesse contexto ambíguo entre ditadura e democracia, consideramos que a produção do Jornal *O Aprendiz*, o CEETS e a retomada do funcionamento da Biblioteca da Escola Técnica de Salvador foram práticas culturais que contribuíram com a socialização dos jovens e com seu desenvolvimento humano, assim como a inclusão da educação física e musical para jovens dessa escola. A prática de educação física se constituiu, nesse momento, basicamente na prática de esportes, que, embora fosse vista como meio de educação moral, se constituía num meio de ludicidade para os jovens. Por sua vez, as festas escolares contavam em sua Programação não apenas com apresentações de canto orfeônico, mas também com apresentações teatrais, recital de poemas, dança e estilos musicais variados: uma “parte artística” e outra “parte cívica”. Houve de fato, nesse período, a preocupação com o desenvolvimento humano dos jovens aprendizes por meio de práticas esportivas, artísticas e comunicativas.

O amor e o elogio à pátria e às riquezas naturais do Brasil, o estudo como meio de ascensão social e desenvolvimento do País, o trabalho como forma de dignificar o homem são discursos que perpassam a cultura escolar da época e se perpetuam nos textos do jornal.

Nesse embate dos discursos e na presença do corpo vivo é que a jovem professora irá se iniciar na prática de biblioteconomia, na orientação educacional e na “mídia-educação”. Embora ainda não se usasse esse termo, nos idos de 1943, podemos considerar Dona Jane uma das primeiras educadoras do IFBA.

### 3.2 CATALOGAÇÃO DO JORNAL: AS SEÇÕES E AS COLUNAS

As seções constituem um elemento importante de organização e estruturação do jornal *O Aprendiz*, que possibilitam perceber a sua utilização como dispositivo pedagógico de comunicação, os valores sociais compartilhados e a concepção de ensino técnico na sociedade da década de 40. Desde a publicação da primeira edição, o jornal buscou manter um padrão de apresentação mais ou menos fixo, dispondo algumas seções nas mesmas páginas e informando os leitores sobre o surgimento de outras.

O processo de catalogação das seções e a redação do índice temático não foram fáceis, uma vez que são poucas as que permanecem no mesmo lugar e em todas as edições mensais. Além disso, outro aspecto que dificultou foi o fato de que muitos textos aparecem desligados de qualquer uma delas. É o caso dos textos voltados para a prática de esportes na escola. Nas três primeiras edições, aparecem notícias e comentários sobre jogos e a realização de

campeonatos internos e interescolares. Vêm sempre ao lado da coluna “O Aprendiz Social”. Assim, resolvemos classificar esse espaço como coluna, em vez de seção, porque eles se encaixam no segundo significado apresentado para o vocábulo *coluna*, na linguagem jornalística, isto é, “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõem-se de notas, *suelos*, crônicas ou artigos ou textos-legendas [...]” (RABAÇA; GUIMARÃES, 2014, p. 50).

Foi possível constatar que algumas seções permanecem do primeiro ao último número, que algumas mudam de lugar, na reorganização do conteúdo editado em consequência da ampliação do número de páginas, e outras são de periodicidade variável.

### 3.2.1 As Seções

O número de seções da primeira fase do jornal é bem maior e marcado pelos aspectos ligados à educação do corpo, aos ritos sociais, ao funcionamento dos setores médicos e da biblioteca. A seção “Higiene”, a primeira que surge na primeira edição do jornal, escrita pelo dentista da ETS, Raul Sapucaia, e pelo médico Carlos Leony, traz informações, inicialmente em dois artigos curtos, sobre as patologias dentárias e os problemas sociais que o descuido com a higiene da boca pode acarretar, além dos cuidados profiláticos, dos tipos de dentifrícios que se deve usar. O dentista utiliza a fala de autoridades da época como argumento para convencer os leitores da importância da higiene para a vida, a exemplo de Afrânio Peixoto e Charles Mayo. No texto “Assistência dentária escolar”, ele coloca informações sobre o serviço médico-odontológico que havia sido criado pelo governo da época, debatendo a importância dessa assistência ao estudante para preservação de sua saúde bucal.

Já o médico, em artigos mais longos, segue a mesma linha do dentista: dá “Conselhos de higiene” sobre a importância de lavar as mãos antes de comer, ao usar a “privada”, de evitar banho em lagoas contaminadas para evitar ingerir vermes, que causam diversas patologias, a exemplo da ascaridíase e da opilação. Utiliza-se de todo um vocabulário médico para desenvolver os seus textos. O Dr. Carlos Leony, provavelmente a pedido da Redação, escreve uma “Cartilha de higiene” especialmente para os aprendizes sobre os hábitos necessários à conservação da saúde: acordar e dormir cedo, dormir em quarto arejado, “exonerar os intestinos” e tomar banho todos os dias, etc.

Nessa seção, foram também publicados textos que circulavam em impressos oficiais e eram encaminhados à Escola, a exemplo de “Uma publicação oficial americana” e “ABC e higiene”, este enviado pela Inspetoria de Propaganda e Educação Sanitária. O ABC com “conselhos higiênicos para os aprendizes” (O APRENDIZ, n. 3/45, p. 2) foi dividido em três partes e publicado em edições consecutivas. Essa seção mostra a importância do tema para a comunidade pobre, mal assistida, num Brasil onde os serviços de saúde eram precários. A ênfase é quase sempre sobre a higiene do corpo e os cuidados que os jovens deviam ter para manutenção de sua saúde.

“O Aprendiz Social”, segunda seção que aparece na primeira edição e se mantém em todas até a última, sempre na última página da edição, faz emergir os ritos sociais: aniversariantes de cada mês, nascimentos, casamentos, falecimentos, missas, afastamentos, viagens, agradecimentos, publicações recebidas e adquiridas e visitas à instituição. É uma espécie de Coluna Social como o próprio nome diz. Nela são anunciados os “Aniversariantes de cada mês”, inicialmente no mês de aniversário, posteriormente no mês anterior, para que a comunidade tomasse conhecimento de quais eram os alunos, professores, funcionários da ETS que aniversariavam e pudessem manifestar também seus votos de felicidades. Esse era um recurso empregado pela Redação para conquistar leitores, que, provavelmente, se sentiam lisonjeados ao verem seu nome e sua data especial divulgados nas colunas d’*O Aprendiz*. O tom das homenagens é sempre elogioso: “Aos estudiosos aniversariantes, O APRENDIZ apresenta parabéns, desejando-lhes felicidades”. (O APRENDIZ, n. 2/44, p. 4).

Como afirmou Dona Jane, ela “puxava o saco de todo mundo”, não dava atenção às críticas das professoras que, inicialmente não se dispuseram a colaborar com a produção do jornal. Mas, quando viram que todos estavam colaborando, começaram a aceitar o convite da professora para escrever. Na coluna dos “Aniversariantes do Mês”, era dado um maior destaque à data natalícia dos professores e funcionários, cujos aniversários eram divulgados num texto pequeno ao invés de numa lista como o dos alunos. O “7 de agosto”, aniversário de Dona Jane, recebeu destaque no “Aprendiz Social” na edição de julho de 1944, com texto ilustrado pela fotografia da professora vestida com a beca da formatura (V. foto no início do Capítulo 4). E ainda um destaque maior no ano seguinte, em texto acompanhado da mesma fotografia, agora publicado nas páginas iniciais na edição de set./45. Ela afirmou que essa era uma iniciativa do Prof. Luís, que gostava muito dela e a ajudava na montagem da boneca d’*O Aprendiz*.

Homenagens a autoridades e técnicos do Governo vinham em destaque, em outros espaços do jornal. O ministro Capanema da Educação, o Diretor do Serviço Industrial, Montojos, o Presidente Getúlio Vargas, entre outros, têm os seus retratos ilustrando os artigos em louvor de seus aniversários e de suas qualidades como homens públicos. Também os professores colaboradores e o Diretor foram agraciados com essa homenagem. Vemos assim que os leitores em potencial não eram apenas da comunidade interna, mas também da externa.

Na tentativa de levar aos leitores das outras Escolas Técnicas do Brasil notícias sobre a ETS, a aprendizagem dos ofícios, os professores, a Cidade do Salvador, o Estado da Bahia, entre outros, e estimular o intercâmbio cultural entre os alunos, o “Correio Escolar”, na primeira e na segunda fase, publica as cartas de autoria dos aprendizes, que eram de fato enviadas, assim como fazia Freinet. A seção aborda o cotidiano escolar dos alunos, os sonhos, as expectativas diante do futuro profissional e tornava ainda mais vivo o trabalho de escrita por meio da prática da correspondência, criando assim um novo estímulo à aprendizagem.

A seção inicia com a “Carta aos colegas da Escola Industrial de Aracaju”, na primeira edição de março de 1945 (n.1/45, p. 9), cuja “Carta resposta à carta do aluno Josete Teles de Rocha, transcrita da *Revista Artífice*, Órgão dos alunos da Escola Industrial de Aracaju, é publicada na edição de setembro (n.7/45, p. 6). Esse jornal, produzido nessa Escola, era encaminhado para outras escolas do Brasil, assim como fazia Dona Jane. O “Aprendiz Social” registra o recebimento da edição n. 13 (O APRENDIZ, n.7/44, p. 12) dele e de outros periódicos.

Essa revista, que inicialmente foi editada em formato de folhetim em 1934 e durou duas décadas, é assunto de dissertação de mestrado sobre a professora de língua portuguesa Léyla Régis (ALMEIDA, 2009), sua coordenadora, que ensinou na Escola Técnica de Aracaju até a década de 70. Seu ciclo de vida foi bem mais longo do que o d’*O Aprendiz*. Esse fato mostra a importância de uma professora na condução do uso pedagógico do jornal nas escolas. *O Aprendiz* encerra as suas atividades assim que Dona Jane deixa a sua coordenação.

O impresso sergipano foi produzido e editado na Escola com a colaboração de professores e alunos, que participavam da impressão e da escrita da Revista. À professora Léyla coube a mesma função que exerceu Dona Jane: a escrita de matérias, coleta e organização do material. O conteúdo das seções se assemelha em parte aos temas dos artigos d’*O Aprendiz*, como mostra Almeida (2009, p. 99-100):



Na Revista havia também seções de poemas produzidos pelo corpo docente, alunos e funcionários, espaços para comemorações de datas cívicas, homenagens a profissionais e alunos que se destacavam na escola, quadro para divulgação das festas de encerramento, formaturas e exames finais dos alunos, além de mostrar a participação e expressividade da escola em eventos públicos na cidade.

Algumas seções destinavam-se a conselhos éticos e morais, críticas aos maus hábitos, e repressão à leitura de impresso que não contribuíam para o desenvolvimento do intelecto e da educação dos indivíduos.

Esse foi o único trabalho que encontramos sobre a mídia impressa por alunos e professores nas Escolas Técnicas do Brasil. Constatamos (APÊNDICE C), que muitas escolas da época, entre elas, as técnicas e as ginasiais de Salvador, tiveram seu órgão de imprensa. Inclusive, o jornal da Escola Técnica de Campos também se chamava *O Aprendiz – Órgão dos alunos da Escola Técnica de Campos* e o da Escola Industrial João Pessoa, intitulava-se *A voz d'O Aprendiz – Órgão dos alunos da Escola Industrial João Pessoa*” (O APRENDIZ, n.8-9/46, p. 12). Nesse período, a mídia impressa ainda tinha um alcance muito grande na sociedade como um todo. Isso explica, em parte, o gosto das escolas pela criação de jornais. Porém, o estímulo advém também da parte do governo, pois na Lei Orgânica, como vimos, está inscrito que as escolas deveriam criar instituições sociais, de funcionamento autônomo, para desenvolver a sociabilidade dos estudantes, entre elas, impressos, agremiações, clubes de leitura, etc.

O “Correio Escolar”, como vimos, dependia da correspondência entre as escolas, por isso foi publicado de forma esporádica. Houve apenas a publicação de mais duas Cartas enviadas e uma carta-resposta da Escola Industrial de Natal (O APRENDIZ, n. 6/46, p. 7). Esta carta assinala o caráter eugênico da educação do corpo na educação técnica nesse período:

O ‘Correio Escolar’ é bem uma prova da sábia orientação que vem sendo emprestada pelos seus dirigentes. O aparecimento desta seção veio abrir margens para que se processe mais diretamente o intercâmbio cultural entre os alunos profissionais do Brasil, motivo de júbilo para aqueles que trabalham em prol do **aperfeiçoamento da raça** (grifos nossos) no setor técnico-profissional. (O APRENDIZ, n. 6/46, p. 7).

A partir da segunda edição d’*O Aprendiz*, com o objetivo de desenvolver o pensamento lógico e a aprendizagem da ciência aparecem textos sobre “Curiosidades”, que, a partir da edição 8/44, passam a fazer parte da seção “Você já sabia?” com artigos breves, trazendo explicações científicas sobre: “Curiosidades Aritméticas – Como

adivinhar um número que qualquer pessoa tem no pensamento”; “Para onde vai a água da chuva”; informações curiosas sobre “A origem humilde de grandes homens”, “Estranho fato a respeito de certos números”, informações sobre “Inventores e invenções”, lista de ganhadores do Prêmio Nobel de Química e Medicina, entre outros.

A seção “Sobre Livros...” surge já na segunda edição com esse título com a intenção de doutrinar os leitores acerca da boa leitura e da importância do hábito de ler; são lições de moral acerca dos hábitos errôneos de leitura, críticas aos leitores e às leituras que desvirtuam o caráter, orientações e cuidados no manuseio do livro (“Fala o livro ao leitor”) e pensamentos de autores conceituados sobre a leitura, transcritos de outros impressos, a exemplo do “Credo dos que sabem ler”, que remete à Inquisição no seu último preceito: “12º. Creio que um católico perderá seu dinheiro, comprando máus (sic) livros, seu tempo, sua inteligência, sua alma, lendo-os; e que, se por acaso os possui, (sic) deve queimá-los. E creio tudo isso em nome do bom senso, da experiência e da fé. (Transcrito)”. (O APRENDIZ, n. 2/44, p.2)<sup>8</sup>.

Somente na edição de agosto, a seção é lançada oficialmente com o objetivo de “manter mensalmente com os leitores uma conversa simples e despretensiosa *sobre livros...*” (O APRENDIZ, n. 1/45, p. 6), de estimular o hábito da leitura para que a Biblioteca fosse frequentada. O texto de lançamento da seção, muito bem escrito, traz o pensamento da professora Jane sobre a importância da biblioteca escolar para a aprendizagem do aprender a pensar e o desenvolvimento do hábito da leitura:

Conclue-se então que Ensino e Biblioteca se completam, sendo articulados, intimamente, no conjunto das atividades escolares. Com percepção dos modernos problemas educacionais, sabemos que a Biblioteca deve exercer as funções de uma verdadeira escola ativa, onde professores e alunos trabalhem em estreita colaboração. (O APRENDIZ, n. 1/45, p. 6).

Já nesse momento, a professora informa as “obras de consulta” que foram adquiridas: o “Dicionário enciclopédico brasileiro” e a “Enciclopédia do curso secundário”. A seção só volta a ser publicada mais uma vez, quando a instituição adquire um número significativo de livros. Isso era feito consultando os professores das diversas disciplinas<sup>9</sup>. Na

---

<sup>8</sup> A informação da fonte não consta n’*O Aprendiz*. Esse credo foi escrito por mulheres católicas que publicaram impressos femininos em Salvador na década de 40. Há toda uma literatura feminina na Bahia, a exemplo do livro *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*, em que se ditam normas de comportamento para as mulheres, entre elas, os tipos de leituras edificantes para uma jovem. O Credo referido também condena a leitura de romances.

<sup>9</sup> Até o presente, essa consulta aos professores é realizada, quando o IFBA adquire novos livros.

lista, que é apresentada, em uma página inteira, tomamos conhecimento dos livros didáticos que eram utilizados na escola, dos livros técnicos de mecânica, o curso mais procurado na época, como também do tipo de leitura que, na seção dedicada ao balancete mensal da Biblioteca da Escola Técnica, publicada a partir da edição de abril de 1945 (O APRENDIZ, n. 2/45) até a última edição do jornal, chama-se de *Leituras infantis*. Eram livros classificados, na época, de “Literatura infantil”, entre os quais encontramos narrativas de aventuras, contos de fadas, lendas indígenas brasileiras, livros de Monteiro Lobato, biografias de personagens da história brasileira, etc. (O APRENDIZ, n. 5/46, p. 14). Na sequência, um levantamento do material bibliográfico adquirido para o acervo da escola e citado no jornal. (O APRENDIZ, n. 5/46).

Figura 8 – Lista de livros adquiridos pela biblioteca – Foto de arquivo do Jornal, n.5,1946

14		O APRENDIZ	
<b>SÔBRE LIVROS...</b>			
Tendo a Biblioteca desta Escola o máximo interêsse em adquirir livros próprios aos funcionários e alunos, solicitou dos senhores Professores a indicação de obras científicas e técnicas que mais possam interessar, de acôrdo com os programas de ensino.			
Atendendo às sugestões apresentadas, foram adquiridas as seguintes obras, que se achem à disposição do seu corpo de leitores.			
* * *			
<b>PORTUGUÊS</b>			
<i>Marques da Cruz</i> — Português Prático — Gramática.	<i>Monllor, E.</i> — Manual del tornero fresador y taladrado	<i>Piñero, V.</i> — El Torno y sus accesorios.	
<i>Marques da Cruz</i> — Seleta — 1.ª e 2.ª séries do Curso Secundário.	<i>Magalhães</i> — Manual do Tornero.	<i>Piñero, V.</i> — Soldadura autógena.	
<i>Marques da Cruz</i> — Seleta — 3.ª e 4.ª séries do Curso Secundário.	<i>Piñer, V.</i> — El Torno.	<i>Braitovsky, S.</i> — Pequeños tornos. Trabajos en el banco.	
<b>FRANCÊS</b>			
<i>Burita-Vinholes</i> — Dicionário Francês-Português Português-Francês.	<i>Parino, A. R.</i> — Pequeños dinamos y motores.	<i>Bratlovsk Samull</i> — Soldadura en general.	
<i>Raul Penido</i> — Le Français 1 <sup>ère</sup> année — 4 exemplares.	<i>Vieira, Antonio</i> — O torno e seus acessórios.	<i>Piñero Virgilio</i> — Trabajos en el torno — 1.ª e 2.ª parte	
<b>INGLÊS</b>			
<i>Serpa, Osvaldo</i> — Dicionário Inglês-Português.	<i>Piñero, Virgilio</i> — Fresadoras.	<i>Piñero, Virgilio</i> — Esmerilado.	
<b>MATEMÁTICA</b>			
<i>Maeder, A. M.</i> — Curso de Matemática — 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª séries.	<i>Schlesch, J.</i> — Tratado de soldadura elétrica.	<i>Thompson, Charles</i> — Man. del Mecanico Moderno.	
<i>Quintela, Ary</i> — Matemático — 1.ª, 2.ª, 3.ª, e 4.ª. ano.	<i>Oliveira, V. R.</i> — Soldagem elétrica.	<i>Magalhães, Hordcio</i> — Manual do Fresador.	
<b>GEOGRAFIA</b>			
<i>Azevedo, Aroldo</i> — Geografia Geral — Tomo I.	Dicionário de Termos Técnicos Inglês-Português.		
<i>Azevedo, Aroldo</i> — Geografia Geral — Tomo II.	<b>ARQUITETURA</b>		
<i>Gicovate, M.</i> — Geografia Geral — 1.ª e 2.ª série.	<i>Mois, J. L.</i> — Planos completos de 50 viviendas.	<b>FOTOGRAFIA</b>	
<i>Gicovate, M.</i> — do Brasil — 3.ª e 4.ª série.	<i>Vallejo, F. J.</i> — Fotografia.		
<b>HISTÓRIA</b>			
<i>Silva, Joaquim</i> — História Geral para o 1.º e 2.º. ano	<b>LEITURAS INFANTIS</b>		
<i>Silva, Joaquim</i> — História do Brasil — 3.ª e 4.ª. ano	Foram tambem adquiridas as seguintes obras da Literatura infantil:		
<b>CIÊNCIAS</b>			
<i>Décourt e Freitas</i> — Ciências Naturais — 3.ª série	<i>Acquarone</i> — Os grandes benefiteiros da Humanidade	<i>Fleury, R. S.</i> — O Duque de Caxias.	
<i>Moraes O. M.</i> — Meu caderno de Ciências F. e Naturais.	<i>Isgurogola, J.</i> — O Bandeirante Fernão.	<i>Correia, Viriato</i> — Meu torrodo.	
<b>QUÍMICA</b>			
<i>Puig, J.</i> — Curso Geral de Química.	<i>Lobato, Monteiro</i> — A reforma da Natureza.	<i>Yantok</i> — Contos Mágicos.	
<b>MECÂNICA</b>			
<i>Moulon, Dh.</i> — Tratado de Mecânica Industrial.	<i>Loon, Hendrik</i> — História das Invenções.	<i>Leoni, M.</i> — Nós e as plantas.	
<i>Klingenberg</i> — Formulário del Técnico Mecânico.	<i>Sinões, M.</i> — As sete maravilhas do mundo antigo.	<i>Pellegrini, M.</i> — A Lição da Arvore.	
<i>Westinghouse</i> — Curso completo de Dibujo Mecânico.	<i>Lobato, M.</i> — O saci.	<i>Lobato, M.</i> — Memórias de Emilia.	
<i>Perrigo, Oscar</i> — El torno Moderno y sus aplicaciones.	<i>Lobato, M.</i> — Memórias de Emilia.	<i>Albuquerque, J.</i> — Sigfredo, o guerreiro invencível.	
<i>Fontana, Hector</i> — Motores electricos	<i>Walpeteris, G.</i> — Viegens de Sindbab, o marfilmo.	<i>Saraiva, H.</i> — A princesa Cristina no país das fadas	
<i>Schultz, Ernest</i> — Desperfectos de reparaciones de las Maquinas elétricas.	<i>Badlus, Herbert</i> — Lendas dos indios do Brasil.		

Por meio da seção “Movimento de empréstimos e consultas de livros durante o mês de...” de cada mês, tomamos conhecimento dos livros por “classes” (área) e tipos de empréstimo por “mês” (empréstimos e consultas). Os mais consultados eram sempre os de “leituras infantis”, o número de consultas dos classificados como “literatura” era insignificante comparado ao dos primeiros. Geralmente, o quadro com o balancete vinha nas colunas de “O Aprendiz Social”.

O Movimento do gabinete médico-dentário também foi publicado mensalmente a partir da mesma edição (O APRENDIZ, n. 2/45) até a penúltima edição do jornal. Informa quantidade e tipo de procedimento realizado (O APRENDIZ, n. 6/46, p. 7):

Figura 9 – Relação do movimento médico-dentário

MOVIMENTO DO GABINETE	
MÉDICO-DENTÁRIO	
MÊS DE JULHO	
Exames .....	85
Receitas .....	61
Injeções aplicadas.....	97
Curativos .....	85
Pequenas intervenções .....	2
Aplicações de raios infra-vermelho...	10
Acidentes no trabalho .....	5
Inspeções de saúde.....	4
Radioscopia solicitadas.....	2
Radiografia solicitada .....	1
<hr/>	
Extrações dentárias.....	20
Pulpectomias .....	15
Obturações diversas.....	68
Curativos.....	147

Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n. 2/45).

Por meio desse balancete, podem-se realizar estudos sobre a história da educação do corpo com base em dados quantitativos. Chama-nos atenção os números de extrações dentárias mensais e o de curativos numa escola que tinha à época em torno de 400 alunos matriculados. O registro mensal de ambos os movimentos de setores da instituição mostra a organização eficiente do trabalho burocrático realizado na época.

A “Seção do Charadista”, provavelmente, a de maior sucesso entre os aprendizes, vem à

tona no quarto número (O APRENDIZ, n. 4/44) e será publicada até a última edição<sup>10</sup>, dentro de “O Aprendiz Social”, acima da página e à direita da coluna dos aniversariantes do mês, cumprindo a função de “instruir divertindo”. Consistiu no lançamento mensal de charadas, algumas estruturadas com elementos visuais junto ao texto verbal, pequenos desenhos,

[...] com a finalidade de incentivar o gosto pelo charadismo que, longe de ser méro passatempo, é uma maneira suave de fazer com que travemos maior relação com a nossa língua. Para deciframos as charadas recorreremos, não raramente, aos dicionários, à gramática, à história, à mitologia, à geografia, à botânica, etc., o que nos proporciona aumentar, divertidamente, o nosso grau intelectual. (O APRENDIZ, n.4/44, p. 5).

O texto de lançamento apresenta a seguir, de forma didática, com exemplos, o método de decifração e, “para treinamento”, são propostas dez charadas. A seção encerra na maioria das vezes sempre com o seguinte aviso: “Aguardamos em nossa redação a solução das charadas acima publicadas, esperando que nos sejam enviadas novas colaborações”<sup>11</sup>. E inicia com as respostas às charadas do mês anterior. Em seguida, vem a “Colaboração de alunos”. A seção é um convite à leitura, que foi aceito pelos aprendizes, pois alguns deles passaram a enviar à Redação as respostas e também novas charadas para decifração. Assim, os aprendizes iam aprendendo com *O Aprendiz*.

---

<sup>10</sup> Ela não aparece apenas no número posterior ao do lançamento, provavelmente porque pode não ter havido encaminhamento das respostas à Redação.

<sup>11</sup> Esse trecho vem inscrito também no último número do jornal. Isso mostra que o ciclo de vida d’ *O Aprendiz* foi interrompido de forma brusca.

Figuras 10 e 11 – Seção dos Charadistas

O APRENDIZ 15

---

**CURIOSIDADES**

**FIQUE SABENDO QUE...**  
 Os prêmios Nobel, concedidos aos homens que mais se distinguem em física, química, medicina e letras e aos que maiores esforços têm desenvolvido em favor da paz são devidos ao grande químico sueco ALFREDO NOBEL.

Viveu este grande homem, em Paris, no séc. XIX, passando toda sua vida encerrado nos laboratórios, a desvendar os segredos da natureza.

Falecendo em 1891, deixou, por testamento, sua grande fortuna (31,5 milhões de coronas suecas) à fundação que levou o seu nome.

Além do prêmio de 170.000 coronas que corresponde aproximadamente a Cr. \$100.000,00, concede-se à pessoa distinguida um diploma e medalha de ouro.

Os prêmios estão sendo concedidos desde 1901. São os mesmos entregues em Estocolmo, a 10 de Dezembro, data do aniversário do morte de Nobel.

De 1901 a 1959, as pessoas e instituições que receberam o prêmio Nobel de Física foram, na ordem cronológica, as seguintes:

1901 — Bontgen; 1902 — Lorentz e Zeemann; 1903 — Becquerel e Mme. Curie; 1904 — Rayleigh; 1905 — Leonard; 1906 — Thompson; 1907 — Michelson; 1908 Lippmann; 1909 — Marconi e Braun; 1910 — Van der Waals; 1911 — Wien; 1912 — Dalén; 1913 — Onnes; 1914 — Lase; 1915 — W. H. Bragg e W. L. Bragg; 1917 — Chaas. G. Barkla; 1918 — M. Planck; 1919 — J. Stark; 1920 — Gullstume; 1921 — Einstein; 1922 — Bohr; 1923 — Millikan; 1924 — Sieghaba; 1925 — Frank e Hertz; 1926 — Perrin; 1927 C. T. R. Wilson e A. Compton; 1928 — Richardson; 1929 — Duc de Broglie; 1930 — Sir. C. V. Raman; 1932 — Heisenberg; 1933 — Dirac e Schrodinger; 1935 — Jas. Chadwick; 1936 — Carl Anderson; 1937 — G. P. Thompson e C. J. Davison; 1938 —

Wladislaw P. P. I. ...

**SEÇÃO DO CHARADISTA**

Resultado das charadas do número anterior:

1 — Tapia	4 — Casela
2 — Alicar	7 — Cagaço
3 — Parafuso	8 — Acedido
4 — Mandelero	9 — Cabelo
5 — Rebólo	10 — Bisco
	11 — Lióda

Neste número, publicaremos as seguintes para que mate quem puder:

1 — 2 — <i>Azredia nesta vanilha idóla?</i>
1 — 1 — <i>Um este ordinário é sempre desleal.</i>
1 — 1 — <i>Oh! entei com face castiño ado mate a cobra.</i>
2 — 1 — <i>Cultivam um sofrimento, o que trabalha na lavanca.</i>
1 — 2 — <i>A lora greja na vestimenta é frua.</i>

Walsala

NOTA — Aguardamos em nossa redação, a solução das charadas acima publicadas, esperando também que nos sejam enviadas novas colaborações.

**PALAVRAS**

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

O APRENDIZ 15

---

**VAMOS RIR**

**COSTUME**  
 Num jogo de futebol um torcedor atrasado conversava com seu vizinho da grede:  
 — Quanto está o jogo?  
 — Zero a zero.  
 — Já?

**ESSA É DIFÍCIL!**  
 No circo, no meio do espetáculo de magia, o mágico dirige-se aos espectadores:  
 — Algum dos senhores quer que eu faça desaparecer alguma coisa?  
 — Um assistente: — Sim, senhor! Eu!  
 — O que é?  
 Um furúnculo que me nasceu atrás do pescoço!

**FILHO DE PEIXE**  
*A professora:* Vamos ver. Como é que você faria para encontrar o mínimo múltiplo comum?  
*O filho do milionário:* Mandava o empregado procurar ou punha um anúncio no jornal.

**OR A EMENDA**  
 — Minha filha é tão medrosa, que quando ouvia qualquer ruído à noite, me despertava aos gritos de: «tem ladrão em casa!»  
 — Ora, diga a ela que os ladrões quando entram não fazem barulho.  
 — Foi o que eu disse e foi pior. Agora toda vez que ela acordá e o casa está bem tranqüila ela me chama dizendo que deve haver ladrão em casa, pois não está ouvindo nada!

**DECIDIDO**  
*O Professor conjuga:* Eu não vou, tu não vais, ele não vai, nós não vamos, vós não ideis, eles não vão. Pedrinho, repita a conjugação!  
*Pedrinho:* «Ninguém vai!»

**SEÇÃO DO CHARADISTA**

Resultado das charadas do número anterior:

1 — Deprolo	5 — Planeta
2 — Reprova	6 — Ligia
3 — Prolixo	7 — Corina
4 — Carrolio	8 — Armando
	9 — Expresso

Neste número publicaremos as seguintes para que mate quem puder:

1 — 2 — <i>O pronome no lavatório é meiguina de fazer moldura.</i>
2 — 2 — <i>Anoel! Aponte e peguena rapaz!</i>
2 — 2 — <i>Estano a peça de fir e o cilindro saltado em hélice.</i>
2 — 2 — <i>O irmão tem a mesma medida que mede a força elástica dos gases.</i>
1 — 2 — <i>A parte de trás do côco serve de póda de amolar.</i>
1 — 2 — <i>Neste lugar, raspa-se corde.</i>

Walsala

COLABORAÇÕES

1 — 2 — <i>Aqui o animal é reptil.</i>
2 — 2 — <i>No sertão brasileiro eu falo e creio</i>
1 — 2 — <i>Aqui o sobrenome é pronunciado por um m. mifero.</i>
1 — 1 — <i>Das vezes, aqui, gambel no jogo do baralho.</i>
1 — 2 — <i>Estabe uma flor amarel na capital europeia.</i>

Gleisário Veloso Leal  
2.ª Série

Nota — Aguardamos em nossa redação, a solução das charadas acima publicadas, esperando também que nos sejam enviadas novas colaborações.

*Decifre quem souber*

*Quando*  
 Q + a = S C 100

*al, Tri 1*

*S 100*

*2ª Pessoa singular*  
 D V M O O C O S

*RESPIRANOS*  
 d x -n F + e m.

Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n. 3/46 e n.4/46)

Unido ao lazer, estava também o riso, que cumpria sua função catártica junto aos leitores e desconstruía o discurso politicamente correto. As piadas começam a ser publicadas no preenchimento dos espaços vazios que surgiam no momento da montagem da boneca do jornal, já na primeira edição (n.1/44). E vão ocupando, aos poucos, os espaços, as colunas, até conquistarem um lugar, que não era fixo, nem tampouco conservado em todas as seções. Assim, o convite formal ao riso – “Vamos rir?” – surge no início da segunda fase do jornal (n. 1/46, p. 11), abaixo ou ao lado da “Seção do Charadista”, em alternância ou junto com a “Seção recreativa”, um novo setor de lazer, que trazia uma “Palavras Cruzadas” em formatos diferentes: de casa, roldana, quadrado<sup>12</sup>, entre outros.

<sup>12</sup> A inserção de palavras cruzadas junto às seções de charadas e piadas comprova a importância que o lazer

A Redação contava com a colaboração dos leitores no envio de piadas para publicação. Encerramos esse tópico com alguns exemplos, dentre eles dois que tocam num assunto tabu, a morte:

Figuras 12 e 13 – Seção de Piadas

VAMOS RIR?

TRISTEZA

— Você é um homem feliz. Póde cantar enquanto trabalha. Eu, nem isso.

— Por que?

— Porque sou coqueiro.

\* \* \*

NÃO ERA PARA TANTO...

Manoel esteve a ponto de dar 20 cruzeiros ao banhista que lhe salvara a vida. Entre tanto, pensando melhor, chegou á conclusão de que, ao ser tirado dágua, achava-se sómente meio-afogado. Por isso, deu unicamente 10 cruzeiros...

\* \* \*

— Esta goiabada não tem gosto de goiaba — reclama o freguês.

— Não é possível — explica. — Nós fazemos o doce, conforme a técnica, com 50% de goiaba e 50% de abobora.

— Como assim?

— Quer dizer: 1 goiaba, 1 abobora, 1 goiaba, 1 abobora.

\* \* \*

CAÇADA

— Escute amigo — uma raposa passou por aqui?

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Bem, não sei dizer precisamente. Mas foi aí pelo Natal do ano passado...

VAMOS RIR?

AGONIA

*Moribundo* — Amigo, mandei chamá-lo porque quero morrer em paz com minha consciência. Quero ver se consigo salvar minha alma. Por isso vou contar-lhe tudo que fiz de mal a V. enquanto trabalhamos juntos. Você se lembra daquele desfalque de cinquenta contos que houve na loja?

*Sócio* — Sim.

*Moribundo* — Pois, fui eu.

*Sócio* — Foi?

*Moribundo* — Foi. Você se lembra daquele princípio de incêndio que só destruiu a parte em que você tinha guardado as notas para receber?

*Sócio* — Lembro.

*Moribundo* — Pois fui eu que provoquei o incêndio e recebi parte do dinheiro.

*Sócio* — Foi?

*Moribundo* — Foi. Você se lembra daquele arrombamento que os ladrões fizeram o ano passado?

*Sócio* — Lembro.

*Moribundo* — Pois fui eu que roubei a loja e depois forcei a porta.

*Sócio* — Foi?

*Moribundo* — Foi.

*Sócio* — Só fez isso?

*Moribundo* — Só.

*Sócio* — Pois então não se preocupe, amigo. Fui eu que envenenei você.

*Moribundo* — Foi?

*Sócio* — Foi.

Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n. 1/46, p. 11 e n. 2/46, p.10).

### 3.2.2 As Colunas

A coluna de esportes é muito importante para este estudo, pois se trata da inserção de uma prática de *longa duração* no seio do ensino formal com vistas à *educação do corpo* (LENHARO, 1986) para o trabalho e para a vida. A coluna aparece nas duas fases da publicação, e o seu título varia bastante, assim como sua localização, seus gêneros textuais e seus redatores. Nas edições de 1944, ela se intitula de “Esportes na Escola Técnica”; na seguinte, recebe o nome de “Campeonato Interno”; e na terceira, de “Noticiário Esportivo”. Mais adiante (O APRENDIZ, n. 9/44, p. 8), ela aparece denominada de “Esportes” e, em anos posteriores, aparece nominada de “A prática dos esportes”; “O esporte como um meio para ganhar na segunda fase.

um fim”; “O jogo e seu valor educacional” e “A educação física no âmbito operário”.

A educação do corpo dos aprendizes é assunto não só dos médicos, do professor de educação física Dival Silva Ramos, do inspetor de alunos Aderbal Santana Barbosa, do Diretor de Esportes do CETES, mas também do aluno Gelson Figuerôa Lima e de outros três alunos que escrevem sobre o valor educativo e moral dos esportes e dos jogos para o trabalho operário, a manutenção da saúde do corpo e do espírito, o desenvolvimento da atenção, do espírito de solidariedade, da cooperação, etc. Pequenas crônicas trazem orientações sobre as práticas de esporte, notícias de campeonatos, realização e escore das partidas entre alunos, e entre alunos e funcionários. Estes últimos, inclusive, faziam parte de uma Associação Esportiva dos Funcionários da Escola Técnica de Salvador. A ETS, pelo visto, investia nos esportes pensando em seu fim cívico/nacionalista. O texto que abre a coluna, de autoria do aluno Gilberto Gomes da Silva, é uma convocação aos alunos para participarem do sucesso dos esportes na ETS e traz claramente esse objetivo:

Destas colunas, faço um apelo a meus colegas afim que contribuam com o seu esforço para o sucesso dos esportes em nosso meio, pois, desse modo, trabalhamos não só pela saúde e desenvolvimento de cada um, mas também pela coletividade e pelo futuro da Pátria. (O APRENDIZ, n. 1/44, p. 4)

A educação física, enquanto disciplina nesse momento, volta-se para a realização de campeonatos internos e externos de basquetebol, voleibol e futebol. O professor Dival Ramos assina dois artigos. No primeiro, “O jogo e seu valor educacional” (O APRENDIZ, n. 2/45, p. 6), afirma que o jogo assume valor no momento em que desenvolve aspectos sociológicos e psicológicos, explorando no sujeito que joga habilidades de equilíbrio, raciocínio e cooperação, proporcionando-lhe uma total entrega, capaz de conduzi-lo a um estado de plenitude. Estar pleno é estar consciente do próprio corpo e das manifestações que surgem a partir dele. O *ser*, a personalidade, as emoções emanam das experiências com o corpo.

Segundo o professor de Educação Física, o jogo é “o meio de proporcionar a exteriorização das tendências e instintos”, assim como é expressão exterior das vivências interiores; o jogo pode proporcionar aos jovens uma reeducação de suas ações e comportamentos, fazendo a junção da Educação Física com a Educação Moral.

No texto “A educação física no âmbito operário” (O APRENDIZ, n. 4/45, p. 2 e 7), o professor mostra um caráter específico da Educação Física no campo profissional, considerando que, no mundo moderno, a escola prepara homens que serão “solicitados para



essa mesma vida”, e a Educação Física contribui com a emancipação do homem moderno quanto ao jugo da máquina. Nesse aspecto, o autor reforça a importância de haver, nos arredores das fábricas, campos de esportes e pistas de atletismo, que deverão proporcionar ao operário uma higiene física, mental e moral, embora chame atenção para o fato de não existirem ainda recursos para a criação de clubes de menores operários, clubes esportivos para operários, devendo os trabalhadores se contentar com poucos exercícios, que deverão ser efetuados mesmo em casa. Dessa forma, segundo o professor, concorre-se para um Brasil mais forte.

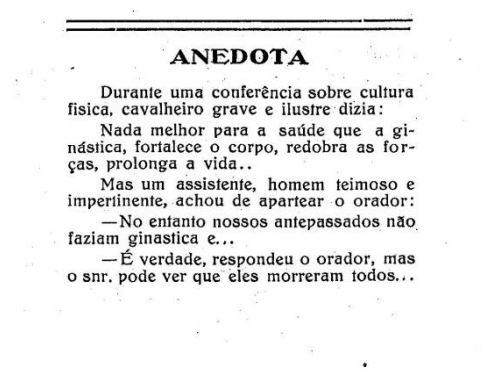
No texto “A prática dos esportes” (O APRENDIZ, n. 2/46, p. 6), escrito pelo Diretor do CETS, ressalta-se como a prática do esporte é importante para a saúde do corpo e do espírito e para a manutenção da felicidade. Segundo ele, a prática de esportes contribui, extraordinariamente, para o aperfeiçoamento físico do sujeito, oferecendo vantagens tais como o desenvolvimento da atenção, do espírito de solidariedade, da cooperação, etc. Entretanto, o esporte deve ser praticado respeitando-se a constituição física de cada indivíduo, e respeitar o corpo consiste em respeitar o *ser*.

A coluna ratifica as constatações de Venturini (2013) quanto à prática da educação física na escola, porém permite o acesso a toda uma discussão sobre o valor dos jogos desportivos e do lúdico na educação intelectual, moral e física dos aprendizes.

A prática da educação física, para os alunos do curso industrial, se restringia de fato a poucos exercícios. Ela se desenvolvia formalmente como preparação para o serviço militar a partir dos 16 anos de idade. Existe no memorial da Reitoria, localizada no Canela, um caderno com a programação das aulas, que ficou sob responsabilidade do diretor Ericsson Cavalcanti, mas eram ministradas por um “sargento do exercito” nas dependências da escola.

O vocábulo *ginástica* aparece, em *O Aprendiz*, apenas na seguinte:

Figura 14 – Anedota



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (n. 8 e 9 /45, p. 4).

A prática dos jogos aparece ainda em outros textos desligados de quaisquer seções como, por exemplo, na crônica “Semana da Primavera”. Nesse texto, observa-se que seu teor é bastante lúdico, pois o professor Dival Ramos, organizador do evento na Pituba, desenvolve várias brincadeiras que terminam contribuindo para a socialização dos estudantes, professores e técnicos administrativos: “1º) Caça ao chocolate ; 2º) Aflições do estomago ; 3º) Corrida de estafeta; 4º) O vai e vem. Foram oferecidos aos alunos que tomaram parte nestas brincadeiras, vários saquinhos de bombons.” (O APRENDIZ, n. 7/45, p. 9).

A coluna “Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador” surge na primeira edição de 1946, informando aos leitores a fundação do CEETS e seus objetivos, isto é, estimular o “amor ao estudo e a arte, por meio de palestras, audições musicais, tertúlias, frequência à Biblioteca. E buscará desenvolver na mocidade o sentimento de civismo e o gosto pela prática de esportes.” (O APRENDIZ, n. 1/46, p. 9). Portanto, o CEETS se propõe a desenvolver a “educação intelectual, moral e física” dos associados.

O texto se aproxima da estrutura de uma ata. Inicia situando a realização das reuniões, sempre duas por mês, com exceção da primeira, e narra as atividades desenvolvidas. O ritual desses encontros é quase sempre o mesmo: abertura com o hino apropriado para a ocasião; leitura e aprovação de ata da reunião anterior; apresentação de palestras, geralmente quatro; e audição do Grupo vocal da ETS; falas de improviso sobre os temas dos trabalhos apresentados; análise crítica dos trabalhos pelo crítico literário; em seguida, declamação de poemas; escolha dos quatro palestrantes da próxima reunião; e execução do Hino Nacional.

A coluna vem sempre assinada pelo aluno Gileno Figueirôa Lima, Redator chefe do CEETS. E foi publicada mensalmente, com exceção do mês de junho, até a última edição de 1946. Por meio dela, tomamos conhecimento das práticas artísticas, dos trabalhos que eram apresentados, a maioria publicada no jornal. Vemos que as atividades do CEETS ligavam-se à educação dos aprendizes por meio do debate, da prática do falar em público.

A ETS, embora se tenha preocupado com a educação para o trabalho, também investiu na educação pela arte, promovendo a participação democrática dos estudantes nessa espécie de ágora improvisada, o CEETS.

Entre as diversas narrativas que são enunciadas e visibilizadas n’*O Aprendiz*, encontram-se metanarrativas sobre o jornal, que abordam sua repercussão junto à comunidade estudantil, seu funcionamento, o desejo de que ele permaneça sendo editado, etc. A primeira aparece na segunda edição. Quanto à segunda e à terceira, são elencadas pelo título “O que dizem d’*O Aprendiz*” (O APRENDIZ, n.2/44, p. 3) e aparecem na edição

seguinte (n.3/44, p. 3). Elas têm algo em comum, porém, uma delas traz uma visão diferenciada sobre a participação dos professores na escrita de textos. Vejamos:

Este jornal, como você sabe, foi criado para distrair instruindo, despertando em alguns e cultivando em muitos o amor às letras. Nêle serão publicados fatos históricos, biografias, descrições, impressões, contos, etc. Em segundo lugar tenho a dizer-te que todos nos sentimos bastante satisfeitos com o reaparecimento do nosso jornal e estamos prontos a colaborar para o engrandecimento do mesmo. (Francisco Cirilo – 3ª série).

Com tão pouco tempo que frequento as aulas, junto aos bons mestres e queridos colegas, recebendo a verdadeira educação, sinto-me tão feliz e contente, que não quero deixar de lêr, um só mês, êste querido jornal, denominado “O Aprendiz”. (José França – 1ª série C).

O jornal “O APRENDIZ” foi feito para os alunos lêrem o que os colegas escrevem. Êste jornal é para falar sobre tudo: homens ilustres, escrever cartas aos colegas, fazer bilhetinhos, contar anedotas; tudo isso se escreve no “O APRENDIZ” [...].

Gostei muito do jornalzinho, é muito bom porque conta muitos casos que nos agradam. **Acho porém que os professores não têm o direito de escrever pelo aluno** (grifos nossos). Alí tudo deve ser nosso. (Josete Teles da Rocha, 1ª série F).

No texto grifado acima, o enunciador se contrapõe à participação dos professores na escrita do jornal. Para ele, o jornal, como Órgão dos Alunos, deveria ser escrito apenas por estes. Ele se refere também à presença de *anedotas*. Como vimos, esse gênero textual que encontramos inicialmente preenchendo os espaços vazios, cresce a ponto de ganhar a seção: “Vamos rir?” Ela é um convite à desconstrução do discurso moral instituído. Outro contraponto a esse discurso é a presença do lazer por meio da “Seção do Charadista”. Esses exemplos mostram que *O Aprendiz* se constituiu a partir de um embate de vozes, que ora se aproximam, ora se contrapõem ou se distanciam, formando a cultura escolar, pois há sempre quem se rebele contra a ordem instituída.

O interesse pelo jornal e o sucesso do POE se deve, sobretudo, à forma como sua coordenadora usou a comunicação dialógica no contato com os estudantes, professores e técnicos que encontrou quando ingressou em 1943 na ETS. Ela desenvolveu a *dimensão da sedução*, tão necessária à aprendizagem dos educandos. Por sua vez, além de uma equipe de pessoas, a instituição possuía os recursos técnicos necessários para a criação de mídia impressa: oficina de tipografia e artes gráficas, fotografia e desenho.

Paralelamente à inclusão de conteúdos relacionados à formação técnica dos aprendizes, para atraí-los à leitura do jornal, o “como” se diz foi outro elemento fundamental para

despertar o interesse dos estudantes. Assim, há todo um “tom afetivo” na forma de algumas professoras se dirigirem aos “Meus Meninos” e um tom humorístico e investigativo que atraía as crianças e os jovens adolescentes, para além do “tom cívico” que o jornal veicula.

O *como* se diz relaciona-se ainda à organização dos elementos materiais do jornal: os tipos de letras, a organização variada dos títulos e da página em colunas, algumas ilustradas com imagens coloridas, a capa, isto é, a arte gráfica. Por fim, com os gêneros textuais que fazem a ligação entre a escola e o mundo do trabalho.

#### 4 O JORNAL ESCOLAR O APRENDIZ, O PRIMEIRO PROJETO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DA BAHIA E DONA JANE

##### Missão de ser professora

Um dos campos mais propícios à atividade do leigo católico é a Educação.

Por isso, como Professora, dediquei-me, prioritariamente, a trabalhar em colégios católicos. Recém-formada, ensinei durante cinco anos, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o mesmo em que estudei e, a exemplo da diretora, a inesquecível Professora Anfrísia Santiago, desenvolvi a minha espiritualidade. De lá fui trabalhar na Escola Técnica de Salvador, entidade leiga, em que, se não realizei um trabalho religioso propriamente dito, pus em prática um projeto de valorização humana que, modéstia à parte, pode ser considerado como verdadeiramente apostólico. Principalmente, porque de caráter voluntário e, sobretudo, por ter como principal objetivo os direitos humanos do alunado, todo ele oriundo das classes mais humildes da sociedade. (*Jane Ribeiro*).

Dona Jane. Professora, arquivista, bibliotecária, memorialista. Revisora, escritora, poeta. Mãe. (*Pola Ribeiro*).

Uma nova orientadora educacional foi nomeada na Bahia em 1943. – Mas será que foi mesmo nomeada ou se nomeou? – Ou ela agiria por conta própria? (Na época, muitas foram as insinuações sobre este momento, marcadas nas memórias de Dona Jane.). As “más línguas” dizem que ela tem um caso com o Diretor da Escola e que ele a favorece. As pessoas despeitadas dizem que ela quer “se meter em tudo”. Outras, que se acham inteligentes sem serem, dizem que ela faz o trabalho (“escreve”) pelo aluno; outras, que pensam que a escola é “meio de sustento” do professor e “não é feita para os alunos”, a rejeitam de primeira. Outras, ao contrário, dizem que o seu trabalho tem um valor incomensurável, que ele é “um veículo da inteligência que se exterioriza em saber” e que representa um progresso para a velha instituição de ensino, a promessa de alegria no coração dos jovens que estão “despertando para a vida”, vida que é sonho, “ideais, êxitos e realizações”. E que a “Prof.<sup>a</sup> JOANA ANGÉLICA FRANCO VIEIRA, eficiente Bibliotecária desta Escola e dedicada Gerente e Orientadora do ‘O APRENDIZ’, é “possuidora de belas e irradiantes qualidades que lhe exornam o espírito, a todos que se lhe acercam, prende por laços de verdadeira e irresistível simpatia e pelos dotes de sua inteligência mûca, bem formada e esclarecida.” (O APRENDIZ, n. 7/45, p; 6).

Figura 15 – D. Jane Ribeiro



Fonte: Coluna “O Aprendiz Social” (n.7/44, p.12).

Figura 16 – D. Jane Ribeiro, aos 90 anos



Fonte: Foto tirada pela autora em 8 de agosto de 2014.

Tudo começa quando a jovem de 20 anos, professora por vocação, é preterida, numa seleção pública de *carta marcada*, para exercer a profissão. Então, ela anuncia que irá lutar por seus direitos e seguir sua vocação, que é não apenas a de ensinar, “transmitir conhecimento”, mas a de educar integralmente para a vida, buscando a inserção dos jovens na sociedade, como aprendeu com a sua mestra maior, a pedagoga e professora baiana Anfrísia Santiago, modelo de educadora que tem como ideal; que irá colocar a biblioteca da escola em funcionamento, mas que irá também provocar uma revolução no ambiente escolar viciado por má conduta e preconceitos de classe social e racismo; que irá “se meter” em tudo mesmo, para que a escola passe a ser dos alunos e realize os objetivos para os quais foi criada. Ela vai, portanto, de encontro à hierarquia instalada e anuncia que os mestres de ofícios são professores, que os saberes práticos, as artes de ofício, têm o mesmo valor que a arte literária. E que os exemplos de homens a serem cultuados são também daqueles que se dedicaram ao trabalho na indústria e se preocuparam com a situação do operariado, a exemplo do baiano Luís Tarquínio.

Esses fatos aconteceram na década de 40, do séc. XX, na antiga Escola Técnica de Salvador. O cenário de embates emergiu e foi constituído, a partir da memória de Dona Jane, nas entrevistas que realizamos com ela. Portanto, neste capítulo, narraremos algumas histórias da professora, muitas vivenciadas em seus 93 anos de vida ativa, enfocando a sua formação docente, sua trajetória intelectual e política como educadora, bibliotecária, idealizadora e coordenadora do Primeiro Projeto de Orientação Educacional realizado na Bahia, na antiga ETS, e como uma das primeiras plinianas de Salvador, membro, durante a adolescência, do integralismo liderado por Plínio Salgado.

Tomamos como fontes para a escrita três entrevistas abertas e três vídeos curtos que realizamos com a professora, em sua casa, no bairro da Pituba, um depoimento escrito de sua autoria, publicado no livro *Cem anos de Educação Profissional no Brasil, história e memória do Instituto Federal da Bahia (1909.2009)*, os dois livros de memórias de sua autoria: *...simplesmente recordando* (2003) e *Retalhos e rebotalhos* (2016), seu livro *Instantes, haicais* (2013) e *O Aprendiz (1944-1947)*.

#### 4.1 A ESCOLA TÉCNICA DE SALVADOR E O ENSINO INDUSTRIAL

A Escola Técnica de Salvador teve origem em 1909, quando o Presidente da República da época, o estadista Nilo Peçanha, por meio do Decreto 7.566, de 23 de

setembro, cria 19 Escolas de Aprendizes e Artífices, instaladas a partir de 1910, nas principais capitais do Brasil, entre elas, Salvador. Essas escolas tinham um sistema próprio de funcionamento, diferenciado de outras escolas criadas pelo governo brasileiro, isto é, legislação específica, prédios com oficinas, currículo e metodologia didática específica. Tinham como objetivo formar mão de obra para o trabalho. Assim, a Escola de Aprendizes e Artífices inicia suas atividades nesse ano, oferecendo os cursos nas “[...] oficinas de alfaiataria, encadernação, ferraria, sapataria e marcenaria” (SAMPAIO; ALMEIDA, apud LESSA, 2002, p. 18).

Cunha (2000) assinala a ambiguidade ideológica na origem dessas escolas. Elas surgem como forma de controle social e com base na ideologia progressista, o industrialismo, marcado pela ideia de que o desenvolvimento industrial representaria progresso, independência política, democracia e civilização para o Brasil republicano<sup>13</sup>.

Na década de 30, com o início da industrialização no Brasil, o governo de Vargas divulga, sobretudo por meio do rádio e dos jornais, o discurso econômico, defendendo a necessidade de criação de mão de obra qualificada para atender à demanda da indústria brasileira.

Até então, como mostra Machado (1989, p. 30), o estado assumia o ensino técnico como “predestinado para as camadas desfavorecidas, os deserdados da fortuna, como os menores marginalizados”, conforme inscrito na legislação. Durante a Era de Vargas, 1930-1945, o discurso político se perpetua e se intensifica, diante das mudanças sociais:

Não só os hábitos e a vida urbana estão a exigir níveis educacionais mais altos, como a própria ideologia dominante confere à educação um valor mágico capaz de mudar as pessoas e alterar a sua posição na estrutura de classes. Como o ensino secundário continua reservado à elite, é necessário criar uma outra opção, capaz de, ao mesmo tempo, atender às pressões e às necessidades da produção.” (MACHADO, 1989, p. 30).

Em janeiro de 1937, as Escolas de Aprendizes e Artífices passam a Liceus Industriais. Nesse ano, o Liceu Industrial da Bahia oferece pela primeira vez o curso de Tipografia que se agregou ao de Encadernação. Eram oferecidos ainda os cursos de Fundição, Serralheria, Mecânica, Carpintaria, Pintura, Gravura, Marcenaria, Alfaiataria e Artes do Couro. Com a Lei Orgânica do Ensino Industrial, instituída por meio do Decreto Lei nº

---

<sup>13</sup> Em 1919, o ensino industrial manufatureiro ganha um contorno mais nítido com a criação da Escola Normal de Artes e Ofícios, com o objetivo de formar professores para as Escolas de Aprendizes. Até então, a metodologia voltava-se para os padrões artesanais da prática (CUNHA, 2000, p. 98).



4073/42, pelo Presidente Getúlio Vargas, o ensino profissionalizante de então passou ao nível de segundo grau e houve a reforma do currículo com a criação de cursos técnicos, inclusão do desenho técnico nos ‘cursos artesanais’, além da criação de outras disciplinas de ‘cultura técnica’ (BRASIL, 1942 a).

A Lei é clara, o ensino industrial tem como finalidade preparar operários para o desenvolvimento da indústria brasileira. A partir dela, inicia-se “o ensino profissionalizante do qual a Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA) foi uma representante” (SILVA, N., 2016, p. 32). Segundo Cunha (2000, p.96):

Numa primeira olhada, a concepção do ensino expressa na “lei” orgânica do ensino industrial (decreto-lei 4.073, de 30 de janeiro de 1942) concilia duas modalidades de formação de operários. A principal modalidade seria desenvolvida nas escolas industriais, herdeiras das antigas escolas de aprendizes artífices, então promovidas ao nível pós-primário (1o ciclo do ensino médio, ramo industrial). Aí seriam ensinados ofícios que exigiriam uma formação mais longa, em oficinas especializadas. A outra modalidade seria a aprendizagem, ministrada em “serviços”, que associaria escola e trabalho, visando ao ensino de parte de cada ofício industrial.

Como afirmou a professora Jane Ribeiro, quando ela ingressou na ETS, em 1943, “o ensino era péssimo”, não cumpria com a função a que foi predestinado, isto é, formar operários qualificados. Como veremos, o POE que realizou nessa escola teve esse objetivo, elevar o nível de conhecimento das crianças e dos jovens que, em Salvador, Bahia, Brasil, na década de 40 do séc. XX, continuavam a frequentar seus bancos escolares: a população do subúrbio e do bairro da Liberdade, principalmente filhos da classe operária da Capital baiana na época, pobres e afrodescendentes<sup>14</sup>.

Para implementar mudanças visando o desenvolvimento do ensino técnico profissional, foi necessário criar instrumentos didáticos que formassem profissionais qualificados. As Associações Escolares já eram presentes nas escolas brasileiras desde o início do século 20. De acordo com Zen (Apud. RABELO, 2013), elas consistiam em:

[...] grupos organizados no interior das instituições escolares, fossem elas públicas ou particulares, com um propósito comum de integrar o corpo discente, estimulando uma formação cívica, moral e intelectual através do

<sup>14</sup> Dona Jane narrou que, quando chegou à instituição, o ensino era ainda de nível primário. E os alunos “mais iluminados” faziam vestibular para serem engenheiros. Não seguiam a profissão que tinham aprendido nas oficinas durante os quatro anos de curso. Essa é uma problemática que permanece na atualidade. A grande maioria que conclui o curso técnico integrado nos institutos federais não vai para o mercado de trabalho, ingressa numa universidade por meio do ENEM. Cunha (2000) chega a afirmar que as Escolas Técnicas passaram a ministrar ensino intelectual em vez de preparar trabalhadores.

exercício de ‘atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação’, contribuindo igualmente com o processo de busca de uma identidade nacional.

Na ETS, a existência dessas agremiações remonta, provavelmente, às décadas de 20 e 30. Como vimos, *O Aprendiz* surge nessa instituição na década de 30, alicerçado no “civismo, trabalho e perseverança” (O APRENDIZ, n.1/44, p. 1). Há referências a outro tipo de associação, que na ocasião se encontrava desativada: o “grêmio Nilo Peçanha o qual controlava também as atividades esportivas” (O APRENDIZ, n.1/44, p. 4).

Em 15 de março de 1946, a criação do Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador teve, entre outros, também esses objetivos, visava “incutir no espírito de seus associados o amor ao estudo e à arte, por meio de palestras, audições musicais, tertúlias, frequência à biblioteca, e buscará desenvolver na mocidade o sentimento de civismo e o gosto pela prática de esportes” (O APRENDIZ, n.1/46, p.9). O “sentimento de civismo” é um dos temas que perpassam as edições do jornal, sendo um dos valores que, na época, a sociedade brasileira se propunha a desenvolver nos cidadãos por meio da educação. Como veremos, é, sobretudo, por meio dos conteúdos do ensino de História do Brasil que a ideia de dever, obrigação e sacrifício para com a pátria é veiculada no jornal.

Em 1937, a Escola havia passado à denominação de Liceu Industrial da Bahia, ganhando outros contornos. Nesse período, como vimos, foram criadas as oficinas de tipografia e gravura. Com a transformação da legislação vigente em 1942, a escola ganhou nova denominação – Escola Técnica de Salvador – e, neste momento, aconteceram outras modificações importantes: o ensino técnico passou a segundo grau, oferecendo paralelamente os cursos industriais, os cursos técnicos, desenho de mecânica e desenho de máquinas. Foi neste segundo momento de transformação pelo qual a escola iria passar (VENTURINI, 2013), que Dona Jane ingressou na Instituição.

#### 4.2 MEMÓRIA, EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA E AS NARRATIVAS DE DONA JANE SOBRE A ESCOLA TÉCNICA DE SALVADOR

O estudo se ampara na escuta da professora idealizadora do Primeiro Projeto de Orientação Educacional da Bahia, Dona Jane Ribeiro, hoje com 93 anos, bem como nos documentos do Jornal *O Aprendiz* e de livros e teses já escritas sobre esta instituição de ensino técnico. Lendo e interpretando as narrativas de Dona Jane sobre a experiência que vivenciou na ETS durante o período em que ali atuou, percebemos como

ela soube compreender e expressar os problemas vivenciados, sobretudo na produção, circulação e recepção do jornal. Até sua chegada à Instituição, a escola já possuía alguns jornais e boletins, entre eles, *O Aprendiz*, que inicia sua circulação em 1935, que foi retomada com Dona Jane na organização do periódico em 1944.

Dona Jane, em seus relatos sobre essa época, atribuiu significados a essa experiência, enfatizando como se deixou “tocar” pela lembrança. Fez isso de forma lúdica, prazerosa, comprometida com a ‘verdade’ dos fatos. Trouxe para o presente a memória biográfica, como também a memória política, social, cultural, educacional e coletiva, ao historiar a sua relação com a educação. Mostrou ainda os preconceitos raciais e de classe, o ambiente da época, a memória do trabalho – os ofícios e os mestres, os conteúdos de ensino e a didática empregada, o caráter e o comportamento dos professores, as transformações que imprimiu à educação na Escola Técnica com o Projeto de Orientação Educacional durante o governo de Getúlio Vargas, “o chão da escola”, parafraseando a expressão popular, “o chão da fábrica”.

O que mais nos chamou a atenção na narrativa de Dona Jane foi perceber as transformações pelas quais passou a escola, desde a derrubada da fachada do prédio belíssimo, construído em pedra lavrada, até a mudança nos cursos. A escola deixou de ensinar os ofícios tradicionais, a exemplo da tipografia e da gravura, o que mostra a mudança rápida da sociedade industrial para a sociedade tecnológica na Bahia.

Figura 17 – Fachada do prédio da Escola Técnica de Salvador



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal (O APRENDIZ, n.1/44, p.3).

#### 4.2.1 Professora Jane: dados biográficos, trajetória intelectual e docente

[...] até desfile cívico papai organizou para comemoração de meu aniversário. Tendo nascido em 1923, ano de centenário da Independência na Bahia, recebi o nome de JOANNA ANGÉLICA, o da ‘freira mártir’, graças à intervenção de mamãe, que o impediu, de registrar-me como MARIA QUITÉRIA conforme sugeriu. DO QUE ESCAPEI! Daí a ideia que teve de festejar meus 7 ou 8 anos de forma cívica, armando um carro de caboclos (mirim), acompanhado com cartazes das figuras da Independência, e demais participantes (primos e colegas de escola), vestidos de verde e amarelo, portando balões de borracha nas mesmas cores e cantando o Hino ao Dois de Julho. (RIBEIRO, 2003).

Jane Ribeiro é uma soteropolitana de estatura alta, olhos azuis, bem-humorada, entusiasta, inteligente e, por que não dizer, exigente consigo mesma no cumprimento dos seus deveres e ideais. Nascida em casa, no Campo da Pólvora, bairro de Nazaré, perto do Fórum Rui Barbosa, em 7 de agosto de 1923, filha caçula de seis irmãos, dentre eles o professor e poeta baiano, estudioso da poesia japonesa, Oldegar Vieira, grande incentivador de sua carreira docente e literária. A professora Jane tem 93 anos de idade e continua a escrever poesia e prosa, ainda que esporadicamente. Com ajuda da neta Camila, criou um *blog* de fotos e notícias da família (<<https://familiavieira.wordpress.com/page/3/>>). Posteriormente, criou outro *blog* para publicação de “Textos em prosa e em verso sem pretensão literária” (<<https://janeribeirotextos.wordpress.com/>>). Ao completar 80 anos, toma posse na Academia de Letras Mater Salvatoris, ligada à Fundação João Fernandes da Cunha, onde lança o livro *...Simplesmente recordando: lembranças de pessoas e coisas de uma família típica da classe média baiana no século XX* (2003) e comemora, trazendo ao conhecimento do público, familiares e amigos, a veia memorialista e historiadora da educadora. Esse seu primeiro livro de memórias, em que narra a história da família dos “VIEIRAS”, traz muitos fatos interessantes de uma Salvador antiga, inclusos nela a casa da família, os avós maternos e paternos, os pais, os tios, os amigos; a religiosidade, a fé, a infância, a adolescência, o namoro e o noivado da menina e moça Janinha/Jane.

De formação católica, religião que adotou como fé, embora às vezes tenha dúvidas existenciais, Dona Jane participou por dez anos do Movimento Familiar Cristão, na Paróquia de Santana, em Nazaré, sob o “pastoreio do Mons. José Gilberto Luna, onde reativou a sua fé e a assumiu como compromisso de vida, de amor ao próximo e de respeito aos DIREITOS HUMANOS.” (RIBEIRO, 2003, p. 146)

Estreia como poeta aos 90, com *Instantes, haicais* (2013) e, recentemente, seu

segundo livro de memórias, *Retalhos e Rebotalhos* (2016), vem a público com alguns textos que foram escritos durante a sua trajetória de vida familiar, religiosa e educacional, além de textos recém-escritos. São *retalhos* que ela costura como se fizesse *fluxico*: almofadas, toalhas, colchas, etc. com restos de tecido, “são textos despretensiosos”, acompanhados de registros fotográficos. É um relato memorialista saboroso sobre sua família, viagens, carreira na ETS e no Colégio Vieira, sua participação no Centro de Estudos e Assistência Pedagógica – CEAP, da Companhia de Jesus, na década de 40 do século XX, a religiosidade, os filhos, netos e outros aspectos e características de uma vida bem vivida com alguns percalços, tristezas e muitas alegrias.

O livro de haicais é sua obra de maior projeção até o momento e, assim como o anterior, foi publicado pela editora Mondrongo, que se tem projetado nacionalmente como editora de livros de poesia e narrativa baiana. Dele foram selecionados dois poemas, publicados em *Haicai do Brasil*, coletânea com haicais de 33 poetas, entre eles, Dona Jane e Oldegar Vieira, organizada pela compositora e intérprete Adriana Calcanhoto. No dia em que chegamos a sua casa para entrevistá-la pela segunda vez, estava contente, lendo o livro que acabara de receber pelo correio. Leu para nós o trecho de apresentação de seus poemas. Modesta, embora tenha sido *pretensiosa* durante a juventude, a professora afirma que não escreve para o público em geral, mas para os amigos e parentes. Hesitou, inclusive, em publicar o livro de haicais. Só o fez por insistência de seu filho Pola Ribeiro<sup>15</sup>. Os poemas são *instantes* de poesia, captados pela capacidade de síntese da poeta, como nesses dois haicais que, respectivamente, inicia e finaliza o livro (RIBEIRO, 2013, p. 19; p. 155):

velhinha sozinha  
o que inda posso fazer?  
Riminhas  
.....  
Sobre o meu leito  
encontrei surpreendida  
um amor perfeito

Jane, apelido que lhe deu o seu marido Ribeiro (João dos Santos Ribeiro), comerciante assim como seu pai, e que, por ser um nome pequeno, passou a ser usado por todos os familiares e amigos, é um exemplo de mulher vocacionada para a educação, a leitura

<sup>15</sup> Paulo Roberto Ribeiro (Pola), filho mais novo de Dona Jane, é cineasta, comunicador e gestor público, realizou diversos vídeos e filmes, dentre eles, o longa *Jardim das Folhas Sagradas* (2007).

e a escrita. Desde pequena, já sabia o que iria ‘ser quando crescer’. Suas brincadeiras de infância tinham como cenário a “Escola João Pessoa”, nomeada por ela em homenagem ao líder político da Revolução de 30 na Paraíba, “figura política mais falada na época pelos adultos”, que ela nem sabia de fato quem era (RIBEIRO, 2003, p. 78). A sala de aula era frequentada por bonecos-alunos(as). Cada um(a) tinha o seu material escolar, com visto nos deveres corrigidos pela professora, a menina Janinha, apelido carinhoso que recebeu dos pais.

Filha do seu Vieira (Antônio José Duarte Vieira), comerciante bem-sucedido, proprietário da “Nova Cruzada”, casa de plásticos junto ao Plano Inclinado, e de dona Guiomar (Guiomar Lucilla Matta Franco), dona de casa e mãe amorosa, Dona Jane teve em casa uma educação exemplar com base nos valores morais e na religiosidade cristã. Ao falar dos pais, ela assinala que, embora tivessem estudado apenas o primário, em escola pública, sabiam ler e escrever muito bem, eram educadores natos: “Porque naquele tempo, do primário, se saía escrevendo bem. Hoje não. Hoje os meninos saem da faculdade, escrevendo besteira.” (APÊNDICE G – Entrevista 1). Aponta assim para um declínio na qualidade do ensino no Brasil.

Como afirmou, teve uma educação liberal, porém vigiada. Ia com as irmãs a festas (na época, os chamados “assustados”), cinema, shows, etc., sempre acompanhada do irmão mais velho, pois naquele tempo uma moça de família não podia sair sozinha. A educação intelectual e o gosto pela arte foram estimulados em casa, estudou piano assim como suas outras duas irmãs, para fazer parte da banda musical que o pai formaria, composta pelos seis filhos. A educação moral e religiosa também se iniciou em casa. O seu pai era um homem de grande fé. Tinham uma capela em casa, o altar de madeira foi feito de encomenda, onde celebravam missas e ações de graça em louvor de Nossa Senhora das Mercês, padroeira da família.

#### 4.2.2 A formação intelectual e política

E, com emoção, confesso que, ainda hoje, ressoam, nos meus ouvidos, os acordes do Hino Nacional cantado com garbo e muita vibração pelas “ondas verdes” que se “espraiavam” desde a Praça da Sé até o Campo Grande, nos desfiles cívicos daquela época. Desse modo, os “VIEIRAS” viveram anos importantes no panorama geral da Humanidade! (RIBEIRO, 2003).

O gosto pela leitura, prática que Dona Jane mantém até hoje, foi desenvolvido ainda na infância. Ela passou a ler tudo que chegava às suas mãos, a leitura se tornou sua

companheira de todas as horas. No nosso quarto encontro, quando a entrevistamos sobre as suas leituras, levamos o livro *Jornal e pensamentos de cada dia*, da escritora católica Elisabeth Leseur, que ela quis de imediato reler, pois era uma de suas escritoras prediletas, da qual retirou muitas citações para os seus trabalhos. Em sua biblioteca variada, cujos livros estão classificados por assuntos e que, até certo tempo, ela mantinha em ordem – educação, literatura, religião, história entre outras. –, encontramos uma obra rara: *A vida de Jesus*, de autoria do romancista moderno e chefe do movimento integralista no Brasil Plínio Salgado. O livro, pelo qual ela tem o maior apreço e recebeu de presente do cunhado em 1945, narra a história romanceada de Jesus e nos remete a uma faceta importante da formação intelectual e política de Dona Jane durante a adolescência. Nas três primeiras entrevistas, ela não havia falado da paixão juvenil pelo movimento dos ‘*camisas verdes*’, embora se tivesse referido ao movimento comunista do qual era adepto Aurélio, o pai da senadora baiana Lídice da Mata, com quem trabalhou na ETS.

Na primeira entrevista filmada, Dona Jane justificou a sua predileção política pelo lema do partido integralista brasileiro, a trilogia proposta pelo movimento – Deus, Pátria e Família, ideais fundamentais para ela. Apesar de ter consciência de que este é um tema polêmico, defendeu o integralismo, que, segundo ela, foi cunhado de “movimento fascista indevidamente”, enquanto “o comunismo foi tido como movimento democrático”. A participação não apenas dela, mas de toda a família, no integralismo foi tão marcante que ela dedicou um tópico de ...*Simplesmente recordando* ao assunto: “O civismo dos Vieiras”. A convocação de Plínio Salgado atraiu inicialmente o irmão “mais idealista”, o poeta Oldegar Vieira e alguns de seus colegas da Faculdade de Direito, não apenas pelo aspecto literário, mas também pelo ideológico e político, alimentados pelo sentimento cristão. Segundo ela:

Eram princípios do integralismo, o espírito nacionalista, a oposição ao capitalismo internacional financista e a integração dos elementos fundamentais de um verdadeiro ESTADO – povo nação – criador de seu governo e a coerência de sua tradição e do território pátrio...

Distinguiam-se os integralistas pela conscientização dos adeptos, o uso da camisa verde, portando no braço esquerdo o SIGMA, letra grega que, em Matemática, indica unidade, totalidade, sugerindo, desse modo, que a nova doutrina pregava um país uno, integral, não ‘dividido em estados’ o que, possivelmente, os tornaria separados. Sua saudação era ANAUÊ, de origem indígena, que significa “companheirismo”.

Nada, pois, mais fascinante para jovens plenos de idealismo e de puro amor à Pátria. (RIBEIRO, 2003, p. 164).

Os irmãos mais jovens de Dona Jane se tornaram plinianos – “adolescentes filiados ao movimento, pertencentes à “JUVENTUDE”, chefiada por Oldegar” (RIBEIRO, 2003, p. 164-165). Janinha, com apenas 12 anos, aceitou o convite para colaborar com a ala feminina do movimento, encarregando-se de preenchimento de fichas de filiação, da organização dos arquivos e de atividades de cunho social e artístico de apoio ao partido, ações atribuídas às mulheres adeptas. A casa da família recebeu elementos decorativos simbólicos do integralismo e se tornou ponto de encontro, às quartas-feiras à noite, de cerca de 40 seguidores, na maioria, universitários, para as seções doutrinárias, ao estilo das lideradas por Plínio Salgado, que lhes eram transmitidas pelos intelectuais baianos ligados ao movimento (RIBEIRO, 2003, p. 166).

Um dos meios de divulgação das ideias doutrinárias pelo líder integralista foi o jornal *A Offensiva*, que era lido também pelos Vieiras. O jornal utilizou-se de textos verbais e elementos imagéticos e símbolos, de fotografias e propagandas para veicular as ideias integralistas e o comportamento a ser assumido pelos camisas verdes. Um aspecto que Dona Jane não cita na análise que faz da ação integralista e de sua repercussão na Bahia, é assinalado por Simões (2009, p.178-179), em sua tese de doutorado *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932 -1938)*’:

Plínio Salgado criou a Milícia Integralista com treinamento específico para utilização de armas e explosivos, mas jamais admitiu publicamente que esses quadros estavam sendo treinados para combate. Em defesa do movimento, argumentava que ele venceria por meio de ideias.

Os ‘Regulamentos da Milícia’, no entanto, apontam para as intenções obscuras de vencer pelo uso da força. Assim, precisava fazer forte seu militante, física e intelectualmente, não para ele se tornar consciente de seus atos, mas para ter conhecimento da ideologia e preceitos integralistas quando precisasse se manifestar e, principalmente, para se comportar como lhe era ordenado.

A manipulação ideológica e a pretensão de luta armada, portanto, foram elementos “esquecidos” por Dona Jane em sua narrativa memorialista, suplantados pelo civismo, principal objetivo da ação integralista para ela, sua família e outros adeptos, em consequência do discurso nacionalista veiculado na sociedade da época: a busca da afirmação da identidade nacional. Como afirma: “O que determinou os sentimentos cívicos dos VIEIRAS foi o espírito nativista e cristão do Movimento expresso pela trilogia ‘DEUS, PÁTRIA e FAMÍLIA’” (RIBEIRO, 2003, p. 168).



Simões (2009, p.179-180) analisa ainda o lugar a ser ocupado pelas mulheres no movimento, que se diferencia do papel masculino, isto é, “Para ser mãe, para cumprir sua ‘função maior e mais nobre’, a AIB indicava que a mulher se preparasse moral, intelectual e fisicamente. A mulher deveria estar preparada fisicamente para gerar e intelectual e moralmente preparada pra transmitir aos seus filhos a doutrina do sigma”. Como vimos anteriormente, o ideário proposto pelo jornal *O Aprendiz* dialoga com a trilogia integralista.

Diversos teóricos afirmam a importância da problematização das fontes para a história, uma vez que, a depender do contexto de circulação das ideias e dos espaços ocupados pelos atores da ação social, as perspectivas diante dos fatos podem se modificar, se aplicar ou se contrapor. Exemplificando essa afirmação, colocamos o ponto de vista de Dona Jane acerca do término do movimento em seu livro ... *Simplesmente recordando* (2003, p.166-167):

Foi tamanha a expansão das ideias difundidas pelos partidos, Integralista e Comunista no Brasil, formados ambos, por operários civis, militares, intelectuais, que o maquiavélico político GETÚLIO DE ORNELLAS VARGAS começou a sentir-se ameaçado nas suas pretensões ditatoriais frente à complexa conjuntura nacional e internacional do momento, de caráter acentuadamente econômico. Resolveu então, fechar os partidos políticos e, conseqüentemente o Congresso Nacional, interrompendo o processo democrático e extinguindo a liberdade de expressão. Mandou prender os suspeitos adversários do regime e instalou o ESTADO NOVO sob uma nova constituição, eminentemente ditatorial, a de 1937, que perdurou até o golpe de outubro de 1945 que o derrubou do Governo.

#### 4.2.3 Educação formal e o Trabalho em educação

D. Anfrísia Santiago foi um modelo vivo do que deve ser o Professor Educador, cuja missão de ensinar é intimamente ligada à Educação.

Dos vários privilégios que já tive na vida, um devo destacar como dos mais gratificantes – o de ter sido aluna do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. (RIBEIRO, 2016, p.229).

Na época – final do século XIX, início do século XX – em que o ensino infantil ainda não havia sido universalizado, era comum que as famílias de elite pagassem a uma professora para alfabetizar e preparar, em suas casas, os seus filhos a partir dos seis, sete anos de idade para o “exame de admissão ao ginásio”. Às famílias de classe média existia a opção de pagar uma escola entre as poucas que existiam. Assim, Dona Jane ingressou com 7 anos de idade no Instituto Baiano de Ensino para o curso infantil, a alfabetização. Lembra-se ainda de sua professora Hilda Castro, seu primeiro modelo de mestra, que admirava por sua inteligência e elegância, embora não fosse bonita. O seu sentido estético, a

valorização da beleza, transparece ainda na afirmação de que imitava a letra “muito bonita” da professora. O ensino do Instituto era excelente, porém tinha um caráter repressor que nunca agradou à educadora (existia a cafua para os indisciplinados, a prática do bolo de palmatória, etc.). De comportamento exemplar, jamais sofreu penalidades durante o curso de tempo integral. Segundo ela, os professores eram muito bons; os alunos saíam do primário com uma formação “muito boa em português e matemática”, disciplinas que eram ministradas pela manhã. O turno da tarde era dedicado à aprendizagem de geografia, história e prendas domésticas. Todos os irmãos de Dona Jane estudaram no Instituto assim como as principais “lideranças baianas” da época.

Como prova de seu desempenho na escola infantil, restam as suas “escritas de férias”. A “menina prodígio”, estudiosa, desde cedo desenvolveu o “senso do dever”: quase sempre, passava de uma série para outra em seis meses e com distinção. Fez o primário em apenas 3 anos. Assim que recebeu de nossas mãos essa fonte manuscrita, que nos havia emprestado para fotografarmos, chamou a moça que trabalha em sua casa para ver e comentou, folheando as páginas de papel pautado encadernadas: “Todos os dias fazíamos análise léxica”. Em seguida: “É o gênio essa menina!”. Depois de falar do cotidiano escolar no Instituto, beijou as “escritas”, numa expressão de alegria e afeto.

Com dez anos, foi aprovada no “exame de suficiência” que dava acesso ao Curso Normal. A mãe escolheu a escola mais próxima de sua casa e mais conceituada que havia na época para formação de professora primária, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, dirigido pela educadora baiana Anfrísia Augusta Santiago. O colégio, dedicado à formação da elite, é uma referência na história da educação baiana. A atuação pedagógica da educadora, que chegou a ser, por influência de Anísio Teixeira, secretária de Educação da Bahia e membro fundante do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, é assunto da dissertação de mestrado *Sursum! Memória da tradição, a ação pedagógica de Anfrísia Augusta Santiago (Bahia, 1927-1950)*, de autoria da educadora baiana Josely Pereira Muniz (2002) e da qual Dona Jane participou como informante, além de ser citada algumas vezes.

Nela, a autora analisa como memória e tradição se imbricam na práxis pedagógica da professora Anfrísia, que criou uma pedagogia singular, a “pedagogia da memória”. Caracterizada pela “invocação dos antepassados importantes aliada ao culto dos grandes heróis da pátria, e, sobretudo, os oriundos da terra natal” e se utilizando ainda da genealogia como aliada, essa pedagogia “favorecia a distinção e a inscrição de lugares sociais e

possibilitou a reconversão social da própria professora” (MUNIZ, 2002, p.8).

Muniz (2002, p.64) mostra ainda que a pedagoga baiana, embora tenha participado das discussões do movimento da Escola Nova, que propunha como ideal a ser atingido a universalização e democratização da educação, ela não se engajou na luta dos que “reivindicavam a escola pública e uma sociedade mais equânime”. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era voltado para as classes sociais favorecidas economicamente. Além disso, a professora só aceitava em sua escola moças de origem conhecida, por recomendação ou por sua condição social ou origem.

Esse é um ponto polêmico na biografia da Professora Anfrísia. O fato de a pedagoga ter-se preocupado com a educação da classe social sempre favorecida na história da sociedade brasileira leva a autora a afirmar que Anfrísia “não fugiu às determinações de seu tempo e que esteve mais sensível do que se pode imaginar aos apelos da origem nobre, embora essas preocupações só surgissem no momento oportuno [...]” (MUNIZ, 2002, p. 65), numa sociedade baiana republicana, marcada ainda pela crença numa diferença essencial fundada na origem e no nascimento.

Elizete Passos, em número da Coleção Educadoras Baianas dedicado a “Anfrísia Santiago, 1894-1970”, apresenta o outro lado da questão, ao mostrar o aspecto humanitário e religioso da educadora. Fazia parte de sua educação integral a “religiosidade como base moral”: “Mesmo explicitando que a prática religiosa era facultativa, implicitamente criava todas as condições para que ela se tornasse obrigatória.” (PASSOS, 2005, p.50). Assim, as alunas, levadas pelo entusiasmo de conviverem em outros ambientes, participavam das práticas caritativas da escola, visitavam comunidades carentes e contribuía com o funcionamento de uma ‘escolinha’ destinada às crianças pobres, no bairro de Brotas (PASSOS, 2005, p. 51).

No tópico “O conceito que as alunas tinham da professora”, em que Passos cita vários trechos de artigos publicados por Dona Jane sobre Anfrísia Santiago, são elencadas as características da personalidade da educadora e de sua pedagogia. Ela era “uma psicóloga nata”, pois, fugindo à educação humanística tradicional, preocupou-se com cada aluno individualmente, em compreender “as manifestações dos seus sentimentos, a fim de entendê-lo e melhor conduzi-lo.” (2005, p. 66). Essa atitude é interpretada hoje como advinda do “imenso respeito que ela possuía pelo ser humano, e sua capacidade e disponibilidade para compreendê-lo.” (2005, p. 68). Outro aspecto destacado por Passos (2005, p. 68 - 71) é a “formação integral do ser”. Isto é, a professora entendia o papel do educador e da

educação para além da instrução e transmissão de conhecimentos; “ela se preocupava em formar a personalidade, o caráter, atrelando a isto o ensino do conteúdo das disciplinas teóricas.”

Dona Jane afirmou que se espelhava em Dona Anfrísia como educadora, ela era o seu modelo ideal de professora. Chamou atenção para esses aspectos da sua personalidade, dizendo que “ela conhecia todos os alunos e seus pais e visitava as famílias” (APÊNDICE G – Entrevista 2). Em seguida, afirmou com convicção: “Ela fazia educação. Quis fazer educação. Não apenas ganhar dinheiro. Era uma educadora, não se preocupou apenas em ensinar conhecimentos, mas educar integralmente” ( APÊNDICE G – Entrevista 2). Além disso, assinalou que, na escola de Dona Anfrísia, não tinha aula vaga. E que ela gostava quando algum professor faltava, pois Dona Anfrísia o substituía, ministrando aulas muito mais enriquecedoras do que as do próprio professor da disciplina. Isso é dito também em artigo que publicou sobre Dona Anfrísia no *Jornal A Tarde*:

No seu colégio não havia aulas vagas. Era impressionante vê-la abordar, de improviso, com profundidade de conteúdo e clareza da exposição, os mais variados assuntos que deveriam ser dados pelos professores titulares das disciplinas, quase todos, vale ressaltar, docentes de faculdades de ensino superior, a nata do professorado baiano. (RIBEIRO, 1944, apud PASSOS, 2005, p. 42).

O conhecimento dos aspectos característicos da pedagogia de Dona Anfrísia importam para esta tese uma vez que a formação técnica de Dona Jane como professora primária realizou-se no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Apenas o último ano do curso foi no Instituto Normal da Bahia, em consequência do término do curso pedagógico (em meados de 1939), que foi substituído pelo colegial, com primeiro e segundo graus, no colégio de Dona Anfrísia devido a desentendimento da educadora com o ministro da Educação na época, o baiano Isaías Alves. Dona Jane relata o fato, afirmando que, na contenda, ambos tiveram razão. O educador, por ter baixado decreto que regulamentava o Ensino Normal nas escolas baianas, desvirtuado em muitas delas, e a professora por não concordar em cumprir com as determinações impostas, uma vez que seu Colégio formava com qualidade inegável as jovens para o magistério.

Veremos, no Capítulo 5, que muitos dos traços da “pedagogia da memória” estão presentes n’*O Aprendiz*, a exemplo do culto aos heróis da pátria, sobretudo, os baianos, e às personalidades ligadas ao mundo da tecnologia.

Logo após concluir o curso pedagógico, a professora Jane ensinou no Colégio Nossa

Senhora Auxiliadora por 4 anos. Ela confessa que, embora Dona Anfrísia e outras pessoas gostassem das aulas que ela ministrava no ensino infantil, ela chegava exausta em casa depois de cumprida a rotina diária. Fez também, por orientação de Dona Anfrísia, o 2º Curso Livre de Biblioteconomia, patrocinado pela Biblioteca Pública da Bahia sob a coordenação da bibliotecária Bernadete Sinay Neves. Depois disso, o curso deu surgimento à Escola de Biblioteconomia da UFBA.

Dona Jane está no rol das alunas prediletas da educadora baiana, que foi madrinha de seu casamento em 1949 e com quem manteve amizade até o falecimento desta em 1970. Ela encaminhava *O Aprendiz* também para a Escola Nossa Senhora Auxiliadora. Depois dessa época, sempre foi procurada para dar depoimentos ou redigir artigos em homenagem “à mestra inesquecível”. A formação técnica que adquiriu para o ensino, aliada à educação intelectual, moral e religiosa com base na prática da caridade, mais a vocação nata para a carreira de educadora possibilitaram e impulsionaram a professora Jane a idealizar e desenvolver, por iniciativa própria e como doação à ETS, o primeiro Projeto de Orientação Educacional da Bahia.

Embora se considere realizada intelectual e profissionalmente, Dona Jane, durante os nossos encontros, externou o desejo de ter feito jornalismo, para o qual ela se considera apta, pois o gosto pela comunicação é uma característica sua. Acrescentou que poderia ter feito Letras também, pois gosta de literatura. Já sonhou em ter uma editora, a revisão é outro aspecto que sempre fez parte de sua prática de leitura e escrita. Essas afirmações podem ser um indício de que, em alguns momentos, durante a sua trajetória como educadora, a situação de desvalorização do professor, os baixos salários, fizeram a professora repensar/sonhar com outra profissão.

Provavelmente, fez concurso para a ETS porque a remuneração desta escola era muito superior à das outras escolas, a exemplo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no qual ganhava 100 reais mensais, além do fato de que gostava de trabalhar com adolescentes e adultos. Também deve ter aceitado a nomeação como bibliotecária, ao ser preterida como professora, porque o salário de um funcionário na instituição, embora bem inferior a de um professor, era quatro vezes maior do que o de uma professora primária, além de querer, de fato, trabalhar, pois havia terminado de se formar em biblioteconomia. As possíveis profissões que não exerceu, no entanto, são, como vemos, todas ligadas ao conhecimento e domínio da língua portuguesa. A professora considera a ETS como o seu primeiro emprego e afirma em seu livro de memórias (RIBEIRO, 2016, p. 205):

Deixei a Escola, cinco anos depois quando, já casada, passei a dedicar-me ao lar e à criação dos filhos.

Deixei-a com pesar, pois, através do trabalho realizado, cresci como pessoa, tornando-me mais humana, mais sensível, cada vez mais, convencida da importância da Educação para a inclusão social.

Um fato interessante sobre o ingresso de Dona Jane na ETS está ligado à sua classificação em 2º lugar no concurso público para professor dessa escola. Como narrou a professora, o concurso se constituiu de duas etapas: prova escrita e prova oral. Ela foi muito bem em ambas as provas, sobretudo, na prova oral, e, somente porque empregou o pronome “vós” na terceira pessoa em um requerimento, abaixaram sua nota na prova escrita para que o seu concorrente ficasse em primeiro lugar. Assim que recebeu o resultado, foi até à escola questionar. O acompanhante, seu cunhado, lhe diz:

– Você vai sair daqui presa...!!!!  
 – Não vou sair presa nada, vou sair daqui com meus direitos respeitados.  
 Esse povo não tá me respeitando, tinham carta marcada... (APÊNDICE G – Entrevista 2, JANE RIBEIRO).

É compreensível que a indignação da moça surpreendesse o cunhado, pois eles estavam em um espaço público, regido pelas instâncias federais, em plena ditadura de Getúlio Vargas (1943), além de se enfrentar também a Segunda Guerra Mundial! Mas ela sabia que, de fato, havia sido preterida porque o rapaz, de menor condição social, fora aluno da casa e era conhecido dos professores da banca. Além disso, ela deu uma aula prática excelente: “A minha prova prática foi muito melhor do que a de Climério” (APÊNDICE G – Entrevista 2).

Numa instituição que era conhecida pelas ações ilegítimas de alguns dirigentes, burlar o resultado de um concurso era natural para a corporação. Todos comentavam na época que o diretor do estabelecimento no período 1926-1939, o senhor Lycerio Alfredo Schreider, tinha comprado uma mobília para a sua residência com o dinheiro público, como se fosse mobiliário escolar. Além disso, funcionários e professores levavam à vontade da escola material para uso particular.

O depoimento que deu para a publicação comemorativa dos Cem Anos do Instituto Federal da Bahia (FARTES; MOREIRA, 2009) não apresenta a mesma interpretação para o fato, ele é em parte silenciado, quando afirma (p.157):

A data exata de ingresso na instituição eu não me lembro. Eu fiz concurso

para escola como professora e tirei segundo lugar no concurso; no primeiro lugar, ficou um ex-aluno do colégio. De modo que ele ficou em primeiro lugar, como só tinha uma vaga, eu fiquei em segundo lugar e desisti de insistir [...].<sup>16</sup>

Dona Jane, com seu caráter altruísta e mostrando disposição para o trabalho, foi contratada pelo então diretor o engenheiro civil Ericsson Cavalcanti<sup>17</sup> que, “inteligente e honesto” tinha vindo do Rio de Janeiro justamente para reformar o ensino e os hábitos. Convém ressaltar que, no contexto em que a moça de vinte anos se inserira naquele momento, o ingresso para trabalhar na ETS não era apenas por concurso. Havia, também, o chamado “pistolão”<sup>18</sup>.

Professores não efetivos poderiam ser indicados pelo Diretor, e essa era a forma de outros tipos de funcionários ingressarem no Serviço Público. Por sua vez, a administração escolar, nas escolas industriais e técnicas, estava concentrada na “autoridade do diretor” indicado pelo Governo Federal, para “eliminar toda tendência para artificialidade e a rotina, promovendo a execução de medidas que dêem ao estabelecimento de ensino atividade, realismo e eficiência”<sup>19</sup>.

Por mais polêmica que tenha sido a forma de governo do presidente Vargas, é consenso entre os estudiosos, dentre eles Dona Jane, que o ensino profissional foi impulsionado e foram consolidadas as Leis Trabalhistas na chamada *Era Vargas* (1930-1945), como consequência (ou não) de ações do Congresso que, por ele, fora extinto em 1937.

Com o golpe e a instituição do Estado Novo, houve a preocupação do governo com a “força de trabalho”. Ressalta-se que o presidente Vargas havia criado, em 1930, o Ministério da Educação e Saúde Pública e, no ano seguinte, a Inspetoria do Ensino Profissional com a competência e a missão de orientar e fiscalizar esta modalidade de ensino.

---

<sup>16</sup> A maior lição que nos deixou desse episódio, fez um trabalho importante no desenvolvimento do ensino técnico no IFBA, inserindo os jovens aprendizes no ambiente social e escolar da época. E prestou homenagem ao Dr. Climério Pita, que ocupou a vaga que seria sua por direito, quando ele concluiu o curso superior de engenharia, nas páginas *d'O Aprendiz*, em nome dos funcionários e alunos (O APRENDIZ, n. 1/47, p. 9).

<sup>17</sup> Até hoje, no Brasil, o tratamento de Doutor ainda é utilizado para profissionais de medicina, engenharia, advocacia, as profissões de maior *status* social no século XIX. Dona Jane se referiu durante as entrevistas ao diretor da ETS como “Doutor Ericsson”.

<sup>18</sup> Cunha (2000) assinala a preocupação política na criação das escolas de aprendizes, uma vez que as escolas foram criadas nas capitais que, em sua maioria, não tinham indústria local, com exceção de São Paulo. Além disso, os ofícios ministrados, ainda em 1942 eram mais artesanais do que manufatureiros (marcenaria, alfaiataria, sapataria).

<sup>19</sup> Cf. Decreto-Lei Nº 4.073, de 30 de Janeiro de 1942, com as alterações constantes nos Decretos-Lei 8.680, de 15 de Janeiro de 1946, 9.183, de 15 de Abril de 1946, 9.898, de 22 de Julho de 1946 e na Lei nº 28, de 15 de Fevereiro de 1947. In: LEGISLAÇÃO DO ENSINO INDUSTRIAL Salvador-Ba: Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Salvador, 1951. p. 22.

Embora tenha sido contratada como bibliotecária, Dona Jane exerceu ali o trabalho de orientadora pedagógica e coordenação d’*O Aprendiz*. Em 1949, num episódio lamentável, mas do qual ela também não mais se ressentiu, solicitou demissão da função com o apoio e incentivo do marido. O comportamento da professora recém-formada, narrado anteriormente mostra que sempre há quem se rebele contra a ordem estabelecida e a injustiça. No comportamento da moça que reclama pelos direitos individuais usurpado pelo grupo social instituído, na indignação diante do que considera injusto, embora obedecendo a forma civilizada de diálogo, aprendido na escola e no lar, vemos todo um gestual que se perdeu no tempo, as energias que emanam de um corpo que fala até mesmo em silêncio ao se expressar num contexto e num tempo específico, isto é, as energias de *performance* de que fala o medievalista Paul Zumthor (2000). É essa mesma energia que se perdeu quando escutamos apenas a voz da senhora Jane gravada na entrevista e transcrita sem a presença viva do corpo.

Um corpo que reage, em certos momentos, ao *abuso do poder*, aos discursos e às ações/práticas impostas tradicionalmente em certos ambientes sociais, a exemplo da instituição escolar. Cabe aqui a narração de mais uma história, agora por Dona Jane, de como ela pediu demissão da ETS e *O Aprendiz* e o Ciclo de Estudos deixaram de funcionar:

Aí teve um dia que Dr. Ericsson... que ele era muito exigente. Quando eu me casei, eu quis pedir demissão... Ribeiro disse:

– Você não vai trabalhar mais não que lá é horrível... Você trabalha dois turnos

– E dois turnos diferentes de Ribeiro. Quando Ribeiro vinha almoçar, eu tava saindo pra o segundo turno da Escola, pra o segundo... Era de oito às... de 7 às 11h e de 1 às 4h, o horário da escola técnica. E Ribeiro era mais de trabalho de comércio, né? De 7:30 a 12:30 e de 1 e de 2h adiante... Ele disse:

– Você não vai mais trabalhar, não.

Aí deixei de trabalhar um mês. Mas depois Dr. Ericsson ficou em cima de mim, falou pra Dr. Montojos<sup>20</sup> que eu ia deixar... Aí Dr. Montojos disse:

– Não... Dê um horário especial pra ela, de acordo... quando o marido dela... Ela entra um pouquinho depois do horário, mas contanto que cumpra o número de horas... Mas de... de acordo com o interesse dela, do marido dela, pra ela poder ficar.

Aí eu fiquei.

– Se ela chegar atrasada mais um bocadinho, não tem problema...

Uma pessoa que trabalha de manhã... eu trabalhava de tarde, de noite... tudo no colégio. Mas o diretor era muito ranzinza. Aí quando eu comecei... Fiquei grávida, fiquei grávida de Zezeu. Aí às vezes... tinha dias que eu tava tonta, aí comecei tendo umas falhazinhas, né? Às vezes tava tonta, vomitando, essas coisas assim. Aí um dia – ele olhou pra mim, ... era muito

<sup>20</sup> Dr. Francisco Montojos, também foi homenageado no jornal. Ele era “uma das figuras mais destacadas no Ministério da Educação e Saúde, como Diretor da Divisão do Ensino Industrial.” (O APRENDIZ, nov. 1944, p. 3).



exigente, tinha muita coisa comigo, era um amor danado comigo, foi até padrinho do meu casamento. Mas aí teve um dia que ele me disse assim:

– A senhora já... tá fazendo como dona [inaudível], que era uma funcionária de lá muito relapsa... Se a senhora tá aprendendo com dona ...

– Não, Senhor, eu ‘tou faltando porque estou doente’. Aí na mesma hora fui pra máquina de escrever, fiz o requerimento e pedi minha demissão. Ele aí se assustou, né? Quando eu pedi a demissão. Ele:

– Pelo amor de Deus, não, não, não..., eu ‘tou falando porque se a senhora sair, vão encontrar razão de... Sempre sigo a senhora como exemplo, vou sentir ... coisa...

Eu disse:

– É um caso diferente, eu ‘tou cumprindo o horário, mas o horário especial que foi doutor Montojos que pediu pra você fazer pra mim...

Mas aí terminei voltando, né? Me pediu muito, pelo amor de Deus, eu voltei... não voltei? Voltei! Ou não voltei mais? Aí não me lembro mais, parece que não voltei mais. Ribeiro mesmo implicou:

– Não, você não vai voltar mais não.

Ah sim, eu ‘tava grávida, a gravidez foi muito chata... de Zezéu, que eu vomitava muito, foi a primeira de todas, foi muito ruim. Aí eu não voltei mais, Ribeiro mesmo não deixou, ele acabou se conformando.

Recém-casada, portanto, Dona Jane passa a se dedicar integralmente à educação dos filhos e, posteriormente, concomitantemente a ministrar aulas particulares de língua portuguesa em casa para japoneses que vieram morar em Salvador para trabalhar no Polo Petroquímico de Camaçari sem conhecimento dessa língua. Quando os três filhos já estavam encaminhados como estudantes universitários, ela aceitou o convite para trabalhar no Colégio Antônio Vieira, de padres jesuítas. Neste colégio, trabalhou 21 anos, até completar 70, quando se aposentou a contragosto da direção. Iniciou ensinando português, depois assumiu a coordenação pedagógica de turmas do ginásial e do ensino médio. Editou três jornais comemorativos de datas históricas do colégio. Em suas “Palavras de despedida do Vieira”, ela afirma:

Tudo farei para evitar a natural tendência ao tédio da aposentadoria. Deixo a carreira profissional com a consciência de que a minha modesta atuação no magistério, dos 16 aos 70 anos, foi intensamente vivida com a maior responsabilidade.

Embora os resultados financeiros dessa profissão jamais sejam compensadores, reafirmo que se voltasse a uma nova vida, voltaria a ser professora porque nasci professora e a tal missão fui destinada. (RIBEIRO, 2016, p. 238).

Após se aposentar, ela continuou trabalhando em casa, fazendo revisão de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Na ocasião de nossa primeira entrevista, em 2011, revelou que ainda trabalhava, estava revisando, para publicação, o livro de uma amiga.

### 4.3 O PRIMEIRO PROJETO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DA BAHIA

#### Combati o Bom Combate

Além disso, o projeto visava, também, exigir respeito e justiça ao professorado das técnicas industriais, o qual era tratado pelo professorado das disciplinas básicas como profissionais de segundo nível, simples mestres de ofícios...

Diante de tais considerações, tenho consciência de ter desempenhado um trabalho de fundo evangélico.

Não catequizeei; mas tenho, porém, a certeza de que foram cinco anos de trabalho realizado com sensibilidade apostólica.

No ambiente profano da Escola Técnica, combati o bom combate: trabalhei, com empenho, para levantar a autoestima dos alunos, impor justiça e respeito, desenvolver o exercício da verdadeira liberdade.

Dentro do possível, promovi o sistema de autodisciplina, promovi o diálogo entre ciência e tecnologia e criei um novo conceito de respeito à dignidade humana. (RIBEIRO, 2016, p. 268-269).

Michel de Certeau (1995), ao analisar “A cultura e a escola”, tomando como exemplo o ensino do francês nas escolas da França, nos ajuda a compreender a reação que a mudança no currículo provoca no ambiente escolar. Segundo ele, “a mudança do conteúdo pode questionar uma organização da escola e da cultura”, uma vez que as “implicações socioculturais de mudanças no conteúdo de ensino” advêm dos mitos da unidade original “encerrada no passado e no escrito, do qual os mestres são os guardiães” (CERTEAU, 1995, p. 124). Daí, a escola rejeita a diversidade de saberes, as diferenças, e reconhece apenas um tipo de saber.

A reação negativa à chegada de Dona Jane em 1943 na ETS, por parte de alguns professores, se deu em consequência dessas “implicações socioculturais” no currículo. Percebendo que a escola não cumpria com o objetivo para o qual foi criada, a formação de técnicos qualificados, a professora com total apoio da direção escolar, que comungava desse mesmo propósito, propõe e desenvolve o POE, que consistiu na articulação de três ações: a retomada do funcionamento da Biblioteca e do jornal escolar *O Aprendiz* e a criação do CETS, esse, em 1946.

Na primeira entrevista que realizamos com a professora, ela narra essas ações, seguindo inicialmente o tempo cronológico de suas realizações, no trecho transcrito a seguir (APÊNDICE G – Entrevista 1):

– Aí quando eu vi o problema da escola que estava assim, os meninos eram orientados por essas três pessoas de disciplina, andavam de faca no bolso, de canivete, e eles de revólver. Aí eu fui ao diretor, e o diretor me teve muita consideração, gostou muito de mim e tal, soube também do problema do concurso, ele era um homem muito direito. Então ele quis mesmo resgatar o problema. E aí me deu muito apoio, né? Isso causou até um pouco de ciúme dos professores e tal, mas ele me deu total apoio porque eu estava interessada em trabalhar mesmo. Aí eu propus a ele a fazer um plano de orientação educacional paralelo à biblioteca. E a primeira atitude nossa foi tirar os três auxiliares de disciplina, tirar... não... eram três... eram quatro. Um queria estudar medicina, aí eu falei com ele [Dr. Ericsson]:

– Vamos dar uma chance a esse rapaz a frequentar as aulas... Ele ia assim pro colégio... pra escola, mas depois saía pra aula.

– O outro era Aurélio, aí eu disse:

–Bom, já que ele é comunista, vamos criar um almoxarifado - porque o colégio também era um gasto de papel, de lápis, tudo desaparecia, todo mundo... ninguém comprava nada pros filhos, todo mundo ia levando material do colégio.

– Vamos organizar o almoxarifado e entregamos a Aurélio. “E le é materialista, vai cuidar de material” [risos ].

– O outro, esse [ininteligível, “esse negro?”], eu botei na biblioteca porque ele era até estudioso, era caprichoso, muito racista. Aí eu botei na biblioteca pra me ajudar, porque eu orientava ele, ele foi fazendo inventário dos livros, limpando os livros, arrumando mais ou menos, eu fazia a ficha principal, ele desdobrava, não sabe? Aí ficou como meu auxiliar, assim na minha direção, sem contato assim com os alunos... maiores.

– E o outro que era beatinho, esse foi que eu deixei orientando sala de aula, assim... fazendo esse trabalho mesmo de auxiliar de disciplina. E esse não andava armado nem nada, era um camarada bonzinho, beato, mas rapaz jovem, né? Aí esse ficou na disciplina e os outros, eu botei pra outros lugares. — E doutor Ericsson me dando toda força, todo apoio.

– E aí eu fiz um projeto de orientação educacional que estava nascendo no Brasil. Na Bahia, não havia ainda orientador educacional. Meu irmão era orientador educacional no Rio, trabalhava com Lourenço Filho, pedagogo, que era Ministro neste tempo.

– Aí tinha um plano... um livro, o primeiro livro que saiu sobre orientação educacional. Aí me mandou esse livro. Em cima desse livro, eu fiz o projeto e apliquei.

– Aí criei um círculo de estudos, um tipo de gremiozinho pra eles, né? Fiz entrevistas com os pais, dei outro tratamento aos meninos, tirei esse tipo de coisa, conscientizei pra deixar arma, essas coisas todas, que eram revistos na entrada...

–Enfim, modifiquei todo o clima e organizei o Círculo, que eles ficaram muito entusiasmados, que eram meninos que nunca tinham visto nada. Então, a gente tinha reunião de 15 em 15 dias do grêmio e ressuscitei o ex-jornalzinho.

A professora, como uma psicóloga, ao observar inicialmente o comportamento

inadequado dos auxiliares de disciplina, que, em vez de auxiliar no ensino, repreendiam e intimidavam os alunos, inclusive sendo elemento de repressão manipulado e utilizado por alguns professores, redireciona o trabalho dessas pessoas, a partir de seus interesses e características comportamentais, visando o bom funcionamento da escola e a aprendizagem dos alunos. Desenvolve ainda um trabalho junto à família dos jovens e a orientação sexual, essa realizada pelo professor de música Gerson Simões Dias. Sua narrativa explícita ainda o preconceito racial<sup>21</sup> advindo da época escravagista no Brasil, distanciamento de alguns professores da função que lhes cabia e o ensino desvirtuado de seu objetivo principal:

– Aí mudou o nível, mudou a mentalidade também, né? Que foi pra segundo grau, pra técnico. Aí eu fui... eu passei essa fase de transformação, pulando pela de operário, porque eu...

– Não tinha essa visão de formação. Tinha todo... preparava lá como se fosse um ginásio qualquer, preparava com visão de admissão pra... pra ginásio, pra essas coisas.

–Aí eu mudei tudo, né? Foi uma revolução assim... Disseram... Essa mulher é maluca [risos]. Eu tinha vinte e poucos anos, eles me achavam doida, né? Achavam que eu ia esculhambar o colégio. [riso]

– E como é que surgiu essa ideia de fazer esse...esse...

– De fazer o quê? O jornal?

– Esse projeto. É, o jornal também.

– Ah foi a minha chegada, a minha chegada... O diretor tinha visão, não é? E eu e ele nos entendíamos... Tá sentindo frio, né? [Fala isso ao observar que fechamos a porta do quarto].

– Não, é por causa da voz, a moça tá falando no telefone, aí eu ‘tou...

– Ah...

– ... pra não interferir.

– Aí eu entrei e mudei. Com minha mentalidade mais nova...

– E os professores eram muito... muito [inaudível], gostavam mais era de ganhar dinheiro do que ensinar, os professores... Português era péssimo, aí passei... me metia nas aulas também de português, dava umas aulas extras pro jornal, dizia que era pra escrever pro jornal, aí ia...

– ...os meninos faziam a redação, eu corrigia a redação em horário... Horário... Porque lá era de manhã... tinha uma turma de manhã, da oficina, e outras nas salas de aula. De tarde mudava: os da sala de aula iam para as oficinas e os das oficinas iam pras salas de aula.

---

<sup>21</sup> A fala da professora Jane incorpora, nesse trecho, o preconceito racial e também social: “O outro, esse [ininteligível, “esse negro”?], eu botei na biblioteca porque ele era até estudioso, era caprichoso, muito racista.” O racismo se materializa na estruturação do enunciado: “o até” dá ideia de exceção, assim como o “mas” em falas cotidianas do tipo: “Ela é negra, mas é inteligente.” Ou: “Ele é negro, mas é bonito”.

– Aí eu... era um trabalho alternativo, eu pedia também nas salas de aula... e aí fazia correção das redações... Aí eu ensinava português, aproveitava também dava português, entendeu? Português e redação, corrigindo as redações, eu ia dando. Aí eles criticavam porque os textos dos meninos iam certinhos, porque eu corrigia tudo, né? Porque tinha que reescrever alguma coisa, né? Eu tinha que... que criar nos meninos a ideia de que eles escreviam, realmente eles não escreviam, eu consertava muito.

– Elas aí criticavam um pouco... que o jornal quem fazia todo era eu. Não era eu, os meninos escreviam, mas escreviam muito errado, e eu corrigia muito. Agora eu corria... tanto corrigia a ortografia como corrigia um pouquinho a linguagem, mas a linguagem a nível deles, como se fosse eles, aquela linguagenzinha de orações simples... entendeu?

– Os artigos... Você vê que os dos alunos tem um nível, né? E tinha os artigos dos professores que era... o editorial, era ou eu ou Marieta ou outro professor qualquer... depois quando foram ficando mais brandos, que eu pedia... ou então os professores mesmo de oficina, os mais...esclarecidos, ou o diretor também,

– Doutor Erícsson também de vez em quando escrevia sobre o valor do operário, sobre o operariado nacional, sobre as companhias siderúrgicas nacionais... Aí a gente começou a falar sobre Mauá, as figuras que... Luiz Tarquínio... na Bahia, né? Quem foi Luiz Tarquínio...Aí a gente começou... (APÊNDICE G – Entrevista 2, JANE RIBEIRO).

A afirmação de que o ensino de língua portuguesa era péssimo mostra que a escola não cumpria com a sua função básica, de ensinar o domínio da língua materna, na modalidade escrita, a meninos de origem proletária em sua maioria. O ensino se pautava apenas pela exposição de conteúdo gramatical e literário, as professoras não trabalhavam a produção de texto com os alunos. Daí a forte reação que a professora Jane encontrou, principalmente entre professoras de literatura da elite baiana.

Ao lhe perguntar se havia participação de alunos na escolha dos temas do jornal escolar *O Aprendiz*, ela responde como abaixo indicado na transcrição de sua narrativa (APÊNDICE G – Entrevista 2):

– Eu sempre reunia. Mesmo com quase ... .. Eu predominando no começo.... que eles não tinham hábito, né?

– Mas eu fazia pra educar democraticamente.

– Eu não resolvia as coisas.

– Eu fazia uma reunião com os redatores ... .. Os que mais escreviam ... Fazia uma reuniãozinha nesse horário alternativo, e aí dizia:

– Vamos ver... .. O calendário desse mês ...

– Quais são as coisas que a gente vai comemorar esse mês?

– Aí eles já vinham ... mais ou menos ... com as ideias: *tal, tal, tal, tal ... assim ... isso assim ...*

– Então, vamos ver quais são as mais chegadas ao ensino proletário, à

indústria, né? O que interessa mais à gente porque não é um jornal literário, é um jornal de indústria, de escola técnica.

– Aí eles mesmo levantavam, aí a gente fazia, mais ou menos, a relação das redações ... o que é que devia fazer.

Ao acrescentar os conteúdos da formação técnica ao currículo existente e posto em prática até aquele momento (1943), a professora questionou, problematizou, renegou a tradição, o “mito da unidade original”, da existência de uma única cultura – a letrada. A escola, criada inicialmente como forma de controle social, para formar artífices, baseava-se numa cultura literária distante não apenas de seus objetivos, mas da vida cultural dos alunos. O choque cultural se deu porque em uma cultura aceita como única a ser cultuada, a professora introduziu novos saberes, mais condizentes com a realidade dos alunos e os objetivos da escola.

O problema que dizia respeito ao conteúdo – valorização do conhecimento literário e desvalorização do conhecimento técnico – é assinalado, ainda que de forma indireta, logo no editorial de abertura do jornal, como vimos, escrito por Dona Jane, responsável pela Redação.

Ele é exposto também pelo Diretor da Escola Dr. Ericsson em seu primeiro discurso publicado n’*O Aprendiz*, na edição de out./44, na “Festa escolar” em homenagem à Semana da Criança.

Numa exposição clara e bem fundamentada, o professor inicia afirmando que um fato o impressionou quando assumiu a direção da escola: o número elevado de diplomados que não iam trabalhar nas indústrias, mas se encaminhavam para outras atividades. Esse, portanto, era um dos motivos das “indústrias bahianas continuarem sujeitas aos azares da improvisação.” (O APRENDIZ, n. 8/44, p. 8). Outros abandonaram a escola antes de concluir o curso. Ele lamenta esse fato, afirmando que ele é a causa das indústrias serem confiadas a “curiosos e analfabetos”. E atribui esse problema à natureza “tipicamente literária do ensino ministrado em nossa escola”, à predominância do ensino de letras sobre o ensino técnico. Inclusive usa de ironia quando diz que se viu diante de “uma fábrica de letrados e não à frente de uma fábrica de operários”. Portanto, defende a ideia de que a escola deve “criar mentalidades proletárias”, pois o centro do ensino é a oficina. E, por fim, confessa que ficou muito feliz com a homenagem à memória de Luiz Tarquínio realizada pelos alunos.

O POE, proposto por Dona Jane com o apoio do Diretor, implementou uma nova faceta ao currículo da ETS. Às atividades de sala de aula, foram acrescentadas atividades

extraclases como se mostra a seguir:

- 1) Atividades extraclases: a) biblioteca; b) jornal, c) círculo de estudos; d) atividade sociais e prática educativas: passeios, torneios, missas, etc.
- 2) Sala de Aula: disciplinas (Português, Matemática, Geografia, História, Ciências e Desenho) / Oficinas: Mecânica (com maior nº de alunos), Serralheria, Fundição, Marcenaria, Carpintaria, Gravura, Tipografia, Encadernação. “E mais outras especialidades, conforme as prioridades. Isso demonstra a visão e preocupação que tinha o Governo com o futuro econômico do Brasil àquela época.” (RIBEIRO, 2016, p. 200)

Ela iniciou pondo abaixo, literalmente, o retrato dos literatos e instituindo, em cerimônias de inauguração, novos patronos das oficinas: personalidades ligadas à indústria na Bahia e no Brasil, a exemplo de Luiz Tarquínio, do engenheiro baiano André Rebouças, de Mauá, entre outros.

Essa é uma problemática que se propaga até os tempos atuais nos Institutos da Rede Federal de Ensino. Cunha (2000), historiador que se dedicou à pesquisa da educação profissional no Brasil, afirma, inclusive (como vimos anteriormente), que as Escolas Técnicas não formam para o mundo do trabalho, não podem ser consideradas escolas de trabalho manual, pois possuem propostas voltadas nitidamente para a educação intelectual. O POE foi uma tentativa, de fato, de dar feição profissional a uma escola que há 30 anos se propunha a formar operários qualificados e não os formava.

As ações do Projeto eram articuladas entre si. Paralelamente à aquisição de novos livros relacionados aos conteúdos técnicos, a professora procurou criar leitores para a Biblioteca. *O Aprendiz* divulgou o movimento mensal desse setor e criou a seção “Sobre livros”, com dicas de cuidados no manuseio dos livros, etc. Os empréstimos são, em sua maioria, de “narrativas infantis”.

A consulta a enciclopédias, dicionários e história de personalidades do mundo da ciência estava atrelada à produção de artigos para publicação no *O Aprendiz* e nas apresentações de palestras no Círculo de Estudos. No primeiro momento de edição do Jornal, a coordenadora solicitava aos professores de português que, a partir dos conteúdos ministrados em sala de aula, produzissem textos com os alunos e os corrigissem para publicação no jornal.

Com os alunos que compunham a equipe de redação do Jornal, a pauta do mês era criada com base nas datas dos calendários escolar e cívico. Depois de selecionados os temas e seus respectivos redatores, a professora dava um roteiro de perguntas a cada estudante. A

partir das respostas ao questionário, eles iam montando o texto. Depois dos textos redigidos, ela reunia os alunos para correção e comentários. Assim, terminava ministrando aulas de português. A atividade consistia na orientação de produção de textos para alunos motivados a colaborar com o jornal.

No terceiro ano de edição do Jornal, no dia 15 de março de 1946, ocorreu a criação do CEETS para atividades culturais e artísticas, uma espécie de grêmio com diretores, todos da classe estudantil. A primeira ata do Círculo, publicada n’*O Aprendiz*, registra a reunião de fundação da entidade, que foi presidida pelo Prof. Gerson Simões Filho, que apresentou os seus objetivos e teve a participação da professora Jane Ribeiro, que fez a leitura dos estatutos, “sendo estes postos em discussão entre os professores, fazendo-se anotações das sugestões apresentadas, para estudo.” (O APRENDIZ, n. 1/46, p. 9). A Direção compôs-se dos alunos citados no corpo do texto:

Figura 18 – Ata de fundação do Círculo de Estudos da ETS





O funcionamento do CEETS promoveu uma maior autonomia dos estudantes na prática da leitura, da escrita e da comunicação oral. Criou um ambiente cultural em que os jovens passaram a ler, sobretudo, narrativas infanto-juvenis, a frequentar a biblioteca e a participar de debates acerca das artes de ofícios, da literatura, da ciência etc. Atividades que eram registradas no jornal por meio das atas dos encontros quinzenais, redigidas pelo aluno-redator (secretário) e ainda pela publicação das palestras que passaram a ocupar o lugar dos editoriais de capa na 2ª fase do Jornal. Dona Jane destacou a participação do professor Gerson S. Filho na organização das atividades artísticas junto com ela: “A hora da arte” e outras reuniões.

As atividades do grêmio e as festas escolares eram realizadas no refeitório da escola, transformado em auditório. Ali os alunos assistiram a recital de poemas da artista Zoraide Aranha, à apresentação de peças teatrais, de coral de canto orfeônico, apresentações musicais, dentre elas a da Orquestra Sinfônica da Bahia, no encerramento da formatura dos artífices de 1946, e a várias palestras e a exposições orais, algumas, realizadas de improviso.

## **5 CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO: A PRODUÇÃO DE SENTIDO N'O APRENDIZ**

[Corpo é] o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. (LE BRETON, 2007, p.7).

Sendo o corpo moldado na relação com o mundo, pelo contexto social e cultural, ele é linguagem carregada de sentido. O corpo produz sentidos, e nele são impressas as marcas humanas construídas no tempo e espaço da interação. Portanto, o corpo não é apenas um construto social, mas se constitui a partir da cultura.

Clifford Geertz, em *A interpretação das culturas* (1989), concebe a cultura como *teias de significados* tecidos pelo homem. Para ele, o conceito de cultura relaciona-se ao conceito de homem. Segundo o autor, o homem sempre esteve e continua ligado de forma tão intensa à sua cultura que não existiria sem ela. Para conhecê-lo, é necessário saber qual é a sua cultura. Daí advém a importância da identidade cultural na valorização dos indivíduos e das etnias.

O corpo é também um construto histórico. Em cada período da história da humanidade, a ele foi atribuído um conjunto de ideias e representações que servem para explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens. Ao traçar o percurso da representação do corpo e da educação física do final do século XIX aos tempos atuais, no Brasil, Maria Cecília de Paula Silva (2009) constata a ideia de *corpo ideal*, que percorre o discurso médico no final do século XIX e encontra na escola o lugar de sua propagação. Segundo a autora, esse modelo serviu para mascarar o projeto de modernidade do País, que pretendeu um modelo de homem/mulher diferente do indivíduo colonial, “mas não se impunha como uma problemática singular para as nossas preocupações sociais” (SILVA, 2009, p. 32). Assim, as atividades propostas na escola por meio da educação física são desvinculadas da cultura corporal brasileira. O corpo é visto como uma máquina, “sem singularidade e subjetividade, objeto de manipulação, controle e modelação” (SILVA, 2009, p. 32). Já no século XX, o corpo passa a ser um objeto de investimento narcísico. A inclusão social depende da aceitação do corpo individual pelo

corpo social, os outros.

Interessa para nossa pesquisa essa análise histórico-crítica das imagens do corpo na cultura e a inserção da educação física no âmbito escolar como um parâmetro inicial para a compreensão da relação entre as concepções de corpo/cultura e educação presentes no ‘*corpo*’ d’*O Aprendiz* e as práticas culturais/corporais comunicadas pelos sujeitos que participaram de sua produção. O corpo e a cultura são visibilizados nesse jornal desde a sua primeira edição, em março de 1944. Eles ocupam um lugar na educação dos aprendizes. Mas de qual tipo de corpo estamos falando? Como alerta Le Breton (2007, p.32), o pesquisador deve identificar a *natureza* do corpo cujas lógicas sociais e culturais pretende questionar, uma vez que:

O corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.).

Assim, passamos a observar os aspectos sociais e históricos na tentativa de relacionar corpo, cultura e educação na produção de sentidos, como são representados e emergem das páginas de *O Aprendiz*, contendo visões que nos indicam representações de corpo, cultura e educação entre os que produziram e editaram o jornal.

## 5.1 A EDUCAÇÃO DO CORPO PARA O TRABALHO

Para disciplinar os aprendizes a se tornarem operários qualificados, um conjunto de dispositivos<sup>22</sup> foi estruturado ditando regras, normas e rituais a serem seguidos pelos estudantes. Esse disciplinamento instituiu, moral e corporalmente, o aprendiz na escola e na sociedade, e a ele, os estudantes estavam submetidos e deviam obedecer.

Neste tópico, é realizado um contraponto entre textos escritos pelos professores e estudantes sobre as questões relacionadas ao disciplinamento do corpo para o trabalho. A proposta é observarmos, nos textos elaborados pelos atores responsáveis pelo ensino, as prescrições a serem seguidas, e, nos textos escritos pelos aprendizes, as submissões aos preceitos, as aceitações assim como a subversão à ordem estabelecida, caso haja.

Assim, o objetivo é compreender alguns dos sentidos produzidos em *O Aprendiz*, no

---

<sup>22</sup> Dispositivo, na acepção empregada por Foucault (1979), é um conjunto de instituições, processos de subjetivação e regras nos quais se concretizam as relações de poder.

que concerne ao ensino. Nos anos de sua circulação (década de 40 do século XX), há uma forte presença do discurso higienista e nacionalista, marcantes no contexto social, histórico e educacional brasileiro. A ETS se propunha, na Era Vargas, formar “operários qualificados” para o trabalho, na perspectiva do desenvolvimento da indústria nacional. Para tal, utilizou-se da mídia impressa, e, neste caso, do jornal escolar como um dispositivo pedagógico de comunicação.

No texto “O Trabalho”, assinado pelo Professor Carlos Sepúlveda (O APRENDIZ, n.3/44, p.1), na perspectiva do enunciador, a educação intelectual tem como objetivo a formação para o trabalho, e é por meio dele que o homem saberá compreender e apreciar a vida.

No que diz respeito à educação intelectual, constata-se uma ligação intrínseca entre as questões da racionalidade e as do dever, ou seja, o intelecto guiado pelas questões morais, como sugere a redação d’*O Aprendiz*, na primeira edição que anuncia a missão do jornal, qual seja: “o estímulo do estudo, do trabalho e do fiel cumprimento do dever” (O APRENDIZ, n. 1/44, p. 2).

A aprendizagem está sujeita a uma dupla disciplina, isto é, o exercício diário da ferramenta e o “guia da inteligência”, o ensinamento: “Nenhuma ação pode fugir ao treinamento constante inteligentemente dirigido. O meio próprio constitui escola que é formadora única dos indivíduos consientes”<sup>23</sup>. O trabalho surge ainda como o caminho infalível para se alcançar o progresso:

[...] sem ele começa o enfraquecimento das forças, a falta de entusiasmo, a direção reta para a morte. Com êle, o revigoramento incessante das molas produtoras, o avanço das engrenagens condutoras, o movimento uniforme dos dínamos que sustentarão as energias formadoras do destino da pátria. (O APRENDIZ, n. 3/44, p.1).

Já no texto, publicado na mesma edição e assinado pelo aluno Reginaldo A. da Silva, intitulado “Dia do Trabalho”, ele é visto: “como o fator de primeira necessidade para a vida de um povo”, considerado significativo para a nação: “O trabalho é indispensável à vida de um povo porque sem trabalho não pode haver progresso./Porisso, brasileiros!, trabalhemos com ardor, contribuindo com o progresso de nosso Brasil, tornando-o cada vez mais forte e poderoso” (O APRENDIZ, n.3/44, p. 3).

---

<sup>23</sup> Mantivemos, na transcrição dos textos, a ortografia original impressa n’*O Aprendiz* em todas as citações de trechos do periódico.

O tema em destaque nessa edição comemorativa do “Dia do Trabalho”, apresentado no editorial de capa pelo mestre, é seguido pelo aprendiz, utilizando os mesmos argumentos do trabalho como elemento fundante da ordem social e do progresso, lição a ser aprendida na escola. No contexto em que se vivia, também, o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, ao trabalho é atribuído ainda o significado de “garantia contra as adversidades”, como neste outro texto assinado pelo estudante Rivaldo B. Ramos:

O trabalho foi, talvez, a primeira criação que o homem introduziu em seus hábitos. Sem ele jamais poderiam os povos alcançar o estado atual de civilização.

É bem possível que na era mais remota o homem trabalhasse apenas para satisfazer suas necessidades mais imediatas. Atualmente, porém, êle tem de pensar no futuro, não só como defesa aos interesses que o cercam, mas também como garantia contra as adversidades. (O APRENDIZ, n. 3/44, p. 4).

O texto destaca as comemorações do dia 1º de Maio, que simboliza os ideais dos que trabalham no campo, nas escolas, nas fábricas etc., para o aperfeiçoamento da humanidade, e a visão de seu enunciador é a de que “todos nós, alunos dos cursos industriais, precisamos, portanto, melhorar constantemente os conhecimentos adquiridos a fim de que possamos em futuro próximo levar o nosso esforço aos que trabalham pelo Brasil.”

“Nas palavras de estímulo” (O APRENDIZ, n.1/45), uma carta dirigida aos aprendizes no retorno das férias, discute-se a questão trabalho e vocação. Imaginando que os alunos foram, durante as férias, visitar as fábricas como o enunciador havia sugerido em outro momento, a cena imaginada é descrita: “Ante seus olhos surpresos eles, os operários, se apresentaram cobertos de pó, rôtos e gotejantes de suor. Nessa atitude precária poderão servir de estímulo e despertar a admiração àqueles que não vêm (sic.) no trabalho humilde uma condição humilhante.” Numa visão idealizada do trabalho, ainda defende: “Qualquer trabalho traz a glória e satisfação, principalmente e especialmente o derivado de uma inteligência bem orientada no sentido de ser produtiva.” O texto silencia as questões remuneração e condições adequadas ao trabalho nas fábricas. Porém, valoriza o trabalho manual indo de encontro ao preconceito de valor sobre os ofícios tradicionais, originado durante o período escravista e que se perpetua na sociedade brasileira até o tempo atual.

Entre os 18 textos escritos pela Professora Mariêta Lobão Gumes, foram selecionados, para essa análise, três cujo tema é a “Educação para o trabalho”: “Ordem, trabalho, honestidade” (O APRENDIZ, n.8/44), “Palavras de estímulo” (O APRENDIZ, n. 1/45) e “Hino da Escola Técnica” (O APRENDIZ, n.3/45).

A tríade que dá título ao texto “Ordem, trabalho e honestidade” é um exemplo das “Leis eternas que regem a vida do universo” e da sociedade: “Na estrutura social verificamos a importância do esforço conjunto; a eficácia do trabalho feito em cooperação”. Portanto o sujeito como um elemento vivo da cadeia universal deve buscar o equilíbrio para viver em harmonia com os demais seres. Para isso,

[...] a trilha a ser palmilhada, seja pelo diplomata, cientista ou operário é a do trabalho. Sim, o trabalho, essa máquina propulsora de todo progresso, que dirige qualquer modalidade de evolução. O primeiro e mais sagrado dever que preside todas as atividades humanas. Alavanca poderosíssima que constroe, modifica, transforma, cria e destrõe sempre na expectativa idealista de melhorar e progredir. (O APRENDIZ, n. 8/44, p. 8).

O “trabalho” é uma metáfora de “progresso”, fim a se atingir no desenvolvimento individual e social e base de sua sustentação. Por isso, é necessário atentar para os meios na sua realização: “O trabalho, seja êle qual for, só é produtivo, só constitui elemento de verdadeiro progresso e fator nobilitante para a alma humana quando for executado com ordem e honestidade.” (O APRENDIZ, n. 8/44, p. 8). Assim, o enunciador convoca o leitor a ter como valor a ser posto em prática na vida cotidiana a “tríade luminosa, queridos meninos, – ORDEM, TRABALHO E HONESTIDADE”. Essas palavras escritas em caixa alta traduzem a lição a seguir, que conclui da seguinte forma:

Acolhei-a como lema, como bússola que há de nortear-lhes os destinos apontando-lhes, certamente, a luminosa estrada do cumprimento do dever, levando-os *ao porto' seguro e bonançoso* de uma consciência tranquila e sublimada pelo sacrifício construtivo. Trabalhai, trabalhai. Com o cérebro, com a pena, com a enxó, com o arado, com o livro, ou com o malho, o *vosso trabalho*, deverá ser' sempre e sempre orientado e esclarecido pelas luzes norteadoras da ORDEM e da HONESTIDADE. (O APRENDIZ, n.8/44, p.8).

O vocábulo “trabalho” aparece no texto ligado a “cumprimento do dever”, “sacrifício construtivo”. A “sacralização do corpo” que trabalha é tida como um valor, assim, “os meninos” são convocados a modelar o corpo em prol do trabalho: “Modelado para o trabalho, o corpo é disposto valorativamente enquanto oblação litúrgica; cada cidadão é convidado a dar a sua vida, verter seu sangue para a salvação do corpo maior da pátria, se necessário.” (LENHARO, 1986, p. 18).

O discurso político presente no texto remete ao lema inscrito na bandeira nacional: ORDEM E PROGRESSO, pois se atinge o progresso por meio da ordem (a autodisciplina), e o enunciador do texto apresenta como argumento o discurso moral.

Como visto anteriormente, o governo Vargas caracterizou-se por uma intervenção crescente do Estado, criando condições para desenvolver o Estado burguês, caracterizado por um sistema que engloba tanto instituições políticas e econômicas como padrões e valores sociais de tipo burguês. Uma das tarefas de que o Estado se empenha é construir uma identidade da classe operária e, talvez,

[...] uma civilização do trabalho industrial, em que o trabalho e a educação pelo trabalho constituem uma relação que envolvem outras ações além do atendimento ao sistema econômico. As raízes dessa relação estão no homem trabalhador, o que significa que devem ser procurados nele os fundamentos destes dois tipos de ação: a educação e o trabalho. (CIAVATTA, 2009, p. 208).

Nesse sentido, as escolas de trabalho profissional se caracterizavam inicialmente por cursos que privilegiavam as artes e os ofícios conjuntamente à cultura física, intelectual e cívica dos estudantes com vias à preparação para a vida prática. A intelectualidade brasileira defendia a

[...] ideia de que a educação formaria o homem se o transformasse num elemento de produção, necessário à vida econômica do país [...], que requeria um ensino técnico- profissional capaz de formar a mão de obra nacional e tornar a civilização brasileira moderna, progressista, portanto, eminentemente *prática*. (CIAVATTA, 2009, p. 221).

Para Ciavatta, esse movimento desenhado no Brasil por imposição de necessidades advindas da industrialização tem como aspectos mais visíveis os elementos político-ideológicos. E o sentido do trabalho como princípio educativo foi caracterizado pela formação do produtor/executor. Tal aspecto se foi ampliando pela adoção de uma ideologia de valorização do trabalho e do trabalhador. Neste período, década de 30 do século XX, três aspectos merecem destaque para a concretização da ideologia do trabalho: “o populismo autoritário do Estado Novo, a formação da ‘consciência industrial’ e a escola do trabalho como *escola nacionalizadora*” (CIAVATTA, 2009, p. 237).

A educação é compreendida como uma das mediações para o desenvolvimento da política de massa do Estado autoritário, que tem como líder máximo Getúlio Vargas. Para isso, o ensino profissional ganhou uma gama de reformas que contribuíram para a formação de uma consciência modelada pelo valor do trabalho. A educação almejava ir além da formação de bons hábitos. Implicava o culto à nacionalidade, à disciplina, à saúde, ao trabalho, à economia, à moral, etc. O Estado nacional pretendia ser uma estrutura totalizante “que penetrasse a natureza integral do homem, considerando todos os planos da

vida humana de modo a constituir-se no que deve ser uma temática de construção do povo” (FIGUEIREDO, 1943, apud CIAVATTA, 2009, p. 267-268). Esse aspecto pode ser observado n’*O Aprendiz*, em que também está evidenciado que as práticas educativas ligadas ao corpo objetivam a formação moral.

O elogio do trabalho apresenta-se ainda no “Hino da Escola Técnica”, que era cantado nas comemorações cívicas, uma vez que essa escola sempre teve por lema “TRABALHAR”, como afirma o texto, assinado pela Redação, de apresentação do hino. Ele foi lançado na edição comemorativa do “1º de Maio”. Impregnado de ideologia patriótica, proclamava a crença no futuro da Pátria, convocava os jovens a trabalhar, de forma poética, metaforizando o barulho do malho e da serra em música de orquestra:

Corô – O TRABALHO é a fonte suprema/Donde brotam a ORDEM e o PROGRESSO/Gera a força, a riqueza e o valor,/Criadores do BEM no Universo./TRABALHAR, TRABALHAR – eis o lema/Que unidos devemos seguir./Homens fortes, capazes, seremos/Para bem nossa PÁTRIA servir.

Canto – Nesta ESCOLA, regaço de luz,/Onde imperam as leis do TRABALHO,/Forjaremos o nosso ideal/ “Dentre a orquestra da SERRA e do MALHO.”(O APRENDIZ, n. 3/.45, p. 1).<sup>24</sup>

A repetição “trabalhar, trabalhar”, que soou no primeiro texto de autoria da Prof.<sup>a</sup> Mariêta Gumês aqui analisado, reproduz o som do malho e da serra na oficina e ecoa nas palavras de elogio ao trabalho também no texto do aluno Hélio R. Cunha (2ª série C), no qual o trabalho é caracterizado como “o melhor amigo do homem”, uma vez que ele lhe proporciona “o seu sustento” e “o seu bem estar”. Surge ainda como um remédio, pois “vence todos os males da vida, fortalecendo o espírito do homem, dando-lhe vida e vigor.” Mais intrigante nessa caracterização é o maniqueísmo. Vejamos: “As pessoas ociosas nunca poderão ser honestas; só darão para más ações, serão sempre uns seres inúteis. O homem que deseja a vida sem trabalho pode ser comparado a ‘um peixe que desejasse o exgotamento do mar.’ Como poderia viver?” (O APRENDIZ, n.3/45, p. 12)

O trabalho surge ainda como fonte de realização profissional, quando desenvolvido de forma altruísta. O enunciador demonstra que aprendeu as lições sobre os benefícios do trabalho, pois já o vem realizando enquanto estudante:

---

<sup>24</sup> Em homenagem ao Dia do Trabalho, que não foi comemorado neste ano (1945), a escola criou esse hino, cuja letra é de autoria da professora Mariêta Lobão Gumes e a música do professor Gerson Simões Dias.



Uns há que enfrentam o trabalho como um simples ganha-pão; considerando-o assim um verdadeiro castigo. Mas, muito ao contrário, no trabalho resumem-se os prazeres da vida, por isso devemos esquecer a ambição e trabalhar por gosto, contentes e felizes, pois êle dá ao homem tudo de bom que êste possa aspirar para a sua felicidade.

Nós, estudantes, já começamos na vida de labor, estudando, instruindo-nos, preparando-nos em nossos ofícios, afim de que, futuramente, pelo nosso trabalho especializado e eficiente possamos contribuir com a grandeza do Brasil, que muito espera de nós. (O APRENDIZ, n. 3/45, p. 12).<sup>25</sup>

Disciplinado e consciente da importância do estudo e do trabalho em prol do desenvolvimento da nação, o aprendiz deveria ocupar-se até nas férias com atividades instrutivas, visitando fábricas, repassando os conteúdos estudados no ano letivo anterior, acordando cedo, para, quando voltasse das férias, cumprir com os horários das atividades escolares, praticando as lições em casa, isto é, realizando atividades ligadas aos cursos que futuramente lhes dariam o sustento. Como adverte a professora: “Não pensem que, por estarem em férias, a ociosidade e a malandragem deverão substituir os bons hábitos de disciplina e trabalho que, com esforço, adquiram no decurso do ano letivo.” (O APRENDIZ, n. 9/55, p. 6)<sup>26</sup>.

Obedecendo sempre, o comportamento do estudante na escola e na vida, em casa, na sociedade, deveria servir de modelo aos colegas, pois, “A criança que não frequenta escola é infeliz. Cresce ignorante e o seu futuro é triste e difícil” (n.1/44, p.4). Deveria ser ele franco, esforçado, patriota, colaborador, higiênico, saudável, estudioso, nacionalista, disciplinado, corajoso, obediente, evitando os maus hábitos, a exemplo da ingestão de bebida alcoólica: “O **alcohol**, usado como bebida, prejudica-nos em todos os sentidos: faz-nos fracos, abatidos, doentios e, muitas vezes, o fim dos alcoólicos é nos cárceres, asilos, etc.” (O APRENDIZ, n. 7/46, p. 9).

Sacrificar-se pela pátria significa ir ao campo de batalha lutar pela sua liberdade como também trabalhar pelo “progresso moral e material, exercendo com dedicação e honestidade as funções públicas”. É seguir o exemplo dos heróis como “Caxias que, como ninguém, soube amá-la e defendê-la!!!”(O APRENDIZ, n.6/44, p. 3).

Movido de grande entusiasmo e consciente do seu dever para com a Pátria, além de ser obediente e disciplinado, o aprendiz deveria ser abnegado, não sentir vergonha do “trabalho humilde”, ter orgulho de poder trabalhar pelo progresso e desenvolvimento da indústria

<sup>25</sup> Trechos do texto “O Trabalho”, escrito pelo aluno Hélio Ribeiro Cunha – 2ª Série

<sup>26</sup> Trechos do texto de autoria da Professora Mariêta Lobão Gumes, intitulado “Como empregar bem as férias”.

nacional assim que se diplomasse. Deveria, também, orgulhar-se de contribuir, com seu esforço, para o desenvolvimento das atividades escolares, a exemplo do jornal e do sucesso dos esportes na escola.

A visão da escola pelos aprendizes é quase sempre positiva. Ela é enaltecida por causa do prédio com as oficinas bem distribuídas, o asseio e a organização, assim como pelo método de ensino e os professores: “[...] as formalidades da inscrição, o teste, os exames. Tudo isso foi me familiarizando com a nova Escola, dando-me aos poucos a exata impressão da sua seriedade e da sua eficiência” (O APRENDIZ, n.1/46, p. 2 e 5), afirma uma estudante do Ensino Técnico logo no primeiro mês de ingresso na ETS no texto de título “Minha Escola”, no qual o tom afetivo é anunciado pelo uso do pronome possessivo.

Afirma outro aluno em “Minhas impressões” (O APRENDIZ, n.1/46, p. 2):

Deste modo, venho frequentando a Escola, recebendo pela manhã, na classe os ensinamentos de letras; nos recreios, os conselhos dos inspetores que impõem, a nós, alunos, a ordem e a disciplina e, à tarde, vou então à oficina onde aprendo o ofício de mecânica, que me tornará mais tarde, capaz de bem servir à poderosa, gloriosa e bendita terra que me viu nascer – Brasil!

[...] procurei, nestas linhas ligeiras, transmitir aos colegas as minhas impressões e convidá-los a voltar os olhos, nossa inteligência e finalmente, todas as nossas atenções para o estudo e o trabalho, procurando corresponder os esforços dos nossos mestres que procuram nos dar formação moral e intelectual para que saibamos futuramente cumprir nossos deveres cívicos, particulares e patrióticos. (O APRENDIZ, n.1/46, p. 2).

Ambos os artigos apresentam um discurso profundamente nacionalista, enunciando os valores centrais que o estudante deveria desenvolver para servir à pátria, e também a educação moral que era ministrada. O discurso incorpora o enunciado colocado na entrada da ETS por Dona Jane, para conscientização dos alunos: “Aluno, a Escola é sua, zele por ela.” (Apêndice g – Entrevista 2) no trecho: “[...] lembrando que aqui tudo nos pertence e portanto tudo devemos fazer pela sua conservação.” (O APRENDIZ, n.1/46, p. 2).

O sentimento patriótico é estímulo para os aprendizes estudarem:

Sim, precisamos de operários capazes, e por este motivo ingressamos nesta Escola, para que mais tarde sejamos operários completos, conhecedores de Desenho e outras especialidades de que o Brasil tanto precisa.

[...] meus colegas, aconselho-vos que sejam esforçados para engradecer a nossa Pátria, e ao mesmo tempo, corrigir as falhas de um país tão grande e tão fértil, que necessita ainda de técnicos estrangeiros. (O APRENDIZ, n.1/46, p. 5)

Há sempre a referência ao futuro almejado: servir à pátria por meio do trabalho. O enunciador incorpora o discurso pedagógico, que, por sua vez, incorpora o discurso político, anunciando um dos problemas do início do industrialismo no Brasil: a falta de profissionais qualificados para o trabalho nas indústrias e a necessidade de formação de professores para os cursos de aprendizagem planejados desde 1937. Esses aspectos justificam a criação, pelo governo Vargas, de um sistema de ensino voltado para a educação para o trabalho sob a responsabilidade do Estado com a transformação das EAA em EI.

A intervenção do Estado na educação, como assinala Horta (2012), criou nos jovens a ideia de submissão à pátria e, por meio dos símbolos, propagou a ideologia fascista durante a Era Vargas. Para isso, o Estado e a escola utilizaram diferentes ritos sociais: cerimônias, solenidades, hinos, bandeira, uniforme, etc., dispositivos significativos do disciplinamento do corpo. Como mostra Foulcault (2005, p. 118): “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

O discurso em defesa do ensino voltado para a formação de operários tem como principal defensor o Diretor da ETS, o engenheiro Ericsson Pitombo Jaciobá Cavalcanti. Em seus artigos e discursos, estes realizados nas festas da Semana da Pátria, Festa da Primavera, nas solenidades de colação de grau<sup>27</sup>, na inauguração dos retratos dos patronos das oficinas entre outros, ele discute a metodologia do ensino industrial, que deve ser ministrado unindo prática e teoria, os objetivos desse ensino e levanta algumas polêmicas. Dentre elas o dualismo escolar, o preconceito da sociedade e dos familiares dos aprendizes contra o trabalho operário, o desvirtuamento do ensino na ETS.

O Diretor foi colaborador assíduo do jornal, tinha conhecimento e expunha com clareza as suas teses sobre o ensino. Seu primeiro discurso didático é transpassado pelo discurso político em defesa do ensino voltado para a formação de operários qualificados. Vejamos:

---

<sup>27</sup> As solenidades de formatura dos aprendizes seguiam sempre o mesmo ritual. Eram realizadas na segunda quinzena de dezembro, antes das festas natalinas. Pela manhã, missa na Capela do Instituto dos Cegos da Bahia, em seguida, a solenidade no salão de reuniões da escola com a presença de autoridades estaduais, professores, funcionários e familiares dos formandos. Primeiro o orador da turma pronunciava o discurso, em seguida o paraninfo e, por fim, o diretor. No ano de 1945, a solenidade se estendeu pela noite, com realização da Hora de Arte, apresentação de peças musicais com a orquestra da escola, discurso de despedida, peça teatral encenada pelos alunos e “serviço de frios, doces e bebidas” durante os intervalos, “ao som de lindos trechos de orquestra” (O APRENDIZ, n. 1/46, p. 6). No ano seguinte, abrilhantou a festa a Orquestra Sinfônica da Bahia. Todos os discursos foram publicados na primeira edição do ano seguinte ao da formatura (março de 1945, 1946, 1947). As edições de 1945 e 1946 trazem a fotografia do “Quadro de formatura – projeto e execução do Prof. Anibal Ferreira da Silva do curso de Carpintaria”. Uma peça em madeira com fotografia e nome dos professores homenageados, paraninfos e formandos. As peças ficavam expostas na Biblioteca, mas, infelizmente, foram “perdidas” e/ou descartadas assim como muitos outros documentos (revistas, jornais etc) que Dona Jane arquivou na época.

Que iniciemos a arrancada fulminante que o Brasil espera de nós. A nossa função é fornecer às indústrias o material humano de que elas necessitam – o operário qualificado. Se as indústrias continuam improvisando operários, nossa Escola é inoperante, nosso esforço não tem valor social, porque o objetivo não é atingido. [...] A Escola funciona há 35 anos e as indústrias bahianas continuam sujeitas aos azares da improvisação de operários. (O APRENDIZ, n. 1/45, p. 5-7)

Para o emissor do texto, a missão do professor é “um verdadeiro apostolado”, ele não deve apenas ensinar a alguém uma arte, mas transformá-lo em um “sacerdote desta arte”, para que trabalhe pelo “bem da coletividade” e pela “Civilização”. Traz como um dos argumentos, o Positivismo de Augusto Comte: “‘A ordem por base e o progresso, por fim’ – Toda sociedade deve basear-se na ordem, porque sem ordem não há trabalho construtivo, e deve ter por finalidade o progresso, que traz a prosperidade e a felicidade de todos.” (O APRENDIZ, n. 1/45, p. 6).

Encerra o discurso com um apelo indireto aos aprendizes que o escutam, para abandonarem a Escola, caso não estejam interessados em se tornarem operários:

Reconheço, desolado, que muitos dos jovens que procuram nossa Escola não trazem a intenção de abraçar a Arte. Anima-os outro propósito. Ingressam nesta Casa pelas vantagens que não teriam num Ginásio. Tais alunos - digamos corajosamente - não interessam ao nosso plano de trabalho. O lugar deles não é aqui. Não foi para eles que o Governo fundou a Escola. Se não querem ser operários, não se matriculem numa Escola de operários. Há vários Ginásios na Cidade. Se a desilusão ou o preconceito de seus pais indica-lhes outra profissão, não venham insinuar-se em nossas fileiras, com prejuízo dos que nos procuram com a intenção honesta de se tornarem, amanhã, soldados valorosos na grande Cruzada pela emancipação econômica do Brasil. (O APRENDIZ, n. 1/45, p. 7).

O discurso político nacionalista perpassa os textos também de autoria dos aprendizes. Muitos deles desejam aprender um ofício para servir à Pátria porque não é apenas na guerra que se pode contribuir com a defesa e o progresso da nação brasileira, mas também num futuro que se espera esteja próximo, como se explicita no texto intitulado “O que desejo ser quando for grande”:

Entre na Escola Técnica de Salvador, afim de aprender o ofício de mecânico pois é o êste meu desejo visto ser de grande utilidade para o Brasil. E quando fôr grande servirei a minha Pátria. Não é apenas no campo de batalha que se serve à Pátria; é também na paz, trabalhando pelo seu progresso moral e material, exercendo com dedicação e honestidade as funções públicas. Todo cidadão deve amar a sua Pátria, servi-la, honrá-la e engrandecê-la, seguindo os exemplos de Ruy Barbosa, Barão do Rio Branco. Manoel Vitorino, Virgílio Damásio e outros. Trabalhemos em favor do nosso querido Brasil. *Josué dos Santos Borges* – 1ª Série D (O APRENDIZ, n. 3/44, p. 3).

Há ainda aqueles que assumem a primeira pessoa do discurso para defenderem o trabalho “humilde do operário”, trazendo a problemática do dualismo escolar, que circulava na época sobretudo nos livros de Anísio Teixeira sobre as ideias de Dewey aplicadas à educação: “Por isso reafirmo que não nos devemos sentir humilhados diante dos que; de anel no dedo exercem funções outras, que lhes parecem de maior importância, esquecidos de que, o operário é o alicerce da grandeza de uma nação.” (O APRENDIZ, n.5/45, p. 6).

Mas há também aprendizes que sonham com outros percursos profissionais. Trazemos como exemplo o aluno Josete Teles de Rocha, que nos chamou atenção logo na primeira leitura que fizemos do jornal. Ele é quem levanta a voz contra a participação dos professores no jornal (ver final do tópico 3.2.2) e foi o aluno do curso ginásial que mais publicou textos. Ele participou de ambas as fases de *O Aprendiz*, porém com maior número de textos no primeiro ano (1944) com os seguintes textos: “O Aprendiz”, “O pequeno grande artista”, “As férias do meu colégio”, “Grande soldado brasileiro”, “Belezas naturais do meu país”, “CORREIO ESCOLAR”, “A locomotiva”, “O poeta dos escravos” e “A cachoeira de Paulo Afonso”.

Elencamos aqui três sonhos que Josete revela nos seus textos. Em alguns momentos ele se deixa “tocar” pelas experiências que viveu em seu percurso escolar e fora da escola. E sonha...

1 – em ser um grande pintor, assim como foi Pedro Américo, o autor do quadro “O grito do Ipiranga”: “Tenho orgulho dêste notável brasileiro e quero também ser um Pedro Américo para o futuro; para isto me esforço bastante e pretendo vencer.” (A APRENDIZ, n. 4/44, p. 4)

2 – em ter “voz de rouxinol” igual à do professor Dr. Carlos Sepúlveda, que ele ouviu cantar numa missa da páscoa dos funcionários: “Quem me dera ter uma voz igual a dele!” evento que o “tocou” muito a ponto de voltar das férias “entusiasmado pela solenidade que marcou a ‘Páscoa do funcionário na Escola Técnica.’” (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 11).

3 – em ser engenheiro em vez de operário:

Um escritor patricio, ouvindo o ruído da Cachoeira de Paulo Afonso disse: “Essa cachoeira está rouca de tanto gritar pelos engenheiros do Brasil”. Chegará o dia, e quem sabe, se futuramente, não serei eu um engenheiro capaz de tirar dela grandes proveitos? É possível, pois apesar de ser pequeno, tenho mentalidade, boa vontade, e coragem para trabalhar, e... sou brasileiro!!!”

Constatamos que havia a necessidade de formação de mão de obra para o trabalho, no

período em questão, e esse foi o objetivo propagado n' *O Aprendiz*. Porém, a educação integral foi posta em prática com o desenvolvimento do POE implementado na ETS. Aos aprendizes foi proporcionada a possibilidade de sonhar com outro destino e a manifestar esse sonho por meio da escrita.

## 5.2 A PÁTRIA, OS SÍMBOLOS E OS RITUAIS NAS SOLENIDADES

Onde a tua bandeira esplêndida tremúla,  
Minh'alma corre a ela, extasiada a oscula;  
Meio louca talvez, a enrola toda em si,  
E sonha e julga e crê que se fundiu em ti!

(Amélia Rodrigues)

Nas solenidades cívicas, era costume os aprendizes participarem do hasteamento da Bandeira do Brasil. A bandeira, como símbolo maior da nação, foi louvada em prosa e verso, em artigos curtos, escritos por alunos da 1ª série. Na correção dos artigos, mantinha-se a estrutura de “orações simples”. Como afirmou Dona Jane, inicialmente, os aprendizes não sabiam escrever. Então, ela corrigia os textos e publicava como estímulo à aprendizagem. Eles sentiam-se orgulhosos de verem seus nomes no jornal como autores.

O primeiro texto sobre o tema é uma descrição dos elementos que compõem a bandeira, seguida de comentários ufanistas. Vê-se claramente que esse é um discurso propagado pelo professor e incorporado pelo aluno. O discurso pedagógico é autoritário na medida em que não é polissêmico. O enunciador assume a primeira pessoa do singular na última frase do texto, tornando a sua afirmação assertiva. Vejamos:

### A BANDEIRA NACIONAL

Cada nação tem a sua bandeira que representa a Pátria e um hino próprio. Será que o Brasil tem alguma bandeira? Sim. O meu Brasil tem uma linda Bandeira e um hino próprio que é o Hino Nacional.

A nossa bandeira é verde, amarela, azul e branca. A côr verde representa as nossas florestas; a amarela as riquezas do Brasil – ouro, prata, níquel; o azul, o nosso puríssimo e soberbo céu e o branco, a paz;

Na esfera azul há 21 estrelas que representam os estados do nosso amado Brasil e ainda uma faixa com a legenda "ORDEM E PROGRESSO".

Muito acertada esta legenda, pois sem ordem não podemos progredir.

Todo brasileiro tem que amar a sua Pátria servindo-lhe, fielmente, na paz ou na guerra.

O Brasileiro que não ama ao BRASIL é um monstro. Sou e tenho orgulho de ser brasileiro!

*Milton Andrade Morais – 1ª série F (O APRENDIZ, n.2/44, p. 4).*

A edição de setembro, dedicada à Independência, traz dois textos sobre o mesmo assunto. O primeiro começa e termina com a lição de moral e apresenta uma definição de Pátria:

#### Pátria

O amor à Pátria é provado por atos de abnegação e sacrifício.

Pátria é o lugar onde nascemos, onde temos nosso lar e vivemos em comunhão de liberdade. Para defendê-la, não só por dever como também por orgulho, trabalhamos pelo próprio progresso, para torná-la cada vez mais engrandecida. A ela, devemos dar todos os nossos esforços e energias.

Amar à Pátria é um dever de consciência de todo cidadão.

*Reginaldo Alves – 2ª. Serie C. (O APRENDIZ, n. 7/44, p.4).*

O segundo descreve o contexto da festa da Independência pelas ruas de Salvador. O enunciador assume a primeira pessoa do singular para externar o seu sentimento de encantamento pela bandeira:

#### 7 DE SETEMBRO!

Dia da Pátria, dia de festa em todo o território nacional. Dêsde as vésperas, as ruas ficam embandeiradas para o desfile militar, que se realiza pela manhã. Em todos os edifícios públicos são hasteadas bandeiras brasileiras. E como é linda a nossa bandeira! O que mais me encanta é o centro azul celeste, onde vemos estrelas, representando os estados do Brasil. Nesta data, festeja-se a Independência Nacional, proclamada por D. Pedro I, às margens do Ipiranga, no ano de 1822!

*Antonio Soares Esteves – 1ª Serie E. (O APRENDIZ, n. 9/44, p. 2)*

A edição de novembro dedicada à Proclamação da República e a seu símbolo maior, apresenta três textos, enfileirados, na parte superior da página, com o título “A Bandeira”. Cada texto vai introduzindo novas informações. O que transcrevemos a seguir faz referência ao “Dia da Bandeira” e encerra com uma quadra do seu Hino, porém, mantém o mesmo sentimento de amor e louvor à pátria e a seu símbolo:

#### A BANDEIRA

A Bandeira é a imagem da pátria. A sua origem data de longos anos e os povos mais antigos que conhecemos como os egípcios, hebreus, etc., a usavam. Levando-a sempre à frente, quando enfrentavam lutas. A Bandeira

brasileira é muito significativa; ela representa em suas côres toda a beleza e riqueza do Brasil. Quando a vejo passar ou desfraldada nos edifícios públicos, nos dias de festas nacionais, sinto orgulho de ser brasileiro e grande sentimento de amor á nossa Pátria.

A bandeira do Brasil tem acompanhado a sua história, sendo consagrada pelos grandes feitos de seus filhos em defeza do seu país. No dia 19 de Novembro, grandes festas são realizadas em sua homenagem, por isso, dos brasileirinhos da Escola Técnica,

"Recebe o afeto que se  
encerra em nosso peito  
juvenil, . querido símbolo  
da terra,  
da amada terra do. Brasil"

*Paranio Pereira Teles – 1a Série E (O APRENDIZ, n. 9/44, p. 2).*

A pátria é louvada também em poemas de autores presentes nas antologias que circulavam à época, a exemplo do poema “À minha pátria”, de autoria da professora e poeta baiana Amélia Rodrigues, da qual extraímos os versos da epígrafe a que se refere à bandeira. O texto é uma declaração de amor esfuziante, ufanista à pátria.

Os hinos eram outro elemento simbólico de educação para o civismo. O Hino Nacional era cantado nas solenidades de encerramento do ano letivo (Formatura dos artífices), na Semana da Pátria, na abertura das reuniões do CETS. Era sempre executado por último, antes dele vinha(m) o(s) outro(s) específico(s) para a ocasião: Hino da Bandeira, Hino da Independência, Hino da ETS, etc.

Na Semana da Pátria de setembro de 1944, os alunos cantaram pela primeira vez o Hino da Escola, sob a regência da professora Joselinda F. Rodrigues; em seguida, o Hino da Independência e, por último, o Hino Nacional.

A edição de 1945 em comemoração à Pátria traz a letra do Hino da Independência, cujo refrão patriótico sacraliza o corpo para o qual não resta alternativa, ou liberdade ou morte: “Brava gente brasileira,/Longe vá temor servil;/Ou ficar a Pátria livre/Ou morrer pelo Brasil”, com a seguinte nota depois dos versos:

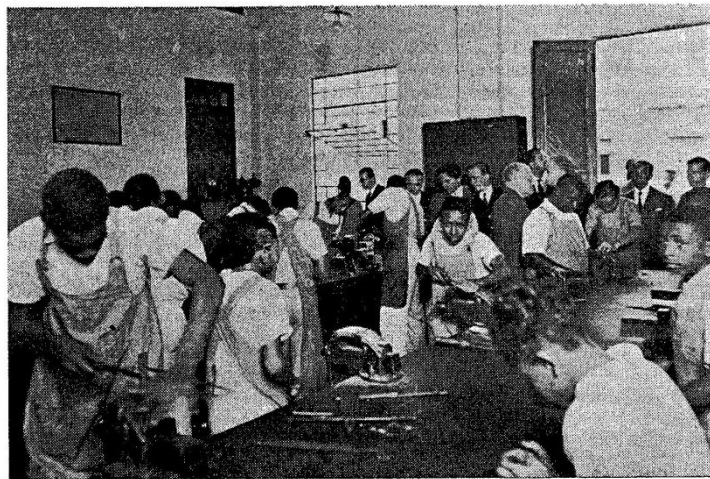
A música do hino acima é de autoria de D. Pedro I, o proclamador da Independência e a letra é atribuída ao grande político e jornalista brasileiro, EVARISTO DA VEIGA, que, com a sua pena brilhante, também muito fez em prol da causa nacional. (O APRENDIZ n.7/45, p. 2).

O uso do uniforme, adotado e fornecido pela escola (Entrevista n. 2), é também um símbolo usado no adestramento do corpo. Blusa de manga comprida e gravata, calça comprida e sapato preto fechado para os rapazes; saia preta de corte reto abaixo do joelho, blusa branca



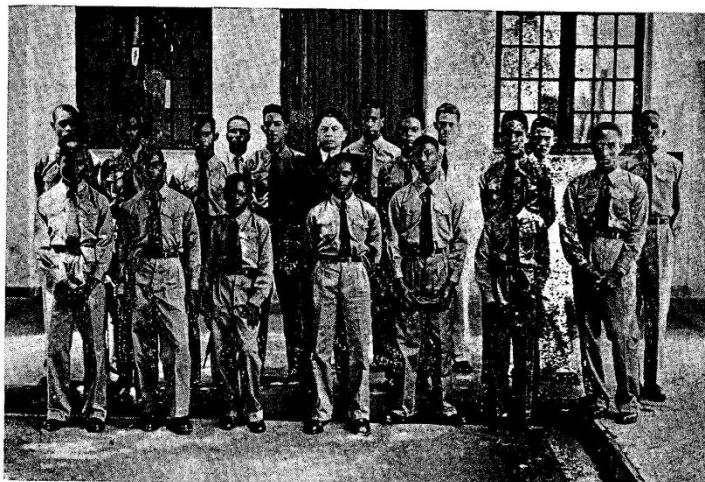
fechada de manga curta e sapatos pretos para as moças aparece em algumas fotografias de apresentação artística de canto orfeônico, nas solenidades de formatura e nos encontros quinzenais do CEETS no Tomo II da coleção d'*O Aprendiz*. Em outras fotografias, alguns rapazes postam camisa curta por baixo de um avental quando estão nas oficinas trabalhando. O uso da farda parece imprimir um tom mais sério nos rostos dos aprendizes, alguns deles voltavam o olhar para a câmera quando eram fotografados, mas não sorriam. A farda devia ser usada também nos desfiles de Sete de Setembro, ocasião em que a escola desfilava acompanhada da banda.

Figura 19 – Estudantes na Oficina da ETS durante a visita do Ministro da Educação



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal *O Aprendiz* (n.5/46, p.9)

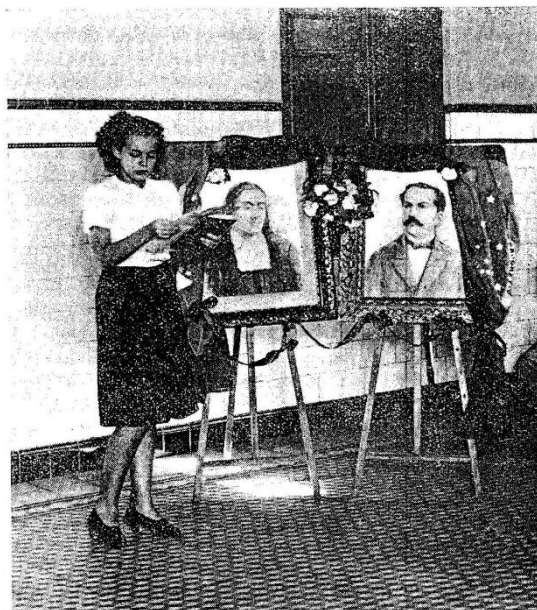
Figura 20 – Grupo de Estudantes diplomados e o Diretor da Escola



Os diplomandos de 1946 em companhia do Diretor da Escola

Fonte: Foto de Arquivo do Jornal *O Aprendiz* (n.1/47, p.8).

Figura 21 – Aluna lendo trabalho em sessão do Círculo de Estudos da ETS



A aluna do 1.º ano técnico, Alba Duclerc Misi, lendo o seu trabalho sobre “Pioneiros da Aviação,” em sessão do “Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador,” realizada no dia 29 de outubro deste ano.

Fonte: Foto de Arquivo do Jornal *O Aprendiz* (n.8-9/46, p.9).

### 5.3 A EDUCAÇÃO PELO EXEMPLO: OS HERÓIS NACIONAIS E AS PERSONALIDADES DAS CIÊNCIAS E DAS LETRAS

Um aspecto intrigante ao começar a pesquisa sobre este tópico foi observar a grande presença de artigos narrativos, pequenas biografias, n’*O Aprendiz*, referentes a fatos históricos nacionais e a seus heróis, com o auxílio de uma poesia de natureza didática e elegíaca, introduzindo e/ou ilustrando os editoriais de capa ou, ainda, entremeando outros espaços dedicados à história do Brasil. Isso porque o editorial do jornal, como visto, afirma que ele “não pretende filigranar em suas colunas jóias literárias” e Dona Jane, durante a pesquisa oral, afirmou que o jornal “era de escola técnica”.

Ficou claro inicialmente que isso se dá por causa da forma de estruturação circular do conteúdo do jornal, baseado no tempo histórico dos calendários cívico e escolar. Ao analisar a produção de sentido – os discursos presentes nele, relacionando-os com a sociedade e a educação dos anos 30/40 –, é possível entender que a produção do jornal se articulou com o ensino/aprendizagem das disciplinas de conhecimento geral (história, geografia e ciências naturais), além dos conhecimentos práticos desenvolvidos nas oficinas – a aprendizagem dos ofícios. Lendo as minibiografias dos heróis nacionais e baianos, é perceptível um culto ufanista de louvor à pátria que remete à questão do ensino de história do Brasil, nas décadas

referidas.

Esse ensino inculcou a ideia de dever, obrigação e sacrifício para com a pátria (LENHARO, 1986), criando um culto ufanista e de obediência às leis que, mais tarde, desembocou na ditadura militar de 64. Há muitos estudos que mostram como a educação na Era Vargas foi utilizada como instrumento ideológico de controle do Estado brasileiro.

No levantamento lexical anteriormente efetuado (Capítulo 3), a ocorrência dos vocábulos civismo e cívico é bem menor do que pátria (194), do que nação (39) e nacional (180). E, como já ressaltado, a ideia original de civismo, isto é, relacionada a direitos do cidadão, se apagou durante a Era Vargas. Também foram pesquisados as ocorrências e os sentidos atribuídos à palavra cidadão/cidadã/cidadania no *corpus* d'*O Aprendiz*. Cidadania só ocorre uma vez, no texto “Pedro Labatut”, em homenagem ao herói francês que lutou pela Independência da Bahia e, então, ganhou a cidadania brasileira (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 8).

Por sua vez, o termo cidadão(s) ocorre nove vezes, quase sempre ligado à ideia de dever. Vejamos: “Amar à pátria é um dever de consciência de todo cidadão” (O APRENDIZ, n. 7/44, p. 4); “O Brasil [...] espera de cada cidadão a sua partilha para a defesa do continente, manutenção de sua liberdade e engrandecimento da democracia.” (O APRENDIZ, n. 1/44, p. 3); “A escola é a casa de ensino. É o lugar abençoado onde se prepara o espírito e o caráter de cada cidadão” (O APRENDIZ, n.1/44, p. 2); “Todo cidadão deve amar a sua Pátria, servi-la, honrá-la, engrandecê-la.” (O APRENDIZ, n. 1/44, p. 3); “O homem mentiroso torna-se ridículo e é nocivo à sociedade [...] ninguém quer a sua companhia, é um desligado da sociedade. Póde trazer a infelicidade de um cidadão ou de cidadãos honrados, que muitas vezes terminam no cárcere, por sua culpa.” (O APRENDIZ, n. 4/44, p.4); “Amar a pátria é um dever de consciência de todo cidadão.” (O APRENDIZ, n. 7/44, p.4); “Por isso. repito: ‘Recordar a figura de Antonio Ferreira França é apontar à juventude um dos mais perfeitos modelos de cidadão, na plenitude das suas virtudes civicas’” (O APRENDIZ, n. 5/45, p.4); “Nos vossos peitos franzinos/Existe, caros meninos,/E cidadãos de amanhã,/Uma espécie de argamassa/Com que se faz a couraça/Que cobre o peito ao titan ...” (O APRENDIZ, n. 5/45, p. 2); “[...] e a educação moral, que haverão de nos moldar como entes humanos realmente dignos deste nome, e cidadãos úteis à Patria e à Humanidade.” (O APRENDIZ, n.5/46, p. 7); “Sois, nao um autômato, caricato, ôco, vasio, inconciente do mundo e seus problemas [...]. Mas cidadaos de ideias claras, com uma consciência bem formada, uma orientação segura, capaz de vos

conduzir sobranceiramente, através dos conflitos de grupos...” (O APRENDIZ, n.1/47, p. 8).

O culto dos heróis nacionais n’*O Aprendiz* também exemplifica o ensino do civismo – amor à pátria, por meio de histórias e biografias de personagens tidas como modelo a seguir. “O modelo de paradigmas ou exemplos é típico de todas as formas e variedade de discursos didáticos” (JAEGER, 2013, p.50). Ainda segundo Jaeger (2013, p. 56; 58), “o significado pedagógico do exemplo” está na origem da educação aristocrática: “a evocação do exemplo dos heróis famosos e do exemplo das sagas é para o poeta parte constitutiva de toda ética e educação aristocrática”.

Vieira (2008, p.82) afirma que o ensino e a aprendizagem do civismo por meio de biografias “tem por matriz a asserção ciceroniana ‘Historia Magistra Vitae’”. E que essa matriz penetrou na educação brasileira por meio dos historiadores Sílvio Romero e Tancredo Amaral, que “elaboraram um tipo de linguagem e discurso cívico alicerçados em narrativas biográficas” (VIEIRA, 2008, p. 83).

O discurso pedagógico n’*O Aprendiz* comunga com o discurso cívico ao trazer a memória do passado para o presente com o objetivo de inculcar, nos jovens aprendizes, a ideia de sacrifício em defesa da nação. Coincidência ou não, o primeiro exemplo de herói cultuado, cuja biografia é narrada nas colunas d’*O Aprendiz*, é justamente o “corpo esquartejado” de “Tiradentes, o protomarter da Independência brasileira”. A primeira biografia narra os fatos da vida de Joaquim José da Silva Xavier de maneira linear, sem comentários exaltados: o ingresso no Esquadrão da Cavalaria, as reuniões com o poeta mineiro Cláudio Manoel da Costa e o Cel. Inácio de Alvarenga, a escolha do dístico latino “Libertas quae sera tamen”, a ser inscrito na bandeira, o processo e a morte do herói, que teve “sua casa arrazada, e seus filhos declarados infames até a terceira geração” (O APRENDIZ, n. 2/44, p. 3). A segunda, que vem na coluna ao lado da primeira, narra os mesmos fatos e acrescenta mais detalhes à cena do martírio: “Foi Tiradentes enforcado e esquartejado, seus braços e pernas colocados nas estradas de Minas Gerais e sua cabeça colocada na parte mais alta de Vila Rica. Suas últimas palavras foram: ‘Cumpri com a minha palavra, morro pela liberdade!’”. Além disso, o enunciador qualifica os participantes: “os conspiradores foram...”; “Os traidores...”, o que dá mais dramaticidade à narrativa. Essas versões foram escritas por estudantes do 2º ano ginásial.

Na edição de abril de 1945, a “biografia” é escrita pelo auxiliar de disciplina Luiz Barreto e ocupa a página inteira. Não traz dados sobre a origem de Tiradentes como as primeiras. Inicia situando a origem do “sentimento de liberdade” entre os intelectuais

brasileiros que estudavam em Coimbra, que, no regresso ao Brasil, lançaram a ideia do movimento e tiveram “a adesão de homens doutos e ilustrados”. A narrativa se estrutura como um drama, com abertura, complicação, clímax e desfecho trágico: “Um baque surdo, sem gemido, quebrou o silêncio; era o corpo do nosso herói caído no patíbulo, ensopado de sangue em holocausto as suas ideias”. E encerra com a lição de moral em tom eloquente:

É justo, pois, que nós brasileiros, comemoremos o dia 21 de Abril, data da morte do maior baluarte da nossa independência, que derramou seu sangue como semente na terra escravizada para mais tarde germinar a árvore frondosa da Liberdade! Aí está um exemplo edificante de um brasileiro que morreu sob a divisa de uma bandeira

"LIBERDADE AINDA QUE TARDÍA" (O APRENDIZ, n.2/44, p. 4).

Um aspecto importante que se pode observar é a localização das biografias de Tiradentes nos três anos consecutivos de edição do jornal. Nos dois primeiros anos, ela vem na página seguinte à que ocupa a “Homenagem d’*O Aprendiz* a Getúlio Vargas”<sup>28</sup>, que, em 1944, aparece na capa e, em 1945, na página 3, dando o lugar da capa e o editorial ao “Pan-Americanismo”. Em 1946, a biografia do Mártir da Independência sai na capa, e a homenagem a Getúlio Vargas, agora deposto, sai das páginas do jornal. Nas edições desse ano, o nome de Vargas aparece citado apenas três vezes. A biografia de Tiradentes publicada na capa (O APRENDIZ, n.1/46, p. 1 e 9-final) apresenta a mesma versão da história oficial. Traz, no final, as referências: “Obras consultadas: TESOURO DA JUVENTUDE – vol. X; Grandes Figuras do Brasil – Rafael Murilo e outros”<sup>29</sup>.

Dessas obras, que serviam de consulta para os estudantes redigirem seus artigos, saiu a maioria dos dados utilizados nas muitas biografias publicadas n’*O Aprendiz*.

Aos heróis consagrados pela história do Brasil, na perspectiva do “civismo”, foram acrescentados outros exemplos a serem seguidos, sobretudo ligados ao “trabalho” e à “perseverança”.

O índice temático redigido a partir do Repertório português da imprensa pedagógica e de ensino (APÊNDICE A) distingue dois tipos de textos biográficos: Inventores e Invenções

<sup>28</sup> Ambos os artigos são escritos pela redação (Dona Jane) e ilustrados com a fotografia oficial de Vargas, colorida, no centro da página. Não são propriamente biografias, mas homenagens ao 19 de abril, data de seu nascimento, com uma narrativa-propaganda dos atos de seu governo. A segunda faz referência também ao “Dia da Juventude Brasileira”, criado por ele.

<sup>29</sup> Outros livros de Referência citados nas biografias são: “Os grandes benfeitores da Humanidade” – de F. Acquareone; Revista Artífice – Escola Técnica de Recife; “Biografia dos maiores vultos do Brasil” – Prof. E. P. C. Vasconcellos; “Três pioneiros do ar” – C. A. Werlang, Seleções do Reader’s Digest.

e biografias. Os do primeiro tipo, além de dados biográficos, trazem informações sobre os inventos, e em sua maioria, científicos. Os demais se referem aos feitos heroicos ou às contribuições das personagens em vários campos do saber. A seguir, é inserida uma listagem das personagens biografadas com base na atividade que exerceram e no local de nascimento:

- 1) Cientistas e Inventores: *estrangeiros*: Cugnot, Gutemberg, Casal Curie, Madame Curie, Henring Ford, Tomaz A. Édson, John Ericsson, Willian David Coolidge; Roberto Fulton, Guglielmo Marconi; *brasileiros*: Bartolomeu de Gusmão, Augusto Severo, Santos Dumont, Pe. Francisco de Azevedo.
- 2) Empresários e engenheiros: Luiz Tarquinio, Visconde de Mauá, André Rebouças.
- 3) Políticos: *estrangeiros*: Franklin D. Roosevelt; *brasileiros*: Dom Pedro I, Nilo Peçanha, Princesa Izabel.
- 4) Históricos: *brasileiros*: Tiradentes, Caxias, Almirante Luiz Felipe Saldanha da Gama, Barão do Rio Branco, Manoel Barroso da Silva (Barão do Amazonas); José Bonifácio de Andrade, João das Bottas; *baianos*: Joana Angélica, Maria Quitéria, Antônio Ferreira França; *estrangeiros*: Cristovão Colombo, Pedro Álvares Cabral, General Pedro Labatut, José de Anchieta, José Clemente Pereira.
- 5) Artistas: *brasileiros*: Pedro Américo, Carlos Gomes, Castro Alves, Machado de Assis, Olavo Bilac, Catulo da Paixão Cearense, Gonçalves Dias.

Além dessas personagens, personalidades da política e técnicos da educação à época foram assunto do jornal, a exemplo de Getúlio Vargas, Clemente Mariani, Gustavo Capanema, Francisco Montojos, professores colaboradores d'*O Aprendiz* e várias outras, em textos intitulados "Homenagem a...". Outras personagens históricas são citadas em artigos narrativos sobre diversos fatos da história do Brasil, da Bahia e do mundo.

Três dos personagens biografados, cujos feitos relacionam-se ao mundo do trabalho, tornaram-se patronos das oficinas e do CEETS em substituição "aos literatos". As homenagens iniciaram com a inauguração do retrato de Luiz Tarquínio, empresário baiano considerado o "apóstolo do trabalho", cujo centenário de nascimento foi lembrado n'*O Aprendiz* com a publicação de dois artigos, um da professora M.R. (abreviatura possivelmente de Maria Romana) e outro do aluno Gerson da Silva Paranhos. A família do empresário baiano esteve presente ao evento, no qual discursaram um aluno e o diretor da escola, e Luiz Tarquínio tornou-se patrono da Oficina de Carpintaria.

Luiz Tarquínio deve ser lembrado, segundo a professora e o estudante, por ter sido

uma empresário humano, que se preocupou em proporcionar condições de trabalho e vida digna aos operários que trabalharam na Vila Operária criada por ele, constituída de 258 casas, onde habitavam com suas famílias e tinham acesso fácil à fábrica, à escola, etc.: “A sua biografia deve estar sempre presente em nossa memória como padrão para nossa vida pois LUIZ TARQUINIO constitúe um exemplo de trabalho, inteligência, admirável perseverança e solidariedade Humana”(O APRENDIZ, n.2/46, p. 7).

Figura 22 – Retrato de Luiz Tarquinio

O APRENDIZ 7

## LUIZ TARQUINIO

A nossa Escola, prestando uma justa homenagem ao homem de verdadeiro mérito social, que foi LUIZ TARQUINIO, fez inaugurar, no dia 20 de Setembro p. p., em sua oficina de Carpintaria, o retrato do grande industrial bahiano, que ali figurará, para sempre, como símbolo de trabalho, honradez e perseverança.

Às 15 horas, estando presentes ilustres representantes da família Tarquinio, acrescido número de funcionários desta Escola e quasi todos os alunos, o nosso Diretor deu início à solenidade, fazendo convidar dois membros da digníssima família para descerrarem a bandeira que ocultava o veneravel retrato, ladeado por lindos ramalhetes de flores. Logo após, falou em nome do Corpo Discente o aluno da 3.ª série, Eubulides Geambastiani, dizendo da significação da homenagem, sendo seguido pelo aluno Francisco Coêlho, que em nome da oficina de Carpintaria, agradeceu a honrosa escolha de que foi alvo.

Em nome da Escola, falou o nosso Diretor Dr. Ericsson Pitombo Jaciobá Cavalcanti.

Ao encerrar-se a solenidade, os elementos representativos da família Tarquinio congratularam-se com o nosso Diretor e demais oradores, pela modesta mas significativa homenagem prestada ao grande benemérito e apóstolo do trabalho — LUIZ TARQUINIO.

Foram os seguintes, os discursos pronunciados pelos alunos Eubulides Geambastiani e Francisco Coêlho e pelo Diretor da Escola, Dr. Ericsson Cavalcanti.

Discurso proferido pelo aluno Eubulides Geambastiani:

Exmo. Sr. Diretor desta Escola, Digníssimos representantes da Família Luiz Tarquinio, Srs. Professores, Meus Colegas.

Nesta festa singela, mas muito nossa pela sua significação, onde deixamos transbordar dos nossos corações a alegria esultante da primavera, da natureza e das

nossas idades em flor, colocamos, dentre todas as comemorações com que festejamos este dia, a mais cara, a mais simbólica, aquela que nos honra mais fará-la. A de colocarmos nesta oficina, verdadeiro templo do trabalho, onde nossas mães inhaibéis, mas já esperançosas, manejam as ferramentas e produzimos pequeninos trabalhos de aprendizes, este retrato do Sr. LUIZ TARQUINIO, neste lugar, para que, quando levantarmos os olhos da nossa laínia diária, vejamos sua face serena, que nos animará sobretudo com seu grande exemplo, que, de simples trabalhador, chegou a

ilmo. Sr. Diretor, Dignos Mesires, Colegas, Meus Senhores.

Aquí venho, no entrelaçamento dos nossos corações, trazer-vos o coração do mestre e dos colegas do curso de Carpintaria, para junto aos vossos, confundir o seu palpitir e a sua gratidão.

É de reparar, que estas frases tão simples não são suficientes para expor os sentimentos de minha alma. Simples para literatos, porém elevadas para o operário, e, na simplicidade da minha oração, quero agradecer esta homenagem que ora se realiza, honrando este curso, com a inauguração do retrato de um grande vulto — o imortal LUIZ TARQUINIO.

O modesto curso de Carpintaria não tem mérito para receber como patrono, a grande personalidade que se immortalizou na história do operário brasileiro, mas, assim o quiz o nosso digno Diretor, a quem devemos a grandiosidade desta homenagem.

LUIZ TARQUINIO, meus senhores, é o exemplo vivo do esforço e do trabalho; desejando realizar o seu ideal, que era elevar o nível moral do operário, foi a Europa e de lá trouxe os materiais necessários para a organização da sua fábrica de tecidos. Com os seus esforços, sua sinceridade e o seu bondoso coração, sentia as necessidades dos seus operários e era essa a razão porque todos o admiraram, chegando a ter por ele verdadeira adoração.

Por isso, tornou-se ele patrono da Carpintaria desta Escola, para a qual proponho a denominação de curso “LUIZ TARQUINIO”. Este curso que, em Setembro de 1942, foi entregue a um esforçado mestre que tem sabido nos instruir com os seus sábios ensinamentos e nos tratado com a maior distinção, coadjuvando assim, para o nosso aproveitamento e desenvolvimento industrial. Nesta humilde tenda de trabalho, venho adquirindo capacidade para desenvolver as minhas atividades, em qualquer parte, para onde me dirigir. Por isso, nunca senti o peso da minha humildade, lembrando quantos homens de valor têm saído de oficinas modestas. BENJAMIM FRANKLIN foi tipógrafo, contramestre de oficina, e depois o sábio que fez brilhar o seu nome na história dos Estados Unidos, como um dos fundadores da República, notavel escritor e mais que tudo — o descobridor do para-raio. CARLOS LINEU, o maior naturalista do século XVIII, o sábio que a Suécia inteira venera, foi sapateiro. Na Bahia, entre nós, temos o vulto de MANOEL VITORINO que da honrada tenda de Marceireiro, as-

ser o maior e mais humanitário industrial de seu tempo.

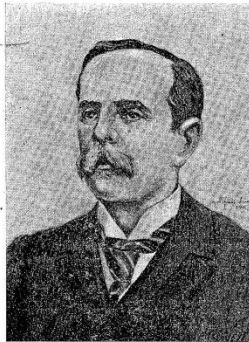
Com a colocação deste retrato, homenageamos sua vida, sua memória imprecívél, seu trabalho, e mais que tudo, a grande lição moral de sua obra imortedoura, a Fábrica e Centro Operário LUIZ TARQUINIO, onde a personalidade do operário é estimada, cuidada e prestigiada no seu justo valor.

Com o desejo de que amanhã, como empregados ou empregadores, sigamos as pegadas deste ilustre bahiano, saídamos sua memória, homenageando-a e exaltando-a dentro das medidas de nossas pequeninas forças.

Tenho dito!

• • •

Discurso proferido pelo aluno Francisco Coêlho:



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal *O Aprendiz* (n.8/44).

Assim como Luiz Tarquinio, a origem humilde de Mauá é referida, e seu exemplo deve ser um espelho de vida para os aprendizes: “Inspirados neste exemplo, confiemos que, embora não sejamos ricos, somos capazes de, com o trabalho e o estudo, vencer na vida e nos tornar grandes homens.” (O APRENDIZ, n.3/46, p. 8).

André Rebouças se tornou o Patrono do CETS. Na palestra lida na seção de homenagem, o aluno destaca as dificuldades pelas quais passou o engenheiro baiano por ser afrodescendente num Brasil saído da escravidão e pleno de preconceito racial:

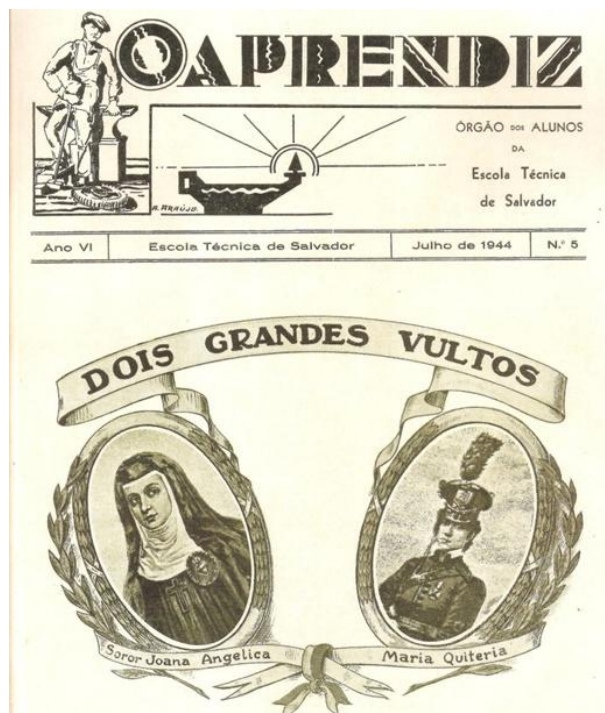
Com louvável objetivo, o nosso "Circulo de Estudos" realizou este ano, em suas reuniões quizenais, justas e significativas homenagens a grandes vultos nacionais e estrangeiros. Assim é que, hoje, como das vezes passadas, quero apresentar aquí um rápido estudo sôbre a vida de um eminente conterrâneo – ANDRÉ REBOUÇAS - cujo nome vive ainda envolto na obscuridade. É ele porém um exemplo digno de ser citado pois, enfrentando toda sorte de obstáculos, dedicou esse homem toda sua vida ao progresso e à felicidade de sua Pátria. Além de engenheiro notável, ANDRÉ REBOUÇAS foi, acima de tudo, um lutador, um patriota. É portanto, caros consócios, em exemplos como esse que devemos buscar o estímulo que nos dê animo para enfrentarmos a árdua tarefa de reconstrução do mundo que pesa sobre nós - a mocidade. (O APRENDIZ, n.8-9/46, p. 6).

*O Aprendiz* registra ainda homenagem aos três patronos da aviação brasileira, com discurso da secretária do CETS. Nessa historiografia, na qual prevalecem as figuras masculinas, a Bahia é destaque por meio do episódio do 2 de Julho, protagonizado pelas heroínas Maria Quitéria e Joana Angélica. A primeira, símbolo da donzela guerreira, destemida, que vai à luta, ocupando os espaços consagrados ao homem – as batalhas, a guerra, povoam as narrativas orais da tradição literária mundial. A freira, símbolo de santidade, é o outro modelo de mulher que, por sua coragem e santidade deve servir de exemplo.

A história da Bahia é um capítulo à parte n’*O Aprendiz*. A data magna baiana foi assunto das três edições de julho. No primeiro ano, numa edição de 12 páginas, 9 são dedicadas na íntegra ao 2 de Julho. A capa dessa edição é um trabalho de arte gráfica espetacular. Trata-se do desenho de um porta-retratos com duas hastes ovais, nas quais figuram Joana Angélica à esquerda e Maria Quitéria à direita, unidas pelo título “Dois grandes vultos” acima da representação, e, abaixo, por um laço.



Figura 23 – Capa de Edição de *O Aprendiz*



Fonte: Foto de Arquivo do Jornal *O Aprendiz* (n.5/44).

A página seguinte, o editorial, é dedicada ao texto de mesmo título, escrito pela Redação. A abertura traz em quatro parágrafos uma análise sobre a condição da mulher à época, o preconceito contra a sua capacidade de participação política e social:

Muitos são os que imaginam a mulher, um sêr futil, incapaz de se distinguir em funções de maior relêvo e responsabilidade que os nobilíssimos afazeres domésticos.

Mas, ao volvermos as nossas vistas para a gloriosa História da nossa Pátria, tão fértil em exemplos de coragem, altivês, dignidade e heroísmo da mulher brasileira, vemos como é errônea esta concepção, como é diferente a realidade.

As lutas pela Independência comoveram de tal sorte o povo da Bahia, que à mulher – naquele tempo, figura caseira, sem influências políticas – coube a mais decisiva atuação.

Assim, cumpre salientar como exemplos de cumprimento do devêr, os vultos de JOANNA ANGELICA – a freira humilde do Convento da Lapa – e MARIA QUITÉRIA DE JESUS MEDEIROS – a jovem fazendeira sertaneja – que, com raro denodo e patriotismo, simbolizaram o heroísmo da mulher bahiana. (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 2).

Em seguida, apresentam-se dados biográficos de Joana Angélica, data de nascimento, a escolha pela religião e o ingresso no claustro, onde, por sua dedicação ao cargo, tornou-se a “Abadessa do Convento, no desempenho do qual alcançou a *IMORTALIDADE*.” Na sequência, descreve-se sua atitude heroica, de forma dramática e comovente, destacando o caráter religioso e tenaz da freira na defesa da pátria. A narrativa é muito bem construída,

Em preces fervorosas e ardentes, as pobres Freiras rogavam, cheias de patriotismo, pela felicidade do Brasil, quando os inimigos da Pátria, desrespeitando a casa do Senhor, invadiram o Convento da Lapa, tentando arrombar a porta da clausura das freiras. Estas, rezavam aflitas, cheias de pavor. De repente, a porta se abriu, e, com o pensamento em Deus, aparece uma veneranda Senhora, a quem 35 anos de cela, impunham uma suave magestade.

Era a soror JOANNA ANGELICA que, com as braços abertos diante dos arrombadores, exclamou: “Detende-vos bárbaros! Arrombastes o portão, mas esta porta está guardada pelo meu peito, e não passareis senão por cima do cadaver de uma mulher!!!” Mal isso dissera, uma baioneta trespassou-a e, caindo ensanguentada, expirou, com um sorriso nos lábios. Este gesto de JOANNA ANGELICA demonstrou quanto amava a Deus e à Pátria.

E a História, com justiça, registra o seu nome, colocando-a entre as mulheres célebres do Brasil, dando-lhe o cognome de ‘Freira Martir’. (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 5).

A biografia de Maria Quitéria inscreve-se na metade das linhas dedicadas à freira, mas o tom de louvor e o destaque permanecem:

MARIA QUITÉRIA DE JESUS MEDEIROS – personalidade extraordinária de mulher, que, vencendo toda espécie de preconceitos, trocou a saia de ingênua sertaneja de S. José de Itapororocas pelo uniforme de soldado do Exército Libertador, em cuja Frente, entrou vitoriosa na Capital da Bahia, na manhã de 2 de julho de 1823, aclamada pelo povo, cheio de entusiasmo, e coroada de louros pelas religiosas ursulinas do Convento da Soledade. (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 5);

O texto se encerra com um comentário em que aparece referência à Segunda Guerra Mundial que, então, se desenrolava:

Salve pois, JOANNA ANGELICA e MARIA QUITERIA, dois nomes imortais nas páginas da História Nacional que servirão de exemplos, à mocidade brasileira de hoje, que se deverá distinguir em defesa do solo pátrio, nesta hora de conflagração universal. (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 5).

A edição é muito bem ilustrada, traz também fotografia do “Monumento ao 2 de

Julho”, seguida de texto descritivo e um encarte colorido, formado de duas páginas onde se encontra gravura, publicada horizontalmente, da “ENTRADA DO EXÉRCITO LIBERTADOR – Magnífica tela existente no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Salvador, de autoria do conhecido pintor bahiano Presciliano Silva, professor desta Escola”, intitulado: “Homenagem d’O APRENDIZ aos heróis da Independência”.

Traz ainda doze textos sobre o 2 de Julho, entre eles, dez artigos escritos por alunos e dois poemas: “A Data Bahiana (acróstico)”, da professora Mariêta L. Gumes, e “Ode à Bahia”, de Roberto Correia. Um desses artigos também destaca a participação das “Heroínas brasileiras” na Independência da Bahia. Convém destacar um fato que não aparece no texto da Redação, abordado anteriormente:

Das bandas de Tanquinho da Feira de Santana, surge, nessa época, um vulto de mulher notável: Maria Quitéria de Jesus Medeiros. Querendo defender a sua Pátria, o pai não consentiu, dizendo que se fosse não mais entraria em casa. Resolveu então fugir da casa paterna para lutar como soldado, alistando-se em Cachoeira. Lutou heroicamente e venceu. O Imperador deu-lhe o galão de alferes e uma condecoração. (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 9).

O conflito paterno, vivenciado pela heroína, remete também à condição submissa da mulher na sociedade patriarcal, que é transgredida pela “Donzela guerreira” baiana.

A ênfase dada à história da Bahia n’*O Aprendiz* mostra a importância da memória na pedagogia do exemplo, o passado como fonte de revisão da história e a possibilidade de mudança no presente. Assim, outro texto da mesma edição traz a narrativa dos acontecimentos do “Dois de julho”<sup>30</sup>, argumentando que essa data deveria ser considerada, como afirmam muitos historiadores, a verdadeira Independência do Brasil. Vejamos:

Ao escrever este artigo em homenagem ao 2 de julho, a nossa única preocupação é chamar atenção de todos os brasileirinhos que nos lêem, para a magnitude desta grande data bahiana, que deveria ser Uma grande data nacional, se não a maior data brasileira! Sim! porque se no sul do país a Independência se fez meramente por cerimoniais políticos, na Bahia, conquistamo-la depois de um ano inteiro de renhida luta, contra os lusitanos opressores da nossa Pátria. (O APRENDIZ, n. 5/44, p. 3).

---

<sup>30</sup> Esse texto não vem assinado. Provavelmente, foi escrito por Mariêta Lobão Gumes, devido ao estilo e à forma de se referir aos jovens, usando o diminutivo, o que faz em outros textos de sua autoria, ou talvez por Dona Jane.

## 5.4 A DEFESA DO LÉXICO INDÍGENA

A busca de uma identidade nacional para o Brasil se manifesta também na defesa do léxico indígena. No artigo intitulado “Poranduba” (O APRENDIZ, n. 8/44, p. 8), o enunciador, depois de comentar sobre “a saudade que sentimos quando em algum lugar distante da nossa terra natal, ouvimos alguém cantar modinhas conhecidas.”, sugere o uso de “poranduba” em vez de “folclore.”

O uso de ‘poranduba’ como sinônimo de ‘folclore’ não aparece nos dicionários brasileiros consultados na pesquisa deste tópico. A datação mais antiga da palavra (1874: data de publicação de *Ubirajara*, de José de Alencar) encontra-se em Houais (2001). No entanto, a palavra já aparece registrada no início do século XIX, no título da obra *Poranduba maranhense*, relato em 33 capítulos sobre a “Província do Maranhão” O livro foi redigido em 1819-1820 pelo frade capuchinho Francisco [de Nossa Senhora] dos Prazeres (1790-1852). Em nota ao leitor, o frade informa que o escreveu em 1819 na cidade de São Luís (PRAZERES, 1819-1820, apud NOLL, 2010, p.71). Como afirma Noll (2010, p.71):

O subtítulo da obra indica que descreve os acontecimentos no Maranhão até 1820, ano no qual o frade regressou definitivamente a Portugal. Conforme o parecer publicado, o manuscrito foi aprovado pelo convento de São Francisco de Vila Real em 1826.

Entretanto, *poranduba* não significa “folclore”, nesse caso, e sim “notícia”, “narrativa de fatos”.

Já no título da obra *Poranduba amazonense*, a palavra é empregada para designar uma coletânea de lendas e canções. Esse livro foi publicado em 1890 em Nheengatu (ou Língua Geral Amazônica), com tradução interlinear ao português, seguida de tradução livre. (RODRIGUES, 1890). Esse uso é o que mais se aproxima do emprego de “poranduba” no artigo d’*O Aprendiz*.

Poranduba é sinônimo da palavra inglesa Folk-lore já aportuguêsada para folclore. O que quer dizer, sabem? É tudo que pode fazer conhecidas as nossas tradições, usos e costumes, através de lendas, canções, versos, etc., unido-nos aos povos de outras bandas e tornando-nos cada vez mais lembrados. O Brasil, tão grande e tão cheio de tradições não deve esquecer os costumes de sua gente. (O APRENDIZ, n. 8/44, p. 8)

A defesa do vocábulo indígena justifica-se, segundo o enunciador, pela necessidade de

preservação da tradição oral, dos costumes de “sua gente”. “Poranduba” é ainda considerada uma palavra “brasileira” por ser “indígena”. Portanto, o enunciador se posiciona contrário aos empréstimos linguísticos: “este Brasil, que tudo produz, tem e dá, não precisa de se utilizar do vocabulário estrangeiro para falar do que lhe é próprio” (O APRENDIZ, n. 7/44, p. 8).

Essa defesa do léxico indígena n’*O Aprendiz* relaciona-se com o contexto social e histórico da época. O nacionalismo da década de 30 e do início dos anos 40 contribuiu para a “reapropriação da figura dos índios pelos Estados nacionais, em particular no continente americano” (FUNARI; PIÑÓN, 2011, p. 93). Assim, o 19 de abril, data do Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, realizado no México em 1940, foi sugerido como dia comemorativo do índio para o continente americano. Daí, o presidente Getúlio Vargas ter instituído, no Brasil, no ano de 1943, em plena ditadura do Estado Novo, o 19 de abril como “Dia do Índio”. Entretanto, essa data é comemorada n’*O Aprendiz* nas edições de abril dos anos 1944 e 1945 (1ª fase do jornal), enquanto Getúlio Vargas permanece no poder, por fazer parte do calendário cívico e escolar como data natalícia do Presidente, ela não é celebrada sequer uma vez como “Dia do Índio”, nem mesmo depois que Vargas é deposto.

Como mostram Funari e Piñón (2011, p. 95), na Era Vargas (1930-1945), os indígenas aparecem nos livros didáticos de Geografia, História e Português. E o maior contato dos estudantes com a temática indígena era por meio desta última disciplina, cujas aulas eram ministradas durante todo o período escolar:

Na medida em que a língua ensinada incluía um grande vocabulário indígena, em especial palavras tupis, costumava haver a menção aos índios, ainda que fossem condenados como barbarismos lexicais os “tupinismos” e os “americanismos” como *guaçu*, *mirim* e até mesmo palavras como pipoca, peteca, mate, mandioca e chocolate! [...]

Vemos que, no contexto escolar, a menção aos indígenas já existia, embora as imagens veiculadas e reforçadas nesta época estivessem ligadas a aspectos negativos, seus hábitos eram vistos como bárbaros. Hoje, pode parecer absurdo condenar o uso de palavras corriqueiras como *chocolate* e *cacau*, mas devemos lembrar que, nessa mesma década de 40, a ditadura do Estado Novo tentava substituir palavras estrangeiras por inventos nacionais, com sucesso, em alguns casos (*menu* foi substituído por *cardápio*), mas sem êxito, na maioria deles. O “purismo” linguístico não conseguiu se impor, apesar da reivindicação do emprego de termos como *ludopédio*, que nunca logrou substituir *futebol*.

N’*O Aprendiz* dá-se o mesmo: defende-se o uso de *poranduba* em detrimento de

*folclore*. Porém, a palavra inglesa é que permaneceu no português brasileiro com o sentido empregado no jornal. Além disso, tanto na escola na década de 40 quanto n’*O Aprendiz*, os indígenas são referendados sempre no passado como nesses exemplos retirados de outros artigos: “Há séculos atrás os nossos índios já se utilizavam da Borracha” (O APRENDIZ, n. 1/44, p. 9); “Certa vez, o chefe de uma tribo, impulsionado pelo desejo de saber que terra tão bela era este Brasil de hoje, mandou reunir todos os habitantes das tabas vizinhas diante de sí...” (O APRENDIZ, n. 7/44, p. 8); já no texto “A Amazônia”, o enunciador manifesta o desejo de conhecer um índio, no presente, porém, com a perspectiva de conhecer o passado: “Li que nas selvas amazônicas ainda existe o índio com muitos usos e costumes dos primeiros habitantes do Brasil. Gostaria muito de ver um índio e o seu modo de viver.” (O APRENDIZ, n. 8/45, p. 4).

Além de serem referendados no passado, os indígenas são representados n’*O Aprendiz* como coadjuvantes da história. No texto intitulado “Coisas da Bahia” (O APRENDIZ, n. 8/44, p. 9), por exemplo, narra-se a história de “nossos amigos índios”, isto é, os indígenas que no tempo do Brasil Colônia tomaram o partido dos portugueses nas lutas pelo domínio do território brasileiro. Dá-se ênfase à trajetória de *Jaguarari*. Quando da invasão do Brasil pelos holandeses, esse cacique (a narrativa não informa de que tribo ele era) foi preso pelos holandeses por ter ficado do lado dos portugueses, os demais indígenas de sua tribo, denominados “os traidores” não sofreram penalidade alguma por terem lutado ao lado dos holandeses. “Tempos depois”, os holandeses soltaram *Jaguarari*, porém este “continuou o leal amigo dos portugueses”. Assim também agiram *Aragiboia*; *Mendicapuba*; *Tabira*, *Potí*, “demonstrando já verdadeiro amor pátrio à nossa grande terra, o Brasil!”. Aqui se invertem os papéis do colonizado e do colonizador: o português passa a ser o verdadeiro dono da terra brasileira, ao passo que os indígenas colaboraram com a conquista do território pelos portugueses.

Ratifica-se, nesse texto, “o mito do bom selvagem”, o indígena é “leal”, capaz de “sentimentos nobres”. Porém, esse discurso se contrapõe à representação dos indígenas “como inimigos implacáveis da República” (FUNARI; PIÑÓN, 2011, p. 86), “traidores”, “selvagens”, “sem cultura”. Esse artigo (“Coisas da Bahia”) d’*O Aprendiz* é o que mais concentra antropônimos de origem tupi, uma vez que se trata da história de índios da época do Brasil Colônia. Porém, o jornal apresenta ainda outros nomes de origem indígena, a exemplo da *Sapucaia* (também nome de uma árvore), *Tabira*, *Ubirajara*, *Mauá*, *Jaciobá*.

O léxico indígena surge ainda em outras narrativas lendárias, nas quais se fazem

explicações etimológicas sem base científica alguma, a exemplo da origem do nome mandioca que viria da palavra indígena de origem tupi *Manioca*, “composta de *Mani* – nome de uma índia e *Oca* – aldeia de índios. (O APRENDIZ, n. 8-9/45, p. 7). E ainda na palavra *Pindorama*, que, segundo o enunciador do texto “Cousas de Ontem”, presente na mesma página do artigo “Poranduba”, significa “terra das palmeiras”, e que, de acordo com o lexicógrafo Francisco da Silveira Bueno (1968), não é uma palavra de origem tupi, mas uma palavra inventada “como sendo o nome do Brasil” nessa língua. Essas são etimologias inventadas, com base na imaginação e criação literária.

A reivindicação do léxico indígena por meio da palavra *poranduba* no jornal escolar *O Aprendiz* explica-se tanto pelos aspectos sócio-históricos quanto pelos linguísticos, ou seja, a existência de duas palavras para um mesmo significado. Além disso, alerta-se para a mudança semântica no uso dessa palavra – o emprego de *poranduba* como sinônimo de folclore não se encontra dicionarizado. Os dicionários consultados não atribuem ao primeiro nome o significado mais geral. Esse é um indício de que a proposta de defesa da palavra tupi, isto é, com a ampliação do seu significado, pode ser uma invenção individual que não vingou não se incorporou ao vocábulo durante o século XX.

Quanto ao uso de topônimos, uma vez que não há outro nome para designar uma dada localidade, não se reivindica o uso dessas palavras. O mesmo acontece com os nomes comuns que remetem à realidade desconhecida dos portugueses no período de contato entre esse povo e os indígenas brasileiros. Por outro lado, prevalece no *corpus* o topônimo Ipiranga porque os fatos históricos tematizados no corpo do jornal fazem parte da história oficial. Interessa assinalar, como vimos, que, em um dos textos publicados sob a responsabilidade da Redação, reivindica-se o 2 de Julho (Independência da Bahia) como sendo a data magna da Independência do Brasil, e não o 7 de Setembro, quando Dom Pedro, às margens do Ipiranga, dá o célebre “grito”. Se observarmos também a iconografia do jornal, toda ela é voltada para a história oficial. Nem sequer o quadro “O último tamoio” (óleo sobre tela, de Rodolfo Amoedo, 1883), que se encontra ilustrando livros didáticos de história da primeira metade do século XX, é publicado n’*O Aprendiz*. O herói cultuado, enunciado e visibilizado é Tiradentes.

Quanto a presença do léxico indígena no jornal e sua relação com a questão da busca e valorização de uma identidade nacional, podemos caracterizar uma possibilidade já anunciada por Hall (2005, p. 15) em estudos sobre a identidade cultural na atualidade. Concordamos que, muitas vezes, esta possibilidade encontra-se, de forma simbólica, na idealização de um

povo (ou parte dele), num folk puro, original, que, em realidade, não existe, pois “nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (folk) primordial que persiste ou que exercita o poder”. Como vimos, n’*O Aprendiz*, a defesa do léxico indígena se constitui numa visão idealizada dos indígenas brasileiros, vistos, prevalentemente, no passado, desconhecidos na sua diversidade de povos, etnias, línguas e dialetos. Além disso, não há quaisquer menções ao extermínio dos povos indígenas, que se inicia com a colonização e perpassa a história do Brasil até os tempos atuais. No embate de vozes que ora se aproximam e ora se distanciam formando a cultura escolar, o indígena é visibilizado como um personagem mítico, idealizado, selvagem, primitivo, destituído de cultura.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar a educação intelectual, moral e física voltada para os aprendizes da Escola Técnica de Salvador no período de março de 1944 a março de 1947 no e por meio do jornal escolar *O Aprendiz*. Esse periódico também foi objeto da pesquisa por se constituir em um marco do jornalismo escolar no IFBA.

Buscamos responder à problemática central da pesquisa, isto é, como se deu a educação dos aprendizes nesse período, analisando *o que se diz, como se diz, por que e para quem*. Partimos do pressuposto de que o jornal foi utilizado como um dispositivo pedagógico de comunicação da educação voltada para os jovens aprendizes. Consideramos também que seu processo de produção e circulação se relaciona aos aspectos materiais, sociais, históricos, linguísticos e discursivos.

Para alcançar o objetivo central da pesquisa, investigamos o perfil do operário que se pretendia formar por meio do discurso pedagógico veiculado nas páginas de *O Aprendiz*, e, ainda, como os aprendizes pensavam a sua educação, considerando as individualidades desses sujeitos. Constatamos que esse perfil estava ligado às demandas sociais por um tipo específico de educação. A educação intelectual centrava-se na preparação dos aprendizes para o mundo do trabalho, enquanto a educação moral se pautava nos valores nacionalistas e no civismo. Já a educação física se restringia à prática de esportes. Porém, na análise da produção de sentidos do Jornal, percebemos que a educação moral perpassava esses outros tipos de ensino.

O estudo se justificou pela ausência de quaisquer pesquisas sobre a mídia impressa e a história da imprensa pedagógica e de ensino no IFBA. À pesquisa realizada nos arquivos da instituição, agregamos a pesquisa da memória dos velhos por meio de entrevistas com Dona Jane, a coordenadora do Jornal. Consideramos *O Aprendiz* como o texto fundante da história do jornalismo escolar no IFBA, pois constatamos que ele fora criado ainda na década de 30 do século XX, embora não tenhamos encontrado quaisquer edições de seu primeiro ciclo de vida.

Ao estudarmos tanto a educação intelectual, moral e física voltada para os aprendizes quanto o Jornal como um instrumento global de comunicação, foi imprescindível abarcar múltiplos referenciais teóricos. No primeiro capítulo da tese, apresentamos como fundamentação os estudos de mídia-educação. Percebemos que a forma de produção de *O Aprendiz* e suas características materiais se aproximam das características de jornal escolar idealizado por Celéstine Freinet (na França) e Casasanta (no Brasil).

Assim, constatamos que, embora a seleção dos temas d'*O Aprendiz* se baseasse no calendário escolar e cívico, os alunos tinham certa liberdade para escolher qual texto iriam escrever depois da estruturação da pauta de cada edição mensal. Além disso, participavam ativamente da produção do Jornal, seja escrevendo artigos, seja imprimindo os textos e as gravuras, sob a orientação dos professores das oficinas.

Podemos afirmar que *O Aprendiz* funcionou como um dispositivo pedagógico de comunicação, promovendo a construção de saberes nas diversas áreas do conhecimento. Ele levava ao seu leitor, especialmente aos estudantes e aos professores e, de certa forma, à comunidade interna e externa em geral, informações sobre um novo enfoque de ensino técnico que vinha sendo implementado na instituição. Buscava ainda criar ânimo nos alunos para o estudo e o trabalho. Aos professores e aos técnicos estimulava o seu compromisso em educar os jovens aprendizes na direção do objetivo principal da escola: formar operários qualificados para o trabalho na indústria.

A catalogação do Jornal e a constituição de um índice temático foram fundamentais para entendimento de sua estrutura e de como ele influenciou e foi influenciado não só pelos acontecimentos na ETS, como também pelas mudanças na sociedade do período.

Compreender o segundo ciclo de vida do periódico, dividindo-o em duas fases, possibilitou a observação dos meios encontrados pela professora Jane Ribeiro para consolidar o Projeto de Orientação Educacional, difundir as ideias e coordenar práticas de ensino na ETS, assegurando os resultados dessa ação educadora entre os estudantes. Observar a materialidade do impresso auxiliou a perceber as intencionalidades que fundamentavam a produção e a editoração dos textos publicados.

Apesar das justificativas de inserção da comunidade – professores e técnicos – na escrita do jornal, foi possível constatar que o controle da atividade pela coordenadora não conseguiu apagar as marcas de protesto dos estudantes quanto à participação daqueles na escrita d'*O Aprendiz* e, ainda, os resultados da interferência da professora na correção dos textos.

O Jornal utilizou diversos mecanismos para educar os estudantes, seja pela publicação de textos escritos pelos professores e funcionários da administração, seja pelo incentivo à participação dos estudantes na produção e escrita de textos. Dona Jane e alguns professores utilizaram uma linguagem afetiva, além das seções de lazer e a publicação dos aniversários dos estudantes, para conquistar os jovens leitores. Conquistou também os professores e funcionários por meio de estratégias que permitiram a socialização de experiências.

O periódico se preocupava em divulgar as ideias higienistas, em voga na décadas de 30 e 40, quanto ao controle e disciplinamento do corpo do estudante, além de promover práticas esportivas e jogos que estimulassem o corpo criativo. Por isso a participação ativa do médico, do dentista e do professor de educação física que, constantemente encaminhavam suas colaborações para o jornal, inclusive assinando colunas específicas.

Observando a quantidade de textos escritos pela Redação, pela professora Mariêta Lobão e pelo Diretor, é possível concluir que as ideias educacionais de valorização de um ensino prático, voltado para a formação de profissionais, de mão de obra para o trabalho, foram uma preocupação da ETS naquele momento. Porém, a defesa do ensino prático, em detrimento do literário, na formação de operários qualificados para o desenvolvimento da indústria nacional, não relegou a cultura a um segundo plano. Ela foi vista, conforme propagava a ideologia estado-novista, como uma força propulsora do nacionalismo e da formação cívica dos aprendizes. O funcionamento do Ciclo de Estudos concretizou esse ideal, permitindo a maior participação e autonomia dos estudantes na produção do Jornal, sobretudo na segunda fase na qual os editoriais também foram por eles assinados, resultantes de suas apresentações no CEETS, além de toda uma vivência cultural relacionada a diversas artes.

A análise dos textos escritos pelos alunos em comparação com os textos escritos pelos funcionários e professores sobre um mesmo tema permitiu constatar o uso ideológico do Jornal na disseminação das ideias nacionalistas de amor à pátria, a Deus e ao trabalho.

Como visto ao longo deste estudo, n' *O Aprendiz*, a defesa do trabalho e da pátria, pelo uso sistemático de exemplos de heróis a serem cultuados, a defesa do léxico indígena e a própria história da Bahia se relacionam a esse discurso nacionalista de valorização do trabalho em prol do desenvolvimento da Nação e à busca de uma afirmação da identidade nacional. Essa análise mostra, ainda, a forte interferência do Estado na educação neste momento de transformação por que passou a ETS. A defesa desses valores se constituiu numa visão idealizada da pátria e, ainda, do trabalho e do estudo como meios de ascensão social e modo de servir ao País para seu crescimento e progresso.

Descrivendo, num primeiro momento, o Jornal de forma global e, em seguida, analisando os discursos que perpassam as suas edições, foi possível concluir que, ao discurso político que a escola propagou, se contrapôs o discurso do lazer e do riso, e, além disso, que a cultura escolar se constituiu de um embate de vozes que ora se aproximam, ora se contrapõem ou se distanciam, formando a cultura escolar da época.

Também é possível observar que *O Aprendiz*, como um texto cultural, permitiu o conhecimento não apenas da cultura escolar, mas também dos valores, dos anseios e dos sonhos dos sujeitos que fizeram parte da educação na ETS. Fica também constatado que a possibilidade de mudança por meio da educação deve sempre partir de professores comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, em que os jovens possam sonhar, comunicar experiências e realizar seus projetos de vida.

Em relação ainda ao uso da mídia na escola, foi constatada, na segunda fase de desenvolvimento do jornal, uma crescente autonomia por parte dos alunos, que passaram a escrever, a comunicar as suas descobertas e a exercer a cidadania por meio da prática do jornalismo escola, com maior participação e maior autonomia.

O sucesso d'*O Aprendiz* se deu, sobretudo, por causa da forma de mediação com que a professora Jane Ribeiro conseguiu articular as três dimensões do ensino de que fala Fantin (2012, p. 58), permitindo aos jovens e às jovens aprendizes desenvolverem a *dimensão do conhecimento*, como meio para o pensar e o sentir, a *dimensão da experiência/autoria*, como aspecto essencial no ensino-aprendizagem e, ainda, a *dimensão da sedução*, como meio de articulação entre os objetivos da educação e os problemas desencadeados pelas práticas educativas e culturais.

A formação de Dona Jane numa escola que preparava *de fato* professoras para o ensino, a sua vocação nata para o magistério e a sua consciência política e social, ao lado de sua formação humana com base nos valores cristãos, foram elementos essenciais na criação e no desenvolvimento daqueles jovens aprendizes, em sua maioria, oriundos do proletariado baiano e afodescendestes.

É relevante ressaltar que o trabalho com a mídia impressa, articulado com a formação de leitores, as artes e a educação para a inclusão social desses jovens numa escola distanciada, na época, da realidade social e cultural de seus alunos, desempenhou um papel importante para a sociedade naquele momento. Por fim, torna-se ainda necessário destacar o gesto da Professora Jane Ribeiro ao doar para o IFBA sua coleção completa do Jornal *O Aprendiz*.

Desse modo, pudemos aprender com *O Aprendiz*!

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009.
- ALENCAR, José de. *Ubirajara*. São Paulo: Ática, 2000 (Série Bom Livro).
- ALMEIDA, Marlaine Lopes de. *Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2009.
- ALVES, Marcos Alexandre. Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação. *Acta Scientiarum Educatione*, Maringá, v.33, n.1, p.17-28, 2011.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- ASSUNÇÃO, S. G. Poranduba. *O Aprendiz*, Salvador, ETS, n.7, p.8, set. 1944.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARRETO, Cristiane Parente de Sá. Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/12413?mode=full>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- BARRETO, Cristiane Parente de Sá. O jornal na formação e ensino-aprendizagem de leitores-autores. In: PAVANI, Cecília; BARRETO, Cristiane P. de Sá; ORMANEZE, Fabiano (Org.). *Educomunicação: redes sociais e interatividade*. Campinas-SP: Leitura Crítica, 2013.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Apêndice: A imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, Denice B.; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 173-186.
- BELLONI, Maria Luiza; BÉRVOTI, Evelyne. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 30, n. 109, set./dec., 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000400008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000400008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 25 maio 2014.
- BELLONI, Maria Luiza. *Mídia-educação: contextos, histórias e interrogações*. In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). *Cultura Digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. p.31-52.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984. (Novas buscas em educação, 17).
- BENJAMIN, Walter. O narrador: reflexões sobre a obra de Nicolau Lescov [1936]. In: OS PENSADORES: textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural/Victor Civita, 1975. v. 48, p. 63-81.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003 a.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. 2.ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003 b.

BRASIL. *Decreto-Lei N. 4.073*, de 30 de janeiro de 1942: Lei Orgânica do Ensino Industrial. Rio de Janeiro, DF: Senado Federal, 1942 a. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-norma-pe.html>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

BRASIL. *Decreto-Lei N. 4.244*, de 9 de abril de 1942: Lei Orgânica do Ensino Secundário. Rio de Janeiro, DF: Senado Federal, 1942 b. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html> >. Acesso em: 15 abr. 2017.

BUENO, Eduardo. *Brasil uma história: cinco séculos de um país em construção*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

BUENO, Silveira. *Vocabulário tupi-guarani-português*. São Paulo: Éfita, 1968.

CASASANTA, Guerino. *Jornais escolares*. São Paulo: Nacional, 1939 (Atualidades Pedagógicas, n. 32).

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria H. Câmara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995 (Coleção Travessia do Século).

CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação de professores da escola primária. Tradução Maria Cecília Silveira Bueno. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED, n. 8, p;4-9, maio/jun./jul./ago. 1998.

CIAVATTA, Maria. *Mediações históricas de trabalho e educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COMENIUS, Iohannis Amos. *Didacta Magna* [1651-1657]. Introdução, Tradução e Notas por Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gilbenkian, 2001. *e-book* Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html>>. Acesso em: 15 ago 2014.

COSTA, Márcia Cordeiro; CASTRO, Cesar Augusto. Os impressos periódicos para a história da educação: o lugar de memória. In: CASTRO, César Augusto; VELÁZQUEZ CASTELLANOS, Samuel; FILGUEIRAS, Margarida (Org.). *Escritos de história da educação: Brasil e Portugal*. São Luís: Café et Lápis, 2012. p. 97-109.

CUNHA, Luis Antônio. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p.89-107, maio/jun./jul./ago., 2000.

DELIBERADOR, Luzia M. Yamashita. Comunicação comunitária, mídia-educação e cidadania. In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). *Cultura Digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012. p. 283-307.

FAGUNDES, Domingos Edson; LUZ, Nanci Standick da (Org.). *Universidade Tecnológica, política educacional e organização dos trabalhadores*. Curitiba: SINDUTF-PR, 2009.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação no currículo e na formação inicial de professores. In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. (Org.). *Cultura Digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas-SP: Papyrus, 2012. p. 57-92.

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: FANTIN, Mônica;

- RIVOLTELLA, Pier Cesare. (Org.). *Cultura Digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas-SP: Papirus, 2012. p. 95-146.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal em sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Repensando o Ensino).
- FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA Jr., Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FARTES, Vera Lúcia Bueno. A Escola Técnica Federal da Bahia na memória dos anos de 1970: a construção social da qualificação e da identidade operária. In: FARTES, Vera Lúcia Bueno; MOREIRA, Virilene Cardoso (Org.). *Cem anos de educação profissional no Brasil: história e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009)*. Salvador: EDUFBA, 2009. v.1, p.53-68.
- FARTES, Vera Lúcia Bueno; MOREIRA, Virilene Cardoso (Org.). *Cem anos de educação profissional no Brasil: história e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009)*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Ambientes mediáticos e processos culturais: os princípios e fundamentos da comunicação oral e suas poéticas*. 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=fODy9NoASvg> >. Acesso em: 8 mar. 2017.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O visível e o enunciável: contribuições do pensamento foucaultiano aos estudos de comunicação. In:\_\_\_\_\_. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.133-145.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.20, p.83-94, maio/jun./jul.ago.2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história das violências nas prisões*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Tradução Filomena Quadros Barros. Lisboa: E d. Estampa, 1974.
- FREINET, Élise. *O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977. (O Mundo Hoje, n. 24).
- FUNARI, Pedro Paulo; PIÑÓN, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. São Paulo: Vozes, 2011. v. 1 e 2.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GONÇALVES, João Carlos Brandão. Jornal escolar: da periferia ao centro do processo educativo. In: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel (Org.). *Comunicação e Cidadania: Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da*

- Comunicação, 2008. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Universidade do Minho, 2008. p.1953-1965.
- GONNET, Jacques. *Educação e mídias*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Autores Associados, 2001. n. 1, p. 115-141.
- HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga (Org.). *Teorias da Comunicação. Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- HORTA, José Silvério Baia. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- IJUIIM, Jorge Kanehide. *Jornal escolar e vivências humanas: roteiro de viagem*. Bauru: EDUSC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora da UFMS, 2005.
- IJUIIM, Jorge Kanehide. *Jornal escolar: inter-relação criativa*. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA-USP/Segmento, n. 20, p. 33-38, jan./abr. 2001.
- IJUIIM, Jorge Kanehide. *Jornal na escola: instrumento de integração*. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995;
- IJUIIM, Jorge Kanehide. *O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar no ensino de 1º grau: estudo de caso*. Bauru. 1989 (Mestrado em Comunicação Social)-Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, 1989;
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p.175-186.
- KORCZAK, Janus. *Como amar uma criança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência [2001]. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003)>. Acesso em: 14 maio 2014.
- LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Tradução Hélio Magri Filho. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- LE BRETON, David. *Sociologia do corpo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas, São Paulo: Unicamp: Papyrus, 1986.
- LESSA, José Silva. *CEFET-BA: histórica uma resenha: da escola do mingau ao complexo integrado de educação tecnológica*. Salvador: CCS/CEFET-BA, 2002.
- LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na Literatura de cordel*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1982.
- LUCA, Tânia Regina de. *As revistas de cultura durante o Estado Novo: problemas e*



perspectivas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=tania+Regina+de+LUCA+as+revistas+de+cultura+durante+o+Estado+Novo>>. Acesso em: 24 set. 2014.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111- 153.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2006 (Série Pesquisa, n. 15).

MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor *intercrítico* para uma *etnopesquisa* política. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro: sobre a qualidade na pesquisa qualitativa*. Prefácio de Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009. p.75-126.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J.; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia visual e ficção televisiva*. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Os portugueses são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

MOLLO, Patrícia Monsão. *Jornal-Escolar, uma nova proposta*. 159f. 1986. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 1986.

MOREIRA Virlene Cardoso. *Escola de Aprendizizes Artífices da Bahia: a educação profissional na Bahia entre 1909 e 1937*. In: FARTES, Vera Lúcia Bueno; MOREIRA, Virlene Cardoso (Org.). *Cem anos de educação profissional no Brasil: história e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009)*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.29-44.

MORIN, Edgard. *O método 5, a humanidade da humanidade, a identidade humana*. Rio de Janeiro: Sulina, 2012.

MUNIZ, Josely Pereira. *Sursum! Memória da tradição, a ação pedagógica de Anfrísia Augusta Santiago* (Bahia, 1927-1950). 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NOLL, Volker. Os primeiros empréstimos tupis no português do Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p.61-80.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, p. 7-28, 1993.

NÓVOA, Antônio. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice B.; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 11-31.

NÓVOA, António (Dir.). *A imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico* (séculos

- XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993 (Memórias da Educação, n. 1).
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: \_\_\_\_\_. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. 3.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997. p.15-33.
- OLIVEIRA, Alcione Silva de; SANTOS, Georgina Gonçalves dos. Cem anos de IFBA: as mudanças no perfil dos estudantes. Comunicação apresentada ao CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, Niterói, RJ: ANINTER-SH/PPGSD-UFF, 3 a 6 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10341962-Cem-anos-de-ifba-as-mudancas-no-perfil-dos-estudantes.html>>. Acesso em: 13 ago. 2017.
- PARO, Vitor Henrique. *Educação como exercício do poder: crítica do senso comum em educação*. São Paulo: Cortez, 200. (Questões da nossa época, n. 4).
- PASSOS, Elizete. *Anfrísia Santiago, 1894-1970*. Salvador: Edufba, 2005 (Coleção Educadoras Baianas).
- PRETTO, Nelson De Luca. Educação, comunicação e informação: uma das tantas histórias. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 17-33, jul./dez. 2009.
- PRETTO, Nelson De Luca. *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. Salvador: Edufba, 2013.
- RABAÇA, Carlos Alberto; GUIMARÃES, Gustavo Barbosa. *Dicionário essencial de comunicação*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.
- RABELO, Giani. O jornal escolar *O Estudante Orleanense*: não podemos tornar as crianças felizes, mas podemos fazê-las felizes tornando-as boas (Santa Catarina, 1949-1973). *História da Educação*, UFPel.-RS, v.17, n.40, p.197-219, 2013.
- REVEL, Judith. *Dicionário de Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- RIBEIRO, Jane. Diálogo com Fátima Santiago. [Entrevistas gravadas]. Datas: 29 set 2011 e 9 ago 2014.
- RIBEIRO, Jane. *Instantes-Haikai*. Itabuna, Bahia: Mondrongo, 2013.
- RIBEIRO, Jane. *Retalhos e Rebotalhos*. Itabuna, Bahia: Mondrongo, 2016.
- RIBEIRO, Jane. *...Simplesmente recordando: lembranças de pessoas e coisas de uma família típica da classe média baiana no século XX*. Salvador: Visual, 2003.
- RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento* Budapeste, 2003. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textosdisponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textosdisponiveis_online/pdf/memoria_historia)>. Acesso em: 24 set. 2014.
- RICOEUR, Paul. O passado tinha um futuro. In: MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.369-378.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional. In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Org.). *Cultura Digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas-SP: Papyrus, 2012. p. 17-29.
- ROCHA, Lúcia Maria da França. Escola Técnica da Bahia no contexto do ensino industrial de 1937-1970. In: FARTES, Vera Lúcia Bueno; MOREIRA, Virlene Cardoso (Org.). *Cem anos de educação profissional no Brasil: história e memória do Instituto Federal da Bahia (1909-2009)*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.45-56.
- RODRIGUES, João Barbosa. *Poranduba amazonense, ou kochiyima-uara porandub, 1872-*

1887. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1890.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Nacional, 1987.

SANTOS, Rosicler Teresinha Sauer. *A educação física no currículo integrado do IFBA: realidade e possibilidades*. 2016. 216f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia S.; NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*, contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4, p.173-243.

SENNETT, Richard. *O artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Maria Cecília de Paula. *Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira*. Salvador: Edufba, 2009.

SILVA, Naiaranize Pinheiro da. *Juventude e escola: a constituição dos sujeitos de direito no contexto das políticas de ações afirmativas*. 2016. 272 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SILVA, Naiaranize Pinheiro da. *Os alunos da Escola Técnica Federal e a participação na política estudantil nos anos 1979 a 1989 em Salvador*. 2009. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Faculdade de Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2009.

SIMÕES, Renata Duarte. *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)*. 2006. 205 f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOARES, Carmen. *Imagens da educação no corpo*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira Soares. Caminhos da gestão comunicativa como prática da Educomunicação. In: BACEGGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.) *Gestão da comunicação: epistemologia e pesquisa teórica*. São Paulo: Paulinas, 2009. p.161-188 (Comunicação & Cultura).

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011a.

SOARES, Ismar de Oliveira Soares. *Educomunicação: um campo de mediações*. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011b. p. 13-29.

SOBREIRO, Marcos Aurélio. *Célestin Freinet e Janusz Korczak: precursores do jornal escolar*. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/145.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 1986.

TUFTE, Birgitte; CHRISTENSEN, Ole. Mídia-Educação: entre a teoria e a prática. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n.1, p.97-118, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p97>>. Acesso em: 13 maio 2014.

VENTURINI, Micheli. *Educação profissional e currículo em Educação Física: memórias de uma instituição centenária*. 2013. 184f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

VÉRON, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

VÉRON, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa. In: \_\_\_\_\_. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p.215-238.

VIEIRA, Cleber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo dos livros: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. 2008. 286f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Hucitec, 2000.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

**ÍNDICE TEMÁTICO<sup>(\*)</sup> ESTUDANTES – TOMO I (MARÇO DE 1944 A OUTUBRO/NOVEMBRO DE 1945)**

<sup>(\*)</sup> O índice temático foi organizado a partir do Repertório da Imprensa de Educação e Ensino, dirigido por António Nóvoa (1993). Os temas de *O Aprendiz* que não se encontram no repertório português estão destacados em itálico.

**ÍNDICE TEMÁTICO ESTUDANTES – TOMO I (MARÇO DE 1944 A OUTUBRO/NOVEMBRO DE 1945)**

	<b>Aluno</b>	<b>Série/ Curso</b>	<b>Edição/ Página</b>	<b>Título</b>	<b>Tema</b>	<b>Gênero Textual</b>
1	Francisco Cirilo Francisco Cirilo Sant'Ana Francisco Cirilo	3ª 4ª n.7/45, p. 14	n.1/44, p.4 n.5/45, p. 6 n.7/45, p. 14 aluno..."	"Caro Colega" "Aos Colegas" "Discurso pronunciado pelo aluno..." técnica; Vida e cotidiano escolares)	Jornais Escolares (O APRENDIZ) Educação para o trabalho ( <i>Inventores e invenções</i> ) Festas Escolares (Formação técnica; Vida e cotidiano escolares)	Carta  Carta Discurso
2	Argemiro dos Santos	4ª	n.1/44, p.4	"A Escola"	Educação – intelectual, moral e física	Artigo
3	Gilberto Gomes da Silva	4ª	n.1/44, p.4	"Esportes na Escola Técnica"	Jogos Desportivos	Artigo
4	Antônio Silva	2ª D	n.2/44, p. 3  n.3/44, p.3	"Traços biográficos"  "Despedida"	<i>Personalidades históricas</i> (biografias) Vida e cotidiano escolares	Artigo  Carta
5	Edvaldo Almeida Guimarães	4ª	n.2/22, p. 3	"Tiradentes"	<i>Personalidades históricas</i> (Biografias)	Artigo
6	Milton Andrade Morais	1ª F n.4/44, p. n.6/44, p. n.7/44, p. n.8/44, p.	n.2/44, p. 4 n.4/44, p. 3 n.6/44, p. 4 n.7/44, p. 8 n.8/44, p.	"A bandeira nacional" "Viva S. João!" "Cugnot" "Uma ilha que ninguém se lembrou"	<i>Símbolos nacionais</i> (Formação moral) / <i>Festas tradicionais/</i> <i>Invenções e Inventores</i> Ensino de História (de Geografia)	Artigo Artigo Artigo Artigo
7	Eleurindo Raymundo de Santana	1ª F	n.2/44, p. 4 n.8/44, p.9	"Santos Dumont" "Coisas da Bahia"	Biografias <i>História da Bahia (Cultura indígena)</i>	Artigo (biografia) Artigo
8	Alcides Magalhães	4ª	n.2/44, p. 4 n.3/44, p.4 n.9/44, p.	"Campeonato interno" "Noticiário esportivo" "A República"	Jogos Desportivos (Atividades lúdicas e desportivas) <i>Datas cívicas</i> (educação política)	Notícia Notícia Artigo

9	Humberto Vitorino Silva	4ª	n.3/44, p.2 n.1/45, p. 4	“A campanha da aviação” “Discurso...”	Formação cívica e política Ensino Técnico e Profissional	Artigo Discurso
10	Jayme Dias Lima	2ª	n.3/44, p.2 n.6/44, p. 6	“Jacobina” “SEÇÃO DO CHARADISTA”	Jogos e passatempos infanto-juvenis	Artigo Charada
11	Vivaldo Silva Lima	1ª E  1ª A	n.3/44, p.3 n.9/44, p. 6 n.3/45, p. 12 n.ºs8-9/45, p.9	“O presidente Getúlio Vargas” “Marinha do Brasil” “O aço” “O arroz”	Biografias Educação política Educação técnica (Ensino Industrial)/Ensino de ciências	Artigo Artigo Artigo
12	Josué dos Santos Borges	1ª	n.3/44, p.3	“O que desejo ser quando for grande”	<i>Educação para a pátria</i> (Vida e cotidiano escolar)	Artigo
13	Reginaldo Alves da Silva  Reginaldo Alves Reginaldo Alves da Silva	2ª C	n.3/44, p.3  n.7/44, p. 4 n.8/44, p. 4	“Dia do trabalho”  “Pátria” “Cristovão Colombo”	Calendário Cívico ( <i>Educação para o trabalho /Educação para a pátria</i> ) <i>Educação para a pátria</i> Biografias (História Universal)	Artigo  Artigo Artigo
14	Josete Teles da Rocha	1ª F  2ª B	n.3/44, p.3 n.4/44, p. 4 n.5/44, p. 11 n.6/44, p. 3 n.8/44, p. 9 n.2/45, p. 9 n.5/45, p. 6	“O Aprendiz” “O pequeno grande artista” “As férias do meu colégio” “Grande soldado brasileiro” “Belezas naturais do meu país” “CORREIO ESCOLAR” “A locomotiva”	Jornais escolares ( comunicação e ensino) / Biografias / Formação moral e religiosa (Férias escolares) / Biografias <i>Riquezas nacionais (história da Bahia)</i> / Comunicação e ensino Biografias ( <i>Invenções e inventores</i> )	Artigo Artigo Artigo Artigo Artigo Carta Artigo
15	José Franca	1ª C 2ª B	n.3/44, p.3 n.4/45, p. 6	“Querido Colega” “CORREIO ESCOLAR”	Jornais escolares Comunicação e ensino (Jornais escolares)	Carta Carta



16	José de Carvalho Serra	1ª A	n.3/44, p. 4	“13 de maio!”	<i>Datas cívicas</i> (Ensino de História/Política)	Reportagem
17	Rivaldo Batista Ramos	4ª	n.3/44, p. 4	“O trabalho”	<i>Educação para a pátria</i>	Artigo
18	Gelson Figuerôa Lima	2ª A	n.4/44, p. 3	“História da noite de S. João”	Histórias moralizantes ou contos educativos ( <i>Festas tradicionais</i> ) <i>Riquezas nacionais (indústria nacional-</i>	Artigo
		Diretor de esportes	n.9/44, p. 3	“Siderurgia”		Artigo
19	Joel Matos	1ª D	n.4/44, p. 3	“Junho”	<del><i>Volta Redonda</i></del> <i>Festas tradicionais</i>	Artigo
20	Wilson Neves	3ª	n.4/44, p. 3	“São João na roça”	<i>Festas tradicionais</i>	Artigo
21	Afro da Silva	3ª	n.4/44, p. 3	“S. João na Estrada da Liberdade”	<i>Festas tradicionais</i>	Artigo
22	Eubulides Geambastiani	3ª	n.4/44, p. 3	“Noite de alegria!”	<i>Festas tradicionais/Artes, pintura</i> Ensino técnico e profissional <i>Festas tradicionais</i> <i>Estados (História da Bahia/Riquezas nacionais)</i>	Artigo
		4ª	n.6/44, p. 4 n.8/44, p. 7	“Arte divina” “Discurso...” “Noite Joanina” “A cana de açúcar”		Artigo Discurso Artigo Artigo
23	Buridan Azevêdo	4ª	n.4/44, p. 3	“Festas do mês de junho”	<i>Festas tradicionais</i>	Artigo
24	Nelson Teixeira	1ª F	n.4/44, p. 4	“Batalha do Riachuelo”	Biografias ( <i>Datas cívicas</i> )/ Comunicação e ensino (Jornais escolares) <i>Invenções e inventores</i> <i>Ciência e medicina popular (difusão de conhecimento)/</i> Ensino de Ciências	Artigo
	Nelson do Nascimento Teixeira		n.5/44, p. 11  n.6/44, p. 5 n.8/44, p. 11	“O Aprendiz”  “Cientistas brasileiros” “As abelhas”		Artigo  Artigo Artigo
	Nelson Teixeira		n.6/4, p.2	“Animais úteis”		Artigo
25	Parânio Pereira Teles	1ª F	n.4/44, p.4 n.9/44, p. 2	“Guerra com o Paraguai” “A bandeira”	Ensino de História <i>Símbolos nacionais</i> (Formação moral) <i>Inventores e invenções</i>	Artigo Artigo
		2ª B	n.5/45, p. 7	“Navio a vapor”		Artigo

26	João Rovaldo da Silva	3ª	n.4/44, p.4	“A verdade”	Educação moral	Artigo
27	Gileno Lima Gileno F. Lima	2ª C	n.4/44, p.6 n.8/44, p.4	“13 de junho!” “Descobrimento da América”	Biografias ( <i>Festas tradicionais/Educação religiosa</i> ) Biografias/Ensino de História	Artigo Artigo Ata Ata Ata Ata Ata
28	Eliezer Robinson da Costa	3ª	n.5/44, p.5	“Monumento ao 2 de julho”	<i>Monumentos (patrimônio histórico)</i>	Reportagem (artigo)
29	Hildebrando Santos	4ª	n.5/44, p.8	“Pedro Labatut”	Biografias	Artigo
30	Walter Rosálio Miranda	2ª C 3ª	n.5/44, p.8 n.7/45, p. 14	“2 de Julho, a grande data baiana” “Discurso pronunciado pelo aluno...”	<i>Datas cívicas (História da Bahia)</i> Festas Escolares (Educação cívica)	Artigo Discurso
31	Carmelito Rocha Pita  Carmelito da Rocha Pita	2ª A	n.5/44, p. 8 n.6/44, p. 4 n.7/44, p. 4 n.9/44, p.6 n.1/45, p.3	“Comemorações na Bahia” “Um grande exemplo” “Vultos da nossa história” “Natal” “Um grande inventor”	<i>Datas cívicas</i> Biografias Biografias Festas tradicionais <i>Invenções e inventores</i>	Artigo Artigo Artigo Artigo Artigo
32	José de Oliveira	1ª A 2ª C	n.5/44, p. 9 n.9/44, p. 3  n.3/45, p. 15	“Festejos de 2 de Julho” “A mecânica”  “Abolição da escravatura”	<i>Datas cívicas (História da Bahia)</i> Escolas industriais (ensino industrial/Ensino técnico e profissional, <i>Ofícios</i> )/Ensino de história	Artigo Artigo
33	Reginaldo Pimenta	1ª D	n.5/44, p. 9	“A Bahia”	<i>Estados (História da Bahia/Riquezas nacionais)</i>	Artigo

34	Ary Guimarães de Alencar	1ª B	n.5/44, p. 9	“Independência da Bahia”	<i>Datas cívicas (História da Bahia)</i>	Artigo
35	Alfredo Santana	1ª C	n.5/44, p.9	“2 de Julho”	<i>Datas cívicas História da Bahia)</i>	Artigo
36	Eleurindo Raymundo de Santana	1ª F	n.5/44, p. 9	Heroínas brasileiras”	Biografias ( <i>História da Bahia</i> )	Artigo
37	Antônio Fernandes Melo	1ª E	n.5/44, p. 9	“Traços biográficos”	Biografias	Artigo
38	Gerson da Silva Paranhos	1ª F	n.5/44, p. 10	“Luiz Tarquinio” “	Biografias	Artigo
39	Walter Orlando de Oliveira	1ª E	n.6/44, p. 3	“O ‘Duque de Ferro’”	Biografias	Artigo
40	Jorge Romualdo Costa	1ª B	n.6/44, p. 3 n.6/45, p. 4 n.7/45, p. 6	“25 de agosto, dia do soldado brasileiro” “A Amazônia” “Dia da Pátria”	Biografias Ensino de Geografia ( <i>Riquezas nacionais</i> )/Formação cívica e política ( <i>Festa Escolar</i> )	Artigo Artigo Artigo
41	Aloísio Nascimento	1ª F	n. 6/44, p. 4 n.7/44, p. 8	“Inventores do Brasil” “O açúcar”	<i>Invenções e Inventores Estados (História da Bahia/Riquezas</i>	Artigo Artigo
42	Nabor Manuel Neves	1ª C	n. 6/44, p. 4	“Escolas Industriais”	Escolas industriais (ensino industrial/Ensino técnico e profissional)	Artigo
43	Ildelfonso L. de Cerqueira Silva Idelfonso S. de Cerqueira e Silva	1ª F	n.6/44, p. 5 n.7/44, p. 8	“Petróleo no Brasil” “Cousas de ontem”	<i>Riquezas nacionais</i> Ensino de Português (Ensino de História/Histórias edificantes)	Artigo Artigo
44	Nilson José e Silva	3ª	n.6/44, p. 6	“SEÇÃO DO CHARADISTA”	Jogos e passatempos infanto-juvenis	Charadas
45	Edvaldo José de Miranda	???	n.6/44, p. 6	“SEÇÃO DO CHARADISTA”	Jogos e passatempos infanto-juvenis	Charadas

46	Waldemar Soares Souza	4 <sup>a</sup>	n.7/44, p. 4 n.9/44, p. 2	“Setembro!” “Estado Novo”	Festas escolares Educação política	Artigo Artigo
47	Antônio Soares Souza	1 <sup>a</sup> F	n.7/44, p. 4	“7 de setembro”	<i>Datas cívicas</i>	Artigo
48	Jaime Regis	1 <sup>a</sup> E	n.7/44, p. 4	“Dia da juventude”	<i>Datas cívicas</i>	Artigo
49	Cassibaldo dos Passos	1 <sup>a</sup> A	n.7/44, p. 5	“O grito do Ipiranga”	<i>Datas cívicas</i>	Artigo
50	José V. de Santana	2 <sup>a</sup> C	n.7/44, p. 6	“A árvore”	Calendário escolar ( <i>Riquezas do Brasil</i> )	Artigo
51	Mário Teixeira	2 <sup>a</sup> C	n.7/44, p. 6	“A árvore”	Calendário escolar	Artigo
52	Raimundo das V. Silva	2 <sup>a</sup> C	n.7/44, p. 6	“A árvore”	Calendário escolar	Artigo
53	Gilberto S. Assunção Gilberto Sebastião Assunção	1 <sup>a</sup> F	n.7/44, p. 8 n.7/44, p. 8 n.7/44, p. 8	“Poranduba” “Plácido de Castro” “Um grande músico”	Ensino de Português Biografias Biografias	Artigo Artigo Artigo
54	Walter Diniz	4 <sup>a</sup>	n.7/44, p.10	“Gasogênio”	Ensino industrial ( <i>Riquezas nacionais</i> )	Artigo
55	Oscar dos Santos Dantas	2 <sup>a</sup> A	n.8/44, p. 4	“Meios de transporte”	Ensino de História ( <i>universal</i> )	Artigo
56	José Inácio Ramos	2 <sup>a</sup> C	n.8/44, p. 4	“Aviação”	<i>Atualidades/Invenções/Ensino técnico-industrial</i>	Artigo Artigo
57	Aurelino Ferreira	2 <sup>a</sup> B	n.8/44, p. 6	“Minha vocação”	<i>Escolha profissional</i>	Artigo
58	Francisco Coêlho	(Carpintaria)	n.8/44, p. 7	“Discurso...”	Ensino técnico e profissional	Discurso
59	Cecílio da Hora	2 <sup>a</sup> C	n.8/44, p.9	“A Borracha”	<i>Riquezas nacionais</i>	Artigo
60	Rivadavia Silva	1 <sup>a</sup> A	n.8/44, p. 9	“O Café”	<i>Riquezas nacionais</i>	Artigo
61	Nilson Joau e Silva	3 <sup>a</sup>	n.8/44, p. 12	“SEÇÃO DO CHARADISTA”	Jogos e passatempos infanto-juvenis	Charada
62	<u>Augusto dos Santos Filho</u>	2 <sup>a</sup> A	n.8/44, p. 12	“SEÇÃO DO CHARADISTA”	Jogos e passatempos infanto-	Charada

	<u>2/46/2</u>	3ª A  3ª	n.5/45, p. 4 n.ºs8-9/45, p. 10 n.2/46, p. 2	“2 de Julho de 1823” “Três pioneiros do ar”  “Um herói nacional”	juvenis/ Ensino de História ( <i>História da Bahia</i> )/Biografias ( <i>História da aviação</i> )???? Biografias (Ensino de História)	Artigo Resumo de livro Artigo (Palestra)
63	Gilberto Gomes da Silva	1ª A	n. 9/44, p. 2	“A bandeira”	<i>Símbolos nacionais</i> (Formação moral)	Artigo
64	Odilon Rodrigues	1ª A	n.9/44, p. 2	“A bandeira”	<i>Símbolos nacionais</i> (Formação moral)	Artigo
65	Antonio Garcez Montenegro	1ª A 2ª C	n.9/44, p. 3 n.ºs8-9/45, p. 5	“Escolas industriais” “Dia da bandeira”	Escolas industriais (ensino industrial/Ensino técnico e profissional, <i>Ofícios</i> )/ Educação para a pátria (Educação cívica/ <i>Símbolos nacionais</i> )	Artigo  Artigo
66	Pantalião Bonfim	4ª	n.9/44, p. 7	“O brado do Marechal”	<i>Datas Cívicas</i> (Educação política)	Artigo
67	Augusto Angelo Santos	2ª A	n.9/44, p. 7	“O rádio”	<i>Invenções e inventores</i>	Artigo
68	H. Santos	4ª	n.9/44, p. 8	“Esportes”	Jogos Desportivos	Artigo
69	Lutemberg Athanásio	2ª A	n.1/45, p. 3	“Gutemberg e a imprensa”	<i>Invenções e Inventores</i> /Ensino Técnico-Industrial	Artigo
70	José Manoel Vieira  José Vieira	1ª A	n.1/45, p. 3 n.3/45, p. 13 n.5/45, p. 4 n.6/45, p.4  n.ºs8-9/45, p.7 n.ºs8-9/45, p.7	“O automóvel” “Mês de maio” “Uma heroína” “Aquele que semeia pouco, também colherá pouco” “Manômetros” “A mandioca”	<i>Invenções e Inventores</i> Educação Religiosa Biografias ( <i>História da Bahia</i> ) Histórias e contos moralizantes ou educativos Ensino técnico (Ensino de ciência/mecânica) <i>Riquezas nacionais</i> (Cultura indígena- <i>Etimologia</i> )/ <i>Ensino de agricultura</i>	Artigo Artigo ArtigoArtigo o  Artigo Artigo

71	Augusto Pereira Teles	2ª B	n.1/45, p. 3	“Os calçados”	Ensino Técnico e profissional (Ofícios)	Artigo
72	Joselito Rozendo dos Santos Joselito R. dos Santos	2ª C 2ª C	n.1/45, p. 3 n.5/45, p. 4	“Férias escolares” “Antonio Ferreira França”	Férias Escolares Biografias ( <i>História da Bahia</i> )	Artigo Artigo
73	Nelson Augusto Silveira <u>Nelson Silveira</u>	3ª A  3ª A 3ª 3ª A	n.2/45, p. 5  n.3/45, p. 12  n.7/45, p. 3 n.ºs8-9/45, p.4	“Um homem útil”  “O papel”  “7 de Setembro” “A bandeira”	Biografias ( <i>Inventores e Invenções</i> ) <i>História da escrita (Invenções e Inventores)</i> <i>Datas Cívicas</i> (Educação política) Educação para a pátria (Educação cívica/ <i>Símbolos nacionais</i> )	Artigo  Artigo  Artigo Artigo
74	Hamilton Pereira de Queiroz	1ª A	n.2/45, p. 5	“Cachoeira de Paulo Afonso”	Ensino de Geografia ( <i>História da Bahia, riquezas naturais</i> )	Artigo
75	José Raimundo Butler Coutinho	2ª C	n.2/45, p. 5 n.7/45, p. 5	“O telefone” “Primavera”	Invenções e Inventores Educação ambiental	Artigo Artigo
76	Evilásio Correia da Silva	1ª A	n.2/45, p. 9	“A marcenaria”	Escolas industriais (ensino industrial/Ensino técnico e profissional, Ofícios)	Artigo
77	Ubirajara Uchôa	3ª A  3ª	n.2/45, p. 9  n.7/45, p. 4 n.ºs8-9/45, p.3	“Tomaz Alva Edison”  “A tela da Independência” “A história de Colombo”	Biografias (Inventores e Invenções) Biografias (Educação pela arte) Biografias (Ensino de História/Histórias edificantes)	Artigo  Artigo Artigo
78	Ligia Sampaio	Técnico	n.3/45, p. 10	“Paz”	Educação para a paz	Artigo
79	Hélio Ribeiro Cunha	2ª C	n. 3/45, p. 12	“O trabalho”	Educação para a pátria/trabalho	Artigo
80	Pedro João Fracassi	3ª A	n.3/45, p. 15	“Madame Curie”	Biografias	Artigo

81	Antonio Lobo Sales  Antonio Lobo Antonio Lôbo	3ª  3ª A	n.3/45, p. 15 n.4/45, p. 3 n.7/45, p. 4 nºs8-9/45, p.3	“Guglielmo Marconi” “O algodão” “Um brasileiro ilustre” “A República”	Biografias (Inventores e Invenções)/ Ensino Industrial (Riquezas Nacionais)/Biografias (Educação Política) / Educação cívica e Política (História do Brasil)	Artigo Artigo Artigo Artigo
82	Ângelo Cardoso	3ª A	n.4/45, p. 3	“O ferro”	Ensino Industrial (Riquezas Nacionais)	Artigo
83	Walfredo Pinheiro	Técnico	n.4/45, p. 7  n.7/45, p. 5 nºs8-9/45, p.6  nºs8-9/45, p.11	“Decifre quem souber...”  “Machado de Assiz” “Indústrias”  “SEÇÃO DO CHARADISTA”	Jogos e passatempos infanto-juvenis Biografias (Educação pela Arte) Educação técnica (Educação para o trabalho/Riquezas nacionais) Jogos e passatempos infanto-juvenis	Charada  Artigo Artigo  Charada
84	Décio Nascimento	2ª B	n.5/45, p. 4	“A freira martir”	<i>História da Bahia</i>	Artigo
85	Ademário Pena	1ª B	n.6/45, p. 2	“Um grande general brasileiro”	Ensino de História (Biografias)	Artigo
86	Walter dos Santos Gama	2ª B	n.6/45, p. 3	“25 de agosto!”	<i>Datas cívicas</i> (Ensino de história)	Artigo
87	Milton Antonio Tavares	1ª B	n.6/45, p. 4	“O côco”	<i>Estados (História da Bahia/Riquezas nacionais)</i>	Artigo
88	Ijário Amorim Santos	1ª B	n.6/45, p. 4	“O trigo”	<i>Educação econômica (Produtos agrícolas)/Ensino de ciências</i>	Artigo
89	Felicio Monsão	2ª C	n.7/45, p. 3	“José Clemente Pereira”	Biografias (Educação Política)	Artigo
90	Moacyr Soares dos Santos	2ª A 2ª	n.7/45, p. 5 n.7/45, p. 12	“A árvore” “Discurso pronunciado pelo aluno...”	Educação ambiental Festas Escolares (Educação cívica)	Artigo Discurso

91	Antonio Ribeiro de Moura	2ª A	n.7/45, p. 6	“O grito do Ipiranga”	Educação Cívica e Política	Artigo
92	Dilson Santos silva	1ª	n. 8-9/45, p. 5	“Diálogo sobre a República”	História do Brasil (Educação Política)	Artigo
93	Alvaro Candido da Bôa Morte	2ª C	n. 8-9/45, p. 6	“O cacau”	<i>Riquezas nacionais/Educação econômica (Produtos agrícolas)</i>	Artigo
94	Raúl Bispo dos Santos	2ª	n.8-9/45, p.10	“O sal”	<i>Educação econômica (Produtos agrícolas)</i>	Artigo



**ÍNDICE TEMÁTICO – TOMO II (mar.1946-mar.1947)**

	<b>Aluno</b>	<b>Série-Curso/ Idade</b>	<b>Edição Página</b>	<b>Título</b>	<b>Tema</b>	<b>Gênero Textual</b>
95	Alba Duclerc Misi	Técnico – 1ª série	n.1/46, p. 2 e 5 n.3/46, p.8 e 9 n.3/46, p.10 n.4/46, p.1 e 2 n.5/46, p.6	“A ‘minha’ escola” “Mauá” “O dia das mães” “Glória a Barroso!” “O dia do professor” “Discurso...”	Cotidiano escolar (Aluno – Estudantes-Escola) Ensino Industrial (Biografias) Festa tradicional (Calendário???) Ensino de História (Ensino de Política/Calendário cívico) Calendário escolar (Professorado: perfil e função) Pessoal de Educação (Ensino técnico e Industrial)	Artigo Discurso Palestra Artigo Palestra Discurso
		1º ano técnico	n.5/46, p.9	“Nilo Peçanha”	Escolas Técnicas (Ensino Profissional)	Palestra
		1º ano técnico	n.7/46, p.2 n.8 e 9/46, p.2	“Pioneiros da aviação”	Biografias (calendário cívico)	Palestra
		2º ano técnico	n.1/47, p.4	”Castro Alves”	Ensino de Literatura (Poesia)	Artigo
96	José Amaury Pereira de Macêdo	1ª C – 13 a	n.1/46, p 2	“Minhas impressões”	Cotidiano escolar (Aluno - Estudantes)	Artigo
	José Amaury	Mecânica	n.2/46, p.7	“CORREIO	Comunicação e ensino	Carta
96	José Amauri Pereira Macêdo	1ª C	n.3/46, p. 6 n.4/46, p.5	ESCOLAR”	Biografias/Ensino Industrial <i>Festas tradicionais</i>	Artigo Artigo
	José Amaury Pereira de Macedo			“Mauá”		
	José Amaury P.de Macedo			“São João na roça”		
			n.5/46, p.12	“A Queda da Bastilha”	Ensino de história/ <i>História Universal</i>	Artigo

14	Joseth Telles da Rocha	3 <sup>a</sup>	n.1/46, p. 3 n.6/46, p. 6	“O poeta dos escravos” “A cachoeira de Paulo Afonso”	Biografias/Ensino de Literatura <i>Riquezas nacionais (História da Bahia)</i>	Comunicação Palestra
55	Oscar dos Santos Dantas	4 <sup>a</sup>	n.1/46, p. 4 n.4/46, p.3	“O inventor da imprensa” “Á vitória de Riachuelo”	História da escrita (imprensa)/Biografias <i>Ensino de História (História da Bahia-Arte, monumentos)</i>	Comunicação Artigo
97	Presciliano Alves de Almeida	3 <sup>a</sup>	n.1/46, p. 5  n.8e9/46,p.8	“Apanhado do trabalho apresentado pelo aluno...” “A indústria do couro e do calçado”	<i>Corpo (Higiene)(Ofícios)</i>  Ensino Técnico (História da Indústria/Ensino Profissional)	Comunicação  Palestra
61	Nilson Joau e Silva	Técnico – 1 <sup>o</sup> ano	n.1/46, p.5  n.8e9/46, p.5e10	“Utilidades do desenho na indústria” “Edison”	Ensino Técnico e Profissional (Industrial/Ensino de Desenho)  Biografias (Inventores e Invenções)	Discurso  Palestra
1	Francisco Cirilo de Santana	4 <sup>a</sup>	n.1/46, p. 6 e 7	“Discurso proferido pelo orador da turma...”	Festas Escolares (Ensino Técnico e profissional/Cotidiano Escolar – Estudantes/ <i>Operários</i> )	Discurso

27	Gileno Figueirôa Lima	Redator Chefe 4ª	n.1/46, p. 9	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata
	Gileno Lima		n.2/46, p. 8	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata
	Gileno Figueirôa Lima		n.3/46, p.13 e 14	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata
			n.5/46, p.13	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata
			n.6/46, p.10	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata
			n.7/46, p.12	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata
			n.8 e 9/46, p.9	“Círculo de Estudos da Escola Técnica de Salvador”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)	Ata

83	<u>Walfredo Pinheiro Lobo</u>	Técnico  2º Técnico	n.1/46, p.10  n.2/46, p.4 e 6	“Palestra do presidente do grêmio” “Pan-Americanismo”	Clubes Escolares (Atividades extracurriculares)  Ensino de Geografia/Ensino de História	Palestra  Palestra
	Lobo	2ª Técnico	n.3/46, p. 4  n.4/46, p.2	“1º de maio”  “O átomo – essa maravilha”	Educação para o trabalho (Educação para a Pátria)  Ensino de Ciências	Artigo  Artigo
	<u>Valfrêdo Pinheiro Lobo</u>		n.5/46, p.6  n.6/46, p.5 n.6/46, p.7 n.7/46, p.6	“14 de julho”  “Casal Curie” “John Ericsson” “Dia da Pátria”	Ensino de História (História Universal/ Ensino de Política) Biografias (Invenções e Inventores/ Divulgação de conhecimentos científicos) Ensino de História (Política)	Palestra  Artigo Palestra Palestra
	Walfredo Pinheiro Lobo		n.8 e 9/46, p. 6 e 7	“André Rebouças – glória e símbolo da engenharia mecânica	Biografia	Palestra
31	Carmelito Rocha Pita	4ª	n.2/46, p. 1 e 9  n.6/46, p. 1 e 8	“Cumprir a minha palavra; morro pela liberdade” “Caxias, grande exemplo”	Biografias (Ensino de História)  Biografias (Calendário cívico)	Artigo  Palestra
73	Nelson Silveira	4ª-industrial  4ª	n.2/46, p. 2  n.5/46, p.11	“William David Coolidge” “Luiz Tarquinio”	Biografias(Invenções e Inventores)  Biografias (Indústria na Bahia)	Palestra  Palestra
67	Augusto Angelo dos Santos Filho	3ª	n.2/46, p.2	“Um herói nacional”	História do Brasil (Biografias)	Palestra

98	Glinauro Veloso Leal	3ª	n. 2/46, p. 3 n.2/46, p. 9 n.3/46, p.15 n.8 e 9/46, p.7	“Um tipógrafo que se fez grande homem” “SEÇÃO DO CHARADISTA” “SEÇÃO DO CHARADISTA” “Proclamação da República”	Biografias (Ensino de Literatura)  Jogos e passatempos infanto-juvenis  Jogos e passatempos infanto-juvenis  História do Brasil (Calendário Cívico/Político)	Palestra  Charada  Charada  Palestra
26	João Rovaldo da Silva	1ª – Curso Técnico	n.2/46, p.4	“O torno mecânico”	Ensino técnico e profissional (Ensino de mecânica)	Palestra
90	Moacir Soares Santos	3ª	n.2/46, p. 5 n.6/46, p. 4	“Noções sobre Côres” “Carlos Gomes”	Ensino de Pintura  Bibliografias (Ensino de Música)	Palestra  Artigo
18	Gelson Figuerôa Lima Gelson Lima	Diretor de Esportes 4ª	nº 2/46, p. 6 n.6/46, p. 6	“A prática dos esportes” “Palestra do aluno Gelson Lima na reunião do CEETS”	Jogos Desportivos (Educação Física)  Clubes Escolares ( <i>Prática de Esportes/Jogos Desportivos</i> )	Palestra  Palestra
99	Aiderval Souza	3ª	n.2/46, p. 7	“A madeira”	Ensino Industrial (Ensino de Ofícios / <i>Matéria-prima</i> )	Palestra
100	Carlos Bastos Rocha	1ª B	n.2/46, p. 7 n.7/46, p. 9	“Interpretação de uma fábula – A cigarra e a formiga” “Malefícios do álcool”	Ensino Moral (Ensino de Literatura)  Educação Moral	Artigo  Artigo
101	Edil Silva	1ª B	n.2/46, p. 8 n.5/46, p.12	“Tiradentes” “A maior data”	Biografias (Ensino de História) <i>Datas Cívicas (História da Bahia)</i>	Artigo Artigo

102	Hilarião Gomes da Silva Filho	1ª B	n.2/46, p. 9 n.6/46, p. 4 n.6/46, p. 8	“Um incêndio” “O maior soldado brasileiro” “A locomotiva”	<i>Cidade e Cotidiano</i> Biografias (Calendário cívico)  Biografias ( <i>Invenções e Inventores/</i> Divulgação de conhecimentos científicos)	Artigo Artigo  Artigo
103	Diógenes Dresdenes Guimarães	4ª	nº 3/46, p.1	“Dia da Vitória”	Educação política ( <i>História universal</i> )	Palestra
104	Joselito Rozendo dos Santos	3ª B	nº3/46, p. 2	“Batalha de Tuiuti”	Ensino de História ( <i>História do Brasil</i> ) Biografias	Palestra
80	Pedro João Fracassi	4ª Ind.	nº3/46, p. 3	“A morte do poeta”	Biografias (Ensino de Literatura)	Palestra
105	Raimundo Queiroz	3ª	n.3/46, p. 4	“Descobrimto do Brasil”	Ensino de História ( <i>História do Brasil</i> )	artigo
45	Edval José de Miranda	4ª	n.3/46, p. 5 n.7/46, p. 6	“Proporções do corpo humano” “Pedro Américo”	Ensino de Desenho (Pintura)  Biografias (Ensino de Pintura)	Palestra  Palestra
30	Walter Rosálio de Miranda	4ª industrial	n.3/46, p. 6	“13 de maio”	<i>Datas cívicas</i> (Ensino de História /Política)	Palestra
106	Gilberto Leocádio Lima	1ª B	n.3/46, p.10	“Abolição da escravatura”	<i>Datas cívicas</i> (Ensino de História /Política)	artigo
107	Abilio Alves Nascimento	1ª A	n.3/46, p.10 n.7/46, p. 8	“Dia do trabalho”  “Descrição de um quadro”	Calendário Cívico ( <i>Educação para o trabalho /Educação para a pátria</i> ) História do Brasil/Festas escolares ( <i>Dia da Pátria</i> )	Artigo  Trabalho em colaboração com o colega Antonio S. Vilas Bôas
108	Ivan Roque de Almeida	1ª C	n.3/46, p. 10	“12 de maio”	<i>Festas tradicionais (Dia das mães)</i>	Artigo

78	Ligia Sampaio	2º Técnico	n.3/46, p. 12	“O cão morto, adaptação de um conto”	<i>Educação moral (Ensino de literatura???)</i>	Conto
109	Milton Souza  Milton Oliveira Souza	1ª D	n.3/46, p. 12 n.4/46, p. 5  n.6/46, p. 9	“8 de maio” “Noite de São João” “Roberto Fulton”	<i>Calendário cívico (Datas Cívicas) (?)</i> <i>Festas tradicionais</i>  <i>Biografias (Invenções e Inventores)</i>	Artigo Artigo  Artigo
110	José Jobbard da Conceição	1ª C	n.4/46, p. 5 n.5/46, p. 11  n.7/46, p. 9 n.7/46, p. 12	“Junho” “A vida de Marconi” “José Bonifácio e a Independência” “O piquenique da primavera”	<i>Festas Tradicionais</i> <i>Biografias (Inventores e invenções)</i>  <i>Biografias (História do Brasil)</i>  <i>Festas Escolares (Jogos desportivos/Vida e cotidiano escolares)</i>	Artigo Artigo Comunicação com Lourenço Deusdedith da Silva Artigo
111	Jorge Newton de Castro	1ª C	n.4/46, p. 6	“O apóstolo do Brasil”	<i>Biografias (Ensino de História/Religião)</i>	Artigo
13	Reginaldo Alves Silva	4ª Industrial	n.5/46, p. 4	“Grandes vultos da Independência”	<i>Ensino de História (Política)</i>	Palestra
112	José Ferreira da Silva	1ª C	n.5/46, p. 5	“João das Botas”	<i>Ensino de História (História da Bahia)</i>	Artigo
113	Hélio Freitas de Almeida	1ª B	n.5/46, p. 5	“O 2 de Julho”	<i>Ensino de História (História da Bahia)</i>	Artigo
114	José Esmeraldo de Oliveira	1ª C	n.5/46, p. 5	“Um herói de Pirajá”	<i>Ensino de História (História da Bahia)</i>	Artigo
86	Walter Gama	3ª	n.5/46, p. 7	“Santos Dumont”	Biografias	Palestra

77	Ubirajara Uchôa	4 <sup>a</sup>	n.5/46, p. 10 e 11 n.5/46, p. 12 n.6/46, p. 3	“A frezadora” “Centenário da Princêsa Izabel” “Gonçalves Dias”	Ensino de Mecânica (Ensino Industrial) Biografias (Ensino de História) Biografias (Ensino de literatura)	Palestra Palestra Palestra
----	-----------------	----------------	--	--	---	----------------------------------



115	Antonio Almeida Silva	1ªA	n.6/46, p. 8	“O telefone”	Biografias (inventores e invenções)	Artigo
7	Eleurindo Raimundo Santana	3ª B	n.6/46, p. 10	“O desenho”	Ensino de Desenho	Palestra
42	Nabor Manoel Neves	3ªA	n.7/46, p. 7	“Olavo Bilac”	Biografias (Festa da Primavera)	Palestra
116	Bráulio Machado de Oliveira	4ª	n.7/46, p. 8	“Grandes Figuras da Independência	Calendário Cívico (Festas Escolares/Ensino de /História/ Política/Biografias)	Palestra
117	Antonio Santos Vilas Bôas	1ªA	n.7/46, p. 8	“Descrição de um quadro”	História do Brasil/Festas escolares (Dia da Pátria)	Trabalho em colaboração com o colega Abilio Alves Nascimento
118	Lourenço Deusdedith da Silva	1ªC	n.7/46, p. 9	“José Bonifácio e a Independência”	Biografias (História do Brasil)	Trabalho em colaboração com José Jobard da Conceição
119	Edemil Silva	1ªB	n.7/46, p. 9	“D Pedro I”	Biografias (História do Brasil)	Artigo
25	Parânio Pereira Teles	3ªA	n.8 e 9/46, p. 4	“A descoberta da América”	Biografias (data cívica)	Palestra
21	Afro da Silva	1º Técnico	n.8 e 9/46, p. 10	“Ecos da festa da primavera”	Festas escolares (Vida e cotidianos escolares)	Palestra

**APÊNDICE B**  
**ÍNDICE TEMÁTICO**

**TOMO I – Textos de professoras/es e funcionários**

	<b>Professor /Professora</b>	<b>Título</b>	<b>Tema</b>	<b>Edição</b>
1	Mariêta Lobão Gumês (Auxiliar de Escritório)	<p>“O Aprendiz e sua finalidade”</p> <p>“O Dia Pan-Americano”</p> <p>“Ser Mãe”</p> <p>Junho</p> <p>A data baiana, acróstico</p> <p>“Ensinaí com o coração e não com os lábios”</p> <p>“Verás que um filho teu não foge à luta”</p> <p>A criança (conferência proferida na “Semana da Criança”)</p> <p>Ordem, trabalho e honestidade</p> <p>Como empregar bem as férias</p> <p>Palavras de estímulo</p>	<p>Jornal escolar</p> <p>Calendário Cívico</p> <p>Questão de gênero</p> <p>Calendário Escolar/Festas tradicionais/Poesia oral</p> <p>História da Bahia</p> <p>Ensino/(arte de ensinar)</p> <p>História do Brasil/Política</p> <p>Educação infantil</p> <p><i>Educação para o trabalho/ Ensino Moral</i></p> <p>Férias escolares</p> <p>Orientação para o trabalho/ Trabalho operário</p>	<p>Mar. 44, p. 2</p> <p>Abr. 44, p.2</p> <p>Mai 44, p. 2</p> <p>Jun. 44, p. 2 (editorial)</p> <p>Jul. 44, p. 8</p> <p>Ago. 44, p. 5</p> <p>Set. 44, p. 1 (editorial)</p> <p>Out. 44, p.5 e 6</p> <p>Out. 44, p. 8</p> <p>Nov. 44, p. 6</p> <p>Mar. 45, p. 1</p>

		“Que as nossas palavras sejam simples...”	Biografias/Ensino infantil	Abr. 45, p. 6 n.2/45, p. 6
		Hino da Escola Técnica	Educação para o trabalho/Poesia/ Símbolos escolares	n.3/45, p. 9
		“O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”	História do Brasil/Patriotismo	n.4/45, p. 1 (editorial)
		O professor primário	Educação infantil/Pessoal de educação (professor)	n.5/45, p. 6
		O dia do soldado	Calendário Escolar e Cívico/Patriotismo	n.6/45, p. 1
		Discurso da profa. Mariêta Lobão Gumês...	Cotidiano escolar/Ensino profissional /Técnicos de educação/Calendário escolar	n.7/45, p. 7
		República	História Política/História do Brasil	Out./nov.45, n.8 e 9. p. 2 (editorial)
2	Dr. Carlos Sepúlveda Carlos Sepúlveda (professor)	Castro Alves O trabalho Acróstico Homenagem à FEB, expedicionários do Brasil	Ensino de Literatura/Poesia Política Poesia Política	n.1/44, p.1 e 2 n.3/44, p. 1 n.2/45, p.2 n.2/45, p.5
	C.S.	“Aplica-te ao manejo constante das ferramentas...”	Educação para o trabalho	n.7/45, p. 7

3	Raúl Sapucaia (Dentista)  Dr. Raúl Sapucaia (Dentista)	HIGIENE – Assuntos odontológicos HIGIÊNE – Profilaxia da boca HIGIENE – assuntos odontológicos Assistência dentária escolar	Higiene da boca Cuidados higiênicos Higiene da boca Higiene da boca/Saúde/Assistência escolar	n.1/44, p. 2 n.2/44, p. 2 n.8/44, p. 9 n.4/45, p. 4
---	---	--	--	--

4	Waldemar C. Farias (Secretário)	Escola Técnica de Salvador – atividades escolares Dia do funcionário	Instituições de Ensino Profissional Calendário cívico/Pessoal de educação	n.1/44, p. 3 n.7/44, p. 11
5	Dr. Carlos Leony (Médico)	Meu Abraço! Conselhos de higiene Conselhos de higiene Conselhos de higiene Cartilha de higiene Cartilha de higiene	Jornal escolar/O Aprendiz Higiene (cuidados)/Saúde Higiene (cuidados)/Saúde Higiene (cuidados)/Saúde Higiene/Saúde (conselhos) Higiene/Saúde (conselhos)	n.2/44, p. 3 n.6/44, p. 5 n.8/44, p. 11 n.2/45, p. 8 n.5/45, p. 8 n.8 e 9/45, p. 6
6	Prof. Vitor Miniéro	O esperanto nas Escolas Técnicas	Ensino de Língua internacional auxiliar	n.4/44, p.6
7	M. R. Profª Mª Romana Calmon B. Mariondo Profª Mª Romana C. B. Moriondo Profª Maria Romana Calmon Moriondo	Centenário de Luiz Tarquínio Proclamação da República Barão do Rio Branco Saudação às mães dos expedicionários “Palestra da Profª...”	História da Indústria baiana História do Brasil/Ensino de Política Biografias/História do Brasil Questões de gênero/ patriotismo/fatos do cotidiano Nacionalismo/História/Festas Escolares/ Calendário cívico	n.5/44, p. 10 n.9/44, p.1 (editorial) n.2/25, p. 5 n.3/45, p.10 n.7/45, p. 12

8	E. C.  Ericsson Pitombo Jaciobá Cavalcanti	Ensino industrial e não indústria Nilo Peçanha  Bilhete aos alunos “Na execução de obras...”  Discurso	Ensino Industrial (metodologia) Ensino Industrial/Formação para o trabalho (metodologia) Ensino moral Ensino industrial  Dualismo escolar/Ensino industrial	n.5/44, p. 10 n.7/44, p. 7 n.9/44, p. 4 n.6/45, p.5/ n.7/45, p. 4 n.1/45, p. 7
9	Prof. Maria Justa França de Carvalho  Jús (?)	Caxias  Primavera	História do Brasil/Biografias  Festa da Primavera	n.6/44, p. 2  n.7/44
10	Luiz Barreto	Ruy Barbosa “Libertas quae será tamen”	Biografia/Patriotismo História do Brasil/Calendário Cívico	n.9/44, p. 5 n.2/45, p. 4
11	Luiz Barreto – inspetor Sr. Luiz Barreto Vieira (Inspetor de alunos)	Homenagem à Marinha brasileira “Palestra do inspetor...”	Política/ <i>Fatos do cotidiano</i> Bibliografias/Calendário Cívico/ Patriotismo	n.3/45, p. 4 n.7/45, p. 10 e 11
12	Dival Ramos (Prof. de Educação Física)  Prof. Dival Silva Ramos	O jogo e seu valor educacional  “Palestra pronunciada...”  A educação física no âmbito operário	Educação física/jogos desportivos/ educação moral  Educação do operário/Patriotismo/Festas escolares Educação física/educação moral	n.2/45, p. 6  n.7/45, p. 14 n.4/45, p.2 e 7
13	Oldegar Vieira	Conversa com os aprendizes	Ensino Técnico/ <i>Dualismo escolar</i>	n.1/45, p. 2

14	Prof. Luiz Oliveira Santos (Paraninfo – 1994)	Discurso	Educação moral/para o trabalho	n.1/45, p. 5
15	L.O.S.  Luiz O. Santos	Seção Técnica – Assuntos tipográficos Seção Técnica – Assuntos tipográficos (continuação do n.1/45) Conselhos técnicos “A primeira qualidade...” Seção Técnica – Assuntos tipográficos (conclusão)	Ensino de Tipografia Ensino de Tipografia  Ensino Técnico Ensino Técnico Ensino de Tipografia	n.1/45, p. 7 n.3/45, p.14  n.7/45, p. 3 n.7/45, p. 4 n.4/45, p. 6
16	Dr. Hélio de Prager Fróes (Professor de química)	Um pouco de química “in natura”	Divulgação de conhecimento	n.8 e 9/45, p. 8
	Aurélio Pereira de Souza	Pan-Americanismo (editorial)	Política	n.2/45, p. 2
17	Dr. Ernani de Meneses (Professor) E.M.	A última vitória  O monumento ao 2 de Julho	Política/Educação para a paz  História da Bahia/Poesia	Edição especial, n.3/45, p. 2 e 3 n.5/45, p. 5
18	Gerson Simões (professor)  Prof. Gerson Simões Dias	Heróis da FAB  “Discurso do prof...”	Política/Patriotismo  Festas Escolares/Arte	Edição especial, n.3/45, p. 6 e 7 n.7/45, p. 15
19	F.R.S	Altiva Americano	Pessoal de Ensino/Falecimento	n.3/45, p. 13
20	Aderbal Santana Barbosa (inspetor)	Uma doce heroína  Esportes	História da Bahia/Questões de Gênero  Jogos desportivos/Cotidiano escolar	n.5/45, p. 1 e 8 (editorial) n.6/45, p. 5
21	Bonifácio de Paulo Alfredo	Paz e trabalho Férias	Dualismo escolar/Educação profissional Férias escolares/Desempenho acadêmico	n.5/45, p. 7 n. 8 e 9/45, p. 9

**TOMO II – Textos de professoras/es e funcionários**

	<b>Professor /Professora</b>	<b>Título</b>	<b>Tema</b>	<b>Edição</b>
7	Maria Romana Bitencourt Moriondo	“Discurso da paraninfa da turma...”	Vida escolar	n.1/46, p. 8
	Maria Romana Calmon de Bittencourb Moriondo	“Palestra da Professora Maria Romana...”	Calendário cívico/Festas escolares/ História do Brasil	n.7/46, p. 5
8	Dr. Ericsson Cavalcanti (Diretor)	“Discurso proferido pelo Diretor do Estabelecimento...”	Função social da Escola/Ensino Técnico Industrial	n.1/46, p. 8””
	O Diretor	Aos Snrs. Industriais	Ensino Técnico Industrial/Função da escola	n.1/46, p. 10
		“Discurso do Dr.Ericsson Cavalcanti, Diretor da Escola”	Homens exemplares (Mauá)	n.3/46, p. 9
	Dr. Ericsson Cavalcanti	“Discurso pronunciado pelo Diretor do estabelecimento...”	Cotidiano escolar/Educação – Objetivos	n.5/46, p. 8 e 9
	E.C.	Problemas de educação	Ensino: metodologia	n.4/46, p. 6
	E.C.	“A formação de técnicos é um empreendimento...”	Educação tecnológica	n. 8 e 9/46, p. 10
	Dr. Ericsson Cavalcanti	“Discurso proferido pelo Diretor do estabelecimento...”	Atividades escolares	n.1/47, p. 8 e 11
2	C.S. (Carlos Sepúlveda)	“Bahia sagra-te primeira,...”	Poesia/História da Bahia	n.5/46, p. 5



		Eco da visita do Ministro da Educação à Escola Técnica de Salvador	Técnicos de educação/Cotidiano escolar	n.5/46, p. 8
12	Prof. Dival Ramos	O esporte como um meio para um fim	Educação Física/Jogos esportivos	n.6/46, p. 9
20	A.S.B (Aderbal Santana Barbosa )	Festa da Primavera	Festas Escolares/Lazer/Atividade extraclasse	n.7/46, p. 10 e 11
22	José Macedo (Prof. do Curso de Mecânica)	O motor elétrico e o seu inventor	<i>Inventores e Invenções/Mecânica</i>	n. 7/46, p. 11
23	Prof. Climério Pitta (paraninfo da turma)	“Trecho da oração do paraninfo da turma...”	Atividades escolares	n.1/47, p. 6

## APÊNDICE C

### TOMO I – Textos da Redação

Coluna	Título	Tema	Edição
	O APRENDIZ	Jornal Escolar	n.1/44, p.2
	NOTICIÁRIO – Associação Cooperativa e de Mutualidade dos Alunos da Escola Técnica de Salvador	Associações escolares	n.1/44, p.4
O Aprendiz Social	Aniversariantes do mês de março	Cotidiano Escolar/Atores escolares	n.1/44, p.4
Capa	“19 de Abril”	Calendário escolar/Juventude	n.1/44, p.1 e 2
O Aprendiz Social	Aniversariantes de abril/enferma/ falecimentos  Curiosidades aritméticas – como adivinhar um número que qualquer pessoa tem no pensamento	Cotidiano Escolar/Atores escolares  Ensino de Aritmética	
O Aprendiz Social	Máximas de um sábio		n.2/44, p.4
O Aprendiz Social	Aniversariantes de maio/nascimento / recebemos e agradecemos	Cotidiano Escolar/Atores escolares/ Correspondência escolar	n.3/44, p.4
O Aprendiz Social	Aniversariantes de junho/noivado	Cotidiano Escolar/Atores escolares	n.4/44, p.5

Capa	Dois grandes vultos/Dois de julho (Profª Marieta?)	Questões de gênero/História da Bahia	Jul.44, p. 2 e p. 3
O Aprendiz Social	Anfilóbio Araújo	Atores escolares(falecimento)	n.5/44, p. 11
	Ministro Gustavo Capanema	Técnicos da educação (homenagem)	n.6/44, p. 3
	Nosso Diretor e nossos colaboradores	Pessoal de educação/cotidiano escolar	n.7/44, p. 9
Capa	Aviação brasileira	Indústria brasileira/Escolas Industriais	n.8/44, p. 1 (editorial)
	Brasil atual	Geografia brasileira	n.8/44, p. 2
	Festa Escolar	Festas Escolares	n.8/44, p. 5
	Dr. Francisco Montojos	Técnicos de educação?Ensino Industrial	n.9/44, p. 3
Editorial	O Aprendiz	Jornais escolares	n.1/45, p. 2
	O novo cabeçalho d'O Aprendiz	Jornais escolares	n.1/45, p. 2
	Quadro de formatura	Imprensa tipográfica (Produção de clichê)	n.1/45, p. 2
	Encerramento do ano letivo de 1944	Festa Escolares	n.1/45, p. 5
	Presidente Getúlio Vargas	Política/Ensino Industrial	n.2/45, p. 3
	Franklin Delano Roosevelt	Biografias/Política	n.2/45, p. 7 e 8
Capa	1º de maio	Calendário cívico/ Educação para o trabalho	n.3/45, p. 9
	Dr. Lycerio A. Schreiner	Técnicos de educação/vida cotidiana	n.4/45, p. 3

	Heróis do Dois de Julho	História da Bahia/ Questões de gênero	n.5/45, p.3 (apresentações com retrato)
	Angelo Vieira de Matos	Funcionário público/Falecimento/cotidiano escolar	n.5/45, p. 7
	Conselhos higiênicos	Higienismo/Saúde	n.6/45, p. 2
	Ministro Gustavo Capanema	Técnicos de educação/Vida cotidiana	n.6/45, p. 3
	7 de agosto	Técnicos de educação/Vida cotidiana	n.7/45, p. 6
	Semana da Pátria	Festas escolares/Artes	n.7/45, p. 8
	Programa da Semana da Pátria	Festas escolares/cotidiano escolar	n.7/45, p. 9
	Saudação à bandeira	Símbolos nacionais/Patriotismo	n. 8 e 9/45, p. 4
	29 de novembro	Técnicos de educação/ <i>Aniversário</i>	n.8 e 9/45, p. 5
	Dr. Eduardo Monteiro Matos	Técnicos de educação industrial/ <i>Aniversário</i>	n.8 e 9/45, p. 7

## TOMO II – Textos da Redação

<b>COLUNA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>TEMA</b>	<b>EDIÇÃO</b>
Capa	Meus caros amigos	Jornal escolar/Comunicação	n.1/46, p. 1
<b>Seção de Lazer</b>	Prof. Dr. Arnaldo Alves	Cotidiano escolar/Pessoal de educação	n.1/46, p. 4
	Noticiário escolar	Caixa escolar	n.1/46, p. 5
	Esplêndido leilão	Humor/Estudantes	n.1/46, p. 11
	Sete chaves de segurança	Segurança do trabalho	n.2/46, p. 4
	Dr. Walter Toledo Piza	Técnico de ensino	n.3/46, p. 7
	Conselhos higiênicos	Saúde/Higiene	n.3/46, p. 14
	Festa joanina	Festas tradicionais/calendário escolar	n.4/46, p. 4
	Ministro Clemente Mariani	Técnicos de Educação escolar/Cotidiano escolar (visita técnica)	n.1/47, p. 5
	Novos fatores de progresso para o Brasil – A formatura dos artífices de 1946	Ensino Técnico	n.1/47, p.
	Significativa homenagem	Pessoal de educação/Ensino Superior	n.1/47, p. 9
	Problemas de Aprendizagem industrial – na palavra do ilustre conferencista espanhol, Prof. Myra y Lopez	Educação industrial/Cotidiano escolar	n.1/47, p.10

## APÊNDICE D

## TOMO I – Textos Transcritos de outras publicações

<b>Publicação</b>	<b>Coluna/Título</b>	<b>Tema</b>	<b>Edição</b>
“Uma publicação oficial norte-americana...”	A higiene da vista na leitura	Saúde/Higiene	n.1/44, p.3
(transcrito)	SÔBRE LIVROS/Credo dos que sabem lêr	Leitura	n.2/44, p.2
ABC e Higiene (encaminhado pela Inspetoria de propaganda e educação sanitária)	(Conhecimentos higiênicos)	Higiene/Saúde	n.3/44, p.2
ABC e Higiene (continuação)	(Conhecimentos higiênicos)	Higiene/Saúde	n.4/44, p. 4
	Os mandamentos de um sábio	Ensino moral/Regras de conduta	n.4/44, p.6
Raimundo Correia	”Ode à Bahia”	História da Bahia/poesia	n.5/44, p. 4
Amélia Rodrigues	“À minha pátria”	Nacionalismo/patriotismo/poesia	n.7/44, p. 2
Olavo Bilac	“As velhas árvores”	Passagem do tempo/Poesia	n.7/44, p. 5
Casimiro de Abreu	“Primavera”	Nascimento/Estações do ano/Poesia	n.7/44, p. 6
[Anônimo]	O Aprendiz Social/“Decálogo para vencer na vida”	Ensino moral	n.7/44, p.12

Casimir Délavigne (tradução livre Maria Luiza de Souza Alves)	“Os três dias de Colombo”	Descoberta da América	n.8/44, p. 3
Abdiel Monteiro	Ser bom	Ensino moral/poesia	n.8/44, p.11
Marcondes Reis (Transcrição)	“Carta a um aluno”	<i>Escolha da profissão/Orientação vocacional</i>	n.9/44, p. 7
Franklin/Blanchar	“Para o espírito e o coração”	Educação moral/Economia	n.9/44, p. 3
(Provérbios populares)	Entrelinhas	Educação moral? <i>Sabedoria popular</i>	n.2/45, p. 6
(Transcrição)	“Asas do Brasil”	Política/Civismo/Poesia	Edição especial, n.3/45, p. 8 e 9
Guilherme de Almeida	“Canção do expedicionário”	Patriotismo/Poesia	n.2/45, p. 10
E. Wanderley	“Noite de São João”	Festas tradicionais/Calendário escolar/ Poesia	n.4/45, p. 4
Amélia de Queiroz Carneiro Mendonça	“Balão”	Festas tradicionais/Calendário escolar/ Poesia	n.4/45, p. 5
(Transcrição)	“A origem do telescópio”	Inventores e Invenções	n.4/45, p. 5
Castro Alves	“Ode ao Dois de Julho”	História da Bahia/Poesia	n.5/45, p. 2
Amélia Rodrigues	“A Abadessa da Lapa”	História da Bahia/Questões de gênero/poesia	n.5/45, p. 4
	Provérbios	Literatura popular/Ensino moral	n.5/45, p. 8

(Transcrito)	Mandamentos cívicos	Ensino moral/Civismo	n.6/45, p. 3
D.Pedro I e Evaristo da Veiga	“Hino da Independência”	Nacionalismo/Civismo/Poesia/Símbolos nacionais	n7/45, p. 2.
Ricardo Fecundo dos Santos Mota	“A Árvore”	Calendário escolar/Poesia	n.7/45, p.5
	“Correio escolar”	Correspondência escolar	n.7/45, p.6
Rita Amil de Rialva	“Bandeira”	Símbolos nacionais	n.8 e 9/45, p. 4
Associação Brasileira para prevenção de acidentes	Conselhos de segurança	Educação para o trabalho	n.8 e 9/45, p. 12



**TOMO II – Textos Transcritos de outras publicações**

<b>Publicação/Autor</b>	<b>Coluna/Título</b>	<b>Tema</b>	<b>Edição</b>
Euvaldo Lodi	“A dissociação dos dois processos formadores do operário...”	Formação do operário	n.2/46, p. 8
Catullo da Paixão Cearense	“Luar do sertão”	Poesia/Regionalismo	n. 3/46, p. 3
Profª Mariéta Lobão Gumes /Prof.Gerson Simões Dias	“Hino da Escola Técnica”	Educação para o trabalho/Poesia/ Símbolos escolares	n. 3/46, p. 12
Amplilophio Gomes de Brito	2 de Julho	História da Bahia/Poesia/Civismo	n.5/46, p. 2
D. Aquino Corrêa	"Hino ao Duque de Caxias”	Poesia/História do Brasil/Patriotismo	n.6/46, p. 2
Eduardo Ribeiro Viana	Correio escolar	Correspondência Escolar/Jornal escolar	n.6/46, p. 7
Victruvio Marconde	Sete de Setembro	Civismo/Poesia	n.7/46, p. 4
Nilo Peçanha	“O Brasil de ontem saiu das Academias; o de amanhã sairá das Oficinas”	Dualismo escolar?	n.8 e 9/46, p. 1 (epígrafe)
(Sem autoria)	“À bandeira”	Civismo/Poesia	n.8 e 9/46, p. 3

Castro Alves	“Mas que vejo eu aqui...” (Estrofe do poema Navio negreiro)	Poesia/Política/Social	n.1/47, p. 1 (capa) Obs. A partir do número anterior, acima e à direita da capa, aparece uma epígrafe
Adalício Nogueira	“Ode a Castro Alves”	Poesia/Biografias	n. 1/47, p. 2 e 3
(sem autoria)	O compromisso do artífice	<i>Ética profissional</i>	n.1/47, p. 10

## APÊNDICE E

### Correspondência e publicações recebidas pela Redação

<b>Edições</b>	<b>Leitores</b>	<b>Agradecimentos</b>	<b>Publicações</b>
3/44, p.4	E.T.V, Dr. Ary de Carvalho Armando (carta)		‘E.T.V’ Órgão oficial dos alunos da Escola Técnica de Vitória, envio da edição de abril.
Nº 5/44, p.12	D. Abgar Renault Diretor do Departamento Nacional de Educação, Dr. Aloísio de Carvalho Filho Diretor da Faculdade de Direito da Bahia, Dr. Argemiro Freire Carneiro, Diretor da Escola Técnica de São Luiz –Maranhão, Contadora Maria Candida Dantas Guadenzi, Diretora da Escola Antônio Vieira nesta capital.	“Pelo número d’O Aprendiz’ que lhe enviamos.”  “Pelas expressões de pesar enviadas por intermédio d’O Aprendiz’ por ocasião do falecimento de sua filha.”	“ Magnífica Revista ‘Rotary Bahaino’ [...]” “Dos nossos colegas de Vitória – Espírito Santo”, número de maio e junho, do “seu interessante jornalzinho o ‘E.T.V’ [...]” “Número de Maio d’ ‘O IDER’ órgão da Associação “Escolástica Rosa”, pelo qual enviamos entusiásticos parabéns, aos nossos coleguinhas de Santos – São Paulo.”
Nº 6/44, p.6	Dr. Hermano Loth Júnior – Escola Técnica de Belo Horizonte, Dr. Aloísio de Carvalho Filho Diretor da Faculdade de Direito da Bahia, Dr. Francisco Conceição Menezes Secretário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.		Revista ‘Sergipe Artífice’, Órgão Oficial da Escola Industrial de Aracajú. (nº13)

Nº7/44, p. 12	“Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema, M. D. Ministro da Educação” (telegrama)  Dr. Luiz Chaves digníssimo diretor da Escola de Terezim.	“Pela remessa do nosso número de Julho”	“Nº 11 da revista ‘LABOR’, ÓRGÃO Oficial da Escola Técnica de Curitiba, cuja leitura foi muito mais útil e agradável [...] parabéns aos coleguinhas paranaenses”
Nº 8/44, p.12	Dr. Djalma Montenegro, Diretor da Escola Industrial de Belém, Dr. Talvanes Augusto de Barros da Escola Industrial de Maceió.	“Pela homenagem que com justiça, foi prestada a S. Excia, por ocasião do seu aniversário natalício, motivo pelo qual nos sentimos extraordinariamente honrados.” “Pela remessa do último número do ‘O Aprendiz’”	“Nº2 do ‘Pequeno Patriota’ Órgão dos alunos da Escola Duque de Caxias (...) fazemos votos pela sua prosperidade.” “(...) mais um número do interessante jornal o ‘E.V.T’, órgão dos alunos da Escola dos alunos da Escola Técnica de Vitória.”
Nº 9/44, p.8	Dr. João Tarquinio, Dr. Argemino Freire Carneiro – Diretor da Escola Técnica de São Luiz, Dr. Djalma Montenegro Duarte – Diretor da Escola Industrial de Belém.	“Pela remessa do nosso número de setembro”	Nº 6 d’A ABELHA Órgão dos Pequenos Jornaleiros da Fundação Darcy Vargas – Rio. Nº2 d’A INFÂNCIA Órgão dos alunos da Escola Jesus, Maria, José.
Nº 2/45, p.10	Dr. Aloísio de Carvalho Filho – Diretor da Faculdade de Direito da Bahia. Diretor do Departamento Nacional de Aprendizagem Industrial, Dr. João Luderitz.	“Pela remessa do nosso número de outubro”	

Nº 3/45, P.16	<p>“Mais uma vez, tivemos a honra de receber agradecimentos (...) do Dr. Abgar Renault Diretor do Departamento Nacional de Educação.</p> <p>Dr. Djalma Montenegro Duarte – Diretor da Escola Industrial de Belém, Dr. Talvanes Augusto de Barros da Escola Industrial de Maceió – Alagoas, Dr. Clodoaldo Vieira Passos, Diretor da Escola Industrial de Aracajú – Sergipe.</p>	<p>“Pelo número de março”</p>	<p>“Número de março do ‘E.V.T’, interessante publicação dos alunos da Escola Técnica da Vitória – Espírito Santo.”</p> <p>“Revista e Boletim ‘SENAI’, publicações do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.”</p> <p>“Vários exemplares da ‘História dos Estados Unidos’, publicação da coordenação dos assuntos interaméricanos .”</p>
Nº 4/45, p.8	<p>Dr. Aloísio de Carvalho Filho, digníssimo Diretor da Faculdade de Direito da Bahia; Dr. Clodoaldo Vieira Passos, Diretor da Escola Industrial de Aracaju – Sergipe; Dr. Djalma Montenegro Duarte – Diretor da Escola Industrial de Belém.</p>	<p>“Pela remessa do nosso ‘O Aprendiz’”</p> <p>“[agradecimento de Dr. Abgar Renault] que sempre lê o nosso modesto jornalzinho com real interesse, o que revelam as suas referências minuciosas às nossas publicações escolares.”</p>	
Nº 5/45, p.10		<p>“Pela remessa do último número d’ ‘O Aprendiz.’”</p>	<p>“Nº de maio de 1945 do ‘E.V.T’, valiosa publicação escolar dos alunos da Escola Técnica da Vitória – Espírito Santo.”</p> <p>“Nº 5 da ‘Revista Pátria’, ‘Revista Policial Militar’ publicação mensal da Sociedade Beneficente da Polícia Militar”</p> <p>“Todas as publicações recebidas foram lidas com real interêsse e anexados ao acervo bibliotecário da nossa Escola”.</p>

Nº6/45, p.6	Dr. Clodoaldo Vieira Passos, Diretor da Escola Industrial de Aracajú – Sergipe; D. Abgar Renault Diretor do Departamento Nacional de Educação; Dr. Aloísio de Carvalho Filho, digníssimo Diretor da Faculdade de Direito da Bahia; Sr. Brasilino Nelli		
Nº8-9/45, p.12	Senhor Dr. Arthur Seidas, digníssimo diretor da Escola Técnica de Vitória e a senhorinha Lícia Coêlho distinta bibliotecária da Faculdade de Filosofia da Bahia.	“Pela remessa do último número do nosso jornalzinho escolar”	“Nº 1 do ‘MICRON’ Órgão oficial dos alunos da Escola Técnica Nacional”; “Nº19 do ‘E.V.T’, órgão oficial da Escola Técnica de Vitória – Espírito Santo”; “ ‘O TÉCNICO’ da Escola Técnica de Parobé”; “ ‘O VIEIRENSE’ Órgão do Círculo de Estudos do Colégio Antônio Vieira”; “ ‘O CLÁSSICO’ , primeiro número do interessante publicação de um grupo de alunos do curso clássico do Ginásio da Bahia.
Nº7 /45, p.12	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; senhorinha Lícia Coêlho distinta bibliotecária da Faculdade de Filosofia da Bahia; Senhor Dr. Arthur Seidas, digníssimo diretor da Escola Técnica de Vitória; Dr. Argemínio Gameiro – Diretor da Escola Técnica de São Luiz.	“Pela remessa do último número d’O Aprendiz.”	“ O Círculo de Estudos do Colégio Antônio Vieira teve a gentileza de enviar-nos um exemplo do seu jornalzinho, ‘O VIEIRENSE’, com interessantes colaborações dos alunos e professores, que evidenciam o progresso do ensino naquele estabelecimento!”

Nº8-9/45, p.12	Senhor Dr. Arthur Seixas, digníssimo diretor da Escola Técnica de Vitória; Dr. Argemínio Gameiro – Diretor da Escola Técnica de São Luís.		<p><i>Micron</i> – Órgão oficial dos alunos da Escola Técnica Nacional, n.1;  <i>E.V.T.</i> – Órgão dos alunos da Escola Técnica, Espírito Santo, n.19;  <i>O técnico</i>, da Escola Técnica de Parobé  <i>O Vieirense</i> – Órgão do Círculo de Estudos do Colégio Antônio Vieira;  <i>O Clássico</i>, primeiro número da interessante publicação de um grupo de alunos do curso clássico do Ginásio da Bahia.</p>
Nº1/46, p.12		“Pela remessa do último número d’O Aprendiz.”	<p><i>Revista Brasileira de Geografia</i> – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; <i>Anais do Ministério da Educação e Saúde</i>;  <i>Labor</i> – interessante revista da Escola Técnica de Curitiba;  <i>Boletim do SENAI</i>, publicação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial;  <i>Boletim Geográfico Mensal</i> – Conselho Nacional de Geografia;  <i>Riquezas de Nossa Terra</i> (interessantíssima publicação do Ministério da Agricultura);  Duas Conferências sobre Parques Nacionais e o Desenvolvimento do Biblioteconomia de São Paulo, doações estas do Departamento Administrativo do Serviço Público.</p>

Nº 2/46, p.10	Senhora Maria Candida Dantas Guadenzi, Diretora da Escola António Vieira; Senhor Dr. Arthur Seixas, dedicado diretor da Escola Técnica de Vitória – Espírito Santo.		
Nº3/46, p.16		“Pela remessa do número de março d’O Aprendiz.”	<p><i>Revista Museu Nacional</i>, ano II, n.4, ago. 1945</p> <p><i>Revista Florestal</i>, ano IV, n. 2, dez, 1945</p> <p><i>Indústria e Técnica</i>, fev. 1946</p> <p><i>Exposições de motivos do D.A.S.P</i>, v.4;</p> <p><i>Administração do Pessoal</i>: Jurisprudência Administrativa – Gilberto S. Costa;</p> <p>Confederação Nacional do Comércio, discurso do Dr. João Daudt d’Oliveira;</p> <p><i>A voz do Aprendiz</i>, Órgão dos alunos da Escola Industrial de João Pessoa;</p> <p><i>Revista do Serviço Público</i> – ano VIII – n.3 – dez.1945, ano IX, v.1, n.1/2 e 3, 1946</p>



Nº 4/46, p.8	Dr. Aloísio de Carvalho Filho Diretor da Faculdade de Direito da Bahia; Dr. Djalma Montenegro Duarte – Diretor da Escola Industrial de Belém; D. Maria Candida Dantas Gaudenzi, distinta Diretora da Escola Antônio Vieira; Prof <sup>ª</sup> Simone Bensabath, Secretaria da Faculdade de Filosofia da Bahia.	<p><i>Indústria e Técnica</i> – mar./abr.1946;  <i>Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos</i> – nov. 1945;  <i>Seleção do pessoal</i>: seus objetivos e problemas, por Murilo Braga – publicação do DASP;  <i>Labor</i> – Órgão oficial dos alunos da Escola Técnica de Curitiba;  <i>O Técnico</i> – Órgão oficial do Grêmio Estudantil da Escola Técnica de Parobé;  <i>O Artífice</i> – Órgão do Grêmio Cívico-Literário ‘Ernesto Matoso’, Pará;  <i>Estágios do Treinamento no Governo Nacional dos Estados</i>, por Henri Reining Jr.;</p>
--------------	--	--

			<p><i>Aspectos do planejamento, por Newton Corrêa Ramalho – Separata da Revista do Serviço Público.</i></p> <p><i>Todas as publicações recebidas foram lidas com real interesse e anexadas ao acervo bibliotecário de nossa Escola.</i>“</p>
<p>Nº5/46, p.16</p>	<p>Dr. Djalma Montenegro Duarte – Diretor da Escola Industrial de Belém-Pará; Dr. Clodoaldo Vieira Passos, Diretor da Escola Industrial de Aracajú – Sergipe; D. Maria Candida Dantas Guadenzi, distinta Diretora da Escola Antônio Vieira; Prof<sup>a</sup> Simone Bensabath, Secretária da Faculdade de Filosofia da Bahia.</p>	<p>Pela remessa de O APRENDIZ</p>	<p><i>“O Industrial – Órgão dos alunos da Escola Industrial de Matto Grosso; Indústria e Técnica – maio e junho de 1946; O Técnico – Órgão oficial do Grêmio Estudantil da Escola de Parobé; E.T.G – órgão dos alunos da Escola Técnica de Goiânia.</i></p> <p><i>“Todas as publicações recebidas foram lidas com real interesse e anexadas ao acervo bibliotecário desta Escola”.</i></p>

Nº6/46, p.12	Dr. Aloísio de Carvalho Filho, digníssimo Senador Federal pelo Estado da Bahia; Dr. Clodoaldo Vieira da Escola Industrial de Aracajú - Sergipe.	“Pela remessa d’O Aprendiz.”	<p>Indústria e Técnica – Julho de 1946;  <i>A Voz do Aprendiz</i> – Órgão dos alunos da Escola Industrial de João Pessoa;  <i>Brasil Menino</i> – Órgão dos alunos da Escola Industrial de Cachoeira, nº3;  <i>Nossa Folha</i> – Órgão dos alunos da Escola Industrial de Florianópolis - Santa Catarina;  <i>Ecos</i> – Órgão dos alunos do Liceu Salesiano do Salvador;  <i>Senai – Boletim mensal</i> do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial;  <i>Cultura de Café no Brasil</i> – publicação do Departamento Nacional de Café.          “Todas as publicações recebidas foram lidas com interesse e anexadas ao acervo bibliotecário desta Escola.”</p>
--------------	---	------------------------------	--

Nº8/9/46, p.12	Dr. Aloísio de Carvalho Filho, digníssimo Senador Federal pelo Estado da Bahia; Dr. Clodoaldo Vieira da Escola Industrial de Aracaju – Sergipe; Profª Simone Bensabath, Secretaria da Faculdade de Filosofia da Bahia; Maria Candida Dantas Gaudenzi, distinta Diretora da Escola António Vieira.	“Pela remessa do último número d’O Aprendiz”	<p>Indústria e Técnica – agosto de 1946;  <i>A Voz d’ O Aprendiz</i> – Órgão dos alunos da Escola Industrial João Pessoa, número 9 e 10;  <i>Brasil Menino</i> – Órgão dos alunos da Escola Industrial de Cachoeira, nº4;  <i>O Aprendiz</i> – Órgão dos alunos da Escola Técnica de Campos – setembro de 1946;  <i>O Trabalho</i> – Órgão do Grêmio Cultural “23 de setembro” – Maranhão;  <i>Ecoss</i> – Órgão do Liceu Salesiano do Salvador;  <i>Papel Pega-Mosca</i> - Órgão da Escola Técnica Aviação;  <i>Madeiras de Pernambuco</i> pela Profª Ida Rego – publicações da Escola Técnica de Recife;  <i>Revista da Escola Industrial de Belém</i> – Pará.  “Todas as publicações recebidas foram lidas com interesse e anexadas ao acervo bibliotecário desta Escola.”</p>
Nº1/47, p.12		“Pela remessa d’ O Aprendiz.”	<p><i>Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos</i>;  <i>Suplemento Científico do Boletim SAPS</i>; <i>O Vale do Itajaí</i>;  <i>E.V.T.</i> – Órgão oficial do Grêmio Rui Barbosa da Escola Técnica de Vitória; Segunda Reunião dos Direitos do Ensino Industrial;  <i>SAPS – Revista de Serviço de Alimentação e Previdência Social</i>;</p>

			<p><i>... e Indústria – Órgão da Escola Industrial Florianópolis;</i> <i>... el Pega-Mosca, Indústria e Técnica.</i> das as publicações recebidas foram xadas ao acervo desta Escola, estando à osição dos interessados. ”</p>
--	--	--	--

## APÊNDICE F

### Catalogação de seções e outros textos

#### Seção 1

#### 1.1 Movimento dos Gabinetes Médico-Dentário e da Biblioteca

<b>Edição / Página</b>	<b>Mês do Movimento</b>	<b>Gabinete Médico-Dentário</b>	<b>Biblioteca</b>
Nº 4, jun. 44, p.4	Maio	sim	
Nº 5, jul., p.11	Junho	sim	
Nº 7. set. 44, p.11	Julho e agosto	Sim	
Nº 8, out.44, p.9	Setembro	sim	
Nº 9. nov. 44, p.6	Outubro	sim	
Nº 1, mar.45, p.8	Obs. Saiu nota sobre o “Ticiário Escolar” (Sessão para a escolha do conselho fiscal da Associação Cooperativa e de Mutualidade dos Alunos da escola Técnica de Salvador)		

Nº 2, abr.45, p. 9	março	sim	Sim – “Movimento de empréstimos e consultas de livros, durante o mês de março de 1945.” (classificados por “Classes” Ob. Ninguém leu “Literatura”, mas “Leituras Infantis” computou-se 296 empréstimos) – p. 10
Nº 3, maio 45, p.12	abril	sim	Sim – Literatura apenas 1, leituras infantis, 152.
Nº 4, jun.45, p. 8	maio	sim	Sim : Literatura 5, Leituras infantis, 184
Nº 5, jul.45, p.10	junho	sim	Sim: Literatura 4, leituras Infantis 192
Nº 6, agos.45, p. 6	julho	sim	Sim: Literatura 8, Leituras infantis 180
Nº 7, set. 45, p. 16	agosto	sim	Sim : literatura 4, empréstimos, 3, consultas; leituras infantis, empréstimos: 189
Nº 8 e 9, out./nov.45, p. 11 e 10, respectivamente	setembro e outubro	Sim	Sim: Literatura: empréstimos + consultas, 22 (set.), 10 (out.) ; Leituras infantis: empréstimos 203 (set., 210, out.)

Nº 2, abr.46, p.10	março	Não	Sim: Literatura, 2 empréstimos e 1 consulta, Leituras infantis: 375 empréstimos
Nº 3, maio 26, p.16	março/abril e maio respectivamente	Sim	Sim: Literatura, 3; Leituras infantis, 284
Nº4, jun.46, p. 8	maio	sim	Sim: literatura: 3; Leituras infantis: 223
Nº 5. jul. 46, p.7	junho	Sim	Sim: Literatura 4, leituras infantis, 75
Nº6, ago.46, p. 7	julho	Sim	Literatura: 5 empréstimos, 2 consultas; Leituras infantis: 259 empréstimos
Nº 7, set.46, p. 14	agosto	sim	Sim: Literatura, empréstimo 3, consulta, 1; Leituras Infantis: 242
Nº 8 e 9, out./nov.46, p. 4	setembro e outubro	Sim	Sim: Literatura, empréstimos 3, cons. 1;10 e 4; Leituras Infantis: 235 e 215
Nº 1, mar. 47, p. 12	novembro de 1946	Não	Sim: literatura, 2, leituras infantis: 143



## 1.2 Outras seções

<b>Edições</b>	<b>Seção – “O Aprendiz Social”</b>	<b>Seção – Curiosidades</b>	<b>Seção – “Sôbre Livros...”</b>	<b>Seção Do Charadista</b>
Nº 1, mar.44, p. 4	Aniversarios do mês de março			
Nº 2, abr.44, p.4	Aniversários do mês de abril /Nascimento	“Curiosidades Aritméticas – Como adivinhar um número que qualquer pessoa tem no pensamento”	“Credo dos que sabem ler” (transcrito, p.2)	
Nº 3, maio 44, p.4	Aniversários de maio/ Nascimento/Recebemos e Agradecemos			
Nº 4, jun.44, p.5	Aniversários dos meses de junho e julho/Noivado		“Fala o livro ao leitor” (p.6)	Apresentação da Seção com explicação de como adivinhar uma charada

Nº 5, jul.44, p. 12	Aniversários do mês de agosto (destaque para o de Dona ane)/Enfermos/Missa/ Visitas/ Agradecimentos (pela remessa do jornal)/ Publicações (doações à escola)			
Nº 6. ago.44, p. 6	Aniversários do mês de setembro/Nascimento/ Agradecimentos/ Publicações		“Definições Literárias sobre o livro e a leitura” (p. 4)	Respostas da seção de estréia e “Colaborações
Nº 7. set.44, p.12	Aniversários do mês de outubro /Agradecimentos / Publicações			Respostas da edição de agosto e “Colaborações
Nº 8, out.44, p.12	Aniversários do mês de novembro/Agradecimentos /Publicações	“Você já Sabia?”		Respostas da edição de setembro e “Colaborações de Alunos”

Nº 9. nov.44, p.8	Aniversários do mês de dezembro/Agradecimentos /Publicações	“Você já Sabia?” (p.6)		Respostas da edição de outubro, com retificação de publicação duplicada e agradecimento pelo interesse
Nº 1, mar.45, p.8	Aniversariantes: meses de março e abril/Visitas	“Você já sabia?” (sobre inventores e suas invenções e vida, p. 7)	Anuncia o lançamento da seção que terá como objetivo “manter mensalmente com os nossos leitores uma conversa simples e despretensiosa <i>sôbre</i> livros...” (p.6)	Novas charadas e Observações (sobre o sucesso da seção.) pela seção, promete “interessantes novidades na página recreativa do nosso jornal”

Nº 2, abr.45, p.10	Aniversariantes: mês de maio/Agradecimentos, destaque para o aniversário do médico baiano Dr. Clinio de Jesus	“O relógio de Estrasburgo” (Transcrito) “Você já sabia?” (p.8)		Resultados das charadas do número anterior. Solicita novas colaborações.
Nº 3, maio 45, p.16	Aniversários: mês de junho/Casamento/Viajantes/ Enfermo/falecimento/ Agradecimentos/ Publicações	“Você já sabia?” (sobre inventores) – p.15		Resultados das charadas do número anterior
Nº 4, jun.45, p.8	Aniversariantes: mês de julho/Sufrágio/Falecimento /Agradecimentos			Resultados das charadas do número anterior e charada ilustrada de Walfredo (Curso Técnico)/ Palavras cruzadas (p.7)
Nº 5, jul.45, p.10	Aniversariantes: mês de agosto/Publicações	“Breve história da penicilina” (p.9)		Resultado das charadas do número anterior e das palavras cruzadas (p.9)
Nº 6, ago.45, p. 6	Aniversariantes: mês de setembro/Agradecimentos			Palavras Cruzadas e Charada Ilustrada de Walfredo Pinheiro

Nº 7, set.45, p. 15	Destaque na p. 6 para o 07 de agosto, aniversário de Dona Jane. Aniversariantes: mês de outubro/Agradecimentos/Publicação	“Estranho fato a respeito de certos números”		Resultado das charadas de julho
Nº 8 e 9, out./nov.45, p. 11	Aniversariantes: mês de novembro/Agradecimentos/Publicações	“Para onde vai a água da chuva”		Resultados das charadas do número anterior e das palavras cruzadas de agosto /Desenho Divertido (novo)
Nº 1/mar.46, p.12	Aniversariantes: mês de março e abril/Nascimento/Casamento/Enfermos/Visitas/Publicações.			“Mate quem puder!...” Novas charadas e Palavras Cruzadas em formato de casa , escrito em cima “Seção Recreativa” (p;11)
Nº 2, abr.46, p.10	Aniversariantes: mês de maio/Falecimento/Agradeci mentos			Resultados das charadas so número anterior, charadas novas e de Colaboradores / Resultado das Palavras Cruzadas do número anterior (p.9)

Nº 3, maio 46, p. 10	Aniversariantes: mês de junho/Publicações			Resposta do número anterior, novas colaborações, charada ilustrada
Nº4, jun. 46, p. 8	Aniversariantes: mês de julho/Enfermo/Agradecimentos/Publicações	“Você já sabia?” “A origem humilde de grandes homens” (p.7)		Palavras Cruzadas em formato de roda dentada (p.7)
Nº 5. jul. 46, p.14	Aniversariantes: mês de agosto/Enfermo/Agradecimentos/Publicações	“Fique sabendo que...” (p.15)	(Lista de livros sugeridos pelos professores e adquiridos pela biblioteca – página inteira	Resultados das charadas e palavras cruzadas do número anterior (p.15)
Nº6, ago.46, p. 12	Aniversariantes: mês de setembro/Enfermo/Agradecimentos/Publicações	“Prêmio Nobel” (lista dos ganhadores de Química e Medicina - de 1901 a 1939) – p. 11		Resultado das charadas do número anterior
Nº 7, set.46, p. 14		“Prêmio Nobel” (lista dos ganhadores de Literatura e Paz, Química e Medicina – de 1901 a 1939) – p.13		Resultado do número anterior

Nº 8 e 9/out, e Nov,46, p.12	Aniversariantes mês de novembro e dezembro/ Agradecimentos / Publicações	(sobre “Mais de 100 <i>PP</i> ”, um homem que tem predileção pela letra “p”)		Resultados do número anterior
Nº 1, mar.47, p. 12	Aniversariantes mês de março e abril/ Casamento/Enfêrmo/ Publicações			Resultado do número anterior, novas e Palavra cruzada em formato rectangular (Nesse número que é o derradeiro jornal, essa seção ainda traz a nota constante em outras edições: “Aguardamos em nossa redação a solução das charadas acima publicadas, esperando que nos sejam enviadas novas colaborações.” Isso mostra que a publicação do jornal é interrompida com a saída da professora Jane da Escola. Será que houve continuidade?

## 1.3 Correio Escolar

<b>Edição</b>	<b>Carta – Destinatário</b>	<b>Remetente-Autor</b>
Nº 2.abr.45	Escola Industrial de Aracaju	Josete
Nº 4, jun.45, p. 6	Escola Técnica de Recife	José França – 2ª série B.
Nº 7, set. 45, p. 6	Escola Técnica de Salvador (resposta à carta de Josete, transcrita da Revista <i>Sergipe Artífice</i> ).	Fecundo dos S. Mota – 2ª série da Escola Técnica de Aracaju
Nº 2. Abr.46, p. 7	Escola Industrial de Natal	José Amaury
Nº 6, ago.46, p. 7	Escola Técnica de Salvador (resposta da carta de José Amaury). Obs.: o estudante fala da importância do Correio escolar no intercâmbio entre as “alunos profissionais do Brasil, motivo de júbilo para aqueles que trabalham em prol do <b>aperfeiçoamento da raça no setor técnico profissional.</b> ”)	Eduardo R. Viana (presidente do “Centro Lútero Recreativo da” Escola Industrial de Natal)



## 1.4 Piadas transcritas

EDIÇÃO	TEXTO
Nº 1 – mar.44, p. 2	“O JUIZ – A primeira pessoa que me interromper será expulsa do recinto O RÉU – Muito bem! Viva o Snr. Juiz!”
Idem, p. 4	“Onde puzeste o kilo? Pergunta impaciente um patrão a seu caixeiro. - O kilo! Respondeu este com impertubável serenidade, o freguês levou. - Imbecil! Pois entregaste o peso ao freguês? - Meu amo, pois se ele me disse quando lhe entreguei as passas: - Olhe, não esqueça o peso.”
Idem, p. 4	<i>“Professora – Se estiverem vocês sentados num bonde em que não haja mais lugares, e entrar uma senhora, que devem fazer? Aluno adiantado – Gritar: “completo!”</i>
Nº 2 – abr.44, p.3	“- Porque tem a mamãe cabelos brancos e cabelos pretos? - Os brancos nasceram dos desgostos que a menina me dá; a filhinha que é tão másinha. - Então a mamãzinha é ainda peor do que eu. - Por que? - Porque a vósinha tem a cabeça toda branca...”
Nº 7, set.44, p. 4	“Num jantar: - Um pequeno para avó. - Oh, avósinha, esses óculos são de aumentar? - São sim, porque pergunta o menino isso? - É porque... se avósinha os tirasse quando me corta o queijo!...”
Idem, p. 12, p. 12	“ Ria se quizer... Uma senhora, que por afetação costumava carregar no R, aponto de desafinar os nervos do auditório, dizia um dia a um cavaleiro das suas relações: - As senhoras parrisienses costumam rir a propósito de qualquer rridicularia! - É vê ' dade (respondeu ele) minha senho ' a, as f ' ancesas são muito aleg ' es. - O senhor é gago? Perguntou a pretensiosa dama, levemente despeitada, e esquecendo a sua habitual maneira de falar; não pronunciava os rrrr? - Pois se v. exc <sup>a</sup> os gasta com tamanha prodigalidade, não há remédio senão os outros economisarem para se não esgotarem todos.”

Nº 4, jun.45, p.7	<p>“Num exame. – Vou fazer-lhe uma só pergunta. Quantas estrelas há no céu?  - Tantas quantos cabelos tenho na cabeça.  - E quantos cabelos tem na cabeça?  - Isso já é uma segunda pergunta. O senhor disse-me que só me faria uma.  * * *  - Cite-me os ossos do corpo humano.  - Tenho-os todos na cabeça, senhor professor. Mas não posso recordar-me deles no momento.”</p>
Nº 5, jul. 45, p. 8	<p>“ <b>ECONOMIA ESCOCÊSA.</b>  Três escoceses dirigiram-se, certo dia, à igreja, para assistirem à missa. Agradou-lhes o que lá viram. Mas para abrilhantar a festa próxima, procedia-se a uma coleta. Á aproximação de uma criança, com a bolsa entre as mãos, um deles desmaiou, e os outros dois conduziram-no para fora da igreja, incontinenti.”</p>
Idem, p. 9	<p>“ <b>DOIS SABIDOS</b>  Fulgêncio, p’ro que é que açúcar dá gosto tão ruim no café, quando agente não bota ele?  - Hué! Vancê é burro, seu Zéca, é o café que dá gosto ruim ao açucra, quando não se bota ele pra adoça.”</p>
Nº 6, ago.45, p. 3	<p>“Entre turistas:  Um sujeito que estava observando a arquitetura de um convento, disse a um outro que o acompanhava:  - Bonito mosteiro, não lhe parece?  - Admirável!  - Não há como a ordem coríntia para estas construções.  - Sim!... E eu que julgava que este era da Ordem de S. Francisco...”</p>
Idem	<p>“Um avarento encontrou num espetáculo teatral, em benefício Dops pobre, um amigo a quem diz:  - Tenho imenso prazer em assistir a este espetáculo em favor da pobreza.  - Ficam-lhe muito bem esses sentimentos.  - Mas é que o amigo não pode calcular o trabalho que tive em arranjar um bilhete de graça!”</p>
Idem, p. 6	<p>“ <b>ANEDOTA</b>  Num baile.  Um cavalheiro: - Poderei ter a honra de V. Excia. Me conceder uma valsa?  A dama: - Com muito prazer:  - a décima quinta.  O cavallheiro: - MUITÍSSIMO obrigado, mas e (sic) essa hora já eu devo ter saído.  A dama: - E eu também.</p>

Nº 7, set. 45, p. 15	<p>“ <b>O PAPA HUMORISTA</b>  O papa Leão XIII era um espírito delicado e culto, hábil diplomata, poeta excelente e, às vezes ironista cheio de fina malícia.  Em certa ocasião, um pintor italiano obteve d’ ele a autorização pouco prodigalisada para retrata-lo.  O pobre artista, ainda que com a melhor vontade d’ este mundo, não era dotado de talento e, por mais que se esforçasse não conseguiu senão mediocrementemente a realização do retrato; de modo que seu ilustre modelo, ao se ver tão pouco parecido, não pode conter uma carêta de contrariedade. Mas, terminado o quadro, o artista solicitou do Sumo Pontífice a graça de uma inscrição de seu punho, com o fim de dar maior valor á tela com algumas palavras escritas pelo próprio papa.  Leão XIII acolheu sorridentemente o pedido e traçou as seguintes palavras de Christo:  - Homens de pouca fê porque duvidais? Sou eu!”</p>
Idem, p. 16	<p>“ <b>NOTICIA INCOMPLETA</b>  - Um desastre terrível! Imagine que a cabeça foi encontrada a 20 metros do corpo.  - E morreu?  Não sei. O jornal não diz.”</p>
Nº 8 e 9, out./nov.45, p. 3	<p>“ <b>ANEDOTA</b>  - Se eu não fosse casado, hontem seria um homem roubado!  - Como? Tua esposa poz o ladrão em fuga?  - Não, ela porém tomou-me a carteira antes de sair! “</p>
Idem, p. 4	<p>“ <b>ANEDOTA</b>  Durante uma conferência sobre cultura física, cavalheiro grave e ilustre dizia:  Nada melhor para a saúde que a ginástica, fortalece o corpo, redobra as forças, prolonga a vida..  Mas um assistente, homem teimoso e impertinente, achou de apartear o orador:  - No entanto nossos antepassados não faziam ginástica e...  - É verdade, respondeu o orador, mas o snr. Pode ver que eles morreram todos...”</p>
Idem, p. 7	<p>“O juiz – O réo é condenado a prisão por toda a vida.  O réo – Mas...  O juiz – Nem mais uma palavra senão ferro-lhe mais quatro anos.</p>

	<p>“ N’um tribunal.  - É verdade ter chamado imbecil a este senhor?  - Não me recordo senhor juiz, com certeza, mas ao fitar o rosto do demandante, parece-me muito provável.”</p>
Idem, p.12	<p>“- Não te recordas daquele relógio que perdi há uns cinco mezes?  - Sim; por que?  - Não te lembras como o procurei por toda parte inutilmente? Pois bem, ontem puz um collete que já não usava há muito tempo e o que imaginas que encontrei no bolso?  - Que homem de sorte! O relógio?  - Não me digas tolices; encontrei o buraco por onde ele saiu.”</p>
Nº 1, mar. 46, p.11	<p>“ <b>VAMOS RIR?</b></p> <p><b>AGONIA</b></p> <p><i>Moribundo</i> - Amigo, mandei chamá-lo porque quero morrer em paz com minha consciência. Quero ver se consigo salvar minha alma. Por isso vou contar-lhe tudo que fiz de mal a V. enquanto trabalhamos juntos. Você se lembra daquele desfalque de cinqüenta contos que houve na loja?</p> <p><i>Sócio</i> – Sim.</p> <p><i>Moribundo</i> – Pois, fui eu.</p> <p><i>Sócio</i> – foi?</p> <p><i>Moribundo</i> – Foi. Você se lembra daquele princípio de incêndio que só destruiu a parte em que você tinha guardado as notas para receber?</p> <p><i>Sócio</i> – Lembro.</p> <p><i>Moribundo</i> – Pois fui eu que provoqueei o incêndio e recebi parte do dinheiro.</p> <p><i>Sócio</i> – Foi?</p> <p><i>Moribundo</i> – Foi. Você se lembra daquele arrombamento que os ladrões fizeram o ano passado?</p> <p><i>Sócio</i> – Lembro.</p> <p><i>Moribundo</i> – Pois fui eu que roubei a loja e depois forcei a porta.</p> <p><i>Sócio</i> – Foi?</p>

	<p><i>Moribundo</i> – Foi.  <i>Sócio</i> – Só fez isso?  <i>Moribundo</i> – Só.  <i>Sócio</i> – Pois então não se preocupe, amigo. Fui eu que envenenei você.  <i>Moribundo</i> – Foi?  <i>Sócio</i> – Foi.”</p>
Nº 2, abr. 46, p. 10	<p>“ <b>VAMOS RIR?</b></p> <p><b>TRISTEZA</b></p> <p>- Você é um homem feliz. Póde cantar enquanto trabalha. Eu, nem isso.  - Por que?  - Porque sou coveiro.  *  * *</p> <p><b>NÃO ERA PARA TANTO...</b></p> <p>Manoel esteve a ponto de dar 20 cruzeiros ao banhista que lhe salvára a vida. Entretanto, pensando melhor. Chegou á conclusão de que, ao ser tirado da água, achava-se sómente meio-afogado. Por isso, deu unicamente 10 cruzeiros...  *  * *</p> <p>- Esta goiabada não tem gosto de goiaba – reclama o freguês.  - Não é possível – explica. – Nós fazemos o doce, conforme a técnica, com 50% de goiaba e 50% de abobora.  - Como assim?  - Quer dizer: 1 goiaba, 1 abobora, 1 goiaba, 1 abobora.  *  * *</p> <p><b>CAÇADA</b></p> <p>- Escute amigo – uma raposa passou por aqui?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim.</li> <li>- Há quanto tempo?</li> <li>- Bem, não sei dizer precisamente. Mas foi aí pelo Natal do ano passado...</li> </ul>
Nº 3, mai.46, p. 15	<p style="text-align: center;"><b>VAMOS RIR?</b></p> <p style="text-align: center;"><b>COSTUME</b></p> <p>Num jogo de futebol um torcedor atrasado conversava com seu visinho da geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quanto está p jogo?</li> <li>- Zero a zero.</li> <li>- Já?</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>ESSA É DIFÍCIL</b></p> <p>No circo, no meio do espetáculo de magia, o mágico dirige-se aos espectadores:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Algum dos senhores quer que eu faça desaparecer alguma coisa?</li> <li>- Um assistente: - Sim, senhor! Eu!</li> <li>- O que é?</li> </ul> <p>Um furúnculo que me nasceu que me nasceu atrás do pescoço!</p> <p style="text-align: center;"><b>FILHO DE PEIXE</b></p> <p><i>A professora:</i> Vamos ver. Como é que você faria para encontrar o mínimo múltiplo comum?  <i>O filhinho do milionário:</i> Mandava o empregado procurar ou punha um anúncio no jornal.</p> <p style="text-align: center;"><b>OR (sic.) A EMENDA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Minha filha é tão medrosa, que quando ouvia qualquer ruído à noite, me despertava aos gritos de: “tem ladrão em casa!”</li> </ul>

	<p>- Ora, diga a ela que os ladrões quando entram não fazem barulho.  - Foi o que eu disse e foi pior. Agora toda vez que ela acorda e a casa está bem tranqüila ela me chama dizendo que deve haver ladrão em casa, pois não está ouvindo nada!</p> <p style="text-align: center;"><b>DECIDIDO</b></p> <p><i>O Professor conjuga:</i> Eu não vou, tu não vais, ele não vai, nós não vamos, vós não ides, eles não vão. Pedrinho, repita a conjugação!  <i>Pedrinho:</i> “Ninguém vai!”</p>
Nº 6, agos.46, p. 11	<p style="text-align: center;"><b>VAMOS RIR?</b></p> <p style="text-align: center;"><b>PANCADA NA CABEÇA</b></p> <p>- Que foi isso na cabeça?  - Quebrei a cabeça de encontro a um poste, num momento de distração.  - Puxa! Que maneira exquisita (sic) de se distrair...</p> <p style="text-align: center;"><b>CONDENADO A MORTE</b></p> <p>O CARRASCO – Coragem, meu amigo! Tome este cálice de conhaque. Está quasi (sic) na hora da sua execução.  O CONDENADO – Muito obrigado; o álcool faz-me perder a cabeça.</p> <p style="text-align: center;"><b>AO PÉ DA LETRA</b></p> <p>O conhecido escritor preocupa-se muito com as suas frases brilhantes, mas nem sempre é prudente e delicado. Apresentado recentemente a um garoto dotado de excepcionais aptidões, declarou as pessoas presentes que infelizmente os meninos prodígios quando crescem se transformam, em geral, em rematados imbecis.  Então, o garoto com a cara mais irritada deste mundo, lhe perguntou:  - O senhor foi também menino prodígio?</p>

	<p style="text-align: center;"><b>BOM CAÇADOR</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu andei caçando tigres na África...</li> <li>- Ora! Na África não há tigres...</li> <li>- Pois é claro. Eu matei-os todos!</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>NA FARMÁCIA</b></p> <p>O dono da farmácia admitiu um empregado novo e começou a dar-lhe algumas instruções. Ao chegar junto de um vidro enorme, cheio de uma água escura, disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Isto é um remédio “mais ou menos”, que se usa quando não se entende a letra da receita.... (sic.)</li> </ul>
Nº 7, set.46, p. 13	<p style="text-align: center;"><b>VAMOS RIR?</b></p> <p style="text-align: center;"><b>DEDUÇÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Veja esta fotografia minha. Repare como monto bem a cavalo.</li> <li>- Realmente, é um bom instantâneo.</li> <li>- Como adivinhou que é um instantâneo?</li> <li>- Porque você ainda não está montado...</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>EQUÍVOCO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Por favor, porteiro, podia pedir-me um taxi?</li> <li>- Insolente! Não vê que sou um almirante?</li> <li>- Diabo! Perdoe-me. Peça-me um submarino, então.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>ESPÍRITO PROGRESSISTA</b></p> <p>O homem para e pergunta ao pedinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Que é isso? Pede esmolas com dois chapéus?</li> <li>- É que o negócio vai indo bem e eu tive de aumentar o estabelecimento...</li> </ul>



	<p style="text-align: center;"><b>FIRME PROPÓSITO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O teu marido não faz nenhum tratamento para curar-se da sudez?</li> <li>- Qual nada! Ele diz que não irá ao médico, enquanto a nossa filha estiver aprendendo a tocar piano.</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>NO CONSULTÓRIO</b></p> <p>A senhora que se julga uma caixa de doenças, queixa-se ao médico:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O Sr. não imagina. Tenho gasto uma fortuna com os médicos há vários anos...</li> <li>- É pena que a senhora não tenha vindo consultar-me há mais tempo...</li> </ul>
Nº 8 e 9, ou./Nov.46, p 7	<p style="text-align: center;"><b>ENTRE FALSÁRIOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem me iniciou na carreira de falsário foi meu filho.</li> <li>- Como assim?</li> <li>- Êle pedia para eu assinar o nome da mãe dele nos boletins do colégio.</li> </ul>
Idem, p. 11	<p style="text-align: center;"><b>VAMOS RIR?</b></p> <p style="text-align: center;"><b>LÓGICA</b></p> <p>Frederico foi citado como testemunha num processo. Antes do início do depoimento, o juiz adverte-o:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não fale senão do que viu. Não se refira a nada do que sabe por ouvir dizer.</li> </ul> <p>Logo em seguida começa o interrogatório:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando nasceu?</li> <li>- Não posso dizer.</li> <li>- Não pode? – indaga espantado o juiz.</li> <li>- É verdade – responde Frederico. – É uma coisa que só sei por ouvir dizer...</li> </ul>

APÊNDICE G  
Entrevistas (\*\*)

ENTREVISTA 1

**Fátima** – Salvador, 29 de setembro de 2011. Eu vou conversar aqui com Dona Jane... Jane de que mesmo, o seu nome?

*Jane* – Meu nome é Joana Angélica Vieira Ribeiro. Agora eu tenho apelido de Jane porque quando eu conheci o meu marido, ele botou esse apelido em mim, e aí todo mundo gostou porque ele é pequeno, né? O outro nome é muito grande, aí fiquei... foi aceito por todo mundo e hoje eu... até eu me esqueço que sou Joana Angélica [risos pesquisadora]. Sou conhecida mais como Jane. Mas no Vieira... lá eu já era conhecida como Joana Angélica.

**Fátima** – A senhora ensinou no Vieira também?

*Jane* – Isso, ensinei 21 anos no Vieira.

**Fátima** – Ensinava o quê?

*Jane* – Português.

**Fátima** – Português... A senhora nasceu quando?

*Jane* – Eu nasci em 1923, tô com 88 anos.

**Fátima** – Olha que beleza e ainda com essa consciência.

*Jane* – Trabalhei, trabalhei... acho que por 60 anos... Eu me formei com 16 anos e comecei imediatamente a ensinar.

**Fátima** – Você se formou em pedagogia, foi?

*Jane* – Não, naquele tempo eu me formei professora primária, depois eu fiz biblioteconomia. Mas... lá na Escola Técnica mesmo eu trabalhei como bibliotecária, quer dizer, entrei como bibliotecária. Depois encontrei a situação educacional lá muito confusa, muito acabada, muito antipedagógica. Aí, a educadora falou mais alto, né? Como é... eu propus ao diretor, que era uma pessoa muito dinâmica, estava revolucionando a escola... foi quando passou à Escola Técnica, porque era Escola Industrial. Eu entrei ainda era Escola Industrial de Salvador. E foi logo que ele chegou, que passou a Escola Técnica.

**Fátima** – Como é o nome dele?

*Jane* – Ericsson Cavalcanti. Era engenheiro, um homem muito honesto, muito inteligente e não era pedagogo, mas era um homem instruído e foi muito bom diretor. Reformou a escola, adquiriu professores novos, funcionários novos... a biblioteca mesmo não tinha ninguém, era um depósito de livros empoeirados, né? Aí primeiro, eu fiz concurso para professora, mas tirei segundo lugar porque um aluno... um ex-aluno da casa me preteriu. E eu sei que foi isso, né, porque eu fiz até... tive uma reaçõzinha, né? Climério Oliveira, acho que era, Oliveira. Ele até já morreu. Trabalhou lá como professor muito tempo, depois morreu.

(\*\*) A transcrição buscou ser o mais literal possível, respeitando a fala dos interlocutores. Quando não audível, isso foi indicado pelo sinal [...].

**Fátima** – Ele tava na banca e... ?

*Jane* – Não, ele não tava na banca, ele concorreu também ao lugar de professor. Eu tenho consciência de que eu fiz melhor prova, sobretudo prática, muito melhor do que ele. E todo mundo achou, as pessoas que não eram partidárias, né? Mas já estava carta marcada porque ele tinha sido ex-aluno, era pessoa sem recurso, o pessoal queria ajudá-lo e era bom aluno, então ele ficou em primeiro lugar, e eu fiquei em segundo lugar. Quando o diretor, Doutor Ericsson, tomou posse, aí eu fui lá pra ver se conseguia nomeação, né? Mesmo assim. Já tendo concurso em segundo lugar. Mas foi uma época ruim porque foi aquela época, acho que de pós-guerra, né? Nós não távamos em guerra ainda. Aí eu fui, não havia assim nomeações, criaram... ele criou o cargo de bibliotecária. E como eu tinha terminado o curso de biblioteconomia, aí ele me nomeou bibliotecária, embora o salário fosse muito menor do que o de professor, e além disso a minha vocação sempre foi professora, né? Eu nasci professora, porque meus brinquedos eram .. era de escola, desde 7 anos de idade eu tinha uma escolinha com nome de político... Naquele tempo era João Pessoa por causa da revolução, Revolução de 30 e tal. Então eu queria ser mesmo era professora. Os livros também eram muito inadequados pra escola. Foram livros comprados à toa sem nenhuma... sem nenhum critério, porque eram livros... quer dizer livros bons, mas... tinha aquela coleção Brasileira, mas não tinha livros técnicos, não tinha nada assim com relação ao currículo escolar. Então, não era de interesse imediato, e ninguém frequentava a biblioteca. Aí eu fiz paralelamente: cuidei um pouco da biblioteca, botei em funcionamento... era pequena também. Classifiquei os livros, botei um funcionário, porque quando eu entrei lá, a escola era de nível praticamente primário, era um nível assim...

**Fátima** – Tinha primeiro, segundo, terceiro e quarto ano?

*Jane* – Quarto ano, era até quinto, eu acho. Isso eu não me lembro bem. Mas eram uns meninos muito pobres, de nível social paupíssimo [sic.], era uma meninada da Liberdade, que naquele tempo não era um bairro desenvolvido, era um bairro mesmo de quem não tinha recursos, né? Pobre, pobre, pobre... pessoas assim sem instrução nenhuma, os pais. E aí a meninada era assim; tinha 3 inspetores de ensino... de disciplina, de ensino não, de disciplina. Um era um católico beato, outro era um negro, mas que tinha um preconceito racial terrível contra os meninos, esses negros racistas, ele tinha raiva dos meninos, queria se... porque tinha posição de ser fiscal de disciplina, aí ficava perseguindo os meninos. E tinha um outro que era até comunista, por sinal, era o pai de Lídice da Mata [riso], Aurélio. Mas ficou muito meu amigo, nós éramos muito amigos porque ele era um rapaz inteligente, eu gostava dele. Mas naquela época nós tínhamos pontos de vistas bem diferentes, políticos, eu não era adepta do comunismo, e ele era comunista, que tinha aparelho no Pelourinho, né? Aí...

**Fátima** – Você era o quê?

*Jane* – Heim?

**Fátima** - Você seguia que linha? [Algumas perguntas Dona Jane não responde porque está com dificuldade de audição].

*Jane* – Aí quando eu vi o problema da escola que estava assim, os meninos eram orientados por essas três pessoas de disciplina, andavam de faca no bolso, de canivete, e eles de revólver. Aí eu fui ao diretor, e o diretor me teve muita consideração, gostou muito de mim e tal, soube também do problema do concurso, ele era um homem muito direito, Então ele quis mesmo resgatar o problema. E aí me deu muito apoio, né? Isso causou até um pouco de ciúme dos professores e tal, mas ele me deu total apoio porque eu estava interessada em trabalhar mesmo. Aí eu propus a ele a fazer um plano de orientação educacional paralelo à biblioteca. E a primeira atitude nossa foi tirar os três auxiliares de disciplina, tirar... não eram

três... eram quatro. Um queria estudar medicina, aí eu falei com ele [Dr. Ericsson]: “Vamos dar uma chance a esse rapaz a frequentar as aulas...”. Ele ia assim pro colégio... pra escola, mas depois saía pra aula. O outro era Aurélio, aí eu disse: “Bom, já que ele é comunista, vamos criar um almoxarifado - porque o colégio também era um gasto de papel, de lápis, tudo desaparecia, todo mundo... ninguém comprava nada pros filhos, todo mundo ia levando material do colégio - vamos organizar o almoxarifado e entregamos a Aurélio. Ele é materialista, vai cuidar de material” [risos]. O outro, esse [ininteligível, esse negro?], eu botei na biblioteca porque ele era até estudioso, era caprichoso, muito racista. Aí eu botei na biblioteca pra me ajudar, porque eu orientava ele, ele foi fazendo inventário dos livros, limpando os livros, arrumando mais ou menos, eu fazia a ficha principal, ele desdobrava, não sabe? Aí ficou como meu auxiliar, assim na minha direção, sem contato assim com os alunos maiores. E o outro que era beatinho, esse foi que eu deixei orientando sala de aula, assim... fazendo esse trabalho mesmo de auxiliar de disciplina. E esse não andava armado nem nada, era um camarada bonzinho, beato, mas rapaz jovem, né? Aí esse ficou na disciplina e os outros, eu botei pra outros lugares. E doutor Ericsson me dando toda força, todo apoio. E aí eu fiz um projeto de orientação educacional que estava nascendo no Brasil. Na Bahia não havia ainda orientador educacional. Meu irmão era orientador educacional no Rio, trabalhava com Lourenço Filho, pedagogo, que era Ministro neste tempo. Aí tinha um plano... um livro, o primeiro livro que saiu sobre orientação educacional. Aí me mandou esse livro. Em cima desse livro, eu fiz o projeto e apliquei. Aí criei um círculo de estudos, um tipo de gremiozinho pra eles, né? Fiz entrevistas com os pais, dei outro tratamento aos meninos, tirei esse tipo de coisa, conscientizei pra deixar arma, essas coisas todas, que eram revistos na entrada... Enfim, modifiquei todo o clima e organizei o Círculo, que eles ficaram muito entusiasmados, que eram meninos que nunca tinham visto nada. Então a gente tinha reunião de 15 em 15 dias do grêmio e ressuscitei o ex-jornalzinho.

**Fátima** – Então já existia um jornal anterior?

*Jane* – Já tinha existido, isso eu não sabia... só sabia o nome, porque o nome não fui eu quem botou.

**Fátima** – Sim, e o nome era esse, *O Aprendiz*?

*Jane* – Era esse, *O Aprendiz*, e eu ressuscitei *O Aprendiz*.

**Fátima** – Então vinha provavelmente ainda da Escola de Artífices, né?

*Jane* – Era da Escola de Artífices, é, do tempo da Escola de Artífices, exatamente. Mas aí eu não sei a origem, se foi em que governo, não sei nada. Só sei que quando Doutor Ericsson chegou, eu, pra criar mais uma atividade de interesse dos alunos e botar os meninos para escreverem e tal, eu ressuscitei o jornalzinho.

**Fátima** – E aí como foi? Como era que vocês se reuniam?

*Jane* – Eu fiz primeiro... Primeiro eu fiz assim uma eleição pra representante de sala, de classe, né? Expliquei a eles quais eram as atividades de representante de sala, mas de qualquer modo sabe como é, sempre escolhe... isso até hoje, sempre escolhe o aluno melhor, não escolhe o melhor líder, escolhe o aluno que é melhor. Mesmo assim, eu aceitei, orientei, mudei alguns e tal e fiquei. E com esses representantes de sala eu dava umas aulinhas assim de vez em quando, quer dizer, eu dava um roteirinho pra eles escreverem, eu fazia... ressuscitei o jornal, planejava de acordo com o mês, o calendário do ano, né? O calendário cívico e escolar e aí eu dava uns roteirinhos para os meninos escreverem, ensinando a escrever, dando orientação de redação, mas assim muito primária, eu fazia o roteiro: “o que é isso assim, assim?” Com a resposta deles, eles iam fazendo a composiçãozinha. Aí eles foram começando a escrever nesse sentindo. Depois foram melhorando, melhorando, e eu fazia a correção com eles. É

claro que eu corrigia muita coisa, às vezes ficava... mas o estímulo era o que eu mais queria no momento, era eles se sentirem importantes e... pessoas.

**Fátima** – Então a pauta quem já dava era você, não era?

*Jane* – Era, eu dava a pauta. “Olha esse mês são esses problemas São João, São João... você é de quê? Você é da oficina de sapataria, você vai escrever sobre sapato, você vai escrever sobre mecânica...” Aí eu fazia o roteirinho, para eles responderem, na medida em que eles respondiam já estavam fazendo o artigozinho.

**Fátima** – Mas, você fez uma equipe? Participavam que alunos?

*Jane* – Não, tinha um grupo maior que participava no Grêmio.

**Fátima** – Sim, mas então era com esses alunos do Grêmio?

*Jane* – Sim, era mais ou menos um Grêmio, inclusive um morreu há pouco tempo, que ele até esteve aqui, me ofereceu um livro dele também. Era engenheiro, professor da universidade, é... esqueci agora o nome dele. Escrevia, tem o nome dele em quase todos os números do jornal.

**Fátima** – E essa orientação educacional que a senhora fazia? A senhora se reunia com os professores?

*Jane* – Não, os professores reagiram muito negativamente. Acharam... eram umas pessoas assim... tinha umas irmãs de Pedro Calmon... Tinham umas irmãs de Pedro Calmon, tinham outras pessoas assim, amigas delas... No começo reagiram muito, achando que eu estava sendo muito prestigiada e elas desprestigiadas pelo diretor. Realmente não eram muito prestigiadas, porque também eram muito pretensiosas. Havia assim um clima de professor acadêmico, eram os professores de letras, esses eram chamados de professores. Os professores das oficinas, eles só chamavam de mestres, achando mestre... mestre de ofício, né? Aí eu acabei isso, tudo o que eu botava, eu botava: “Professor - O pessoal da oficina todo – professor...” Tá ensinando é professor

**Fátima** – Igualando, NE?!

*Jane* – Porque os mestres eles achavam... porque os mestres quase todos eram escuros, mulatos, gente mais...gente de ofício mesmo. Pessoas que se formaram com ofício, porque naquele tempo não havia escolas técnicas. Então tinha... a tipografia mesmo era ótima. Professor Luís era muito bom. O jornal era feito na tipografia pelos próprios alunos. A composição ainda era manual. A composição ainda era manual, ainda não tinha linotipo. Eles faziam catando cada letrelinha, e tinha aquelas coisas de madeira, aqueles balcões de madeira, divididos assim com o alfabeto todo, a... tudo era tipo a, b, c,d, em cada coisa tinha uma letrelinha do alfabeto. Então eles iam compondo. Primeiro o a, depois o e...

**Fátima** – Muito bem feito! Porque você vê que não tem erro...

*Jane* – Mas eu corrigia, trazia para casa, trabalhava aqui...

**Fátima** – Depois que eles faziam, você corrigia?

*Jane* – Aí eu corrigia primeiro em sala com ele, nessas aulinhas que dava de tarde, na hora das oficinas, eu chamava um pouco e corrigia.

**Fátima** – Mas você ía em todas as salas ou nas salas que tinham os alunos [que faziam o jornal]?

*Jane* – Na sala, eu chamava esses meninos. Não podia chamar o colégio todo, porque era muito grande. Aí eu chamava o grupo, aqueles melhorezinhos, aí eles iam e escreviam, mas eu chamava todo mundo, mandava convidar todo mundo.

**Fátima** – Quem quisesse...

*Jane* – Quem quisesse. Mas aceitavam os que eram mais intelectuais [risos], mais pretensiosos.

**Fátima** – E as ilustrações quem fazia?

*Jane* – Também era gravura, porque nós tínhamos...lá tinha tudo. Tinha a tipografia que era ótima, tinha gravura que era muito boa, tinha um professor, Eduardo Lemos Brito, que era maravilhoso nos desenhos. Ele é que fazia... aqui é fotografia [fala isso mostrando uma capa de uma das edições que eu levei], mas tem uns que são desenhos. Esse aqui mesmo foi aluno que fez mesmo.

**Fátima** – Olha, e é colorido, um colorido bonito.

*Jane* – Aí é desenho, é colorido. Entendeu? Era Eduardo Lemos que contribuía muito bem. Então eu trabalhava com essa equipe. Com o professor de tipografia, o professor de gravura, para fazer os clichés, fazer os desenhos. O professor de desenho que era Eduardo, um rapaz muito simples, muito bom. Isso aqui tudo era recheio, inclusive esse símbolo, né? Era do colégio, era do jornalzinho, *O Aprendiz* [mostra o logotipo do jornal, enquanto fala].

**Fátima** – Era do jornal antigo, vocês mantiveram...?

*Jane* – Tudo isto aqui eu mantive. Eu ressuscitei o jornal. Eu não fundei o jornal. Ressuscitei o jornal. E aí ficava... todo o mês fazia. Sempre de acordo com o calendário escolar. Um artigo assim, sempre, sobre... o editorial sempre assim sobre a data cívica ou a data principal, o dia das crianças. Enfim a data que fosse...

**Fátima** – O editorial era a senhora que escrevia?

*Jane* – Ou eu ou então uma professora que tinha lá também que era muito minha amiga, que era funcionária da biblioteca ...da secretaria, era uma moça muito inteligente, era professora também. Muito inteligente por sinal e... e ela escrevia, Marieta Lobão Gumes, deve ter muita coisa dela aí. Ela colaborava muito. Então editorial ou eu fazia, ou ele[ela] fazia, às vezes uma ou outra pessoa assim também fazia. Inclusive Climério já ajudava.

**Fátima** – E como era que você selecionava os textos? Você via quais eram os textos que seroam melhores? Você dava para cada um ou dava um tema para todos? Ou como era?

*Jane* – Mas não eram muitos. O grupo de jornal era um grupo relativamente pequeno.

**Fátima** – Uns dez alunos?

*Jane* – Era mais ou menos isso, dez a doze alunos, por aí assim. E esse... esses alunos, então aproveitava de todos.

**Fátima** – Você já distribuía por tema?

*Jane* – Já distribuía por tema. Eu fazia um roteirinho sobre o tema. O tema técnico, o sapato, “Como faz sapato? É de couro...é de plástico?”, entendeu? Fazia umas perguntinhas que condiziam às respostas que eles iriam constituir um texto.

**Fátima** – Esses temas históricos também? Por exemplo, a República.

*Jane* – Não, histórico era geralmente feito por adultos. Os temas históricos maiores assim... aqui aparece o do aluno Nelson Silveira, foi uma palestra de um aluno. Tinham umas meninas, também, já do curso técnico, a Albanise e essa menina Lígia Sampaio, que hoje é até artista plástica, uma senhora já. Foi de lá. Essa também era um pouco do partido das... do contra [risos]. Mas a Albanise colaborava muito comigo, entendeu? Olha aqui, aqui botava o nome do menino e o aluno... e a série, 5ª série, 6ª série, entendeu? Aqui tinha 5ª série. Não, aqui era 3ª série.

**Fátima** – Eu só vi até 4ª série.

*Jane* – É, eu acho que é 4ª série. Bom e aqui... Esse aqui eu não sei se foi eu ou se foi... veja a continuação disso aqui, pra ver se foi eu ou Marieta. [eu paro e procuro localizar a continuação do texto que D. Jane pediu.]

**Fátima** – Tem um aqui, mas eu não sei se é esse. Depois a gente pode ver. Porque eu tenho que encontrar esse conjunto, entendeu? Porque aí eu poderia até fazer um levantamento com a senhora, lembrando dos textos que foi você que escreveu mesmo.

*Jane* - Os que eu escrevi, eu não botava nome porque eu era a editora do jornal, né?

**Fátima** – Mas você disse que teve alguns editoriais que você não escreveu, que foram outras pessoas.

*Jane* – Eu sei. Mas, os que não tem, tem o nome de Marieta, tem o nome também de um... de outro professor de desenho, Luís, que de vez em quando ele colaborava. Tinha assim um ou outro que de vez em quando colaborava.

**Fátima** – Sim, e vocês mantinham essa publicação, era mensal mesmo...?

*Jane* – Era mensal.

**Fátima** – E não tinha dificuldade alguma pro jornal sair?

*Jane* – Eu dava duro. EU dava duro porque eu levava tudo isso pra casa pra poder consertar as redaçõezinhas, né?

**Fátima** – Tem um agora lá [no IFBA] que eu é que coordeno. Já tem uns seis anos.

*Jane* – Um jornal, é?

**Fátima** – *Lente Azul* que chama.

*Jane* – Como é?

**Fátima** – *Lente Azul* por causa da farda. Agora a farda mudou, a gente vai mudar de nome.

*Jane* – Busca um nome técnico assim, mais técnico. Porque a gente tem muito que criar é um clima de tecnologia porque o que acontecia muito no colégio, na escola, era o seguinte. Os meninos iam pra lá, mas os que se destacavam, os que conseguiam aprender... porque eles não saiam muito preparados não. Mas os que se destacavam mais, como Climério, que foi esse que fez o concurso e passou, esses, quase todos iam pra faculdade de engenharia, terminavam fazendo vestibular. Faziam depois cursinho e iam fazer vestibular. Em vez de... A finalidade do colégio era criar técnicos, operários, né? Naquele tempo, era operário mesmo, não era nem técnico. Era operário. Era tipógrafo, era sapateiro, era gravador, essas coisas. E aí o que é que eles faziam... estudavam como se fosse um curso primário, aí ia pra outro colégio e continuavam... os mais inteligentes, que rendiam, estudavam em outro colégio de segundo grau e aí terminava na faculdade. Climério era um exemplo desses.

**Fátima** – Sim, a senhora retomou esse jornal em que ano, 1944... e funcionou até quando?

*Jane* – Até 1900 e... Foram 4 anos.

**Fátima** – 1944, 45, 46, 47, 48...

*Jane* – Acho que foi isso aí. Eu saí em 49, me casei em 49. 47, eu acho, porque 48 eu me chateei um pouquinho lá. 47 ou 48, 4 anos.

**Fátima** – E a senhora parou por quê? Por que se chateou?

*Jane* – Bom, primeiro eu já tava noiva pra me casar, né? E aí teve um aborrecimentozinho... eu aí deixei. “Ah, eu tou me acabando muito por causa dessa escola e sem reconhecimento assim...”. Quer dizer, o Diretor foi até padrinho de meu casamento, de testemunha. Mas assim as

peessoas de um modo geral.

**Fátima** – E esse jornal, qual era a... vocês rodavam quantos... a quantidade: mil, quinhentos?

*Jane* – Era uma quantidade boa, mas aí eu não sei lhe dizer mais... Não tenho nem ideia. Agora nós fazíamos uns em papel cuchê, que era aquele papel acetinado, e esses mandávamos para as escolas do Brasil todo. Inclusive para o ministério, pra o ministro da Educação, o diretor de Educação, todo o pessoal da área. O diretor do ensino industrial, que era Doutor Montojos. Aí mandava... eu tinha... acho que ainda tenho até isso aí: o agradecimento dele, cartõeszinhos que ele escrevia. Acho que eu tenho. As pessoas respondiam elogiando... Todo mês eles agradeciam.

**Fátima** – E comentavam também as matérias?

*Jane* – Não, sempre faziam um elogio assim generalizado. Os diretores de escola... porque tinha escolas no Brasil todo, né? Eu mandava pra todas as escolas. Aí esses eu mandava em papel cuchê. E fazia assim pra meninada toda, os alunos todos do colégio...

**Fátima** – Vocês distribuíam na sala ou mandavam pegar na Biblioteca?

*Jane* – Não, mandava distribuir na sala... Esses detalhes um pouquinho eu já não me lembro muito mais, não. Mas eu acho que eu mandava distribuir nas salas. Dava a um rapazinho e ele distribuía na sala, na entrada... eu não me lembro isso aí muito bem. Mas eles tinham muito interesse, muito entusiasmo, se sentiam muito prestigiados, não sabe?

**Fátima** – Quando a senhora fez esse projeto dessa orientação, o jornal já tava incluído, como uma das atividades? Chegou a ter uma redação desse projeto?

*Jane* – Não, não. Eu tinha um relatório que eu mandei pra Doutor Montojos depois já de anos de trabalho. Porque teve uma vez um técnico de lá, Doutor... me esqueço o nome. Veio ver o trabalho. Porque ele teve notícia, né? O rapaz veio, e aí por ele eu mandei um relatório das atividades que eu já tinha realizado.

**Fátima** – O jornal e outras atividades?

*Jane* – É. O Círculo ... Tinha o Círculo de Estudos, que eu tou dizendo que era o gremiozinho, né? Esse Círculo de Estudos que inclusive o jornal era muito o resultado das atividades do Círculo de Estudos. Palestras que os meninos apresentavam... não eram palestras, falavam um bocadinho, né? Criamos um coral com o professor de música, – esse professor que me ajudava também muito, muito, era Gerson Simões Dias. Era professor dos Maristas e era professor de canto orfeônico. Naquele tempo que tinha canto orfeônico nas escolas. Nós tínhamos dois: tínhamos uma moça e tínhamos Gerson. Mas Gerson era educador também além de ser professor. Era muito educador. Então ele me ajudava nas disci-... porque tinha muito problema de sexo lá, né? Os meninos... inclusive comigo, eles botavam nos banheiros que eu era namorada de Doutor Ericsson. Essas coisas... essas pornografias no banheiro. Quase toda semana, doutor Ericsson mandava pintar porque eles botavam desenho, besteira... Cê sabe como é a história, né? E aí ele ficava muito preocupado porque pensava que eu ficasse sentida... E eu conheço menino, não dava a menor importância. Mas ele ficava, Doutor Ericsson, não deixava, né? Pra não repercutir também a fama, as coisas. Aí ele mandava pintar...

**Fátima** – Inventavam que você tinha um caso com o diretor?

*Jane* – Não era só comigo não. As professoras também... era coisa de menino. Aí faziam muito. Mas ele ficava muito preocupado quando botavam meu nome... [Risos] porque achava que ia me ofender.

**Fátima** – E a senhora conhecia na época as ideias de Freinet? Daquele Celestin Freinet, que era um francês que trabalhou com o jornal escolar na



França?

*Jane* – Não, não. Eu tinha um livro sobre o jornal. Que por sinal esse livro eu emprestei a uma pessoa que nunca mais me devolveu, sobre jornais escolares.

**Fátima** – Não lembra quem é o autor, não?

*Jane* – Não.

**Fátima** – E quem é essa pessoa?

*Jane* – Ah, essa pessoa foi noivo de minha filha. Nem me procura mais, eles acabaram.

**Fátima** – Mas eu poderia procurar pra ver se ele devolve esse livro, não?

*Jane* – Não. Não acha não. Não deve ter não. Oh, minha filha isso tem quantos anos que eu deixei... 1973... As traças já devem ter comido.

**Fátima** – O nome era “O Jornal Escolar” é?

*Jane* – “Jornais Escolares”. É. Eu me lembro até assim da... da feição dele.

**Fátima** – Depois a gente pode procurar na internet. Quem sabe aparece a capa.

*Jane* – Ah, deve ter outros livros aí. A essa altura deve ter muitos...

**Fátima** – Tem muitos, ontem mesmo eu comprei um. Tem o do próprio Freinet, que é de 1977.

*Jane* – Esse eu não conhecia não.

**Fátima** – Porque ele trabalhava o jornal na escola, agora mais por sala mesmo, dentro da sala. Uma redação livre mais com as crianças.

*Jane* – Não, não, não. A minha coisa não é uma coisa... uma coisa técnica assim. É um projeto que eu fiz, agora tinha assim.. tinha as reuniões. Então nas reuniões eu também... a gente resolvia assuntos pra falar, né? Principalmente assuntos técnicos porque o problema de lá todo era esse, né? Tinha Pan-americana, tinha o torno mecânico... eu botava um pouco dos assuntos gerais pra também ele ser socialmente, né? E botava sempre assuntos técnicos.

**Fátima** – Sim, mas ele não é desenvolvido em coluna... tem... tem algumas colunas, né? “Correio escolar”...

*Jane* – Tem, tinha... “Correio escolar” tinha todo mês porque a gente recebia também de outros colégios. Olha: “Círculo de Estudos”, era a reprodução...

**Fátima** – Era outra coluna?

*Jane* – Não. O Círculo não tinha coluna firme, não. Mas quando tinha atividade do Círculo de Estudos, a gente botava.

**Fátima** – Você lembra as colunas?

*Jane* – As colunas eram: Social, Aniversário deles, que eu botava. Eles gostavam muito, né? Os aniversariantes... Eles se sentiam prestigiados, né?

**Fátima** – Tinha também a coluna de cultura, né? Jogos...? Mas não tinha nome.

*Jane* – É, não tinha nome definitivo, não. Nome definitivo só tinha o Correio Escolar, era...como é?...a coluna dos aniversariantes, essa parte de charadas, sempre eu organizava umas charadinhas, uma coisa dessas, esses jogos de palavras, para eles desenvolverem o raciocínio, né? E “O Aprendiz Social”, aí que era Aniversário, essa coisa. Essa coluna aqui tinha: a Biblioteca, o Movimento da Biblioteca, entendeu?

**Fátima** – Sempre, todo mês tinha, você fazia o levantamento... Era você que fazia?

*Jane* – Tudo, tudo, tudo eu que fazia. Tudo, tudo, tudo, tudo. Quer dizer: o levantamento era feito na Biblioteca. Eu fazia e Aderbal fazia também.

**Fátima** – Vem cá, teve alguma polêmica, a partir da leitura de algum texto que foi publicado... algum questionamento da Direção ou por parte do professor?

*Jane* – Não, não. Quem falava um pouquinho era Lígia Sampaio, porque ela já era metida assim a intelectual, artista e tal. Ela criticava um pouco... porque ela com as Calmons, achando que não eram os meninos que escreviam, que eu escrevia pelos meninos. Eu naturalmente que melhorava muito porque os meninos não tinham redação nenhuma. Mas aproveitava as ideias dos meninos e ia, com simplicidade... Cê vê, os artigos dos meninos tem coisa de menino mesmo, redação de menino mesmo, eu procurava... Mas eu tinha de consertar concordância e tudo. Não podia botar como eles botavam, né?

**Fátima** – Você fazia mais uma revisão de concordância e tal ou mudava a estrutura?

*Jane* – Não, não mudava a estrutura. Eu fazia a correção na sala de aula... Quando eu fazia as reuniõezinhas pra corrigir, eu ia explicando, dava uma aulinha, né? Com esse erro aqui, não dava assunto, não era professora de português deles. Mas corrigia e... era um ensino ocasional. Isso aqui, oi: “Porque não concordou o sujeito com o verbo, o verbo com o sujeito e tal”. Explicava por que tinham errado. Com isso, iam melhorando um pouquinho. E outra coisa também, quando eu cheguei lá, todas as salas tinham... como era? Patrono. Mas os patronos eram todos da literatura brasileira. Não tinha ninguém de técnica. O clima era todo literário lá. Quer dizer, os professores acadêmicos tinham muito mais mérito do que os professores de ofício. O negócio era esse, viu? A escola era técnica. Nem era técnica, era escola de operário, pra fazer operário. Naquele tempo que começou a industrialização do Brasil com Getúlio Vargas, essas coisas. Então o problema era criar qualificação de operários. Mas o pessoal... Inclusive os professores acadêmicos se achavam mais importantes. E era como se fosse uma escola, a escola que não fosse profissional. Então a nossa preocupação maior era criar esse espírito de profissionalismo nos meninos, era produzir operários qualificados. Depois técnicos. Quando criou a Escola Técnica, que passou a ter o segundo grau, aí já teve matérias: desenho industrial e outras matérias assim. Mas no começo não, era ofício mesmo. Era tipografia, gravura, mecânica, serralheria, era desenho técnico, que era mais? Tinha mais. Era muita coisa... Carpintaria, marcenaria, por sinal a carpintaria era muito boa, a marcenaria. Marcenaria, carpintaria, serralheria, fundição...é, tipografia, encadernação, gravura... gravura... Aí você vai encontrar. Então...

**Fátima** – Peraí que eu vou virar aqui a fita, para não perder.

## LADO B

**Fátima** – A senhora nasceu aqui em Salvador mesmo?

*Jane* – Sim, junto do Fórum Ruy Barbosa ... eu me...[ininteligível].

**Fátima** – E sua mãe era de onde?

*Jane* – Minha mãe era daqui. Todo mundo... Minha família toda era daqui.

**Fátima** – Como era o nome de sua mãe?

*Jane* – Guiomar.

**Fátima** – Ela foi alfabetizada? Ela era... ?

*Jane* – Não, mamãe só era alfabetizada. Só tinha o curso primário. Mamãe e papai, os dois.

**Fátima** – Liam e escreviam?

*Jane* – Ah, sim, e bem. Porque naquele tempo, do primário, se saía escrevendo bem. Hoje não. Hoje os meninos saem da faculdade, escrevendo besteira.

**Fátima** – E eles fizeram primário...

*Jane* – Escola pública. Mamãe e papai. Papai à noite, que ele trabalhou desde menino, desde 8 anos de idade. Com o irmão.

**Fátima** – Ela era dona de casa. E ele, era o quê?

*Jane* – Comerciante. A “Nova Cruzada”, ali junto do Plano Inclinado. Ele tinha três casas comerciais, a principal, a matriz, era lá. Nova Cruzada.

**Fátima** – E a senhora estudou o primário onde?

*Jane* – Eu estudei no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, da maior pedagoga da Bahia na época: professora Anfrísia Santiago. Não sei se você já ouviu falar.

**Fátima** – Já ouvi falar. Teve um Colégio Anfrísia Santiago, o primeiro que ela inventou...

*Jane* – Não, depois, uma aluna do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, três alunas, fundaram o colégio Anfrísia Santiago. Hoje ainda tem um público. O particular acabou. Porque tinha um particular ali no Campo da Pólvora.

**Fátima** – Que era esse que a senhora estudou?

*Jane* – Não. Eu estudei no de Dona Anfrísia. Onde é hoje em dia ... ah, hoje é a Escola Anfrísia Santiago. Do Estado. É aquele prédio que tem no começo da Ladeira da Fonte Nova. Aquela ladeira que tem ali em Nazaré que vai pra o estádio.

**Fátima** – Na época então era... Como era o nome do colégio?

*Jane* – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Dona Anfrísia era diretora.

**Fátima** – A senhora tem algum material... guardou cadernos, manuscritos dessa época...?

*Jane* – Meus?! [Risos]

**Fátima** – Seus... Você guardou?

*Jane* – Eu tenho muita coisa, minha filha. Eu tenho minhas escritas de férias do primário. O primário eu estudei no Instituto Feminino... No Instituto Baiano de Ensino, do professor Hugo Baltazar de Silveira. Onde a maioria da minha geração de colégio particular estudou lá.

**Fátima** – A senhora guardou cadernos, não? Tem cadernos...?

*Jane* – Cadernos não.

**Fátima** – Cadernos de prova? Lembra que tinha aqueles cadernos de prova de final de ano?

*Jane* – Eu tenho as escritas de férias, que a gente fazia. No fim do ano era escrita de férias. Isso eu posso até lhe mostrar.

**Fátima** – Sim. Daqui a pouco. Vamos terminar logo essa entrevista sobre o jornal.

*Jane* – Sim, mas o que havia nas salas de aula era assim os patronos. Era Castro Alves, era Olavo Bilac, Fagundes Varela, enfim, não tinha nada

a ver com o...

**Fátima** – Com a educação tecnológica. Cada sala tinha um patrono, é?

*Jane* – Cada sala tinha um retrato grande assim, maior do que esse relógio. [um relógio de parede retangular, do quarto de Jane]. Mais ou menos como o relógio, o retrato. Aí, isso aí foi até... quer dizer, eu sugeri, quem fez foi o diretor, que eu também não podia fazer. Nós descemos esses retratos todos e botamos o retrato de pessoas das indústrias: Mauá... Figuras que tinham se projetado dentro da técnica, né? Aí botamos tudo. Tudo isso causava uma revolução horrível. As professoras, as Calmons, então, eram terríveis. Depois eu fui conquistando, não sabe? Que eu não levava a sério. Fui agradando... tem alguma coisa escrita por ela também aí. Romana de vez em quando colaborava, já no fim.

**Fátima** – Romana era Calmon?

*Jane* – Romana é uma delas, né? Já morreram, né? Irmãs de Jorge Calmon e Pedro Calmon. Romana já colaborava um pouco. Dulce também, acho que teve uma vez, que Dulce fez. E... sim, aí descemos todos os... literatos e botamos Mauá, Tarquínio... Luís Tarquínio... Os meninos escreviam... Eu mandava procurar sobre a vida de Luís Tarquínio, fazia pesquisazinhas com eles, dava orientação sobre a vida de Luís Tarquínio, que tinha aquela fabrica na Calçada, né? O primeiro homem, pioneiro na Bahia, de assistência ao proletariado. Ele tinha aquele prédio, era a fábrica, e tinha o conjunto de casas, os operários moravam junto da fábrica, tinham a fábrica... Você conhece isso, é?

**Fátima** – Sim, mais ou menos.

*Jane* – Ali na Calçada. Mas tá fechado até hoje. Uma coisa incrível, um negócio daquele ficar parado. Mas, ele tinha a fábrica e tinha as casinhas pequenas junto, era um complexo de apartamentozinhos, eram térreos. Onde o operário morava. Mas teve a visão de direitos humanos, né? Então, Luís Tarquínio, é... Mauá. Agora eu não me lembro dos outros nomes. Mas tudo figuras... é, o Casal Clean... Pessoas assim que se destacaram em ciência e tecnologia. E eles escreviam sobre essas figuras. A gente pesquisava, eu levava pra biblioteca, eles olhavam a enciclopédia, os dicionários e iam escrevendo. Na certa elas criticavam um pouco porque eu ajudava... claro que eu tinha que ajudar, os meninos não sabiam nada, eu ia ensinando aos meninos a fazer essas coisas. Tinha que ajudar.

**Fátima** – Teve uma primeira reunião com a direção, pra vocês começarem a afazer o jornal?

*Jane* – Eu conversava com o Diretor só. Havia esse ambiente de...

**Fátima** – Então, mais ou menos, você é que foi mesmo a cabeça de retomar esse projeto.

*Jane* – A única, com o apoio dele, apoio de professor Luís, que era técnico... O professor Luís Oliveira Santos. Ele era da tipografia. O pessoal das técnicas todos gostavam de mim porque eu comecei a valorizar, né? Então, tinha a maior facilidade nas oficinas todas.

**Fátima** – Então... sempre os temas... nada de criticar a Direção...?

*Jane* – Não, não. Crítica de... nem de professor, no jornal não tinha não... Só educativa. O calendário era esse. Era o calendário histórico e o calendário, principalmente... calendário não... Mas os assuntos de tecnologia. O trabalho que eles faziam, que era: aluno de desenho, tem um negócio de um sapato aí também, não sei se você já viu? [referência de memória a uma matéria de aluno publicada em um dos números do jornal].

**Fátima** Pode ser que esse número não tenha aqui.

*Jane* – É sapato, o mecânico, sobre mecanografia... agora também... [interrupção, meu telefone celular toca. esqueci de colocar no silencioso.]

*Jane* – Olha aqui o nome de Gerson Simões Dias. Albanísia, que eu falei que ela colaborava, Gerson Simões Dias, Nelson Silveira... Olha aqui o de Maria Romana... Elas faziam perseguição a mim, faziam crítica, mas eu não ia... ia jogando pra fora. Vamos em frente, vamos em frente. Quando tinha qualquer coisa, aniversário, elas gostavam de fazer discurso. Aniversário da escola ou alguma coisa... Eu convidava, ia prestigiando... No fim, eu conquistei todo mundo, entendeu? Mas eu sempre... eu não criava clima de , não. Agora me entendia mais com o pessoal da... das oficinas. Eu tinha essa equipe muito boa. Que era o professor de tipografia, o professor de encadernação, que também fez um trabalho junto da biblioteca, encadernando as obras boas que tinham pra encadernar. Ele trabalhava comigo em assistência à Biblioteca. E... esse menino, Eduardo, que era o desenho, era a equipe que fazia os desenhos. Tinha Marieta, que colaborava muito comigo nos editoriais, nas coisas também, nas matérias, né? A interpretação de uma fábula... tudo isso eu ia ensinando a eles, o que era fábula e tal. Também botava tudo que fosse pra educação, não sabe? Olha aqui... graça, “Vamos rir”, anedotas, eu pedia pra eles levarem. Aí eu retocava as anedotas, essas bobagens. Mas eles faziam, agora faziam muito modestamente... Você sabe que é difícil. Hoje em dia, pra adulto é difícil você conseguir essas coisas, ainda mais com menino. Olha aqui: “O átomo essa maravilha!”

**Fátima** – E como as professoras de português viam o seu trabalho?

*Jane* – Ah, as professoras de português eram péssimas.

**Fátima** – É, né?

*Jane* – É.

**Fátima** – Não trabalhavam a produção de texto com os alunos?

*Jane* – Não, eu pedia muito a elas pra orientar em redação, mas elas não faziam isso não.

**Fátima** – Olha, esse daqui tem um texto histórico: “A vitória do Riachuelo.” Foi um menino que fez.

*Jane* – Eu, sempre o assunto histórico, eu...

**Fátima** – Aí você dava as perguntas pra eles desenvolverem?

*Jane* – Também, dava. Olha aqui, oi: “Oscar de Santos da... “[lendo nome no jornal] Nem me lembro desse.

**Fátima** – E vocês tinham um local lá?

*Jane* – Tinha a biblioteca.

**Fátima** – Vocês se reuniam lá com os alunos?

*Jane* – É. Quer dizer, essa... A correção de coisas eu fazia em sala de aula. Mas a orientação do jornal, essas coisas, era na biblioteca.

**Fátima** – Vocês faziam reuniões quando? Semanais? Como era?

*Jane* – Nós tínhamos as reuniões do Círculo de Estudos, que eram quinzenais. Agora os meninos eu chamava assim no recreio porque eles tinham aula e tinham [inaudível] tipográfica, eu não podia tirar os meninos da sala de aula toda hora não. Olha aqui: “Amazônia”, tá vendo? “Cana-de-açúcar”... esses assuntos todos assim.

**Fátima** – Estavam ligados ao calendário acadêmico...?

*Jane* – O calendário técnico, que era o calendário ... coisa... e o calendário mais ou menos histórico. O calendário normal do ano. Feriados e tudo. Sempre tinha qualquer coisinha. Pra eles ficarem acompanhando. Saber por que tinha os feriados, essas coisas, né? Hoje em dia todo

mundo adora os feriados, mas ninguém sabe por que é o Dia de Tiradentes, quem foi Tiradentes, eles não sabem, tem gente que não sabe, do povo.

**Fátima** – Eu tava lendo um editorial, que provavelmente foi você que escreveu, que falava do retorno, da volta à escola. Eu achei tão afetivo...

*Jane* Ah, sim. Aquele é meu, é. Para os meninos, né?

**Fátima** – É. Você dizendo que eles voltaram de férias... que você sentiu falta deles... [Na verdade, o enunciador do texto é o próprio jornal *O Aprendiz*]

*Jane* – Que estava na biblioteca... Pois é.

**Fátima** – Eu achei muito afetivo, assim.

*Jane* – A gente fazia as coisas assim muito simples, porque a linguagem da gente devia ser muito simples pra eles entenderem e gostarem. Não podia ser empolado, né? Tudo assim muito ao nível de... de meninos, [ignorantes? ininteligível], porque eles eram muito muito atrasados.

**Fátima** – E qual foi o significado pra senhora de ter trabalhado com esse jornal?

*Jane* – Ah, pra mim foi uma maravilha. Eu tenho até no meu discurso aqui, eu falo isso. Aí já é outra coisa. É o livro que eu tou fazendo, né? E que eu... Eu também sou da Academia de Nossa Senhora. Então sempre que eu falo [inaudível] e tudo, eu falo sobre isso. Pra mim a Escola Técnica... Eu trabalhei muito em colégio religioso, quer dizer, eu estudei em colégio religioso. O colégio de Dona Anfrísia era religioso. Depois... Depois eu trabalhei lá na Escola Técnica. Não. Primeiro, quando eu me formei logo, no primeiro ano, eu trabalhei até no Curso de Admissão. Ensinei logo no próprio colégio que eu me formei.

**Fátima** – Foi esse de Dona Anfrísia?

*Jane* – Foi. Aí eu trabalhei anos nesse colégio.

**Fátima** – O curso chamava como na época? Pedagogia? Como era na época.

*Jane* – Era. Tinha o Curso Pedagógico, era o curso pedagógico. Tinha os dois anos fundamentais e tinham quatro anos normais, que eram pedagógicos.

**Fátima** – E a senhora lembra o período? Cê fez esses 8 anos lá?

*Jane* – Não. Seis anos. Os dois fundamentais – o básico, era o Curso Básico, e depois tinha quatro pedagógicos. Mas, nesse meio, teve uma reforma que passou a quatro básicos, que era o ginásio normal, com dois pedagógicos. Eu me formei já nessa época. Não me formei mais no colégio de Dona Anfrísia, porque Dona Anfrísia teve um caso, um problema com o secretário de Educação, naquela época era Isaías Alves, irmão de Landulfo Alves, que foi governador da Bahia. O problema dela foi o seguinte. Ele teve razão e ela também teve. Ele, porque ele quis... os colégios... os colégios normais, de curso normal, pra formar professoras primárias, decaíram muito porque se multiplicaram, como hoje estão fazendo com as faculdades – tem faculdade, pra quem quiser ser doutor, tem faculdade, né? Mas tem faculdade que não presta aí, que o povo sai pior do que entrou. Então, naquela época, era o curso pedagógico, era bom. Toda mulher fazia curso pedagógico, não fazia medicina, não fazia engenharia... Não era comum. Era uma em cada turma, duas, no máximo. Estava iniciando a mulher entrar. Então as mulheres... quase toda mulher fazia o curso pedagógico, era o máximo que tinha. Depois foi que entrou biblioteconomia, foi entrando aos poucos, eu fiz biblioteconomia ainda... quando eu fiz não era ainda nem reconhecido pela universidade. Fiz o curso livre de quatro anos, mas fiz. Depois foi que

foi... depois de eu casada foi que foi reconhecido pela universidade. Então... sim, o que é que eu estava dizendo? Sim, então os cursos normais estavam sendo degradantes. Todo mundo abria colégio normal. E aí Isaías foi um secretário muito bom de educação.

**Fátima** – Isaías Alves?

*Jane* – Isaías Alves. Então o que foi que ele fez? Ele fez um decreto regulando esse negócio. Dona Anfrísia, como o curso dela era muito bom, realmente, nossos professores... só tínhamos professores de faculdade. Nós não tínhamos professor comum como hoje tem no ginásio. Nós só tínhamos professores de faculdade. Professores de que ela era muito amiga, gostava muito, e tinham muita consideração, então eles nos ensinavam. Então, todos os nossos professores foram doutores, doutores bons. É, Nestor Duarte, era... coisa... símbolos de sabedoria, era deputado federal, depois de tudo. De modo que nosso curso era muito bom. Ela aí se doeu, não se submeteu a tal. Mas o decreto dele foi um decreto geral. Aí ela preferiu fechar o colégio a atender às exigências dele. Fechou o colégio e nos transferiu pra o Instituto Normal, que era o instituto oficial de curso pedagógico. Era ali mesmo onde hoje é... hoje ainda é a Faculdade de Filosofia? Não sei. Não, hoje acho que é o Ministério Público.

**Fátima** – Ah, sei, a Faculdade de Filosofia. Depois funcionou o Instituto de Letras também. Eu estudei lá.

*Jane* – Foi, isso, exatamente, o Instituto de Letras. Exatamente. No meu tempo já começou. Foi ali. Foi Isaías Alves que criou o Instituto de Letras, esses cursos todos: jornalismo... Eu não fiz jornalismo porque tava me casando, tava pensando no casamento, eu devia ter feito jornalismo.

**Fátima** – [Risos].

*Jane* – Eu gosto muito. Ou então Letras mesmo. Mas aí... O que é que eu falei? Sim. Aí ela fechou o colégio, eu terminei... nós terminamos no Instituto Normal, se destacando muito porque as transferidas foram sendo distribuídas em vários grupos. No primeiro grupo, ficaram cinco; no segundo grupo, ficaram mais cinco, que distribuíram. Mas todas as transferidas do colégio se destacavam, nesses dois anos que nós estudamos lá. É tanto que eu não me formei em quadro de lá, com paraninfo de lá, nem nada. Nós fizemos um quadro... um álbum separado, de Dona Anfrísia, um grupo, né? Um grupo; o outro grupo se adaptou lá, mas nós não, foram 25 que [inaudível] de fora.

**Fátima** – Aí a senhora casou, aí depois foi ensinar?

*Jane* – Não, aí eu ensinei antes de casar. Depois que eu me casei foi que eu deixei. Aí depois da escola... do colégio de Dona Anfrísia, eu fiz concurso pra Escola Técnica. Porque no colégio de Dona Anfrísia eu ganhava muito pouco. Era cem reais naquela época, já pensou?

**Fátima** – Sei . Ai que horror, horrível. Ainda mais mulher, ganhava menos ainda.

*Jane* - Ainda mais mulher e muito amiga do colégio, ex-aluna, né? Aí...

**Fátima** – Você ensinou nesse colégio de Dona Anfrísia mesmo, que você tá falando, na admissão?

*Jane* – No colégio de Dona Anfrísia trabalhei cinco anos, ensinei cinco anos. Inclusive ensinava no primário. Mas depois comecei a ensinar português por causa disso... Cê já ouviu falar em Raul Sá?

**Fátima** – Raul Sá? Já, que é... foi diretor lá também. [Erro meu, confundi Raul de Sá com Ruy Santos]

*Jane* – Pois é. Raul Sá foi quem me ensinou... me introduziu na língua, assim, especializada. Porque morreu um professor do colégio de Dona Anfrísia, que era professor de português, que era... o nome, como é? Feliz da... Carlito Viega da Veiga. Aí pras meninas... porque nós não

tínhamos aula vaga, ela não deixava aula vaga. Ela substituía quase todos os professores nas aulas vagas. Aí nessa ocasião Carlito morreu de tifo, naquela época se morria muito de tifo, e aí sobrou vaga muito tempo, né? Ela me botou pra dar umas aulas, pras meninas não ficarem sem aula. Porque como eu gostava de português, ela botou assim pra eu fazer uma revisão com as meninas. Mas aí Raul Sá ensinava na quinta série de ginásio. E assisti muitas aulas minhas e conversava comigo e tal. Aí Raul Sá disse: “Não, Dona Anfrísia, ela pode ficar ensinando.”. Aí eu fiquei; mas oficialmente eu ensinei lá no primeiro e segundo ano de ginásio. Aí fiz o concurso pra Escola Técnica, fiquei em segundo lugar, e tava fazendo biblioteconomia, que também foi ela até que me botou em biblioteconomia, quando Bernadete Neves abriu o curso, e tinha vaga de bibliotecária, ele me botou [ele, refere-se ao diretor Ericsson Cavalcante]. Aí eu fiquei lá como bibliotecária, mas sempre trabalhei em educação, né? Dando mais atenção a...

**Fátima** – Sua vocação mesmo. Você trabalhou lá cinco anos?

*Jane* – Cinco anos... Quase. Quatro anos e meio, mais ou menos. Bom, aí fiz lá. Quando fiz lá... Também lá eu ganhava relativamente pouco em relação aos professores. O salário dos professores era três mil. O salário da bibliotecária era 500 reais. Aí Ribeiro: “Não, Jane, não vai... é melhor você deixar, porque a gente tá se desencontrando muito...” Por causa dos horários de lá era de sete às onze e de uma às quatro. E Ribeiro trabalhava no comércio. “quando eu chego em casa, você sai, quando eu chego... você chega, eu não tou em casa. Não, é melhor você deixar essa porcaria?”. [risos] Aí se zangou, eu deixei. Deixei. Mas ele foi meu padrinho [Se refere ao diretor da escola Dr. Ericsson], Dona Anfrísia também. Foram os dois padrinhos. E aí eu fiquei... eu fiquei grávida logo, né?. Me casei, nove meses depois Zezéu nasceu.

**Fátima** – Quem foi o primeiro?

*Jane* - Zezéu.

**Fátima** – Ah, Zezéu, o que é deputado.

*Jane* – É. Aí Zezéu nasceu, e pronto. Eu fui dar atenção aos meninos, não fiquei... Dei curso particular. Muito. Esse tempo dos meninos estudando em primário, tal, pequenininhos, eu passei a dar curso particular. Aí dava muito curso particular, alunos do colégio de Dona Anfrísia, né? Dona Anfrísia mandava. Depois eu comecei a ensinar japoneses, ensinei a onze japoneses. Quando... quando fundaram aqui o... o... petroquímico... como é?

**Fátima** – O polo petroquímico?

*Jane* – O polo petroquímico, veio muito japonês pra ensi-... trabalhar aí no curso [polo, na verdade] petroquímico. Eles não sabiam falar português, né? Nem escrever, nem nada. Aí um deles foi hóspede de uma amiga minha, ele queria aprender português, ela mandou pra mim. E eu aí, ensaiei, fiz também um projeto [riso], ensinei português a ele.

**Fátima** – E a senhora falava alguma língua...?

*Jane* – Falava inglês, muito pouco. Quer dizer, eu estudei inglês, mas dá pra entender as palavras, não dá pra falar. Mas aí, eu com meu inglês macarrone [riso] e com meu português e com as coisas... eu dava aula com os objetos na mão, o vocabulário e tudo. Eu sei que ele aprendeu... O primeiro foi ótimo, aprendeu muito. Aí todos que chegavam, ele foi passando, eu passei por uns onze ou doze japoneses, tenho o retrato deles todos também.

**Fátima** – Particular, né?



*Jane* – Particular. Aí foi que eu ganhei dinheiro, ensinando a esses japoneses, que eles me pagavam muito bem. Foi no tempo que eu estava com os filhos pequenos, né? Quando os filhos começaram a entrar na faculdade, vestibular... Zezéu fez vestibular, depois Dodôia fez, ficou só Pola, mas Pola era mais independente, né? Sempre eu dava banca a eles também a manhã... a tarde inteira. Ribeiro saía depois do almoço, eu ficava na ponta da mesa com eles, estudando.

**Fátima** – Você teve esses três filhos?

*Jane* – Foi. E acompanhei todo o primário, de todos três. Mas assim com o dicionário na mesa, a enciclopédia...

**Fátima** – Você guardou o material da escola deles, os cadernos, alguma coisa assim?

*Jane* – Tem tudo. Tem não. Dei a eles todos. Todos têm. Mandeí encadernar lá no colégio, e eles todos, todos, todos, do colégio de Dona Anfrísia, eles também estudaram o primário em Dona Anfrísia. Todos têm.

**Fátima** – Olha, eu vou querer o contato deles. Ainda bem que eu já conheço, porque eu tou recolhendo esse material. Um dos meus projetos é trabalhar com o jornal escolar. Se não der certo, porque inclusive tou procurando esse material, vou me inscrever agora. Mas pra Letras, eu vou trabalhar com o caderno escolar, que eu já tenho uma orientadora inclusive lá, por isso que eu tou perguntado à senhora essas coisas, desse material.

*Jane* – Pois é. Eu tenho o deles todos. Quer dizer, eu tenho. Não sei se eles têm, eu dei a eles, quando eles fizeram...

**Fátima** – Ah, você deu a eles, mas você não guardou não?

*Jane* – Parece que eu tenho algum guardado aí. Dodôia tem os dela. Deve ter. Não sei se é Zezéu ou Pola. Tem um aí que eu ainda não dei. Parece que ainda tem aí. É acho que ainda tenho.

**Fátima** – A senhora vai procurar daqui a pouco pra me mostrar [riso]. E os seus também, os seus escritos.

*Jane* – Não... Meus...

**Fátima** – O que você falou, de férias, os que você escrevia?

*Jane* – Ah, os escritos de férias, do curso primário. No fim do ano, a gente fazia uns...

**Fátima** – Era a professora que pedia, era?

*Jane* – Era o colégio que exigia. Todo mundo, pra passar no fim do ano, fazia... fazia as provinhas, e aí a professora juntava as coisas todas, a gente fazia uma capa, bonitinha, desenhada...

**Fátima** – A senhora tem isso? Eu não acredito!?! [riso]

*Jane* – Nos meus 80 anos, foi umas das coisas que fez parte do Ofertório.

**Fátima** – Foi, né? Que maravilha. Aí a senhora vai pegar pra me amostrar agora, né?

*Jane* – Isso eu acho que sei onde está. Aí pronto. Sim, aí quando eles foram para a universidade, aí eu fui pro Vieira. O padre da minha paróquia, me indicou para ensinar português no Vieira, porque eu que corrigia todas as... as homilias dele, o que ele escrevia, ele escrevia muito, aí passava tudo pra mim, e eu corrigia.

**Fátima** – Que padre era esse?

*Jane* – Padre Luna. Já morreu.

**Fátima** – Ah, Luna, eu conheci ele, ele era de Juazeiro. Eu conheci ele em Juazeiro.

*Jane* – Você é de Juazeiro?

**Fátima** – Sou.

*Jane* – Pois é, era muito meu amigo. Me chamava [ininteligível]. Eu corrigia tudo dele. Então ele não publicava nada que não passasse por mim. Aí eu fazia...

**Fátima** – Você era a corretora dele... [revisora]

*Jane* – Ele escrevia bem. Mas, uma falha, ou qualquer coisa...

**Fátima** – Sim, então a senhora ensinou lá no Vieira quantos anos, nesse período?

*Jane* – Ah, vinte e um anos.

**Fátima** – De que ano a que ano? Lembra?

*Jane* – No Vieira? Eu entrei na sétima série, depois passei a ensinar na oitava série, depois passei a ensinar no primeiro ano colegial e no segundo. Terceiro nunca ensinei não.

**Fátima** – A senhora lembra o período que a senhora trabalhou lá?

*Jane* – No Vieira? Ah, no Vieira eu trabalhei de 1973, não, 73 foi a Escola Técnica. Foi... Eu tenho aí, aqui tem tudo. Eu também fiz um discurso... um discurso não, um artigo sobre o Vieira.

**Fátima** – Quem foi assim de importante assim em sua educação? Sua mãe estudava com você?

*Jane* – Dona Anfrísia... Minha mãe, educação familiar. Papai e mamãe foram duas pessoas que não tinham curso superior nem médio. Só tinham o primário. Mas eu acho que foram dois pedagogos. Papai e mamãe eram natos. Porque nós fomos criadas com uma certa liberdade, mas liberdade vigiada pra aquela época, né? Eles tinham muito cuidado conosco, mas nós frequentamos tudo, festa, carnaval, São João, tudo que tinha a gente ia, papai comprou um smoke, deu a meu irmão mais velho... ele: “Esse smoke não é seu, é pra você vestir pra levar suas irmãs às festas.” Era assim: tudo controlado, mas com os irmãos. Eu ia pra cinema, mas sempre com os irmãos.

**Fátima** – Você tinha quantos irmãos?

*Jane* – Três. Dois já estão mortos. Mas só íamos com eles. Frequentávamos tudo, mas sempre com os irmãos. Os irmãos, as primas, papai fazia muita festa em casa, festa carnavalesca, festa de São João... Era uma família muito alegre, muito animada, havia muita liberdade, mas assim uma liberdade controlada, né? Vigiada. Todos namoravam, papai tomava [ininteligível] conta dos namoros, permitia, tomava informações, nunca teve problema...

**Fátima** – Só tinha você de mulher?

*Jane* – É. Duas casaram, uma ficou solteirona, a vida toda.

**Fátima** – Ah, então tinha... eram três... como era?

*Jane* – Três filhas. Três filhas. Duas irmãs moram aqui de junto, no mesmo edifício.

**Fátima** – E também estudaram em Dona Anfrísia?

*Jane* – Não. Uma estudou em Dona Henriqueta Catarino, foi do Instituto Feminino, fez comércio; e a outra fez música. Depois fez serviço

social, depois que Doutor Isaías criou, ela fez. Porque ela era muito tímida. Não gostava... tinha medo no tempo das provas parciais, se lembra que o ginásio tinha aquelas provas parciais? E ela era muito tímida, nervosa, chorava, nunca rendia nas provas como era... ela era estudiosa, mas na hora de prova, ela ficava nervosa, chorava, largava tudo. Aí fez piano porque piano ela estudava em casa, só fazia prova no fim do ano, no Instituto Feminino... no Instituto de Música. Mas mesmo assim era um horror as provas dela, ela começava a tocar, errava e tornava... Mas a professora já sabia que ela era assim emotiva. Aí via que no fim ela terminava tocando certo.

**Fátima** – E ela foi alfabetizada também...

*Jane* – Ela foi alfabetizada no Instituto... todo o primário, foi todo mundo no Instituto Baiano. Agora, eu fiz o médio em Dona Anfrísia, Judite fez em Dona Henriqueta, e ela não fez o médio, ela foi fazer depois o superior, serviço social, mas não foi criada a Escola de Serviço social, que não fizeram vestibular, aí ela entrou, meu irmão fez ela entrar, com o curso primário naquele tempo era muito bom. A pessoa saía do curso primário como hoje se sai do terceiro colegial. [riso]. A verdade era essa.

**Fátima** – Até da faculdade.

*Jane* – Até da faculdade. Eu andei também muito tempo corrigindo tese... como é? Tese, essas coisas. Depois que eu me aposentei. Eu me aposentei com setenta anos. Mas ainda trabalhei dez anos em casa. Quer dizer, eu trabalho até hoje. Hoje mesmo eu tava aí no computador ajeitando um livro, de uma pessoa, que vai publicar. Eu tava corrigindo os textos. Mas, sim... O que é que eu falei? Eu tou esquecendo... Já tou com oitenta anos.

**Fátima** – Você tava falando de seus irmãos. Mas tá com uma memória incrível ainda

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Cê ainda tá com a memória muito boa. Ah, só agora que você parou pra lembrar...

*Jane* – Mas eu já tou esquecendo.

**Fátima** – Você tava falando de suas irmãs... de sua irmã, que entrou pra fazer...

*Jane* – No Instituto de Música. Pois é. Mas não. Eu dei curso particular. Depois que eu me aposentei com setenta anos, aí fiquei dez anos trabalhando em casa. Porque não queriam que eu me aposentasse com setenta, mas eu achei que tava na hora. Primeiro porque era a idade normal, né? Mas... segundo porque eu já estava me achando que não tava rendendo o que eu já tinha rendido já antes. Lógico que a gente vai perdendo, né? Muito. Aí eu não quis ficar de jeito nenhum. “Não, eu vou ficar... vou me desacreditar, não quero.” Aí deixei. Os padres não queriam, mas eu deixei. Mas fiquei em casa, dando curso particular, corrigindo tese de mestrado, essas coisas. Ainda trabalhei até os oitenta. Dos oitenta, eu deixei tudo, porque aí achei que tava na hora de parar porque já não tava mais garantindo muito por mim.

**Fátima** – E a senhora vai escrever sobre o quê? Você disse que tá publicando um livro, você tá escrevendo sobre o quê?

*Jane* – Tá aqui. Os dois.

**Fátima** – Ah, sim. É esse livro...

*Jane* – “Retalhos e rebotalhos”. É tudo que eu tenho escrito a minha vida toda, que dizer... sobre educação... [ a partir daqui Dona Jane, fala mostrando os temas/títulos do livro que irá publicar]

**Fátima** – Ah, você escreve literatura também!

*Jane* – É. Aqui, o livro é esse aqui, a primeira página... Não é literatura...

**Fátima** – Você vai me convidar pra esse lançamento, né?

*Jane* – [Riso] Eu já tenho um livro. Já publiquei um. Esse é o segundo. Mas esse é pros netos. Eu não escrevo livro pra vender. Escrevo livro pra família. Deixar pros filhos, pros netos. Então... esse eu fiz assim "Retalhos e Rebotalhos" porque eu juntei tudo que eu já tinha escrito, sobre educação eu escrevi muito, tem muita coisa, sobre igreja. E eu fiz agora: família, educação e igreja. Porque Zezéu foi quem fez a orelha de meu primeiro livro. E nesse primeiro livro, ele escreveu que eu era obstinada por família, educação e igreja. Eu peguei essa deixa dele e aí fiz a introdução desse livro.

**Fátima** – A senhora é católica?

*Jane* – Sou católica.

**Fátima** – Aqui é você e...?

*Jane* – Eu e meu marido.

**Fátima** – Bonitos, ambos!

*Jane* – Meus pais e meus sogros. E aqui vão ficar eles três, né?

**Fátima** – Uma árvore aí, né?

*Jane* – Heim?

**Fátima** – Uma arvorizinha pequena genealógica.

*Jane* – Aí é... meu marido. Aí é a parte da família [inaudível]. Porque o outro é a parte da família de papai, a minha parte como filha, que eu escrevi, o primeiro: "Simplesmente recordando". Então eu escrevi biografia dos irmãos, de papai, mamãe, os amigos, é... uma porção de maluquice. [risos]. Agora dessa vez eu escrevi...

**Fátima** – Ah, eu quero ver.

*Jane* - Eu vou lhe dar um.

**Fátima** – Ah, que bom!

*Jane* – Viu? Dessa vez eu tou... eu escrevi novo a parte de família., da minha família toda, até netos, bisnetos, minha cirurgia, a casa [inaudível]... a minha vida. Aqui a primeira parte eu fiz logo, porque...

**Fátima** – Tipo uma biografia, né?

*Jane* – Heim?

**Fátima** – Uma biografia romanceada?

*Jane* – Mais ou menos, mais ou menos, um pouco sobre isso. Aqui minha velhice, agora depois entra educação, minhas viagens: "Europa maravilhosa".

**Fátima** – Que bacana!

*Jane* – Depois entra educação. [Término da fita]

## ENTREVISTA 2

*Jane* – Ainda tem alguém do meu tempo? Não tem, não. Tou com 91. Eles eram mais velhos do que eu.

**Fátima** – É isso. Eu queria saber se a Senhora ainda... Do que você fez, d'*O Aprendiz*, se ainda conhece alguém que está vivo?

*Jane* – O professor Luis Santos já tá aposentado há muito tempo, né? Ele era mais velho do que eu. Tou com 91, ele já deve ter morrido.

**Fátima** – Ele te ajudava?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Ele te ajudava no jornal?

*Jane* – Não, ele colaborava um pouquinho, mas ele era mestre de oficina, ele era de Tipografia. Aloizio era de... Tinham as Calmões, que eram de Letras, essas já morreram também. Elas eram muito mais velhas do que eu, eu era mocinha nesse tempo.

**Fátima** – Você chegou lá com 21 anos, não foi?

*Jane* – Mais ou menos. De lá eu saí com 25 pra me casar.

**Fátima** – Sim... Aqui nesse livro da senhora, cê fala assim...é... Tem um trecho aqui que você fala do seu trabalho lá... quando você chegou. Deixa eu ver aqui.

*Jane* – Na Escola Técnica!

**Fátima** – É, na Escola Técnica. Você diz assim, peraê, cadê?..

*Jane* – Peraí que eu localizo mais fácil. Sobre o que é que eu falo? [pausa, enquanto procuro trecho do livro] – *Lente Azul*, bonitinho o nome.

**Fátima** – É porque a roupa dos meninos nessa época era azul.

*Jane* – Ah, era?

**Fátima** – É! E *Lente* com essa metáfora da visão. Que é... a escola ia ser vista pela ótica dos alunos.

*Jane* – Ah, você tinha essa coisa também, né?

**Fátima** – Hum...

*Jane* – Porque quando cheguei lá, o pessoal não dava importância aos alunos, não. A quem davam importância era aos professores... a escola era para os professores, não era para os alunos, não. Eu que mudei essa mentalidade de lá

**Fátima** – Sei... E como era isso?

*Jane* – Eu botei logo na frente assim: “Aluno, essa escola é tua, conserve”. Botei lá uma frase, pra eles zelarem e conscientizarem que a escola era deles, feita pra eles, não para o professorado. Professor achava que era pro professorado ter o salário.

**Fátima** – Ah, eles tinham essa visão...

*Jane* – Que os meninos eram instrumento deles.

**Fátima** – Eu sei que a senhora conta aqui, eu não tou conseguindo localizar, que quando chegou lá...

*Jane* – Hein?

**Fátima** – A senhora conta nesse livro que era muito fã do seu irmão, né? Que ele era Oldegar e tal...

*Jane* – Oldegar!

**Fátima** – É...Oldegar. Que ele chegou a ser... Tinha um cargo na Educação, no Rio de Janeiro, né?

*Jane* – Foi, foi professor de... Foi diretor de Educação de Rondônia. Na época era Território de Rondônia que hoje é o Acre. Não, em Rondônia mesmo.

**Fátima** – Sim... E nessa época, você chegou na Escola Técnica com 21 anos, né?

*Jane* – Na Escola Técnica com 20 a 21 anos.

**Fátima** – 20, 21 anos. Como foi que você chegou lá na escola, e tudo, como foi na Escola Técnica? Como foi que você começou a trabalhar lá.?

*Jane* – Eu fiz um concurso lá. Abriu um concurso pra professor, e eu me candidatei. Nesse concurso eu fui muito bem. Mas tinha carta marcada. Tinha Climério de Oliveira, que daquela época... acho que era de Oliveira. Climério, professor Climério Oliveira, era. Eles falavam lá que ele era também bom professor. Foi ex-aluno do colégio. E quando abriram o concurso, já abriram com a carta marcada, para a vaga ser de Climério. E aí eu fiz o concurso. A minha prova prática foi muito melhor do que a de Climério. E a de Climério de português foi melhor porque eu botei o “vosso”... usei um “vosso” como pronome de terceira pessoa, entendeu? Fiz um requerimento, qualquer coisa lá da redação, acho que era requerimento, deve ter sido, que usava o “vosso”, né? Aí eu usei “vosso”, dizendo que era pronome de terceira pessoa, como se fosse pronome de terceira. Aí baixou minha nota de português, eu fiquei com a nota mais baixa que ele em português. Mas na prova prática eu fui milhões [fala com ênfase na sílaba “mi”] de vezes melhor do que ele. Porque eu fiz uma prática, eu na frente, levando as pessoas, levando coisas assim... Tudo muito prático... foi sobre a água. Água não, sobre energia elétrica. Mas aí eu comecei com a água, né? Com a Paulo Afonso, com tudo isso, com exemplos, foi uma aula assim superviva.

**Fátima** – Sim...

*Jane* – Aí minha prova foi... E aí eu fiquei em segundo, mas eu fiquei em segundo lugar, porque deram uma nota muito boa a ele, que eram os professores de lá que já tinham sido professores dele, e o lugar tava marcado para ele, e eu fiquei em segundo lugar. Mas eu sabia que minha pro... que eu devia ter ficado em primeiro lugar. Aí eu fiz um zumzumzu, eu tinha 20 anos, né? Tava esporreteada.

**Fátima** – [risos]

*Jane* – Aí eu reclamei, pinteí o diabo, falei, defendi meus direitos, fiz uma onda. Meu cunhado tava até comigo, já tá morto, disse: “Você sai... Você vai sair daqui presa”. Eu disse: “Não vou sair presa nada, vou sair daqui com meus direitos respeitados. Esse povo não tá me respeitando, tinham carta marcada...”. Aí pinteí os diabos. Pinteí os diabos, e aí o diretor mudou nessa mesma época, passou a ser o Doutor Ericsson. Você conheceu Doutor Ericsson?

**Fátima** – Não, não já deve tá morto? [risos].

*Jane* – Esse já morreu também. Mas no tempo que você veio, três anos passados não era não. E eu posso ficar com isso? [refere-se a uma edição do Jornal *Lente Azul*, coordenado por mim no IFBA, de 2004 na 2010]

**Fátima** – Pode sim.

*Jane* – É, então depois eu vou ler.

**Fátima** – Depois eu vou trazer mais, se você gostar eu vou trazer a coleção completa. É porque aí tem três números só. Mas é porque eu ainda tenho que xerocar.

*Jane* – Não precisa ser completa não, minha filha, que eu já tou acabando com minhas papeladas.

**Fátima** – Certo.[risos]

*Jane* – Já tou pra morrer. Já tou...

**Fátima** – Que morrer o quê, você ainda vai viver ainda até os 100. Eu vou pro aniversário de 100.

*Jane* – Viu... Aí o que foi que eu fiz? Aí, ele que entrou e era um homem muito honesto, ele era engenheiro civil. Mas era um homem muito honesto, também dedicado à educação, tinha visão pedagógica ... e entrou... Porque lá era um roubo danado, a Escola Técnica era famosa pelo roubo, né? Compravam mobília de quarto com nome de carteira... Professores antigos, era assim uma... a Escola dos professores, sabe como é?

**Fátima** – Sei.

*Jane* – A turma dos professores. A escola era o meio de vida deles. O meio de vida deles. E a escola era para eles, não era para os alunos, não... Os meninos eram... os neguinhos da Liberdade... A Liberdade nesse tempo era o fim da picada. Hoje em dia a Liberdade já é de classe média, eu acho, né? Mas naquele tempo era proletariado baixo. Gente que não tinha nada... miséria. E eram os alunos de lá, aqueles pretinhos todos, que iam quase nus, aquela confusão toda... não iam nus não, porque a escola dava farda. Mas assim.... Aí ele entrou com visão nova de ensino, quer dizer, quando ele veio do Rio, que sempre era o Rio a educação... Ministério da Educação, ele veio já com essa indicação, pra acabar com a roubalheira de lá, renovar professorado, renovar tudo. Aí ele me encontrou fazendo essa zoada toda lá do concurso, logo depois que o concurso tinha acabado. Aí ele... resultado meio polêmico, “Certo, você é bem intencionada.”. Aí voltou, criaram o cargo de bibliotecária, e eu tinha acabado de fazer um curso de biblioteconomia, também, depois de professora, eu tinha feito libioteconomia, mas minha vocação sempre foi professora, né? Mas aí ele me falou, fez entrevista comigo. Então eu disse: “Oh, eu não tenho prática ainda em biblioteconomia, mas tenho teoria, porque fiz o curso. E aí ele me nomeou bibliotecária de lá. Biblioteca era pequena... um pouquinho maior do que isso, né? [Do que o quarto em que estávamos] Com umas quatro estantes e tal, mas cheia de livros de filosofia... nada, nada dos professores... Aí eu comecei pela biblioteca. Primeiro tinha lixo pra xuxu, porque não usavam. Limpei a biblioteca toda com um... um funcionário de serviço, limpei toda, depois classifiquei os livros, depois dei uma relação pra ele comprar livros com os assuntos que estavam se trabalhando lá, né? Com trabalho, com operário, com visão de operário, qualificação de operário... Era governo de Getúlio, no tempo que tava começando a se dar valor ao trabalhador brasileiro. Aí, eu peguei... o trabalhador, peguei essa coisa... qualifiquei os meninos... Nós estamos aqui pra fazer operários, não é pra fazer engenheiros. não. Alguns de lá... Climério mesmo foi pra ser engenheiro, e quando foi professor de lá já foi diplomado em engenharia, mas o colégio não era pra fazer engenheiro, era pra fazer operário qualificado. Aí eu lancei a coisa de operário qualificado, valorizar o aluno, valorizar os professores das... das oficinas que eles classificavam assim: os professores de letras, português... Português, Matemática, Geografia, Historia e Ciências, eram cinco matérias, esses eram professores, e os professores de oficina eram mestres. Aí havia duas categorias de professores, num sabe? Professora Dulce Calmon, ia tudo... a família dos Calmons... tinha uma porção de gente lá, tudo pra ganhar dinheiro. E aí... e agora mestre, Mestre Luís, Mestre Aloizio, Mestre Antônio... não sei quê, tudo mestre. Eu aí passava botando nos quadros todos os nomes, Professor Luís, professor... qualifiquei os professores todos. Todo mundo era professor, todo mundo era professor. Uns de oficina, outros de letras, mas era professor. Aí eu

comecei pra poder valorizar porque elas esculhambavam com os professores das oficinas... eram mestres, mestres como se fossem operários. Eu mudei as mentalidades todas, né? Tentei mudar. Aí criei um Ciclo de Estudos é... botei grêmio, né? Era um grêmio... Não chamava de grêmio não, chamava de Ciclo de Estudos, botei, encaminhei os meninos assim, com direção assim, essa coisa e fui orientando. Sempre na frente. Então nós tínhamos de 15 em 15 dias... tínhamos reunião do Ciclo de Estudos, tinha secretário, tinha biblioteca, tinha tudo no grêmio. E os meninos apresentavam os trabalhos... aí criei o jornal *O Aprendiz*. *O Aprendiz*... que quem sempre escrevia o editorial, sempre ou era eu ou era Mariêta, uma funcionária da coisa que era muito inteligente, que escrevia muito bem, Mariêta Lobão Gumes, você deve encontrar lá. Ela escrevia até muito bem, melhor até do que eu, quer dizer, o dela... o estilo dela é mais antigo assim, também mais missiva. O meu já tinha uma linguagem mais ... Ela também era bem mais velha do que eu. Então... Mas ela escrevia muito, e eu até às vezes traduzia as coisas dela, mudava o vocabulário porque já tava um pouco antigo. Mas aproveitava muito o que ela escrevia. E professores também, os mestres também escreviam sobre o sapato, a sapataria de couro trabalhava ... escrevia sobre couro, coisa que interessava aos meninos lerem, né? Tipografia... várias coisas, tudo com visão de operário. E também os professores todos... cada sala lá tinha uma... um... como é? patrocinador. Os patrocinadores eram... tudo da literatura: Machado de Assis, Ruy Barbosa, Olavo Bilac... Desci todo mundo, né? [risos] E botei Mauá, [risos], botei tudo operário, né? Operário... gente de indústria, gente de... operários, que fizeram coisa... Desci os literatos todos e levantei os operários todos [risos]. Aí fui criando outros ambientes na escola, porque a escola era pra operário e tinha como se a escola fosse... fosse um ginásio, não era um ginásio, depois até se tornou mais..., a Escola Técnica depois ficou mais ligada a segundo grau e tudo isso. Mas preparação pra... Mas assim mesmo sempre foi técnico, curso técnico, agora de nível já de meio... meio de segundo grau, né? Que tinha a escola. Mas no meu tempo era nível de ginásio, nem era mesmo ginásio, era mais... primário dedicado a ser operário, entendeu? Aí nós elevamos mais um pouquinho pra ginásio, os programas, tudo, aí eu fiquei na coordenação pedagógica também e na coordenação dos professores, eles brigavam comigo, não gostavam de mim no começo, porque eu tava assim... achavam que eu tava me metendo em tudo, mas eu me metia mesmo, e o diretor me dando um apoio máximo, né? Falavam até de mim, que... que o diretor namorava comigo, disse que... Eu era noiva, mas aí inventavam essas maluquices, eu nunca liguei... ele era velho, uns 50 e tantos anos, e eu era 20 anos. Eu largava pra lá. Eu sempre fui assim amalucada. Larguei pra lá [riso]. Aí foram [...!] Depois começaram a gostar do que eu tava fazendo, né? O jornal... eu também... era bom que... falava deles, né? Eu botava no jornal: aniversário de professora fulana... Aí fazia aquelas coisas..., aquelas homenagem todas, puxava o saco um bocadinho pra poder conquistar. E fui temperando a coisa, temperando... aí terminei... terminou todo mundo gost)... e eles foram sendo conquistados. Aí... O pessoal da oficina gostava muito de mim, porque justamente eu... também levantei ele, né? Era professor Luís, professor Aloizio, professor... como é? Eram tantos... professor Josias... Enfim... todos eu... tinha... Tinha tipografia, encadernação, tinha serra...

**Fátima** – Serralheria!

*Jane* – Era... Como é menina? De ferro.

**Fátima** – Fundição?

*Jane* – Tinha fundição e tinha o outro.

**Fátima** – Serralheria!

*Jane* – Serralheria. Serralheria, que era Josias, fundição, já não me lembro mais nem quem era... Tinha assim... eram umas 10 funções, todas de...



mecânico... tinha a maioria... a parte maior era de mecânica. E aí... mecânica até depois passou a ser diretor de lá também, depois que eu saí ele foi diretor de lá. Eu até... Morreu esse rapaz, foi ... banho de mar, perdeu uma perna e deu infecção, ele morreu.

**Fátima** – Na época, foi?

*Jane* – Macedo, Macedo. Acho que no seu tempo foi... foi Macedo, não? Quando você tava?

**Fátima** – Não, Macedo não.

*Jane* – Não? Quem que tava lá? Ah não, no seu tempo já eram os professores literários também, aquele menino... Lobo, não, como é?

**Fátima** – Foi Barral....

*Jane* – Barral..., já era professor... também não tinha muita mentalidade de... operário, não.

**Fátima** – É, depois passou a... funcionário não pode mais ser... né? Diretor. Passou a ser só professor, né? Só professor é que passou ... que podia se candidatar...

*Jane* – Ah só podia ser... Foi Macedo, Macedo era da mecânica... não tinha muita visão, não.

**Fátima** – Teve um Roberto Tripodi também, mas foi depois.

*Jane* – Já foi depois. Teve aquele Tripodi, teve aquele também que era... Mas esses eram literários, eram professor de ginásio, gente com intelectualidade, né? Que não era muito adequado, o melhor pra lá era operário mesmo, que tivesse visão de... escola.... A verdade é que mudou um pouco o objetivo, passou mais a segundo grau técnico do que operário. Porque quando eu era... era pra formar operários. Porque foi quando Getúlio começou a... aquelas indústrias... siderúrgica nacional... Agora não tinha operário qualificado, nossos operários eram todos feitos por um acompanhar o outro, né? E aí nesse tempo que Getúlio entrou, foi que entrou, então, a qualificação de operário, operário qualificado. Aí passaram a haver as escolas industriais e depois as escolas técnicas. Eu entrei exatamente no ano que as escolas industriais passaram a ser escolas técnicas. Porque invés dos cursos industriais que era pra formação de operário, começaram a fazer os cursos técnicos, a escola técnica, passaram... Era a Escola Industrial da Bahia passou a Escola Técnica de Salvador, entendeu?

**Fátima** – Ham-ham. Sim.

*Jane* – Aí mudou o nível, mudou a mentalidade também, né? Que foi pra segundo grau, pra técnico. Aí eu fui... eu passei essa fase de transformação, pulando pela de operário, porque eu... Não tinha essa visão de formação. Tinha todo... preparava lá como se fosse um ginásio qualquer, preparava com visão de admissão pra... ginásio, pra essas coisas. Aí eu mudei tudo, né? Foi uma revolução assim... Disseram... Essa mulher é maluca [risos]. Eu tinha 20 e poucos anos, eles me achavam doida, né? Achavam que eu ia esculhambar o colégio. [riso]

**Fátima** –E como é que surgiu essa ideia de fazer esse...esse...

*Jane* – De fazer o quê? O jornal?

**Fátima** – Esse projeto. É, o jornal também.

*Jane* – Ah foi a minha chegada, a minha chegada... O diretor tinha visão, não é? E eu e ele nos entendíamos... Tá sentindo frio, né?

**Fátima** – Não, é por causa da voz, a moça ta falando no telefone, aí eu tou...

*Jane* – Ah...

**Fátima** –... Pra não interferir.

*Jane* – Aí eu entrei e mudei. Com minha mentalidade mais nova... E os professores eram muito... muito [...], gostavam mais era de ganhar dinheiro do que ensinar, os professores... Português era péssimo, aí passei... me metia nas aulas também de português, dava umas aulas extras pro jornal, dizia que era pra escrever pro jornal, aí ia... os meninos faziam a redação, eu corrigia a redação em horário... Horário... Porque lá era de manhã... tinha uma turma de manhã, da oficina, e outras nas salas de aula. De tarde mudava: os da sala de aula iam para as oficinas e os das oficinas iam pras salas de aula. Aí eu... era um trabalho alternativo, eu pedia também nas salas de aula... e aí fazia correção das redações... Aí eu ensinava português, aproveitava também dava português, entendeu? Português e redação, corrigindo as redações, eu ia dando. Aí eles criticavam porque os textos dos meninos iam certinhos, porque eu corrigia tudo, né? Porque tinha que reescrever alguma coisa, né? Eu tinha que... que criar nos meninos a ideia de que eles escreviam, realmente eles não escreviam, eu consertava muito. Elas aí criticavam um pouco... que o jornal quem fazia todo era eu. Não era eu, os meninos escreviam, mas escreviam muito errado, e eu corrigia muito. Agora eu ... tanto corrigia a ortografia como corrigia um pouquinho a linguagem, mas a linguagem a nível deles, como se fosse eles, aquela linguagenzinha de orações simples... entendeu? Os artigos... Você vê que os dos alunos tem um nível, né? E tinha os artigos dos professores que era... o editorial, era ou eu ou Mariêta ou outro professor qualquer... depois quando foram ficando mais brandos, que eu pedia... ou então os professores mesmo de oficina, os mais...esclarecidos, ou o diretor também, Doutor Ericsson também de vez em quando escrevia sobre o valor do operário, sobre o operariado nacional, sobre a Companhia Siderúrgica Nacional... Aí a gente começou a falar, sobre Mauá, as figuras que... Luiz Tarquínio, na Bahia, né? Quem foi Luiz Tarquínio... Aí a gente começou...

Empregada – Licença. Oh, .. enquanto a senhora tá com...

*Jane* – Hein?

Empregada – Enquanto a senhora tá com sua visita, eu vou adiantar e tomar meu banho, viu?

*Jane* – Tá, tá. Traga um pedacinho de bolo pra ela.

Empregada – Ok.

**Fátima** – Obrigada.

*Jane* – Viu? Aí eu aproveitava... pra fazer essas coisas todas. Aí me meti em tudo, eu era meio metida... E o diretor me dava toda... Ele me dava todo apoio... porque ele ficou entusiasmado... foi o único braço que ele encontrou pra ajudar ele, porque os professores todos eram contra ele... contra ele e contra mim. Até de dizer que eu namorava com ele, eles...

**Fátima** – [Risos]

*Jane* – Até botar... os meninos também botava desenho meu com o diretor na latrina... no... no sanitário... ele mandava pintar, todo dia ele mandava pintar, mas... Eu dizia: - “Não precisa pintar não, deixa os meninos fazerem... Pode... Deixa eles escreverem o que quiserem”.

**Fátima** – Que coisahein?

*Jane* – Eles escreviam e botavam retrato... a gente... fazendo sexo... Essas maluquices todas

**Fátima** – Fazendo sexo? Você e o diretor?

*Jane* – Menino... menino... menino de Liberdade, minha filha, o é que podia pensar? Eu com 20 anos, doutor Ericsson com uns 50, 60, sei lá... E eu era noiva e tudo... Nem Ribeiro ligava. Essas minhas maluquices, tudo era reação contra mim.

**Fátima** – E como era o tra-... o dia dia assim... do trabalho com o jornal?

*Jane* – Ah, o dia a dia era assim, eu pedia aos professores... pedia a algumas, tinha umas... as Calmons eram mais pretensiosas, mas tinha umas mais modestinhas que eu pedia pra fazerem redação com eles, não sabe? Tinha Francisca, por exemplo, era até escurinha... Eu dizia: — “Corrija... dê um toquezinho, aproveite o que o menino falou, mas conserte o português pra...” Ela me ajudava também, corrigia algumas redações. Depois elas também, as Calmons, quando elas viram que todo mundo tava aderindo, elas começaram a aderir também, aí também começaram a fazer um pouquinho. Aí elas faziam essa parte, e eu corrigia as... as... Como é? Os artigos melhores. Mas eram de professores, não tinha muito o que corrigir, quando tinha qualquer coisa, eu pedia licença, explicava: — ”Olhe, isso aqui...” E fui levando, [riso] metia muito os peitos. E o professor de Tipografia gostava de mim, de... do jornal, porque ele se entusiasmou, porque aí a gente passou a fazer o jornal todo mês, eles... Eu pegava o assunto do mês, né? Mês de março, abertura das aulas, quando era... Castro Alves... Aí você vê um pouco, e mais... mais pro lado de... da técnica, os... as figuras da... da... da indústria, né? Tirava esse negócio de literatura, que lá era muito, as salas toda era... Olavo Bilac, Machado de Assis... Os meninos não tinham nada a ver com isso, quer dizer, a formação toda literária, tudo diferente do objetivo do colégio. Eu aí botei: Luiz Tarquínio... é... Sei lá, naquele tempo eu sabia esses negócio todo... as figuras todas que se destacaram.

**Fátima** – E os temas... como era? Os meninos escreviam...

*Jane* – Os temas, eu fazia assim: eu levantava com eles mesmo, nessas aulinhas que eu ia... eu levantava com eles os temas do.. do calendário, do calendário escolar. Mês de fevereiro! O que que se comemora? Mês de maio! O que que se comemora? Abolição! Saiu uma bobagenzinha sobre abolição, sobre história, essas coisas. Mas o assunto principal era Dia do Trabalho. Então o editorial era sobre Dia do Trabalho. Sempre a parte de... que era do colégio, né? Agora dava alguma coisinha também do... do... do outro calendário. Os meninos escreviam sobre Abolição... Conteúdo da aula de História, “você vai escrever sobre abolição da escravatura”,... Março... dizer... Maio, aí vai dizer... Também dava. Aí fazia assim... eles escreviam sobre as várias coisas, né? O editorial era sempre de coisa... botava os aniversário deles... dos professores, que era uma maneira de conquistar os professores, Professor Fulano... Aí eu fazia aquelas história maluca, elogiando... Eu não tomava conhecimento das críticas, não; enquanto eles me criticavam, eu elogiava, elogiava... não sabe? Puxava o saco de todo mundo. Aí ia conquistando aos pouquinho. E muito alegre assim, eu fazia muita amizade, não fazia diferença entre professor e nem mestre, eles todos eram meus amigos, eu entrava nas oficinas, conversava com eles todos, chamava de professor, aí eles ficaram gostando de mim, né? E aí o pessoal... o grupinho da... que tinha liderança do colégio, gente da sociedade, foi caindo e eu fui...

**Fátima** – Oba, obrigada!

*Jane* – Pronto, tá bom, bote aqui! E aí a gente foi [...] eu usei *O Aprendiz* 4 anos. Que eu fiquei lá 5, né? O primeiro foi de adaptação, os 4... eu fundei o jornal e fiz.

**Fátima** – Mas a senhora saiu em 2009 de lá? Ou foi... Porque ... na dedicatória...

*Jane* – Não, eu saí... no primeiro ano, 44, eu acho.

**Fátima** – Você chegou em 44, né? O jornal funcionou...?

*Jane* – Não, eu entrei em 43... fim de 43, fundei o jornal em 44. Aí 5 anos... 49, né isso? Foi o ano de eu me casar. Eu me casei em janeiro de 49, eu trabalhei até 48 na coisa, agora o jornal eu fiz até princípio de 48, março de 48, 49 já não fiz, não...

**Fátima** – Foi 47, 47.

*Jane* – 47, é. Viu? Aí teve um dia que Dr. Ericsson... porque ele era muito exigente. Aí teve um... Quando eu me casei, eu quis pedir demissão, Ribeiro disse: –“Ah, você não vai trabalhar, não porque lá é horrível, você trabalha dois turnos...” E dois turnos diferentes de Ribeiro. Quando Ribeiro vinha almoçar, eu tava saindo pra... pra o segundo turno da Escola, pra o segundo... Era de 8 às ... de 7 às 11 e de 1 às 4, o horário da Escola Técnica, e Ribeiro era mais de trabalho de comércio, né? Era de 7 e meia a meio dia e tanto... 1 hora e de 2 horas em diante, ele disse: – “Não, você não vai mais trabalhar, não.” Aí, eu deixei de trabalhar um mês. Mas depois, Dr. Ericsson ficou em cima de mim... falou pra Dr. Montojos, do Rio, que eu ia deixar. Aí Dr. Montojos disse: – “Não. Dê um horário especial pra ela, de acordo com o do marido dela... Ela entra um pouquinho depois do colégio iniciado... Mas contanto que cumpra o... o número de horas. Mas dê de acordo com o interesse dela, do marido dela, pra ela poder ficar.” Aí eu fiquei... Ele disse: – “Se ela chegar mais atrasada um bocadinho, não tem problema...”; uma pessoa que trabalha de manhã... Eu trabalhava de manhã, de tarde, de noite, em casa, tudo pro colégio. E... Mas o diretor era muito ranzinza. Aí quando eu comecei... assim... Fiquei grávida. Aí fiquei grávida de Zezeu, às vezes ... tinha dias que eu tava tonta, aí comecei tendo umas falhazinha, né? Às vezes tava tonta, vomitando, essas coisas... Aí um dia disse assim... ele olhou pra mim, disse assim... porque ele era muito exigente... tinha muita coisa comigo, era um amor danado comigo, foi até padrinho de meu casamento. Mas aí... teve um dia que ele me disse assim: – “A senhora tá apren-... tá fazendo como Dona não sei quem... [que era uma funcionária de lá muito relapsa... Disse:] a senhora tá aprendendo com Dona...” Eu disse: – “Não, senhor, eu estou faltando porque estou doente”. Aí na mesma hora fui pra máquina de escrever [Faz gesto de escrever na máquina], fiz o requerimento e pedi minha demissão. Ele aí se assustou, né? Quando eu pedi a demissão, ele...: – “Pelo amor de Deus, não, não, não, eu tou falando porque se a senhora sair, vou... vão encontrar razão de... Eu sempre cito a senhora como exemplo, vão sentir... coisa” Eu digo: – “Bom, é caso diferente, eu tou cumprindo o horário, agora o horário especial que foi doutor Montoes que mandou você fazer pra mim”. Mas aí... sim, aí terminei voltando né? Porque ele me pediu muito, pelo amor de Deus, eu voltei... não voltei? Voltei! Ou não voltei mais? Aí não me lembro mais, parece que eu não voltei mais. Ribeiro mesmo implicou, disse: – “Não, você não vai voltar mais não...” Ah sim, eu tava grávida, a gravidez foi muito chata de Zezeu, porque eu vomitava muito, foi a primeira de todas e foi muito ruim. Aí eu não voltei mais, Ribeiro mesmo não deixou. E ele terminou se conformando

**Fátima** – Vem cá, mas *O Aprendiz* funcionou até...

*Jane* – Aí acabou jornal, acabou tudo. Quando eu saí, acabou o jornal.

**Fátima** – Sim, mas você ficou mais tempo, né? O jornal acabou antes, não?

*Jane* – Não

**Fátima** – Não foi em março?

*Jane* – O último exemplar do jornal foi de março de 48...

**Fátima** – Março de 47, 47.

*Jane* – 48, 48.

**Fátima** – Não, tem 47 no jornal, acho que é, ou 48?

*Jane* – É? Eu sei que foram 4 anos de jornal.

**Fátima** – Foi. Você permaneceu algum tempo lá sem fazer jornal?

*Jane* – 44, 45, 46, 47. 4 anos, o jornal. 44, 45, 46, 47. 48 foi quando eu me chateei com ele, aí... pedi demissão do jornal pra ele aprender. Ele se arrependeu [riso], já foi tarde. Aí eu deixei. E comecei a trabalhar só na minha obrigação, que era biblioteca, minha obrigação era biblioteca e eu tava fazendo orientação educacional com os meninos, fazendo entrevista com aluno, fazendo essas coisas todas que não era minha obrigação. Mas aí eu... eliminei essas coisas e fiquei trabalhando só na biblioteca até quando fiquei, depois... a gravidez foi aumentando e eu pedi demissão de vez.

**Fátima** – E como surgiu essa ideia de fazer *O Aprendiz*? Como é que você pensou no jornal?

*Jane* – *O Aprendiz* já tinha havido, não fui eu que botei o nome, já tinha havido esse jornalzinho, mas parece que saíram, não sei, poucos números, [...] de lá, antigo, tinha lançado *O Aprendiz*. E aí eu vi, o professor Liís me mostrou, aí ele disse: – “Vamos fazer esse jornalzinho com o mesmo nome”. Achei o nome bom, né? Que era *O Aprendiz*. Aí eu fiz *O Aprendiz*, aí tem na primeira..., no editorial, parece que eu explico isso, como renasceu o jornal e tudo.

**Fátima** – É que já começa no VI ano, né?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Já começa no VI ano, o jornal, no sexto ano, você coloca ano VI.

*Jane* – Exatamente, porque já tinha tido cinco anos antes, justamente. Entendeu? Eu dei continuidade ao jornal: renasceu *O Aprendiz*. Aí eu fiquei quatro anos mais, agora muito multiplicado porque eram ---, era uma página, quando eu saí, já era um jornalzinho ---

**Fátima** – É, tem edições com 16 páginas.

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Tem edições com 16 páginas, 16...

*Jane* – Imagina, um jornal ... Era uma revista.

**Fátima** – Da primeira com 6... É!

*Jane* – É porque eu botava sempre uma página... Tinha um editorial na frente, né? A última parte tinha aniversário, essas partes convencionais. Professor doente, afastado, essas coisas assim até... E no meio tinha um miolo, a parte dos alunos e a parte dos professores. Aí eu fazia a [...] de acordo também com o calendário do mês; cada mês tinha uma coisa, não só em termo de operário, como também histórico e tal.

**Fátima** – E a senhora também escrevia que partes mesmo?

*Jane* – Eu fazia toda parte que não era assinada, toda a parte editorial era minha, né? Porque eu não assinava o jornal, eu era da redação. Agora, Mariêta assinava, os professores assinavam. Agora quando era sem assinatura era meu, era parte editorial.

**Fátima** – Aquela, *O Aprendiz Social*, toda aquela parte...

*Jane* – É, tudo, tudo o social, também o editorial geralmente era eu. Essa menina fazia, a Mariêta, fazia muito editorial também.

**Fátima** – O editorial você fala aquele texto da capa?

*Jane* – O editorial é sempre aquele principal, assunto principal do mês, né? Geralmente sobre operários, sobre indústria, sobre a Siderúrgica Nacional.

**Fátima** – Tinha também sobre a literatura, né? Castro Alves...

*Jane* – Às vezes quando, mas era minha, só quando não tinha nada de siderúrgico, né? [...] [Eu abri o Caderno de Campo que trazia com as perguntas e Jane quis saber do que se tratava].

**Fátima** – Não, aqui foram umas perguntinhas que eu coloquei assim.

*Jane* – Ah.

**Fátima** – E como era que você selecionava os textos, você...

*Jane* – [...] levava pra casa

**Fátima** – É, você levava pra casa e selecionava os que...

*Jane* – É, aí levantava, é, aí selecionava dos alunos – já eram mais ou menos a quantidade certa, mas de todos aproveitava. Eu não gostava de decepcionar os meninos, não, aproveitava, ajeitava e botava o de todo mundo.

**Fátima** – Eles tinham mais ou menos que idade? Quem eram os alunos?

*Jane* – ra adolescente, né? 10, 12, 13 anos, a partir de 10, mas 12, 13,14.

**Fátima** – Aham, e eu notei, quando surgiu o Círculo de Estudo, parece que o editorial passou a ser as palestras que os alunos davam, né?

*Jane* – Eu também botava, né? Isso eu não me lembro direito. Porque eu dei a coleção, né? 100 anos da Escola Técnica, alguma coisa...

**Fátima** – Sim, foi!

*Jane* – Aí eu fui falei, aí ofereci... Zezeu até ficou em cima de mim, Zezeu queria, como político, né? Foi, organizou as coisas todas, pra fazer cartaz dentro da escola, e aí me fez oferecer... – “Minha mãe ofereça a coleção.” Eu já tinha a coleção, já tava velha também, não tava maos [...]. Aí eu dei, foi bom que serviu pra você, né?

**Fátima** –É, tou fazendo este trabalho. Esse depoimento da senhora é muito importante pra...

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Esse depoimento da senhora é muito importante pra história mesmo da escola.

*Jane* – É sim, eu marquei uma fase [...], né? Muito tempo, muita gente me procurava, quando gente vinha do Rio, eles me procuravam pra saber da escola. Doutor Montojos me ouvia muito, eu era muito [...] no Rio.

**Fátima** – Doutor Montojos era...

*Jane* – Era, era serviço de educação industrial, como é? Departamento de [...] industrial, tinha o Ministério da Educação e Cultura, tinha o departamento de [...] social, o departamento de ensino secundário que era o ginásio né? Industrial era todas... Todos os Estados do Brasil tinham escola industrial, que era a antigo Escola de Aprendiz de Salvador. A Escola de Aprendiz de Salvador era nível de primário, depois passou a Escola Industrial de Salvador, aí passou a um nivelzinho de ginásio, mas muito bobinho, porque os meninos não tinham ... era os próprios do primário lá com a formação muito esculhambada. Aí, quando eu entrei que começou a melhorar o nível porque os professores também começaram a ser fiscalizados, mais trabalhados, entendeu? Porque lá o pessoal tomava licença, era um bom viver. Aí quando eu comecei, a coisa

melhorou, o ensino também, eu comecei a fiscalizar, comecei a dar aulas; assim, com as redações, o nível dos meninos melhorou também. Em Matemática, já era um pouquinho melhor porque tinha também os professores lá de industrial, já que entendiam um pouquinho de Matemática. Ai melhorou o nível, tanto de Português como de Matemática. E aí um ano depois que eu cheguei já passou a escola técnica, aliás, eu já entrei como Escola Técnica, mas ainda ficou assim industrial até um ano ou dois. Eu e doutor Ericsson demos a formação técnica, adquirimos professores novos, aquele professor, esqueci o nome dele... como é meu Deus do céu? Entraram os professores que não eram de ensino industrial, passou a ter outra finalidade, a Escola Técnica, aí entrou muita gente do ensino geral da Bahia, entrou gente também que o Rio contratou independente da gente.

**Fátima** – Não era por concurso que eles entravam?

*Jane* – Ah, acho que tinha concurso, isso não lembro muito não, mas acho que tinha, não me lembro muito bem não, mas também acho que era ... não me lembro.

**Fátima** – Sim então, o jornal deixou de circular quando a senhora ...

*Jane* – Quando eu deixei o jornal, quando eu me zanguei com doutor Ericsson por causa disso. Quando ele disse isso, eu fui pra máquina e pedi minha demissão. Aí ele ficou me chateando, me chateando. – “Ah, doutor Ericsson, doutor faça um horário que ela possa.” Começaram a me dar muito prestígio, mas aí eu não peguei mais a parte de jornal, não. Também tava recém-casada, grávida, né? Aí me disse isso, eu me peguei nisso, aí fiquei só cumprindo minha obrigação mesmo.

**Fátima** – Ninguém quis continuar o jornal?

*Jane* – Qui! Quem tinha pra fazer? Ninguém. Tinha ninguém que tivesse capacidade pra fazer, não. Nem capacidade, nem disponibilidade, que não é questão de capacidade, disponibilidade, porque quando a gente quer fazer faz, né?

**Fátima** – É.

*Jane* – E eu fazia dentro de casa, de noite, domingo, era tudo lá essas coisas. Minha vida era dedicada à Escola Técnica. Ribeiro se chateava até comigo, que às vezes ele queria sair e, todo dia: – Ah não posso que eu tenho que terminar o jornal pra amanhã [...].” – “Essa invenção de Escola Técnica!”.

**Fátima** – Ficava com ciúmes, né?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Ficava assim, enciumado.

*Jane* – É, ficava chateado, né? Porque a gente só tinha mesmo domingo pra sair, essas coisas.

**Fátima** – E os fatos que aconteciam assim, por exemplo, tinha a época da guerra, né?

*Jane* – Foi a época da guerra. Meu tempo lá foi o tempo da guerra. Que eu me casei em 49 foi justamente quando a guerra ... A guerra foi em setembro de, setembro de 49, não foi? Foi! Começou em setembro de 49. 49, 50, 51, 52, acabou em 53 [...]. Aí meus tempos de recém-casada, né? Eu me casei em 49, quando a guerra começou em setembro, e --- a guerra acabou em 53, né?

**Fátima** – E aí a senhora achou importante também que o jornal falasse desses temas?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – O jornal também falava desses temas que aconteciam?

*Jane* – Tudo, o tema era, o tema era o dia a dia.

**Fátima** – O dia a dia.

*Jane* – Jornal mesmo né?

**Fátima** – E quem era que lia o jornal além dos alunos?

*Jane* – Ah bom, aí eu mandava pra o Brasil inteiro. Eu tirava em papel cuchê, era muito bem ilustrado. Você tem, né? Ilustrado por Eduardo Lemos Rodrigues. Eduardo Lemos Rodrigues era professor de desenho, e era professor do meu lado, passou pro meu lado, o pessoal de tipografia do jornal todo passou pro meu lado. Então ele ilustrava, ilustrava muito bem, e ele dava o que eu queria, e ele interpretava muito bem. Aí eu... era assim... tinha aquele panoamericano, não tinha? América do Norte, América Central, América do Sul, três argolas, né? Tinha o V da vitória, tinha um, o V da vitória era verde e amarelo, não tinha? E tinha a frase do Hino Nacional parece – da pátria filha, [...] contente a mãe gentil, né? Acho que tem, e tem algumas que eu me lembro ainda, você vê?! E aí eu dava, eu dava os meus [...] malucos: – “Eu quero mais ou menos isso, Eduardo”. Aí ele fazia bonito, interpretava o que eu queria, eu dava uma opinião, ele mostrava a boneca, né? Aí eu dizia: i–“Isso assim, bote mais isso, bote mais aquilo, tire isso, tire aquilo”. Aí a gente fazia, o pessoal de tipografia me ajudava muito. Então o professor Luís que era de tipografia, era muito correto a parte de tipografia, como o professor Aloísio, que era de encadernação, era quem fazia encadernação, e desenho que era Luís e tinha um outro também, mas quem fazia mais era Eduardo Rodrigues, era Eduardo e o outro não me lembro, era um [...] que era até professor do Estado, mas Eduardo era mais, porque Eduardo tinha sido ex-aluno do colégio, então tinha mais mentalidade operária do que esse outro, esse outro tinha mais literária. Ai eu pedia mais a Eduardo. E Eduardo gostava, tinha prazer, fazia umas ilustrações muito boas, eu me lembro ainda de algumas. Aí eu fazia assim, na primeira página era o editorial, né? Que era ou eu ou Mariêta, ou um dos professores. Depois quando foram ficando mais [...], eu fui pedindo também. Os professores chefes de oficina, eles faziam, corrigiam também um pouquinho o português, adaptava um pouquinho:– “Ah professor, vou fazer isso aqui, uma reunião”. – “Pode, pode professora, pode, tá bom”. Aí eu corrigia, melhorava os textos. Pronto!

**Fátima** – E tinha assim...

*Jane* – Doutor Ericsson também, né? Doutor Ericsson também ficava, fazia artigo.

**Fátima** – E os alunos sugeriam, tinha alguma vez que algum aluno sugeriria algum tema pra escrever?

*Jane* – Não, sugeria! Eu sempre reunia, mesmo com eu quase predominando no começo, que eles não tinham hábitos, né? Mas eu [...] pra educar democraticamente, eu não resolvia as coisas, eu fazia uma reunião com os redatores, os que mais escreviam, fazia uma reuniãozinha nesse horário alternativo, e aí dizia: –“Vamos ver, o calendário desse mês, qual as coisas que a gente vai comemorar esse mês”. Então eles já viam, tal, tal, tal, tal assim, isso assim. – “Então vamos ver quais são as mais chegadas ao ensino proletário, as indústrias, o que interessa mais a gente porque não é um jornal literário é um jornal de indústria, de escola técnica”. Aí eles mesmos levantavam e aí a gente fazia mais ou menos as relações das redações, o que devia fazer. Aí o editor era sempre alguém mais capaz, o professor, ou eu ou qualquer pessoa assim, às vezes também de oficina; alguns faziam, professor Luís escreveu alguma coisa, os mais capazes, pois que tinha uns que eram mais operários mesmo. Professor Luís escreveu, professor Luís fazia, esse menino da mecânica fazia, tanto que chegou a ser diretor da escola. Depois que eu saí, tinha



uns mais evoluidozinhos. E também tinha Olívia Cardoso, né? Tinha, depois entrou Olívia Cardoso [...] --, quem foi Jane? – Tinha um dentista, tinha um médico, isso tudo aí foi depois que eu entrei na Escola Técnica. Aí tinha também a parte médica, que todo mês doutor Carlos, doutor Carlos, era Carlos...

**Fátima** – Sepúlveda!

*Jane* – Sepúlveda, exatamente, que eu dava um tema a ele, um tema de saúde, bem-estar, que ele escrevia um tema assim pra também educar pra saúde, né, bem-estar. E tinha dentista também, que era doutor...

**Fátima** – Raul Leone!

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Esse Raul Leone?!

*Jane* – Raul Leone, olha como ela sabe” E tinha Raul Leone que era dentista também, fazia sempre uma colunazinha sobre o tratamento de dente, cuidado com o dente, escovação de dente, essas coisas assim de educação.

**Fátima** – Você é que dizia pra ele?

*Jane* – Tudo eu que fazia. Primeiro, eu vazia a boneca, era minha vantagem; dava o [...] e orientava assim, na brincadeira, fazia essas coisas todas.

**Fátima** – Os alunos gostavam?!

*Jane* – Ah, gostavam. Tem um que foi professor da escola, até trabalhou comigo, em que foi Jane? Depois que eu saí, agora há pouco tempo de casada, esse menino escreveu. Não me lembro o que foi, me aproximou, escreveu um livro, [...] sem dinheiro; depois, escreveu um livro e morreu, esse rapaz, um ano depois que fez isso, que escreveu esse livro. Aí veio aqui em casa, fez entrevista comigo, eu não me lembro o nome dele, morava até aqui na rua [...].

**Fátima** – Foi o seu aluno na época?

*Jane* – Foi, foi meu aluno, quer dizer que eu não tinha aluno, propriamente. Tinha os alunos que eu fazia essas aulinhas às vezes de correção dos textos. Aí vai, minha filha [...].

**Fátima** – A senhora me falou uma vez que se inspirou em um livro que você recebeu que te inspirou a fazer esse projeto de orientação educacional, ou foi o jornalzinho? Uma vez cê me falou que tinha um livro que você leu parece e que alguém da família ou foi alguém levou, parece que foi o namorado de Doya que levou esse livro.

*Jane* – Foi criado, foi criado o Serviço de Orientação Educacional do colégio. Em todos os colégios da Bahia, o SOE, o SOE, famoso SOE, que não havia antigamente, né? Aí passou a ter coordenação pedagógica para o ensino e orientação educacional, que era o SOE, Serviço de Orientação Educacional, todos os colégios particulares, ginásios, tudo tinha o SOE. E o SOE era a parte disciplinar porém tratada com pedagogia, pedagogia aplicada ao aluno, aí tinha o orientador educacional. Esse lugar que criaram, quando fundaram a Escola Técnica, porque eu não passei, não passei, não, passei no segundo lugar do concurso da escola pra professor, aí foi que doutor Ericsson queria, mandou uns 3 ofícios pro Rio, pedindo a minha nomeação para orientador educacional, e nunca veio, porque aí foi Climério que entrou como professor, né? E eles não preencheram a ficha de orientador educacional. E eu fiquei como bibliotecária, que foi a função que inventaram nova porque criaram, e como eu

tinha feito o curso de biblioteconomia, particular até, com Bernadete no Instituto de Engenharia, aí eu tinha feito esse curso de biblioteconomia com Bernadete. Bernadete me deu um atestado, um certificado do curso, mas não foi curso seriado não, um particular mesmo, dado pela Escola de Engenharia, da bibliotecária da Escola de Engenharia. Aí, por exemplo, doutor Ericsson me admitiu como auxiliar de biblioteca, não era nem lugar de biblioteca, eu ganhava como auxiliar de biblioteconomia, porque o curso era auxiliar de biblioteca. Aí eu fiquei fazendo orientação educacional, porque eu sempre trabalhei com educação, né? Aí eu fiquei como bibliotecária, mas na realidade... Sim, na realidade, foi isso sim, agora que eu tou me lembrando. A Escola tinha três auxiliares de disciplina quando eu entrei: era Aderbal, Aurélio e Luís, Luís Santos, não, não era Santos não, Luís Santos era da tipografia, era um Luís não sei o quê, não me lembro mais. Mas tem no jornal, artigo dele, ele também escrevia, que eu botava eles pra escreverem. Aderbal escrevia muito, que era o mais.... Era estudante de medicina, sabia escrever direitinho. É... Aurélio escrevia e Luís também escrevia, mas eles dois eu corrigia as coisas porque tinha muito erro. Mas Aderbal escrevia direitinho. A~ eles três eram professores, eram professores,. não, era auxiliares de disciplina, fiscal, como se chamava antigamente. Mas, quando eu entrei, eles eram muito, havia muita... racismo na escola, os meninos eram pretos. Esse Aderbal era preto, era estudante de medicina, mas era pretinho, pretinho e a [...] que ele andava de revólver no bolso. A disciplina ... eles andavam de revólver no bolso. Aderbal era – como é? – estudante de medicina. Aurélio era, Aurélio era comunista, filiado mesmo na coisa do pelourinho, da, do grupo do pelourinho. E Luís era, era, como é? Como é que era negócio de religião?! Era...

**Fátima** – Sacerdote?

*Jane* – Trabalhava em religião, ele era São Francisco, negócio da religião lá, na igreja dessa aí. né? Muito chegado, era sacristão grã-fino. Aí eu disse a doutor Ericsson: – “Doutor Ericsson, esse rapaz não pode continuar trabalhando comigo, porque um anda de revólver e tem... É racista, é negro, mas é racista, ele se [...] com os meninos, não tratam os meninos como alunos, trata os meninos como inimigos, inimigos de ração, de raça. O outro é comunista, fica pregando comunismo, enchendo a cabeça dos meninos de comunismo. E tem Luís Santos, ah Luís Santos, não, Luís Santos era de tipografia era um Luís não sei quê, aí Luís, não, Luís era, que Luís era? Era da igreja.

**Fátima** – Que era da ordem, de São Francisco, essas coisas...?

*Jane* – Que da ordem, esqueci o nome de um. Aí era aquele tempo de leigo né? Católico leigo, que começou a trabalhar também depois de João XXIII, era leigo. Aí [...] com essa visão de católico, essa coisa, fica comigo pra distribuir as turmas, pra poder indicar as coisas, que eu não posso também só ficar fazendo essas coisas. Então, Luís ficou trabalhando comigo, aí eu disse, agora fica Luís trabalhando comigo nessa coisa, na disciplina. Aderbal vai trabalhar comigo na biblioteca porque eu não vou poder ficar dando livro, nem tomando livro, nem dando nota, nem classificando, eu ensino a ele, eu classifico e ensino a ele a catalogar, ele cataloga os livros, eu classifico, dou a ficha pronta pra [...], ele desdobra a ficha e faz o serviço de empréstimo, né? E eu fico com tempo pra trabalhar nesse projeto de educação. Foi aí que eu fiquei e ele comigo na biblioteca, eu tratava ele muito bem, mandava ele redigir as coisas, ele se achava importante, gostava da coisa, eu aí explorava esse lado, né? Aurélio era comunista e eu era integralista. (risos)

**Fátima** – [risos]

*Jane* – Quer dizer, eu era de formação integralista. Meu irmão era integralista, lá em casa quase todo mundo era integralista. Nem era mais integralista que também já tinha fechado o integralismo, comunismo e tudo. Mas a mentalidade ainda era de direita e esquerda, né? Aí eu e

Aurélio, mas eu gostava muito de Aurélio que ele era muito inteligente, um comunistazinho danado, inteligente, não era culto, não, mas era inteligente. E aí também, fazia muita amizade com ele, sabe? Com a mulher dele, a mulher dele que era uma coisa assim, que eu também aproveitava ela. Não sei, ela tinha função no colégio. E eu aí tratava bem, fazia bem amizade com ela, usava também ele, eu ficava assim conquistando. E aí pronto, sim, Aurélio ficou, Luís ficou com [...]. Ah não, Aurélio ficou controlando material, criou um departamento material, como é? Porque lá era um negócio, minha filha, de professor não comprava lápis, ninguém comprava lápis, podia dra, o colégio continuou dando, mas era um tal de, pros filhos, tudo lá era dado, o colégio lá era muita exploração, esculhambação. Começava com o diretor que comprava uma mobília [...], não o diretor que ficou comigo, que esse veio pra reformar. Antes, a história era esse diretor que tinha comprado mobília pra casa com nome de carteira, essas coisas todas aí ... – “Oh doutor Ericsson, bota Aurélio no departamento de material, porque ele vai controlar todo material do colégio, livro, tudo, porque lá era tudo dado, livro, caderno, lápis, caneta, mas tudo dado, registrado, quem toma, controlar o negócio. Porque ele é materialista, aí ele fica com o material. Aderbal, Aderbal fica comigo porque ilustra versos, um pouco metido, aí fica comigo trabalhando na biblioteca com os livros, todo mundo só de [...]. E Luís, coitadinho, que é mais modesto, fica distribuindo as classes tal, sala a, sala b, sala c, função de fiscal mesmo”. E aí pronto. E começamos a mudar um pouco a política de disciplina, em vez de tanta suspensão que era suspensão toda hora, menina...E passou a uma mentalidade diferente, respeitar os meninos como alunos, né? E eles também ficaram, a escola é do aluno, a escola é feita para o aluno, professor é empregado do aluno, é funcionário. Todo mundo aqui é funcionário, eu sou funcionário, vocês todo mundo aqui é funcionário, o aluno que é o dono do colégio. Que o colégio é feito pro aluno. Aí fui criando essa mentalidade, o diretor também me ajudando, tudo com a força do diretor, claro, né? Sem ele não podia fazer. Mas aí eu fui metida, fiz essas coisas todas.

**Fátima** – Sim, e a senhora disse que foi amiga de Presciliano, né? Presciliano Silva

*Jane* – Ah, muito. Que Presciliano era professor de desenho, coitado. Mas ele era gênio, né? Dava aquelas aulas de desenho meio [...], e tudo lá era assim, os professores todos. Tinha muita gente, tinha algumas pessoas de valor, como Presciliano e outros, mas também tinham aqueles que não sabiam quase nada, que eram professores de Geografia, de Ciências, de Português, entendeu? Aí nós fomos renovando também, né? Abriu concurso, entraram professores mais iluminados. E Presciliano foi ficando acomodado, né? Professor de desenho, é coitado, um pintor como Presciliano ia dar aula pra menino? Era uma coisa assim...

**Fátima** – Não.

*Jane* – Ele, escreveu duas vezes, tem qualquer coisa dele, mas pouca coisa, tem pouca coisa. Mas ele escreveu uma vez, me lembro, parece que eu tou vendo a naturezinha dele. Mas ele gostava de conversar comigo, ele chegava cedo na aula, aí ia pra biblioteca, ficava sentadinho dormindo. – “Que é que há professor?” Disse assim: – “Ah os alunos, não sei o quê..”. Porque os alunos sabiam que ele não ouvia, aí falavam baixo pra ele ficar: – “Como é? Como é? Como é? Sabe como é menino?” E aí eu apertava, chamava: – “Respeita o professor, respeita o defeito do professor”, essas coisas, aproveitava tudo pra fazer meus sermões. [risos].

**Fátima** – [risos] E a senhora disse que conversava com ele tudo.

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Conversava com Presciliano, gostava.

*Jane* – Conversava com Presciliano e com os meninos, [...]: –“Faça de conta que não ouviu, manda pra lá, ah, sim, sim, não dê muita corda não que eles gostam, sabem que você é surdo”. E aí com Presciliano eu conversava direito. – “Pô, o povo não sabe conversar comigo, fala alto, eu não ouço, pior ainda, eu não ouço nada. Só você fala devagar comigo”. –“ Pois é, tem que falar articulado pra você entender.” [risos].

**Fátima** – [risos] Que privilegio né?

*Jane* – Foi um tempo bom, eu gostava muito.

**Fátima** – Pena que teve que sair não foi?

*Jane* – Me realizei na Escola Técnica, né?

**Fátima** – Se realizou com esse trabalho?!

*Jane* – Foi, agora depois, me casei, aí teve filho, gravidez, essas coisas, aí eu não podia me dedicar tanto, não.

**Fátima** – E como era sua relação com os alunos?

*Jane* – Era ótima. Eles gostavam de mim. Iam, entravam na biblioteca, aprenderam.... Ah sim, eu mudei os livros, os livros eram Coleção Brasileira, tudo de geografia, história, geografia. Coleção Brasileira você conhece, né? Tinha 31 livros da Coleção Brasileira, comprava assim pelos editores que chegavam lá vendendo, comprava. Literatura e Machado de Assis, não sei quem, essas coisas. Aí comecei comprar livros sobre ser operário, indústria siderúrgica, ensino industrial, aí comecei a comprar livros assim sobre sapatos, forma de sapato, livros técnicos, né? Comecei a renovar toda a biblioteca da... os livros da biblioteca, dando outra feição, outra finalidade, pois que não era uma biblioteca literária com Machado de Assis, esse povo, nada.

**Fátima** – E o que é que eles levaram pra...

*Jane* – E os professores também, entra todo. E passei a botar Mauá ..., toda gente de indústria, e cada vez a gente inaugurava uma sala, a sala Luís Taequínio, não me lembro mais dos tempos daquele, não. Era no tempo de Getúlio, tudo quanto era coisa, né? Esse aí eu não boto, quem quiser bote, porque eu não vou botar quadro de Getúlio, político, mas aí era obrigado a botar, nas escolas todas federais, tinha que ter, o diretor bota, isso não é comigo, não.

**Fátima** – Que bacana. Pois é, foi um tempo bom que você falou.

*Jane* – É eu gostava muito, trabalhava muito, né? Que eu trabalhava em casa, que eu levava esses artigos essas coisas levava pra corrigir em casa de noite, que durante o dia na escola eu não tinha tempo, ou tava atendendo na biblioteca, fazendo, classificando livros essas coisa, pra Aderbal poder trabalhar, ou então tava trabalhando com os meninos, com as coisas do jornal, né? Correção do jornal que isso só fazia em casa de noite, então, trabalhava de dia e de noite no jornal. De dia na escola, de noite no jornal.

**Fátima** – E os alunos eram que imprimiam?!

*Jane* – É.

**Fátima** – Faziam certinho?

*Jane* – Era muito feitinho tipograficamente, que uma das melhores oficinas do colégio era de tipografia, encadernação e mecânica; eram as melhores. Mas sobre isso, tinha gosto, fazia, Eduardo fazia as [...] e o de encadernação, encadernava tudo direitinho. Agora eu fazia assim uma quantidade de papel cuchê, aquele papel assim [...] bom, mandava pra todas as escolas do Brasil, um pra cada biblioteca. Mandava pra diretoria

industrial do departamento de ensino industrial, doutor Montovis, doutor Renaldo, pessoal todo de lá, e os professores também eu dava cuchê. Agora fazia em quantidade pra distribuir com os alunos, pra é outras escolas de Salvador yambém mandava.

**Fátima** – Com outro papel mais simples.

*Jane* – Papel de jornal, fazia em papel de jornal e fazia com papel cuchê, agora esse papel fazia menos, porque ficavam as ilustrações muito mais bonitas, né?

**Fátima** – E tem toda parte que a senhora é... A senhora bota quem leu o jornal agradecendo, quem recebeu o jornal, as cartinhas, né?

*Jane* – Oh como ela sabe tudo, você tem a coleção, né? É, aí eu mandava todo mês pras escolas tudo, pro secretario de Educação aqui da Bahia, pras escolas principais aqui da Bahia, eu mandava e aí eu recebia os agradecimentos e publicava também pra estimular.

**Fátima** – A senhora tem esses documentos ainda?

*Jane* – Ah, não. Isso tudo eu lhe dei né?

**Fátima** – Ham?

*Jane* – Isso tudo eu lhe dei.

**Fátima** – Não, não. [risos]

*Jane* – Tinha pastas ainda...

**Fátima** – Você falou que tem ainda aí.

*Jane* – Não tenho mais nada, não tenho mais nada. Nem isso eu me lembrava.

**Fátima** – [risos] Ah que bacana, deixa eu ver o que mais...

*Jane* – Que eu fui assumindo outras coisas, né?

**Fátima** – Sim... Ai a senhora saiu de lá e depois foi ensinar em escolas, né?

*Jane* – Aí fui pro Vieira. Eu trabalhei interessada, eu trabalhei primeiro foi Escola Técnica né? Escola Técnica com menino pobre, né? Subdesenvolvido, menino da Liberdade, menino da...do subúrbio. Depois trabalhei com o Vieira. Como foi Jane? Não, Vieira foi o último. Depois de trabalhar com [...] era técnica, depois trabalhei com quê? Trabalhei com outra coisa. Quando eu me formei logo, veja sô, tou com a memória... Me recomponho. Eu me formei em trinta e...Ah, sim...Eu me formei em 39,pelo Instituto Normal, mas como aluna transferida do colégio de dona Anfrísia,eu era aluna do colégio N. S. Auxiliadora, mas Dona Anfrísia Santiago brigou com a secretaria de Educação na turma da gente, Aí desfez do colégio o curso normal, todas foram transferidas para o Instituto Normal. Aí terminamos a escola normal, mas fizemos um álbum separado, as transferidas do Colégio de dona Anfrísia, os professores de cá, que foram os nossos professorestudo... Aí eu fui contratada, [...] Me formei no dia 18 de dezembro, no dia 2 ou 3 de janeiro,2 de janeiro ou 3, eu comecei a ensinar no colégio de Dona Anfrísia, mesmo para curso de admissão que você fazia, pois tinha o exame de admissão em fevereiro. Se lembra de pro Gislaide? Da entrada pro ginásio? Então dei logo o curso de admissão em janeiro,que tinha que estudar muito pra dar e tal. Primeira turma e ensinando logo na entrada do ginásio! Aí dei ytês meses... dezembro, janeiro e fevereiro... Aí, quando eu terminei o curso de admissão... ainda ensinei em Dona Anfrísia 4 anos ou 5...4 ou 5 anos. Aí abriram o concurso pra Escola Técnica, foi quando eu fiz o concurso com esse menino [...] e aí eu fiquei em segundo lugar e ele ficou em primeiro, e que eu fiz a zoada toda. Que eu sabia que meu lugar era o primeiro.Aí não entrei como professora da Escola Técnica porque ele

ficou com a vaga. Aí, pra compensar, criaram o serviço de biblioteca e a função de bibliotecária... Como eu tinha feito o curso de bibliotecária, doutor Ericsson me admitiu, e eu fiquei na Escola Técnica como bibliotecária, e como orientadora educacional, pois eu fiz o concurso pra Escola Técnica como orientadora educacional. mas não entrei, né? Esse menino entrou no meu lugar. E aí fiquei na Escola Técnica....

**Fátima** – Ah, o concurso era pra orientação educacional ou era pra professora de português?

*Jane* – Não. Para Orientadora educacional. Era como orientadora educacional. Eu nunca fiz concurso pra português, não. [risos]

**Fátima** – [risos]. Sim.

*Jane* – Aí fiquei até me casar. Me casei, fiquei grávida, foi aí que eu deixei. Sim, aí a Escola Técnica era menino com mentalidade industrial, né? Aí fui pro Vieira, depois de casada, fui pro Vieira, onde fui trabalhar com a elite. A elite baiana era todo mundo do Vieira. Se não fosse Antônio Vieira não era aluno de direito, esses ilustrados, né? Ilustrados bons só eram do Vieira. Depois foi que apareceu Anchieta, apareceu uma porção de colégio aí. Naquele tempo, só tinha o Vieira no máximo, segundo grau era no Vieira, era todo grã-fino, de classe média alta pra... cima... Gente grã-fina.

**Fátima** – Aí a senhora ensinou...

*Jane* – Aí a mudança é diferente. Aí no Vieira eu entrei como professora de português, foi aí que comecei [...] Eu não fiz concurso pra professora de português, não. Aí eu entrei pensando que não sabia. Cheguei lá, achei que sabia um monte, aí me assanhei também.

**Fátima** – [risos]. Ficou um tempão, né?

*Jane* – Ah, 21 anos.

**Fátima** – 21 anos!

*Jane* – Sim, aí eu fiquei 10... 11 anos como... como professora de português. Aí eu passei pra coordenadora pedagógica, de professora eu fui convidada pra coordenadora pedagógica. Aí fiquei como coordenadora pedagógica da 8ª série e do 1º ano colégio, que tinha outra que era do 2º e do 3º ano colegial, que era Joésia, não sei se conhece. Joésia, quela do Colégio de Aplicação. Ela era coordenadora do Aplicação também, eu entrei ela já era. Aí ela ficou com o 2º porque ela não dava conta, né? Porque tinha Marizete, que era do 1º grau, da primeira à 8ª, mas não dava muita atenção à oitava porque a oitava era de tarde. Ela, na realidade, coordenava da primeira à sétima, a oitava não tinha coordenação e o primeiro colegial devia ser de Joésia, primeiro, segundo, terceiro e quarto, mas ela também não dava conta de 4 turmas de coordenação. Aí eu, que era professora, fui convidada pelo diretor para ser coordenadora, e eu passei a coordenar a oitava e o primeiro, Marizete ficou nas 5ª, 6ª e 7ª dela, eu fiquei na 8ª e no 1º colegial, e Joésia ficou no 2º e 3º (vestibular).

**Fátima** – Bacana.

*Jane* – Então eu passei de aluno pobre do subúrbio para aluno burguês, com outra mentalidade completamente diferente, que achava a gente inferior a eles..

**Fátima** – [risos].

*Jane* – E... E alunos de escola noturna também.

**Fátima** – Hum.. Você trabalhou em escola noturna também?

*Jane* – É... Era curso técnico, tinha noturno também, né?

**Fátima** – Ah, lá na Escola Técnica também. Você trabalhou na parte... Ah, ah que bacana...

*Jane* – Tive de tudo.

**Fátima** – [risos]. E como é que você descobriu assim que tinha essa vocação?

*Jane* – Ói, minha filha, essa cadeira é uma miséria, eu sempre, encostei aí. [Fala sobre a cadeira em que estava]

**Fátima** – [risos] Ó, não deu pra cair, não.

*Jane* – Encoste no... Como é? Na madeira do... Isso.

**Fátima** – Tá bom.

*Jane* – [risos]

**Fátima** – E como foi que a senhora descobriu que tinha essa vocação assim pra ensinar? Como foi isso?

*Jane* – Ah, essa vocação pra ensinar eu nasci com ela, minha filha.

**Fátima** – É, é.

*Jane* – Meu brinquedo de menina não era de boneca, era de boneca, mas de escola. Eu tinha uma escola que se chamava Escola da Paraíba, como é? Escola Revolucionária da Paraíba, Revolução de 30...

**Fátima** – É, é.

*Jane* – O revolucionário da...

**Fátima** – [risos]

*Jane* – Escola.....-

**Fátima** – Ham...

*Jane* – Eu me esqueço.

**Fátima** – Começa com que letra?

*Jane* – Foi o herói da revolução de 30, então eu via falar... Eu era pequena, eu tinha 7 anos, ouvia muito falar só nele, eu lembro que ele era líder político e revolucionário, aí eu não... O que eu ouvia ... não sabia nem quem era, nem o que era, aí coloquei o nome da escola. E aí meus alunos tinham o caderno, todos tinham, os bonecos todos tinham, colocava os cadernos na mão dos bonecos, lápis, tudo, aí depois eu escrevia o dever de cada um pra eles [risos]. Aí pronto, toda minha vida na escolinha

**Fátima** – [risos] Sim e você brincava sozinha ou tinha alguém?

*Jane* – Brincava sozinha, brincava com Anita, uma amiga que eu tinha. Mas eu brincava mais só, mesmo.

**Fátima** – Hum. Sim e...

*Jane* – Gostava muito.

**Fátima** – E voltando a coisa... O... No Jornal *O Aprendiz*, qual era a parte assim da cultura, o que é era que tinha de cultura que vocês... Na escola assim como era a cultura, as artes?

*Jane* – Era o grêmio, tinha as palestras os alunos tinham, de 15 em 15 dias, nós tínhamos a função do grêmio. As aulas suspendiam às 14:30. E aí se fazia a reunião do grêmio. Na reunião do grêmio, tinha o diretor do grêmio, o secretário, o social, tinha tudo, e tinha eu, né? que apresentava

muitas coisas. Aí a gente fazia a reunião, tinha geralmente uma palestra do professor com determinado tema. Geralmente tema de indústria, essas coisas; depois os alunos também falavam sobre uns assunto, depois entrava a parte, de quem entrou, quem saiu, a parte funcional, NE?.

**Fátima** – Hum... Eles falavam lendo ou eles liam assim?

*Jane* – Eles liam, uns apresentavam e liam, outros apresentavam falando, professor também, uns apresentavam palestras, outros faziam discursos. Discurso quer dizer trabalho, né?

**Fátima** – Sim, que faziam na sala. Muito bacana o jornal, viu? Jornal muito lindo.

*Jane* – Bonzinho, né?

**Fátima** – É, vinte... Foram 26 edições, né?

*Jane* – É. Mas já tá superado, né? Antigo, né?

**Fátima** – Não, mas é bonito o jornal, é bonito o jornal.

*Jane* – Eu nem me lembro mais, gostaria até de ver.

**Fátima** – Ah, eu vou trazer aqui então, eu vou trazer.

*Jane* – Você traz pra eu matar a saudade.

**Fátima** – É, aí a gente conversa mais, né? Sobre ele.

*Jane* – Aí eu posso te dizer alguns detalhes de alguns, né?

**Fátima** – É. Tem um texto mesmo que eu acho que foi a senhora que escreveu, tem uma carta.

*Jane* – É. Os que não são, os editoriais, que não são assinados são meus; os que Mariêta fazia, ela assinava. Quando era a outra professora também, o professor Luís fez alguns editoriais. Os editoriais eram mais de Marieta, e o diretor também às vezes escrevia alguns.

**Fátima** – Só a senhora que não assinava.

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Só a se....

*Jane* – Eu não assinava porque eu era do corpo de redação, né?

**Fátima** – De redação.

*Jane* – Tinha aquela etiquetazinha. Redação, escola – daBahia – bibliotecária.

**Fátima** – E tinha os estudantes que eram do corpo de redação também ou eles só escreviam assinando?

*Jane* – Não lembro.

**Fátima** – Não lembra...

*Jane* – Eu acho que tinha uns dois. Era um rapaz do 2º grau e até que escrevia bem. E tinha uma menina, Alba Mize. Alba Mize que até tinha um certificado dizendo que era o pai que escrevia pra ela. Tinha uma outra menina que também era aluna e ela não gostava de colaborar, a qual dizia que Alba não fazia, que era o pai de Alba que fazia. Alba era filha de um italiano, né? Miz, bem italiano. Eu não sei se era ou se não era, eu tinha impressão de que ela fazia e o pai burilava, né? Como a gente ensina as pessoas a fazer. Aí eu fazia, e essa menina, Ligia Sampaio, essa menina até ficou depois fonte de destaque na universidade. Essa menina criticava dizendo que Alba escrevia, mas que não era ela, que era o pai dela que



escrevia por ela. Eu nunca apurei isso, que eu não ia chamar o pai da menina também pra constatar isso, né? Ele assinava ou ela assinava, o problema era dela, o nível era mais ou menos dela, eu botava. Aí não era mais comigo, era da consciência dela e do pai, né? E Ligia Sampaio fez alguma coisa, mas não gostava de escrever porque dizia assim: Ah, Alba faz porque o pai faz. Eu não faço com a mesma facilidade essas fugas. Eram duas moças do curso técnico. Aí sempre dava um pouquinho, né?

**Fátima** – Ah, no começo então, o curso primário só tinha homem, né? Depois que entram mulheres?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Na sua época só tinha...

*Jane* – Ah, era mais homem, era...

**Fátima** – Porque eu só vi assim, poucas assinaturas de mulher.

*Jane* – É, é. Exato.

**Fátima** – No começo era só homem, né? Que era 1º, 2º, 3º e 4 ano. Esses 4 anos era... Correspondiam ao primário ou ginásio.

*Jane* – Era meio nível. Na realidade, deveria ser ginásio, mas não era, era um primário mais avançado, melhorzinho. Ficava sendo uma coisa e outra, transformou-se. O primário transformou-se em secundário e teve essa fase assim de transição, que foi justamente a fase em que eu entrei, e que o nível dos meninos também foi melhorando porque os professores ficaram com mais orientação, e eu exigia mais e tal. Corrigia as coisas então as coisas foram melhorando de nível. Viu. Aí foi que entrou a Escola Técnica, que tinha também exame de entrada. Aí já ficou. Teve uma época que o curso técnico era bem exigido, né? Era bem [...].

**Fátima** – Hum... Ah, então, *O Aprendiz* ainda foi produzido nessa época?

*Jane* – É. Ficou mais rico, foi uma fase boa, trabalhei muito mas gostava. Trabalhava pra diabo, de graça.

**Fátima** – É, é pra fazer um trabalho desse...

*Jane* – É, é... Na realidade, eu era bibliotecária.

**Fátima** – É. Foi doação, né?

*Jane* – É. Foi doação. Trabalhava muito em casa, e o pessoal lá em casa ficava revoltado. –“Você trabalha sábado e domingo pra essa escola”. Ribeiro também, ele queria me pôr no lugar. Eu disse: –“Meu filho, eu não posso ir porque eu tenho o que fazer”. – “Ah, não é possível, mas eu me comprometi, né?”

**Fátima** – É, o jornal tinha que estar circulando, né? Era uma...

*Jane* – Acabava um já tinha que fazer o outro, né?

**Fátima** – É.

*Jane* – Tava fazendo um, já tinha que me embolar no outro.

**Fátima** – Você fazia reuniões quantas vezes assim por mês pra cada edição?

*Jane* – Sempre fazia uma reunião; era certa. Aí, quando não acertava os paus, fazia outra.

**Fátima** – Sei. E participavam os alunos e professores?

*Jane* – Os alunos não faziam muitas reuniões não, pedia mais colaboração para os professores; aí conversava, mas não tinha reunião formal, não.

**Fátima** – Hum... Mas você que recolhia todo material pra publicar.

*Jane* – Recolhia o material e levava pra casa,,aí fazia a boneca, né? Aí levava pra Mestre Luís. Aí ele fazia adaptação tipo: a quantidade de página e tal, e se faltava alguma coisa. Aí a gente fazia a sessão sobre livros, não tem?

**Fátima** – Tem.

*Jane* – Tem sempre uma sessão sobre livros novos que a gente adquiria pra biblioteca. Botava ali, ou então ele escrevia alguma coisa pra mostrar o que era, pra despertar interesse. Era sempre essa sessão sobre livro, era isso; quando sobrava um pedacinho do jornal, a gente aproveitava.

**Fátima** – E as piadas? Eu vi muitas piadas.

*Jane* – Ah, as piadas! As piadas não me lembro não, não era eu que... Eu nunca fui engraçada.

**Fátima** – Aham. Ah, os meninos traziam as piadas e você publicava.

*Jane* – É, eu acho que eu selecionava.

**Fátima** –Sei. Eles é que traziam.

*Jane* – É

**Fátima** – Porque tem também as piadas no começo preenchendo e depois tem um “Vamos rir”

*Jane* – É, vamos rir, é exato, é. Mas tudo isso era pra preencher o que sobrava de espaço, Vamos rir e Sobre livros era pra preencher.

**Fátima** – Hum....

*Jane* – Acabar a argumentação.

**Fátima** – Sei. Essas duas partes, né?

*Jane* – É porque a gente fazia o manuscrito com [...]. Aí sobrava lugar e tinha que encher, então: Vamos rir!

**Fátima** – Aham. É.

*Jane* – Isso era recurso de última hora.

**Fátima** – Aham, pra poder fechar, né?

*Jane* – É, e os artigos também uns eram maiores, outros eram menores, né? Não podia... e também não podia deixar coluna em branco que ficava feio, né?

**Fátima** – Sei.

*Jane* – Aí criei essa de Vamos rir.

**Fátima** – E os alunos liam, gostavam de ler esse jornal?

*Jane* – Ah, gostavam.

**Fátima** – Mesmo aquela matéria da capa?

*Jane* – Gostavam. Ah, eu acho que gostavam também.

**Fátima** – Hum. E... E eu vi naquela...

*Jane* – Mas gostavam porque eram assuntos intere... Só colocava assuntos que interessassem a eles, né?

**Fátima** – Hum.

*Jane* – Não botava nada de muito complicado não, sempre linguagem que desse pra gostar.

**Fátima** – Eu esqueci o nome agora.

*Jane* – Mariêta que era mais embolada, eu digo que escrevia assim em nível mais alto mas geralmente eu tinha que dizer: ”Vou traduzir seu artigo, viu?” Aí ela gostava [risos]. Aí ela era muito minha amiga, eu dizia: – “Vou traduzir porque você fala muito alto, muito pedante, vou botar uma linguagem mais moderna”.

**Fátima** – E tem uma parte do movimento da biblioteca que vem a quantidade de livros e tal.

*Jane* – Ali era os livros que eu comprava, os livros que emprestava.

**Fátima** – É. E tem um tipo de leitura que os meninos levavam pra casa, né? Os meninos levavam pra casa?

*Jane* – Levavam, emprestava livro, serviço de empréstimo.

**Fátima** – É, serviço de empréstimo.

*Jane* – É.

**Fátima** – Eles levavam pra casa, era um tipo de leitura, não sei se era literatura.

*Jane* – Depois eles... Depois eles escreviam o assunto do livro.

**Fátima** – Eles escreviam também sobre o que liam? Ah.

*Jane* – É, o comentário sobre o livro, a leitura, né?

**Fátima** – Sim, depois eu vou trazer pra mostrar... Porque me chamou atenção o número de... a quantidade de livros era bem maior desses livros que eles levavam pra casa; eram leituras infantis, tinha esse nome, que tipo de livros eram esses?

*Jane* – Os livros de leitura juvenil mesmo.

**Fátima** – Era com que assuntos, literatura, qual é?

*Jane* – É livrinho de... Os romances assim juvenil esses livrinhos juvenis, né?

**Fátima** – Sei, na época não eram esses escritores tão conhecidos, não.

*Jane* – Não. Esses mesmos.

**Fátima** – Que era Monteiro Lobato, ne?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Não era Monteiro Lobato não, essas coisas, não.

*Jane* – Não, nem tinha Lobato muito.

**Fátima** – Eles liam Lobato?

*Jane* – Liam, liam. Tinha Lobato, tinha outros autores também, aquela Rute Cardoso, né?

**Fátima** – É.

*Jane* – Tinham uns 3 ou 4 assim que eu comprava sempre pra...

**Fátima** – Eles liam, levavam pra casa esses?

*Jane* – Levavam pra casa [...] penso que era Aderbal que atendia esse preço.

**Fátima** – Hum... É, saía tudo no jornal.

*Jane* – Eu não tinha tempo, eu ia e ele fazia.

**Fátima** – Hum.

*Jane* – Ele não brigava com os meninos. [risos].

**Fátima** – [risos].

*Jane* – Casar é essa coisa, né? E ali era um comunista danado. Aí brigava comigo que era um horror. A gente brigava, mas brigava com amizade, né?

**Fátima** – Civilizadamente, né?

*Jane* – É. Eu gostava dele, agora eu to querendo me lembrar quem era a mulher dele. A mulher dele era uma coisa também, era do colégio, que ela trabalhava comigo também [...]. Você sabe que eu não tío me lembrando o nome dela, não tou... Mas depois vem na cabeça, mas eu me esqueço também, né? Tem muitos anos.

**Fátima** – Aham. É.

*Jane* – Até quando eu digo que tou sem memoria o povo diz: –“Que nada!”.

**Fátima** – Oxe, que nada, você lembrou de tudo aí. Até das suas alunas, as capas, você lembrou de muitas coisas importantes.

*Jane* – As ... o quê?

**Fátima** – As capas, os desenhos... Você descreveu aquele do V.. aquele das..

*Jane* – Ah sim, ali era... quer dizer, quem fazia os desenhos era Eduardo Lemos... eu fazia: – “Meu V, ó, faça o V da vitória, faça isso, aquilo[...] eu dava... criava.

**Fátima** – Criava, né?

*Jane* – Eele desenhava ..aí às vezes quando ele fazia as bonecas, eu dizia> –“Vamos apagar isso, tá muito cheio de coisa, ou precisa mais disso”, entendeu?

**Fátima** – Aham.

*Jane* – Tudo eu fazia muito assim com democracia, dando muito valor pro que eles faziam, só pra neguinho ficar orgulhoso.

**Fátima** – É, é.. tem o texto mesmo de uma aluna que ela diz que o jornal deveria ser escrito pelos alunos e não pelos professores e foi publicado esse texto..

*Jane* – Talvez foi... é... foi?

**Fátima** – Foi, uma aluna falava isso....e será que ela sentiu que a participação dos professores era muito grande ou eles queriam fazer...

*Jane* – Pelos professor... ah...

**Fátima** – Os alunos sentiam que a participação dos professores no jornal era muito grande ou eles queriam...

*Jane* – Não, tinha que ser porque eles não tinham muitos alunos que escrevessem sobre assuntos bons, né?

**Fátima** – Sim.

*Jane* – Assuntos mais difíceis, alunos não tinham essa capacidade toda, somente no começo, depois foi melhorando. De modo que tinha, quer

dizer, tinham três ou quatro alunos, [...] essas meninas e tinha uns rapazes que escreviam melhor, escreviam e eu botava como eles faziam mesmo. Mas meninos assim, eu tinha que corrigir e melhorar o texto. E não tinha muitos, então não podia botar muito artifício, muita coisa, né? Eu ensinava, explicava, aproveitava e dava umas aulinhas de português, mas aí, por isso que eles diziam que devia ser escrito pelos alunos, né? Porque acho que não podia publicar mesmo, aí ficavam uns doídos, porque não tinha jeito de pendurar, né? Eles aí ficavam despeitados um pouquinho. É difícil lidar com gente, é muito difícil. É muito camarada assim, tapear todo mundo, se desfazer, desfazer de si mesmo e elogiar os outros. Transferir, pros outros, os valores.

**Fátima** – Mas a senhora soube fazer isso.

*Jane* – Hein?

**Fátima** – A senhora soube fazer isso muito bem.

*Jane* – Ah, eu sempre fui doutora nisso [risos].

**Fátima** – [risos]

*Jane* – Eu sempre fui doutora nisso. Não faço muita questão de ter muito valor, não. Eu quero colher as plantas...

**Fátima** – Sim e quando, em agosto, todo...

*Jane* – Meu aniversário era [...] professor Luís.

**Fátima** – Quem era que escrevia?

*Jane* – Era professor Luís e a menina da assistência, era... – Como é o nome dela, Jane? – Ela trabalhava com odontista, ela ajudava, era auxiliar de dentista, né? Ela era professora, ne? Ela at´e também parece que ensinava uma turminha, e completava horário com o doutor. É, ela ensinava e completava horário. Ela era muito boazinha e escrevia direitinho, às vezes consertava alguma coisa que ela colocava, mas era só erro de português mesmo.. mas o sentido da frase ela escrevia.. era simplezinho o que ela escrevia, mas eu aproveitava.. me esqueço o nome dela, era boazinha.

**Fátima** – Eu sei quem é, agora eu também esqueci, eu sei quem é, acho que sei quem é, mas eu esqueci o nome também.

*Jane* – É, eu esqueci o nome..

**Fátima** – Ela era auxiliar de escritório, né?

*Jane* – ... ela era auxiliar de escritório, pois é, trabalha com o dentista.

**Fátima** – Ela aparecia como auxiliar de escritório e outras vezes como professora.

*Jane* – Trabalhava com o dentista.

**Fátima** – Ah, sei.

*Jane* – Aí eu aproveitava, me esqueço o nome dela, como é? Daqui a pouco vem. E olha como essas esferas estão bonitas, né?

**Fátima** – É, as flores?

*Jane* – É, eu recebi ontem e me esqueci que eu estava com nosso colega do Vieira aqui, que as meninas vieram na hora que ele chegou, foi uma delas que trouxe, em vez de trazer pra gente, ela trouxe umas flores também. Aquelas rosas...

**Fátima** – Sei.

*Jane* – A eu disse: – “Minha filha, pra não ficar fora d’água, bote bastante água no jarro e bote as flores lá, amanhã de manhã, eu arrumo; quando elas saíram era muito tarde – 22:30, tava cansada, que já tinha tido o dia do meu aniversário, tinha tido ontem. Aí eu fui me deitar ,mas me esqueci das flores. Dormiram na sala nessa água, mas tudo num vaso só. Aí, hoje eu tava aqui com a menina, ela chegou e disse assim: – “Dona Jane, a senhora recebeu umas rosas lindas”.–“Uai, menina, eu não me lembrava das rosas, vá buscar as rosas”. Aí eu desdobrei, mandei ela botar em dois jarros, ela botou e eu disse: – “Bota aqui no quarto porque na sala eu nem vejo. Deixa eu curtir minhas rosas”.

**Fátima** – Tem outra ali em cima.

*Jane* – Linda, né?

**Fátima** – É, linda.

*Jane* – Eu botei, Nossa Senhora, eu botei aqui.

**Fátima** – É, rosas amarelas.

*Jane* – Quando as meninas tinha uma capela em casa, mamãe tinha uma capela muito bonita eu sempre mandava, quando me mandavam flores eu mandava pra Nossa Senhora, também dividia, mas hoje não tem mais – você trouxe ainda esse jardim.

**Fátima** – [risos] É... É tão bonito flores, né?

*Jane* – Todas as duas estão bonitas, né?

**Fátima** – É, estão. Aí dá outras floradas.

**Fátima** – Ah, essas?

*Jane* – Sempre não. Sim. Tem umas que [,,,] de última hora não... Mas tem umas que renovam.

**Fátima** É, tem uns botãozinhos aí.

*Jane* – Eu corto, aparo e deixo os pedacinhos e vou molhando. Ai quando da, da, quando eu vejo que não eu joga fora.

**Fátima** – Aham. Pois é, bacana né? A gente conversou aqui muito. Vou voltar outra hora, pra gente continuar esse bate papo. Vou trazer o jornal *O Aprendiz*.

*Jane* – Traga o jornal pra eu ver, matar a saudade. Me recordo a cada número.

**Fátima** – Tá, tá bem!

*Jane* – Tem coisas que eu me lembro ainda. Eu me lembro bem intenso, do vitória, do V da vitória, me lembro do primeiro, de todos que foi assim – sabe o quê?! – carta aos alunos. Não foi o primeiro não, foi um de março.

**Fátima** – Castro Alves. O primeiro tem Castro Alves.

*Jane* – O primeiro foi Castro Alves, o primeiro dos jornais.

**Fátima** – ... que foi em março.

*Jane* – [...] literária, é...

**Fátima** – Esse foi você quem escreveu?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Esse primeiro, não, esse não foi não ...

*Jane* – Se tiver assinado não foi, se não tiver assinado, fui eu. Aí me lembro de um de março que eu fiz uma carta aos meninos, “Carta aos meninos”.

**Fátima** – É linda essa carta, eu li, eu li, eu já li ela, eu percebi logo, esse aqui foi dona Jane que escreveu, muito bonito. É como se fosse *O Aprendiz* falando, né?

*Jane* – É, exato.

**Fátima** – É *O Aprendiz* falando.

*Jane* – Foi *O Aprendiz*, Carta do Aprendiz, --- com saudade deles, né? Estarmos de férias, não sei o que exatamente. Esse eu me lembro, não me lembro do texto, eu sei que era isso, mas ou menos, que foi começo de dia, né? Começo de aula. Tem uns que eu me lembro, tem outros que não.

**Fátima** – Foi de 46 esse texto.

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Março de 46 essa carta.

*Jane* – É? Oh como você lembra. Aí, .... tem... É, tem as capas assim mais bonitas, aniversário do colégio, né?

**Fátima** – Hum ...

*Jane* – [...] aniversário do colégio.

**Fátima** – Tem um que tem as fotos do colégio, mas parece que foi um inspetor que escreveu, Não, falando dos cursos que o colégio oferece, o número de alunos, foi um espetor. Agora, sendo comemoração do aniversário da escola, tinha as festas, né? As festas que aconteciam...

*Jane* – As festas do colégio, tinha.

**Fátima** – Ham, e vocês...

*Jane* – Tinha o aniversário do colégio, setembro, ne? Setembro de uma semana de festas.

**Fátima** – Festa da...

*Jane* – Aí tem um, que tem assim, todo dia, as atividades de cada dia. Da coluna fechada [risos]

**Fátima** – É, é, tem, tinha as programações das festas, ne?

*Jane* – É, a gente bota pra prestigiar as pessoas que trabalhavam, né, tem que botar.

**Fátima** – Hum... É.

*Jane* – Tem esse lado também [...] tem que conquistar todo mundo.

**Fátima** – Sim, quem é que ia lá pra ver as festas pra depois escrever sobre as festas?

*Jane* – Ah, as famílias iam muito lá.

**Fátima** – Sei.

*Jane* – Os professores todos iam, os familiares eles levavam, ex-alunos, ia muita gente.

**Fátima** – Hum, e você ia também e depois escrevia?

*Jane* – Ah, eu tava em tudo, desde a faxina até... Eu transformava o auditório... O refeitório eu transformava em auditório, tirava as mesas todas de comida, que os meninos almoçavam no colégio, né?

**Fátima** – Sim.

*Jane* – Aí arrumava as cadeiras em forma de auditório, reformava tudo.

**Fátima** – Pra ter as reuniões também.

*Jane* – Pra ter auditório, que não tinha auditório só, puro; era o refeitório que eu transformava em auditório pra ter reunião do grêmio.

**Fátima** – Ah, sei.

*Jane* – Aí tinha uns três que me ajudavam, e tinha o pessoal do serviço também.

**Fátima** – Ah, por isso que eu vi umas mesinhas assim, né?

*Jane* – É, as mesinhas era almoço, o colégio dava almoço. Os alunos eram...

**Fátima** – E quem era que tirava as fotografias que saiam no jornal?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Quem era...

*Jane* – Ah. Porque lá tinha a sessão de fotografias também, lá tinha o curso de fotografia, tinha o curso, lá era bom, por isso que você tinha tudo no colégio pra fazer, né? Tinha encadernação, tinha parte de siderurgia, a parte de mecânica [...] era curso de tipografia, encadernação... Tipografia, encadernação... É [...] professor Luís, de desenho, tinha dois tipos de desenho, desenho industrial, desenho artístico; tinha siderurgia tinha fundição, mecânica, tinha dois ou três tipos de mecânica. Mecânica... É, não me lembro o nome, mas tinha duas, e tinha um que era muita gente e outro era menos; tinha mecânica; a tipografia era embaixo da biblioteca; encadernação, desenho era na fundição, era lá no pátio, a fundição, serralheria, mecânica era no pátio; tinha mais outros desenhos, eram dois; ai tinha um monte; ai a gente já tinha tudo ali, né?

**Fátima** – Tinha o de roupa também, nera... O...

*Jane* – Ah, é. Tinha o de roupa como é que chamava? Confecção, eu acho.

**Fátima** – É, alfaiataria.

*Jane* – Alfaiataria, era...

**Fátima** – Sapataria.

*Jane* – Era assim mesmo. É porque tem o coisa..., né?

**Fátima** – É, no jornal tem.

*Jane* – [...] tinha um... aí eu me mexia.

**Fátima** – Botava a mão na massa como diz.

*Jane* – Eu era muito querida, sabe? – “Que é que a senhora quer professora?”; “Lá vem a senhora. Lá vem a senhora pra pedir coisa”. – “Não, não é pra pedir não, é pra colaborar”.

**Fátima** – É.

*Jane* – [risos].



**Fátima** – Eles faziam?

*Jane* – “Se eu não posso fazer? Eeu não entendo de tipografia...”

**Fátima** – Hum.

*Jane* – “Veja aí, minha filha, se tá certo quero , pode ser? Pode ser, então vamos fazer assim”.

**Fátima** – E eles colocavam os meninos pra fazer?

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Porque tem escrito que eram os meninos que imprimiam.

*Jane* – Eram os meninos. É, é.

**Fátima** – Eles colocavam pra eles fazerem.

*Jane* – [...] eles imprimiam, depois me mandavam, depois encontrava com eles para as correções. Ai eu tirava da oficina na hora e fazia as correções, eu aproveitava e dava uma aulinha de português. Eu corrigia explicando o , ne? Porque eles tinham que aprender, não é só corrigir.

**Fátima** – Maravilha, viu!

*Jane* – É isso aí, minha filha.

**Fátima** – Tempo bom, né? Tava começando...

*Jane* – Eu me recordo com muita satisfação. É um passado que eu recordo bem e marcou muito o colégio, marcou o colégio, os professores... quando eu encontro gente de lá ,tem até um... Eu tenho ai uma fotografia em uma homegam que me fizeram, nem sabia que tinha no colégio [...] “Seu tempo é o nosso”, um negócio assim que eles fizeram... Eu encontro quando mexo nas minhas coisas.

**Fátima** – Hum. Quanto tempo tem isso? Foi nos Cem Anos ou foi antes?

*Jane* – [...] esses tempos ...

**Fátima** – Aham. Ah, queria ver se a senhora me ajudava a achar alguém que foi aluno da época pra eu entrevistar também.

*Jane* – ... que foi aluno?

**Fátima** – Que foi aluno, ou que trabalhou junto também no jornal.

*Jane* – Ah, eu acho que não encontro mais, não... Tinha esses dois rapazes que eram mais do curso , que escreviam muito, que tinham redação própria, eu não sei deles, ...devem tar [...], em outro setor.

**Fátima** – Mas eram mais novos que você na época?

*Jane* – Eram mais novos. Eu era [...]. Tinha os professores que eram mais velhos que eu. Mas, dos alunos que colaboravam, todos eram mais moços. Tinha uns rapazes de 17,18 anos que eram maioreszinhos e que escreviam direitinho.

**Fátima** – Tá bem, obrigada, viu, por hoje.

*Jane* – Nada, minha filha, disponha.

**Fátima** – A gente... Eu vou voltar aqui pra a gente conversar mais.

*Jane* – Traga os jornais.

**Fátima** – Sim.

*Jane* – [...]

**Fátima** – É, a coleção em dois tomos.

*Jane* – Sim. Mmas tá encadernado? Tá, não tá?.

**Fátima** – Tá encadernado, tá.

*Jane* – Tá encadernado, tá, eu me lembro.

**Fátima** – Tá lá em casa. Eu vou trazer.

*Jane* – Foi professor Luís que [...]

**Fátima** – Eu vou trazer, que eu tenho que devolver no dia 20, ele disse que... SAh, eu consegui fotografar!

*Jane* – Aí você tem que devolver pra biblioteca, né?

**Fátima** – Tem que devolver pra lá, pra Reitoria, tá na Reitoria.

*Jane* – Ah, tá na Reitoria?

**Fátima** – É.

*Jane* – Ah, na Reitoria [...] Ainda existe a Reitoria do centro de [...]?

**Fátima** – Não, agora é Reitoria do IFBA. Virou uma universidade agora; é aquela professora Aurina que ainda é reitora.

*Jane* – E eles guardam ainda, é?

**Fátima** – Guardam lá com o maior cuidado. Agora tá comigo.

*Jane* – É Alberto, Albertino...

**Fátima** – Albertino é diretor, mas fica lá no gabinete da Reitora. Agora, eu já fotografei. Um fotógrafo já fotografou pra mim. E eu vou imprimir essas, essas ...

*Jane* – Ah, se você conseguir uma cópia pra mim, eu gosto.

**Fátima** – É, você quer uma cópia da coleção, né? Eu podia fazer uma cópia da coleção pra você, vou fazer.

*Jane* – Eu tou pra morrer, mas...

**Fátima** – Oxente, uma coisa que você fez, até o final você pode lembrar, né? Eu vou ver como é que fica porque ele fotografou assim aberto.

*Jane* – [...] muito contente, foi dois haicais meus.

**Fátima** – Que maravilha!

*Jane* – Escolhido por ela.

**Fátima** – Hum, Adriana Calcanhoto

*Jane* – Adriana Calcanhoto. Muito bom e muito bem feito. Eu fiquei contente [...] Isso, comigo! Eu acho...

**Fátima** – É, beleza. E botaram no final, devem ter botado, a referência do seu livro, né? Elas devem ter botado aqui a referência do seu livro.

*Jane* – Botou, botou uma vez.

**Fátima** – Isso é ótimo pra Gustavo [o editor da Mondrongo que publicou o livro de haicais de D. Jane]. [...] Vou falar pra ele.

*Jane* – [...] “Jane Ribeiro, no Brasil floriu, e do gemido ao seu canto em instantes [...]”, 2013.

**Fátima** – Legal.

*Jane* – E ainda tem aqui também, oà poesia quase aos noventa anos. Em 2013, lançou o livro *Instantes*, de jaicais, com referências brasileiras. É irmã do estudioso Oldegar...”. Pois é.

**Fátima** – Maravilha, a senhora...

*Jane* – Magina, minha filha!

**Fátima** – Viu, eu vou deixar [...]

*Jane* – Boa, eu tou à toa.

**Fátima** – Que nada, tá bonita com essa blusa lilás!

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Essa blusa lilás tá bonita.

*Jane* – Quê, menina, eu [...] com essa cadeira arrombada!

**Fátima** – É uma foto, uma foto de celular, deixa eu ver.

*Jane* – Imagina! Meu cabelo, como é que tá? ‘Pera ..., essa capoeira aqui. Chega muito leoa. Bota as flores.

**Fátima** – Ah, cê quer as flores?

*Jane* – Quero, flores que você trouxe. [(risos)]

**Fátima** – Tá bonito, botar aqui no...

*Jane* – Bota aqui do lado de cá.

**Fátima** – Do lado de cá?

*Jane* – Bonito, NE, o coisa?

**Fátima** – É, o arranjo tá bonito.

*Jane* – Peraê, deixa eu abrir aqui meu livro pra ficar mais bonito. [D. Jane se prepara para tirar a foto que está incluída neste trabalho]

**Fátima** – Xô ver, acho que eu fiz foi gravar! [risos]

*Jane* – Hein?

**Fátima** – Eu fiz foi gravar, agora deixa eu botar pra fotografar. Pronto! Agora é a senhora olhar pra cá, não? Saiu mexida, não olhar pra mim.

Peraê, xô pegar, eu não sou boa fotógrafa [risos].

*Jane* – [risos].Tá difícil.

**Fátima** – [riso]

*Jane* – Essa tá melhr [riso];

**Fátima** – Pronto.

*Jane* – Tá bom? [riso]

**Fátima** – Tirar agora uma self, se chama *self*.

*Jane* – [...] Eu tou esculhambada.

**Fátima** – Tirar agora de nós duas, tirar uma de nós duas.

*Jane* – Ah, sim...

**Fátima** – [risos]. Xô ver, xô ver se saiu boa essa. Essa saiu meio cortada, vamos tirar outra.

*Jane* – Peraê, xô ver.

**Fátima** – Eu quase que não aparecia.

*Jane* – E você [...].

**Fátima** – [risos]. Tá feia. Essa daqui não tá boa, não. Peraê, depois eu apago.

*Jane* – [riso].

**Fátima** – Cadê meu Deus? [...] fotógrafa.

*Jane* – Celular é um negócio misterioso, né?

**Fátima** – Ham?

*Jane* – [...] celular é um negócio impressionante.

**Fátima** – É. Xô ver se ficou boa essa, ficou não, ficou toda [...] [risos].

*Jane* - Você não é boa fotógrafa.

**Fátima** – Não. [risos]. Com certeza.

*Jane* – Estou vendo que você não é boa fotógrafa (risos).

**Fátima** – Vou chamar Dôia aqui pra tirar uma foto da gente. Dôia é fotógrafa, né?

*Jane* – É, sim. Ah, mas também...

**Fátima** – Tirei na horizontal pra ver se pega.

*Jane* – É difícil se você tirar de costas. Não é a fotógrafa q!.

*Jane* – Ah, agora é antiga, né?

**Fátima** – É.

*Jane* – É bonita.

**Fátima** – Oh como saiu essa, eu saí mais pra frente. [risos].

*Jane* – Oh, o meu saiu até mais ou menos, o seu saiu [...]

**Fátima** – Foi. O rosto muito em cima.

*Jane* – [risos]. Você já tem a sua fotografia viva.

**Fátima** – É, o que importa é a sua.

*Jane* – Ai, meu Deus! [...].

**Fátima** – [...] O doutorado na FACED...

*Jane* – Sim, mas o doutorado em Educação?

**Fátima** – Em Educação. Aí eu vou trabalhar, vou mostrar um pouco, como é que o corpo, a cultura e a comunicação estão relacionados nesse jornal, mostrar a importância do jornal. Como é que o corpo é representado, como é que a cultura é representada.

*Jane* – Ah, sim. Você perguntou o negócio dos alunos, eu não tava prevenida. Mas tentei.

**Fátima** – É, mas eu vou trazer pra senhora, a senhora vai ler, se você quiser mudar qualquer coisa ou quiser acrescentar alguma coisa...

*Jane* – Na realidade, é o que eu me lembro, né?

**Fátima** – É porque é uma história, você contou uma história. A história, a gente pode mudar a história também, né? E aí talvez eu publique, junto com o trabalho que eu vou fazer, publique em anexo esta entrevista. Viu? Aí vou trazer e voltar com *O Aprendiz* pra vir te mostrar.

*Jane* – Tá certo. É, *O Aprendiz* eu quero, que mata a saudade.

**Fátima** – É.

*Jane* – Tira a fotografia dele.

**Fátima** – É, vou tirar cópia. Eu posso também copiar em CD pra senhora. Você usa computador?

*Jane* – Tenho.

**Fátima** – Ah, então.

*Jane* – Mas eu prefiro o retrato, porque computador eu vou botar [...].

**Fátima** – Ah, você prefere impresso mesmo?

*Jane* – É.

**Fátima** – Certo, eu vou imprimir.

*Jane* – É melhor, mais fácil, o acesso é mais fácil.

**Fátima** – É, foi bom que você fez esse trabalho, doou e ficou sem nenhuma cópia. Agora você vai ter, eu vou trazer pra você.

*Jane* – É. Joia...

**Fátima** – Cem anos!

*Jane* – Foi até pouco tempo, teve na Escola Técnica. Depois, teve Cem Anos do Vieira.

**Fátima** – Do Vieira?

*Jane* – Logo depois. Eu escrevi até, teve um artigo sobre o centenário. Ainda o seminário...

**Fátima** – Sim, eles publicaram lá, foi?

*Jane* – [...].

**Fátima** – Tem um livro lá também, uma revista dos Cem Anos do IFBA...tem um... eles botaram um trecho da entrevista que fizeram com você.

*Jane* – Foi?

**Fátima** – Foi, aí eles entrevistaram várias pessoas que fizeram parte da história da escola. Aí você fala do trabalho do projeto, tudo.

*Jane* – E tá direitinho?

**Fátima** – Tá. Se você quiser, eu trago pra te mostrar.

*Jane* – Traga pra eu ver.

**Fátima** – Você não viu, não, a revista?

*Jane* – Acho que não.

**Fátima** – Ah, eles tinham que dar a revista pra você. Eu vou trazer também uma cópia que fala de você, viu?